



**Felipe Duarte Pinheiro**

**Identidades LGBTQAI+ e tradução queer: visibilidade  
como forma de resistência em traduções de mangás**

**Tese de Doutorado**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Letras/Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio.

Orientadora: Teresa Dias Carneiro

Coorientador: Leonardo Bérenger Alves Carneiro

Rio de Janeiro  
Setembro 2025



**Felipe Duarte Pinheiro**

**Identidades LGBTQAI+ e tradução queer:  
visibilidade como forma de resistência em  
traduções de mangás**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção  
do grau de Doutor pelo Programa de Pós-graduação em  
Estudos da Linguagem da PUC-Rio. Aprovada pela  
Comissão Examinadora abaixo:

**Teresa Dias Carneiro**

Orientadora

Departamento de Letras – PUC-Rio

**Leonardo Bérenger Alves Carneiro**

Coorientador

Departamento de Letras – PUC-Rio

**Paulo Fernando Henriques Britto**

Departamento de Letras – PUC-Rio

**Liana de Andrade Biar**

Departamento de Letras – PUC-Rio

**Dennys Silva-Reis**

UFAC

**Marcela Santos Brigida**

UERJ

Rio de Janeiro, 25 de setembro de 2025.

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da universidade, do autor e da orientadora.

### **Felipe Duarte Pinheiro**

Graduou-se em Letras – licenciatura: língua portuguesa e literaturas de lusófonas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Durante a graduação, foi bolsista pibid/CAPES. Tem experiência na área de Letras e estudos da linguagem, com ênfase em língua portuguesa, literatura, Estudos da Tradução e Teoria Queer.

#### Ficha Catalográfica

Pinheiro, Felipe Duarte

Identidades LGBTQAI+ e tradução queer : visibilidade como forma de resistência em traduções de mangás / Felipe Duarte Pinheiro ; orientadora: Teresa Dias Carneiro ; coorientador: Leonardo Bérenger Alves Carneiro. – 2025.

183 f. : il. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2025.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Tradução. 3. Tradução queer. 4. Tradução e performatividade. 5. Gênero. 6. Não-binariedade. I. Carneiro, Teresa Dias. II. Carneiro, Leonardo Bérenger Alves. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. IV.

Título.

CDD: 400

## Agradecimentos

Gostaria de agradecer...

... à professora dra. Teresa Dias Carneiro e ao professor dr. Leonardo Bérenger, por ter aceitado orientar minha pesquisa e pela paciência que demonstraram comigo ao longo da escrita desta tese.

... à minha mãe, Mônica Moreira Duarte Pinheiro, aos meus irmãos, Alvaro, Rodrigo e Ana Carolina, por estarem sempre ao meu lado, mesmo quando distantes, e por fazerem da minha vida tão feliz. Não sei o que seria dela sem vocês.

... aos meus amigos Diéllini, Pedrinho, Juan e Alex. As muitas horas que passei no WoW com vocês foram fundamentais para manter minha sanidade durante o processo de escrita desta tese

... às professoras e professores do PPGEL, cujos ensinamentos estão presentes nas páginas da presente pesquisa.

... à professora dra. Marcia do Amaral Peixoto Martins por me aceitar como orientando inicialmente

... às professoras dra. Liana Biar, dra. Marcela Santos Brigida, dra. Fernanda Teixeira de Medeiros, dra. Patrícia Marouvo Fagundes e aos professores Paulo Henriques Britto, dr. Dennys Silva-Reis por terem aceitado compor a minha banca examinadora. Seus comentários foram de grande valia para a minha pesquisa.

... O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.



## Resumo

Pinheiro, Felipe Duarte; Carneiro, Teresa Dias (orientadora); Bérenger, Leonardo (coorientador). **Identidades LGBTQAI+ e tradução *queer*: visibilidade como forma de resistência em traduções de mangás**. Rio de Janeiro, 2025. 102p. Tese de doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A presente pesquisa examina as imbricações entre performatividade e tradução em relação a práticas tradutórias envolvendo textos nos quais estão presentes identidades LGBTQIAPN+, e como tais práticas podem desempenhar um papel na desestabilização, resignificação e subversão da matriz cis-heteronormativa. Nosso trabalho adota uma perspectiva de tradução como um ato performativo que transforma o texto fonte, produzindo efeitos na cultura meta (ROBINSON, 2006; ESTEVES, 2014), e parte dos pressupostos da Tradução *Queer* (LEWIS, 2010; PINHEIRO, 2021), segundo os quais, a tradução pode servir tanto para reforçar quanto para desestabilizar a matriz cis-heteronormativa (BUTLER, [1990] 2016). Foram analisadas as traduções brasileira, norte-americana, alemã e espanhola do mangá *Houseki no kuni*, de Haruko Ichikawa, cujas personagens não têm um gênero especificado, com o objetivo de examinar como essas diferentes traduções lidam com a não-binariedade de gênero das personagens e se as estratégias tradutórias adotadas contribuem para desestabilizar ou reforçar a matriz cis-heteronormativa. Além disso, analisamos também textos escritos sobre essas traduções, buscando aferir quais ideologias sobre linguagem, gênero ou tradução são reproduzidas no discurso, e se as traduções podem ter contribuído para reforçar ou subverter tais ideologias. A análise dos dados demonstra que, dentre as traduções analisadas, apenas a brasileira não preocupou-se em recriar a não-binariedade de gênero das personagens, optando, em vez disso, por empregar o masculino genérico. Já as demais traduções utilizaram estratégias variadas de tradução *queer* como forma de visibilizar a não-binariedade de gênero das personagens. Na análise da recepção das traduções, três temas principais surgiram: (1) o uso das normas padrões vigentes nas línguas como forma de regular o que pode ou não ser feito na tradução; (2) a necessidade de as traduções manterem-se fiéis ao texto fonte e respeitarem a vontade da autora; (3) a necessidade de a leitura das traduções

manter-se fluida. Ideologias de linguagem em torno do masculino genérico como o gênero não marcado e o poder de instituições de supostamente decidir o que é ou não permitido fazer com a língua são frequentemente mobilizadas para deslegitimar o uso de linguagens inclusivas nas traduções. Tal deslegitimação foi observada frequentemente associada a ideologias de tradução que defendem uma leitura fluida, algo que seria prejudicado pelo estranhamento que as linguagens inclusivas podem causar. Além disso, ideologias como a concepção individualista de autoria e a necessidade de a tradução manter-se fiel ao texto fonte são mobilizadas tanto por quem se posiciona contra quanto por quem se posiciona a favor de linguagens inclusivas na tradução. Contudo, uma leitura mais atenta dos enunciados sendo proferidos, revela que o significado de manter-se “fiel” ao texto fonte ou “respeitar a vontade da autora” varia de acordo com a percepção das personagens: para quem as enxergam como não-binárias, o uso das linguagens inclusivas é a única forma de a tradução manter-se “fiel” e respeitar a vontade da autora de que as personagens não tenham um gênero; enquanto para quem não as considera como tal, utilizar uma linguagem inclusiva resultaria em uma tradução que desrespeita tratamento supostamente dado ao gênero das personagens no texto fonte.

**PALAVRAS-CHAVE:** tradução, tradução *queer*, tradução e performatividade, gênero, não-binariedade, linguagem inclusiva, *Houseki no kuni*.

## Resumo

Pinheiro, Felipe Duarte; Carneiro, Teresa Dias (advisor); Bérenger, Leonardo (coadvisor). **LGBTQAI+ Identities and Queer Translation: Visibility as a Form of Resistance in Manga Translations**. Rio de Janeiro, 2025. 102p. Tese de doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This research examines the interplay between performativity and translation in relation to translation practices involving texts in which LGBTQIAPN+ identities are present, and how such practices can play a role in the destabilization, resignification, and subversion of the cis-heteronormative matrix. Our work adopts a perspective of translation as a performative act that transforms the source text, producing effects on the target culture (ROBINSON, 2006; ESTEVES, 2014), and builds on the assumptions of Queer Translation (LEWIS, 2010; PINHEIRO, 2021), according to which translation can serve to both reinforce and destabilize the cis-heteronormative matrix (BUTLER, [1990] 2016). We analyzed the Brazilian, North American, German, and Spanish translations of Haruko Ichikawa's manga "Houseki no kuni," whose characters do not have a specified gender, to examine how these different translations address the characters' gender non-binary identities and whether the translation strategies adopted contribute to destabilizing or reinforcing the cis-heteronormative matrix. We also analyzed written texts about these translations, seeking to determine which ideologies about language, gender, or translation are reproduced in the discourse, and whether the translations may have contributed to reinforcing or subverting such ideologies. Data analysis shows that, among the translations analyzed, only the Brazilian translation failed to recreate the characters' gender non-binary identities, opting instead to employ the generic masculine. The remaining translations used a variety of queer translation strategies to make the characters' gender non-binary identities visible. In analyzing the reception of translations, three main themes emerged: (1) the use of standard norms in force in languages as a way to regulate what can and cannot be done in translation; (2) the need for translations to remain faithful to the source text and respect the author's wishes; (3) the need for the reading of translations to remain fluid. Language ideologies surrounding the generic masculine, such as unmarked gender, and the

power of institutions to supposedly decide what is and is not permissible with language are often mobilized to delegitimize the use of inclusive languages in translations. This delegitimization was frequently observed in association with translation ideologies that advocate for a fluid reading, something that would be hampered by the estrangement that inclusive languages can cause. Furthermore, ideologies such as the individualistic conception of authorship and the need for translations to remain faithful to the source text are mobilized by both those who oppose and those who favor inclusive languages in translation. However, a closer reading of the statements being made reveals that the meaning of remaining "faithful" to the source text or "respecting the author's will" varies according to the perception of the characters: for those who see them as non-binary, the use of inclusive language is the only way for the translation to remain "faithful" and respect the author's will that the characters not have a gender; while for those who do not consider them as such, using inclusive language would result in a translation that disrespects the treatment supposedly given to the characters' gender in the source text.

**KEYWORDS:** translation, queer translation, translation and performativity, gender, non-binarity, inclusive language, *Houseki no kuni*.

# Sumário

|                                                                       |     |
|-----------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>1. Introdução</b>                                                  | 11  |
| 1.2. Perguntas norteadoras para a pesquisa                            | 12  |
| 1.3. Revisão bibliográfica                                            | 13  |
| 1.4. Justificativa e relevância                                       | 21  |
| 1.5. Posicionamento teórico: Tradução <i>Queer</i> e performatividade | 22  |
| 1.6. Apresentação dos dados                                           | 27  |
| 1.7. Organização da tese                                              | 27  |
| <b>2. Teorias <i>Queer</i></b>                                        | 30  |
| 2.1. Concepção de gênero nas Teorias <i>Queer</i>                     | 33  |
| 2.1.1. Teresa de Lauretis e as Tecnologias de gênero                  | 34  |
| 2.1.2. Sedgwick e a metáfora do “armário”                             | 37  |
| 2.1.3. Gênero e sexualidade segundo Preciado                          | 40  |
| 2.1.4. Jack Halberstam e a temporalidade queer                        | 42  |
| 2.1.5. Gênero segundo Butler                                          | 45  |
| 2.1.6. Algumas considerações acerca das Teorias <i>Queer</i>          | 46  |
| 2.2. Teorias <i>Queer</i> e a não-binariedade                         | 47  |
| <b>3. Linguagem e gênero</b>                                          | 50  |
| 3.1. Linguagens inclusivas                                            | 53  |
| 3.1.1. Linguagem e gênero no inglês                                   | 54  |
| 3.1.2. Linguagem e gênero no português e no espanhol                  | 55  |
| 3.1.3. Linguagem e gênero no alemão                                   | 58  |
| 3.2. Obstáculos à implementação das linguagens de gênero neutro       | 60  |
| <b>4. <i>Houseki no kuni</i> e o problema da tradução</b>             | 64  |
| 4.1. Linguagem e gênero no japonês                                    | 67  |
| 4.2. Gênero em <i>Houseki no kuni</i>                                 | 68  |
| <b>5. Gênero e performatividade</b>                                   | 75  |
| 5.1. Performatividade e tradução                                      | 79  |
| 5.2. A cis-heteronormatividade e as normas tradutórias                | 85  |
| 5.3. Tradução e mudança na matriz cis-heteronormativa                 | 93  |
| <b>6. Metodologia</b>                                                 | 102 |
| 6.2. O Modelo Lambert e van Gorp                                      | 106 |
| <b>7. Corpus e análise</b>                                            | 111 |
| 7.1.1. Tradução brasileira                                            | 111 |
| 7.1.2. Tradução estadunidense                                         | 116 |
| 7.1.3. Tradução espanhola                                             | 121 |
| 7.1.4. Tradução alemã                                                 | 126 |
| 7.2. Análise da recepção                                              | 133 |
| 7.2.1 Ideologias de linguagem                                         | 133 |
| 7.2.2. Ideologias de tradução                                         | 137 |
| 7.2.2.1 Fluência                                                      | 137 |

|                                   |            |
|-----------------------------------|------------|
| 7.2.2.2 Original x tradução       | 144        |
| 7.2.3. Ideologias de gênero       | 153        |
| <b>8. Considerações finais</b>    | <b>165</b> |
| <b>Referências bibliográficas</b> | <b>175</b> |

## Lista de figuras

|                                                                                                               |     |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 1: Nota das tradutoras (ICHIKAWA, 2017, p. 196)                                                        | 69  |
| Figura 2: Ventricosus (ICHIKAWA, 2022, p. 54)                                                                 | 70  |
| Figura 3: (ICHIKAWA, 2014, p. 59)                                                                             | 71  |
| Figura 4: publicação da editora NewPop na rede social X.                                                      | 111 |
| Figura 5: (ICHIKAWA, 2021, p. 16)                                                                             | 112 |
| Figura 6: (ICHIKAWA, 2021, p. 45)                                                                             | 114 |
| Figura 7: (ICHIKAWA, 2022, p. 59)                                                                             | 116 |
| Figura 8: (ICHIKAWA, 2020, p. 177)                                                                            | 119 |
| Figura 9: (ICHIKAWA, 2020, p. 178)                                                                            | 120 |
| Figura 10: da direita para a esquerda: ICHIKAWA, 2019, p. 182; ICHIKAWA, 2019, p. 176; ICHIKAWA, 2019, p. 177 | 124 |
| Figura 11: ICHIKAWA, 2019, p. 45.                                                                             | 125 |
| Figura 12: ICHIKAWA, 2018, p. 7                                                                               | 127 |
| Figura 13: Publicação da editora no Twitter                                                                   | 128 |
| Figura 14: ICHIKAWA, 2018, p. 195                                                                             | 129 |
| Figura 15: ICHIKAWA, 2018, p. 195                                                                             | 130 |
| Figura 16: ICHIKAWA, 2018, p. 45.                                                                             | 132 |

## 1. Introdução

A presente tese é um desdobramento da minha pesquisa de mestrado intitulada “*Porque elas aparentam ser meninas ou agem como meninas*”: *apagamento de identidades não-binárias em traduções do mangá Houseki no kuni*, defendida em 2021. Nela, analisei cinco traduções do mangá supracitado – três traduções amadoras, uma para o inglês, uma para o espanhol e uma para o português; e duas traduções profissionais, uma para o francês e uma para o inglês – com o objetivo de examinar as maneiras como ideologias hegemônicas de tradução e ideologias cis-heteronormativas podem levar ao apagamento de identidades não-binárias<sup>1</sup>. Além disso, procurei demonstrar como tais ideologias podem fazer com que um gênero seja designado a les<sup>2</sup> personagens por meio de uma leitura enviesada. Devido a esses fatores, argumentei em favor de traduções que se utilizem de estratégias que não apenas mantenham o elemento LGBTQIAPN+ das obras, mas também o visibilizem, de modo que se constituam como maneiras de resistir aos usos cis-heteronormativos da linguagem e sirvam para criar uma maior representatividade LGBTQIAPN+.

Contudo, em minha dissertação, debrucei-me sobre traduções que não mantiveram a não-binariedade de gênero de les personagens, como foi o caso das traduções amadoras e da tradução profissional francesa; ou que a mantiveram sem visibilizá-la – mediante o uso de uma linguagem de gênero neutro ou o acréscimo de paratextos que chamassem a atenção ao fato de les personagens não terem um gênero –, como foi o caso da tradução profissional estadunidense. Tal recorte possibilitou a análise de como as relações entre ideologias cis-heteronormativas e ideologias sobre tradução e linguagem podem contribuir para o apagamento de identidades LGBTQIAPN+ em textos traduzidos. Porém, não possibilitou que maneiras de resistir a tal apagamento fossem exploradas mais a fundo.

---

<sup>1</sup> Devido a les personagens do mangá não serem exatamente humanas, e pelo fato de não haver um conceito de gênero em sua estrutura social, tanto les personagens quanto as situações nas quais estão inseridas não representam exatamente o que são pessoas que se identificam como não-binárias e a marginalização que sofrem. Entretanto, na presente pesquisa, será utilizado o termo “não-binária” em relação a les personagens pois a sua presença na obra tem o potencial de desestabilizar a matriz cis-heteronormativa da mesma maneira que o fazem pessoas que se identificam como não-binárias, e os obstáculos presentes na tradução do mangá *Houseki no kuni* compartilha de muitos dos desafios que essas pessoas enfrentam no uso da linguagem, podendo servir para iluminar tais questões e demonstrar a necessidade de se pensar em formas de uso da linguagem que sejam mais inclusivas. Em uma versão posterior da presente tese, será destinado um capítulo para uma problematização mais aprofundada dessa questão que substituirá essa nota.

<sup>2</sup> Na presente pesquisa, utilizo a linguagem inclusiva sempre que me referir a les personagens do mangá de modo a manter a coerência.



Tendo isso em mente, na presente pesquisa examino as imbricações entre performatividade e tradução em relação a práticas tradutórias envolvendo textos nos quais estão presentes identidades LGBTQIAPN+, e como tais práticas podem desempenhar um papel na desestabilização, ressignificação e subversão da matriz cis-heteronormativa. Para isso, volto a me concentrar em traduções do mangá *Houseki no kuni*, cujos personagens não têm um gênero especificado, não sendo, dessa forma, masculinas ou femininas. A obra em questão é particularmente relevante para os propósitos da presente pesquisa, uma vez que tal fato significa que os tradutores precisam lidar com a não-binariedade de gênero de les personagens todo o tempo, de modo que questões relacionadas a gênero e sexualidade, ao papel do tradutor ao lidar com o texto estrangeiro e questões relacionadas à linguagem imbricam-se.

O objetivo é examinar como diferentes traduções do mangá lidam com a não-binariedade de gênero de les personagens e se as estratégias tradutórias adotadas contribuem para desestabilizar a matriz cis-heteronormativa ou se a reforçam. Tendo em mente também o fato de que a tradução é uma prática que tende a ser mal recebida quando chama atenção para si (VENUTI, [1995] 2008, [1998] 2019), além do fato de que alterações na língua, particularmente quando motivadas por setores marginalizados da sociedade, tendem a engendrar discursos higienistas em defesa da sua pureza (BORBA; LOPES, 2018), olharemos também para textos sobre essas traduções buscando analisar quais ideologias sobre linguagem, gênero ou de tradução são reproduzidas no discurso, e se as traduções podem ter contribuído para reforçar ou subverter tais ideologias. Ademais, ao nos debruçarmos sobre essas traduções e suas recepções, buscaremos aferir quais normas tradutórias estão em jogo e como podem influenciar a forma como o mangá foi traduzido e recebido.

## **1.2. Perguntas norteadoras para a pesquisa**

De forma mais abrangente, duas perguntas nortearão esta pesquisa, estando estas divididas em subperguntas:

1. Como as estratégias adotadas contribuem para reforçar e/ou subverter a matriz cis-heteronormativa?

a) Como as traduções analisadas lidam com a neutralidade de gênero de les personagens do mangá?

- b) As estratégias tradutórias adotadas apagam ou visibilizam esse aspecto de suas identidades?
  - c) Como as estratégias tradutórias empregadas contribuem para reforçar e/ou subverter ideologias hegemônicas sobre linguagem, sobre tradução e sobre gênero?
2. Como as traduções analisadas foram recebidas pelo público leitor?
- a) Quais discursos ideológicos sobre tradução, sobre linguagem e sobre gênero são reproduzidos e/ou subvertidos nos metatextos analisados?

### 1.3. Revisão bibliográfica

Apesar de o surgimento das Teorias *Queer* ter-se dado no início da década de 1990, durante esse período, houve pouquíssimos trabalhos que tenham se dedicado ao estudo de traduções de tópicos relacionados a identidades LGBTQIAPN+. Conforme aponta Lewis (2010), algumas menções à tradução de tais tópicos aparecem brevemente em publicações durante esse período, porém esse não é o seu principal foco. Apenas no final da década é que começamos a ver trabalhos que se dedicam, de fato, à tradução de tópicos LGBTQIAPN+. <sup>3</sup> Dentre esses, destaca-se o estudo conduzido por Keith Harvey (1998), que observou como elementos do *camp speech* presentes na obra *The City And The Pillar*, de Gore Vidal, foram atenuados em sua tradução de 1981 para o francês, e como a tradução desse estilo de fala pode estar relacionada às restrições e prioridades vigentes em um dado cenário cultural. Destaca-se também a publicação de Eric Keenaghan (1998), na qual argumenta que autores LGBTQIAPN+ podem utilizar a tradução como forma de articular suas próprias identidades sexuais ou desenvolver políticas *queer*. O autor analisa como escolhas lexicais empregadas por Jack Spicer em sua tradução de trabalhos do poeta espanhol gay Federico García Lorca acarretaram em uma “queerificação” de seus poemas que, consequentemente, forçava seus leitores possivelmente resistentes a confrontar a homossexualidade.

---

<sup>3</sup> Não quero, com isso, sugerir que há um claro momento que tenha marcado a inauguração do campo dos Estudos da Tradução *Queer*, uma vez que tais acontecimentos são difíceis de demarcar, além do fato de que existe a possibilidade de algum artigo anterior aos citados aqui tenha sido publicado em alguma língua que não sou capaz de ler, ou que apenas não tenha aparecido em minhas buscas durante a escrita da presente tese. Ademais, Larkosh (2021), partindo de um estudo da atividade tradutória do pesquisador e tradutor holandês, James S. Holmes, assumidamente gay e ativista da causa gay, na qual aponta que a sua atividade tradutória era marcada por sua queeridade, que influenciava a forma como traduzir, argumenta que a disciplina dos Estudos da Tradução é *queer* desde a sua concepção.

A partir dos anos 2000, outras contribuições interessantes em relação à tradução de tópicos LGBTQIAPN+ começaram a surgir. Harvey (2000), por exemplo, examina as implicações das noções de “identidades” e “comunidades homossexuais” para a tradução. Louise von Flotow ([2005] 2014) aponta a censura direta na forma do *Liturgiam Authenticam* publicado pelo Vaticano, no qual é especificado que o masculino genérico deve ser usado nas traduções da Bíblia, e linguagem inclusiva deve ser evitada. Larkosh (2007) traça um paralelo entre homossexualidade “enrustida” e tradução a partir de um exame de traduções e sexualidades na cultura literária argentina. Já José Santaemilia (2008) elenca diversos casos em que alguma censura – seja ela imposta oficialmente por regimes ditatoriais ou autoimposta pelos tradutores para se conformarem às suas próprias ideologias ou àquelas vigentes na sociedade na época – levou ao apagamento de conteúdo homoerótico em obras traduzidas, ou até mesmo à recusa em se traduzir textos em que esses elementos estavam presentes.

Apesar das importantes contribuições feitas por esses pesquisadores, durante os anos 2000, a produção acadêmica em torno da Tradução *Queer* ainda foi escassa. Essa escassez de trabalhos publicados durante as décadas de 1990 e 2000 demonstra que estudiosos da tradução têm reagido às Teorias *Queer* com um certo atraso (BAER; KAINDL, 2018), fazendo com que esses poucos autores que publicaram nesse período fossem vozes isoladas. Todavia, pode-se ver aí os primeiros passos serem dados rumo à Tradução *Queer*.

A década seguinte foi marcada por uma grande mudança nesse cenário a partir da proliferação de trabalhos que se debruçam sobre o estudo de traduções de tópicos LGBTQIAPN+. Em 2010, o periódico *In Other Words* publicou uma edição especial editada por B. J. Epstein dedicada a questões de tradução e sexualidade. Conforme Epstein assinala em seu editorial, a edição tem como objetivo “queerizar” a tradução, o que ela define como “[...] analisar [a tradução] a partir da perspectiva dos estudos queer e usando estratégias queer para traduzir textos” (EPSTEIN, 2010, p. 1)<sup>4</sup>. Epstein chama a atenção ao fato de que pesquisadores e tradutores alinhados a essa perspectiva procuram observar as maneiras como a sociedade cis-heteronormativa em que vivemos influencia a forma como escrevemos e traduzimos. Logo, essa publicação é caracterizada por

---

<sup>4</sup> “[...] analysing it from the perspective of queer studies and using queer strategies to translate texts”.

um projeto que visa, de fato, a incorporar conceitos e preocupações das Teorias *Queer* aos Estudos da Tradução.

No ano seguinte, o volume *Re-engendering Translation*, editado por Christopher Larkosh, é publicado, incluindo três capítulos que lidam com a tradução de sexualidades entre culturas. Em suas palavras, o volume em questão se propõe a “[...] reexaminar e diversificar os entendimentos da relação entre Estudos da Tradução e Estudos de gênero e sexualidade [...]”<sup>5</sup> (LARKOSH, [2011] 2014, p. 1). Adotando uma abordagem da literatura comparada, os trabalhos reunidos no volume procuram discutir as maneiras como gênero e sexualidade perpassam seus trabalhos como tradutores (SHEROUSE, 2014).

Ambas as publicações acima deram contribuições importantes para o projeto de estabelecer uma relação entre Teorias *Queer* e Estudos da Tradução. Entretanto, os esforços não ficaram limitados a elas. Quase simultaneamente, houve também um grande aumento na publicação de artigos que se concentram principalmente em como conteúdos LGBTQIAPN+ foram mantidos e/ou apagados, ou focam em como diferenças na conotação entre os termos utilizados no texto fonte e no texto meta podem conferir a esse último uma carga pejorativa ausente no primeiro, ou apagar nuances dos usos da linguagem (ver VALDÉON, 2010; ASIMAKOULAS, 2012; BERLINA, 2012; GORJANC, 2012; RANZATO, 2012; LINDER, 2014; ZOBERMAN, 2014). Ocasionalmente, nos deparamos com artigos que se debruçam sobre o papel que a tradução pode exercer como forma de resistência, seja ao demonstrar como ela pode servir para desafiar normas rígidas de sexualidade em uma determinada literatura ou sociedade (TYULENEV, 2014), seja por concentrar-se em estratégias utilizadas por tradutores para contornar as restrições impostas pela censura (BAER, 2011).

Embora não se possa negar a importância de todas essas publicações para compreender o papel que a tradução pode exercer tanto na marginalização de pessoas LGBTQIAPN+ quanto como forma de resistência, são muito poucos entre eles os que buscam incorporar as Teorias *Queer* aos Estudos da Tradução ou que se dedicam ao desenvolvimento de teorias que lidem especificamente com as especificidades envolvidas na tradução de conteúdos LGBTQIAPN+ presentes nos textos. O fato de não se dedicarem de forma explícita a essa tarefa, entretanto, não significa dizer que esses trabalhos não adotem uma perspectiva *queer*. Ao

---

<sup>5</sup> “[...] reexamine and diversify understandings of the relationship between translation studies and studies in gender and sexuality [...]”

apontar as dificuldades em se traduzir identidades LGBTQIAPN+ entre diferentes culturas, pesquisas como essas demonstram como sociedades diferentes apresentam entendimentos diferentes quanto ao que significa ser homossexual, transsexual, não-binário etc., apontando para o caráter dessas identidades como algo construído, em vez de uma essência inata.

A proliferação dos esforços de pesquisadores dos Estudos da Tradução para aproximar a área das Teorias *Queer* continua com a publicação do volume especial do periódico *Comparative Literature Studies* (2014), editado por William J. Spurling e dedicado a políticas *queer* e de gênero na tradução. Seguindo essa publicação, foram publicadas em rápida sucessão o livro *Sexology and Translation* (2015), editado por Heike Bauer, a edição especial da *Transgender Studies Quarterly* (2016), intitulado *Translating Transgender*, editado por David Gramling e Aniruddha Dutta. Além disso, foi publicado também o livro *Queer in Translation* (2017), editado por B. J. Epstein e Robert Gillet, que se dedica tanto à análise da tradução da “queeridade” quanto à aplicação do pensamento *queer* a questões de tradução, buscando iluminar as maneiras como sociedades cis-heteronormativas influenciam a seleção, leitura e tradução de textos, assim como maneiras de subverter tal cis-heteronormatividade. Em 2018, foi publicado o livro *Queering Translation, Translating the Queer: Theory, Practice, Activism*, editado por Brian James Baer e Klaus Kaindl, o qual adota uma perspectiva interdisciplinar para abordar os aspectos *queer* da tradução e sua interconectividade com aspectos *queer* do sexo, gênero e identidade. Por fim, em 2021, foi publicado o livro *Queer Theory and Translation Studies: Language, Politics, Desire*, no qual Brian James Baer busca pensar de que maneiras as Teorias *Queer* pode ajudar a mover os Estudos da Tradução para além do binário original/tradução.

Ao olhar para muitos desses trabalhos, o desenvolvimento do campo da Tradução *Queer* parece ter como fio condutor questionamentos acerca de o que o *queer* significa para a tradução e vice-versa, tanto do ponto de vista teórico quanto prático. Isso pode ser observado em diversas apresentações e introduções tanto dos livros quanto dos volumes dedicados a pensar a Tradução *Queer*. Em sua introdução para o livro *Queering Translation, Translating the Queer: Theory, Practice, Activism*, Baer e Kaindl se perguntam “[...] como a representação dos fenômenos *queer* entre culturas pode desafiar nossos entendimentos de tradução

como teoria e prática?” (2018, p. 3)<sup>67</sup>. Com isso, os autores se referem ao fato de que a tradução desses fenômenos constantemente coloca em xeque concepções de tradução com as quais frequentemente lidamos. De forma semelhante, para Epstein e Gillett (2017, p. 2-3),

[...] imaginar que a linguagem é um tipo de meio transparente “através” do qual o significado é transmitido, e que, sendo assim, é possível transmitir esse significado de uma língua para outra, com os ajustes necessários mas sem perdas irreparáveis, é tão tendenciosamente delirante quanto sugerir que o gênero é um dado essencial que, na maioria dos casos, é satisfatoriamente alinhado com a teleologia da sexualidade, mas ocasionalmente fracassa em alcançar essa coerência. Em lugar algum, o caráter construído do gênero e da sexualidade fica mais flagrantemente evidente do que quando são feitas tentativas de encontrar equivalentes em outras línguas e culturas.<sup>8</sup>

No trecho acima, Epstein e Gillett traçam um paralelo entre Teorias *Queer* e os Estudos da Tradução para desestabilizar tanto concepções arraigadas de tradução – como a crença em uma possível “equivalência” ou “fidelidade” – quanto a crença no gênero e na sexualidade como essências inatas dos indivíduos, que as Teorias *Queer* tanto critica. Com isso, chamam a atenção para uma das possíveis maneiras como ambas as áreas do conhecimento podem ser mutuamente benéficas, dado o seu potencial de desestabilizar as categorias naturalizadas com as quais lidam.

Ao fazer o levantamento bibliográfico para compor a presente pesquisa, a maior parte dos trabalhos que encontrei disponíveis, que buscam unir Teorias *Queer* aos Estudos da Tradução, foram escritos em língua inglesa. No entanto, há também algumas poucas publicações escritas em espanhol. Dentre elas, destaco aqui dois artigos publicados na edição de 2020 da revista *Maricorners: estudios interdisciplinares LGBTIQ+*, que reúne alguns dos trabalhos apresentados em seu congresso *Maricorners : investigaciones queer en la Academia*, realizado em abril de 2019. Muñoz (2020) analisa como acréscimos e alterações feitos nas traduções espanholas de obras infantojuvenis acarretaram na transformação de modelos familiares não tradicionais e no apagamento de identidades não-binárias. Já Pagán

<sup>6</sup> A tradução das citações foi feita por mim em todos os casos em que os textos fonte foram reproduzido em notas de rodapé.

<sup>7</sup> “[...] how might the rendering of queer phenomena across languages and cultures challenge our understandings of translation as theory and practice?”

<sup>8</sup> “[...] to imagine that language is some sort of transparent medium ‘through’ which meaning is conveyed, and that it is therefore possible to transfer this meaning from one language to another, with necessary adjustments but no irreparable losses, is as tendentiously delusional as to suggest that gender is an essential given which in most cases is satisfactorily aligned with the teleology of sexuality, but which occasionally fails to achieve this coherence. Nowhere is the constructedness of gender and sexuality more glaringly evident than when attempts are made to find equivalents in other languages and cultures.”

(2020) discute os pontos positivos e negativos do uso de linguagem inclusiva para traduzir textos nos quais estão presentes identidades não-binárias e advoga em favor de seu uso como parte de um compromisso ético dos tradutores.

Voltando-nos para o contexto brasileiro, Dennys Silva-Reis e Jânderson Albino Coswosk (2025) apontam que estudos de traduções com temáticas LGBTQIAPN+ tiveram início com o trabalho *A representação de personagens gays na coletânea de contos Stud e em sua tradução As Aventuras de um Garoto de Programa*, de Adail Sebastião Santos Júnior, publicado em 2006. Ainda segundo os autores, as próximas publicações sobre o tema viriam a ser publicadas somente oito anos depois, com os trabalhos *Uma crítica de tradução à luz da desconstrução/estudos queer: o Corydon, de André Gide (2014)*, de Henrique Augusto Barbosa de Matos, e *Letramento e tradução no espelho de Oxum: teoria lésbica negra em auto/re/conhecimentos (2014)*, de Tatiana Nascimento dos Santos. No cenário atual, ainda parecem ser muito poucas as pesquisas que busquem essa interface entre Estudos da Tradução e Teorias *Queer*. Em minha pesquisa, encontrei apenas alguns poucos trabalhos publicados a esse respeito, sendo alguns deles trabalhos meus, como a minha dissertação de mestrado (PINHEIRO, 2021a) e duas outras publicações: um recorte dessa dissertação (PINHEIRO, 2020) e um recorte da presente tese de doutorado (PINHEIRO, 2021b). Além dos trabalhos acima, Cabral (2017) analisa como o vocabulário *drag* presente no *reality show RuPaul's Drag Race* foi traduzido em suas legendas, focando em averiguar se ele foi cis-heteronormativizado. De forma semelhante, Camila Cristina dos Santos e Pablo Simpson Kilzer Amorim (2020) analisam a tradução das gírias e falas das *drag queens* desse mesmo reality show para legendas da Netflix, buscando evidenciar estratégias utilizadas para tentar recriar o vocabulário *queer* utilizado pelos participantes do programa. Por sua vez, Bastos (2016) compara obras de Arthur Conan Doyle – como *O solteirão nobre*, o romance *O signo dos quatro* e a coletânea de contos *O regresso de Sherlock Holmes* – aos *slash fictions* contemporâneos *Absurdly Simple*, *A Marrying Man* e *The Beginning/The Problem* escritos por Irene Adler, Kristophine e Cynthia Coe, respectivamente. Considerando as *slash fictions* como traduções *queer*, a autora procura discutir características dessas obras a partir de uma reflexão da maneira como a masculinidade é construída nelas. Guilherme Pereira Rodrigues Borges (2021), examina a tradução para o inglês de textos literários *queer* brasileiros, focando na antologia estadunidense *Cuíer: Queer Brazil*, publicada em 2021. O

autor busca analisar como a adoção de uma perspectiva *queer* pode nos ajudar a questionar as práticas de tradução e como a tradução pode servir de ferramenta de visibilização de pessoas LGBTQIAPN+ tanto na literatura quanto na sociedade. Já Pires (2022) analisa como o socioleto *queer* presente na série televisiva *Pose* foi traduzido em suas legendas para o português, buscando abordar os efeitos produzidos por essas legendas sobre a percepção do espectador acerca das identidades de gênero de les personagens. Mais recentemente, Barboza (2023) oferece uma contribuição teórica para as traduções *queer* e feminista em sua tese de doutorado. As pesquisas acima mencionadas demonstram que no contexto brasileiro,

A pesquisa inicial concentrou-se principalmente na tradução literária de textos LGBT[QIAPN+], estabelecendo a base para investigações subsequentes sobre a tradução de não ficção e as formas de agência tradutória incorporadas nesses materiais. À medida que o campo continuou a evoluir, a tradução audiovisual ganhou destaque como uma área de investigação particularmente frutífera, ampliando ainda mais seus horizontes metodológicos e teóricos. Mais recentemente, essa trajetória mudou para intervenções explicitamente teóricas voltadas para a formulação de epistemologias críticas que não apenas informam, mas também remodelam os próprios fundamentos da tradução LGBT+. (SILVA-REIS; COSWOSK, 2025, p. 17)<sup>9</sup>

Em ambos os casos, o dos trabalhos publicados em língua espanhola e em português, percebe-se que são bastante recentes, a sua maioria tendo sido publicada nos últimos dez anos. Isso sugere que o interesse por questões relacionadas à Tradução *Queer* parece ter surgido ainda mais tardiamente, se comparado ao contexto anglófono. Tal interesse, porém, parece estar em crescimento, como pode ser evidenciado na inclusão do simpósio “Tradução e comunidade LGBTQIA+” na XIV edição do Encontro Nacional de Tradutores e VIII edição do Encontro Internacional de Tradutores, realizadas em 2022, e, mais recentemente, do simpósio “Traduzindo à margem” na XV edição do Encontro Nacional de Tradutores e IX do Encontro Nacional de Pesquisa em Tradução, que será realizado em novembro de 2025, os quais são voltados a questões relacionadas à tradução e comunidades LGBTQIAPN+ ou incluem tais questões em sua chamada.

---

<sup>9</sup> Initial research primarily focused on the literary translation of LGBT+ texts, establishing the foundation for subsequent inquiries into nonfiction translation and the forms of translational agency embedded in those materials. As the field continued to evolve, audiovisual translation gained prominence as a particularly fruitful area of investigation, further broadening its methodological and theoretical horizons. More recently, this trajectory has shifted toward explicitly theoretical interventions aimed at formulating critical epistemologies that not only inform but also reshape the very foundations of LGBT+ Translation.



Conforme pôde-se notar, apesar de as Teorias *Queer* terem surgido no início da década de 1990 e rapidamente se espalhado para outras áreas de conhecimento, a sua incorporação aos Estudos da Tradução parece ter ocorrido de forma bastante lenta. Isso se reflete, como vimos, na escassez de trabalhos que envolvem questões relacionadas à tradução e identidades LGBTQIAPN+ durante as décadas de 1990 e 2000. Com exceção dos trabalhos publicados por alguns poucos pesquisadores durante esse período, as possíveis relações entre tradução e Teorias *Queer* permaneceram, em grande parte, ignoradas.

Apenas por volta da década de 2010 é que podemos notar um nítido aumento no interesse dos teóricos dos Estudos da Tradução pelas contribuições que as Teorias *Queer* podem oferecer para se repensar o estatuto da tradução. Desde a publicação do volume temático do periódico *In Other Words*, em 2010, houve um grande aumento na quantidade de artigos publicados que buscam incorporar os pressupostos das Teorias *Queer* aos Estudos da Tradução, assim como livros e volumes temáticos em revistas que se dedicam a esse objetivo mencionados ao longo da presente revisão. Isso demonstra um claro aumento no interesse pela Tradução *Queer* por parte da academia.

Embora não se possa negar a importância de todas essas publicações para compreender o papel que a tradução pode exercer tanto na marginalização de pessoas LGBTQIAPN+ quanto como forma de resistência, mesmo as pesquisas que abordam a relação entre cis-heteronormatividade e apagamento de conteúdos LGBTQIAPN+ em traduções ou aquelas que procuram incorporar as Teorias *Queer* aos Estudos da Tradução tendem a não explicar detalhadamente como a tradução pode contribuir para reforçar a cis-heteronormatividade, ou para desestabilizá-la.

Tendo em vista o exposto acima, a presente pesquisa procura demonstrar de que maneiras as Teorias *Queer* podem nos ajudar a pensar no papel que as traduções podem exercer na marginalização de pessoas LGBTQIAPN+ e, mais importante, como elas podem também contribuir para resistir a essa marginalização. Focando principalmente nos conceitos de *matriz cis-heteronormativa* e *performatividade* (BUTLER, 1990), procurarei demonstrar que a prática tradutória pode ser tanto uma atividade que está sujeita à influência de ideologias cis-heteronormativas, e desempenha um papel em reproduzir essas mesmas ideologias, quanto uma prática que pode potencialmente desestabilizá-las.

#### 1.4. Justificativa e relevância

A presente pesquisa é de relevância tanto de ordem teórico-acadêmica quanto de ordem social. Em relação à primeira, conforme mencionado na seção 1.2, apesar de ter havido um aumento no interesse pelo estudo da tradução de tópicos LGBTQIAPN+, ainda são poucos os trabalhos que buscam incorporar as Teorias *Queer* aos Estudos da Tradução, ou que se dediquem ao desenvolvimento de teorias que lidem especificamente com as peculiaridades envolvidas na tradução de tais tópicos. A presente pesquisa procura preencher tal lacuna utilizando os conceitos de *performatividade* e *cis-heteronormatividade* (BUTLER, 1990) para demonstrar como a prática tradutória pode desempenhar tanto um papel em reproduzir ideologias cis-heteronormativas quanto em subvertê-las.

Quanto à relevância social, conforme assinala Hord (2016, p. 1), “representatividade na linguagem pode ser muito importante para a capacidade de uma pessoa ter a sua identidade compreendida pelos outros e reconhecida nas interações diárias de fala”<sup>10</sup>. Pessoas que se identificam em algum ponto do espectro não-binário encontram grandes dificuldades para expressar suas identidades dentro de sistemas linguísticos binários nos quais opções de gênero neutro não se encontram disponíveis. Isso, somado ao fato de que um gênero lhes é frequentemente atribuído devido a uma predisposição cis-heteronormativa, cria um cenário no qual as identidades desses indivíduos são frequentemente apagadas ou invalidadas.

O mesmo pode ser observado em traduções: identidades não-binárias tendem a ser apagadas em traduções, seja por leituras descuidadas do material fonte motivadas por predisposições cis-heteronormativas, seja por dificuldades causadas pela própria língua (PINHEIRO, 2021). Conforme assinala Leung (2006, p. 134), a principal contribuição de tradutores e teóricos da tradução é “[...] conscientizar a si mesmos e aos leitores da influência predominante da ideologia no discurso e como tradutores devem lidar com essa realidade”<sup>11</sup>. Logo, na presente pesquisa, estou interessado em como o estudo das traduções do mangá *Houseki no kuni* pode proporcionar oportunidades para combater a rigidez da matriz cis-heteronormativa, fazendo com que um leque maior de performances identitárias e de gênero sejam inteligíveis a todos.

---

<sup>10</sup> “Representation in language can be very important to one’s ability to have their identity understood by others and recognized in everyday speech interactions”

<sup>11</sup> “[...] is to raise awareness in themselves and in the readers of the prevalent influence of ideology in discourse, and how translators should handle this reality”

### 1.5. Posicionamento teórico: Tradução *Queer* e performatividade

Tanto o conceito de matriz cis-heteronormativa<sup>12</sup> quanto o de performatividade encontram-se intimamente relacionados à concepção de gênero desenvolvida por Judith Butler. Em seu livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* ([1990] 2016), a autora tece uma crítica aos feminismos de segunda onda concentrando-se principalmente em sua pressuposição de que a categoria “mulher” seria algo estável e uniforme, sem fazer recortes de raça, sexualidade, classe, religião etc. Tal pressuposição acarretaria um paradoxo, pois seria responsável por reificar as próprias relações de gênero que o feminismo busca combater (LEWIS, 2017). Em vez disso, partindo do conceito de atos de fala performativos de John Langshaw Austin, Butler argumenta que “não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é *performativamente* construída, pelas próprias ‘expressões’ tidas como resultados” (BUTLER, [1990] 2016, p. 56, grifo da autora), de modo que o gênero não é uma propriedade essencial e inata dos indivíduos, mas, sim, algo construído performativo-discursivamente. Assim, Butler formula a sua famosa concepção de gênero como uma “[...] estilização *repetida* do corpo, um conjunto de atos *repetidos* no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (BUTLER, [1990] 2016, p. 69, grifos meus).

A ênfase dada por Butler às repetições vincula-se aos conceitos derrideanos de iterabilidade e citacionalidade. O primeiro diz respeito à possibilidade que toda comunicação, seja ela falada ou escrita, tem de ser repetida, e em sua repetição alterar-se, enquanto o segundo diz respeito à possibilidade do enunciado ser retirado de seu contexto “original” e deslocado para outro, produzindo, nesse processo, um novo significado. Como afirma o autor, “a possibilidade de repetir e, pois, de identificar as marcas está implicada em todo código, faz deste uma grade comunicável, transmissível, decifrável, iterável por um terceiro, depois para todo usuário possível em geral” (DERRIDA, [1972] 1991, p. 19). Em sua crítica à teoria dos atos de fala, Derrida assinala que, para que um enunciado seja capaz de realizar uma ação, ele precisa ser reconhecido pelos falantes como algo que pertence a um modelo reiterável.

---

<sup>12</sup> Em sua teorização inicial, Butler utiliza o termo “heteronormatividade”, porém hoje em dia, utiliza-se o termo “cis-heteronormatividade” pois o termo utilizado pela filósofa inicialmente privilegia a Cisnormatividade.

Aplicada à concepção butleriana de gênero, a criação deste não se dá em um ato ou evento singular, mas, sim, por meio de uma produção performativa, ritualizada e reiterada (LEWIS, 2017). Como demonstra a citação da obra de Butler destacada anteriormente, não basta que se realize um ato (de fala) performativo uma única vez para que o gênero seja criado; para tal, esses atos precisam ser repetidos continuamente, passando tais comportamentos de uma geração a outra, a ponto de naturalizarem-se. Em outras palavras: o gênero se constrói por meio de “uma sequência de atos repetidos que se enrijecem até adquirir a aparência de algo que sempre esteve ali o tempo todo” (SALIH, 2015, p. 94), de forma que se acredita estar diante de algo “natural”. Tal naturalização demonstra o poder que a repetição dá aos atos de fala performativos, uma vez que torna invisíveis os processos por meio dos quais essa aparente naturalidade foi criada.

No entanto, para Butler, a performance não pode ser totalmente livre, uma vez que é realizada “no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida” (BUTLER, [1990] 2016, p. 69), a qual denominou matriz cis-heteronormativa. Segundo essa matriz, a identidade de gênero de uma pessoa deve alinhar-se ao sexo ao qual foi designada no momento de seu nascimento, e essa pessoa deve sentir-se sexualmente atraída por pessoas do sexo “oposto”; ou seja, uma pessoa que foi designada como mulher deve identificar-se como tal e sentir-se sexualmente atraída por homens (LEWIS, 2017). Diversos discursos ideológicos sustentam essa matriz cis-heteronormativa: concepções de sexo “biológico natural”, a “naturalidade” da heterossexualidade reprodutiva, discursos sobre a família tradicional e “amor romântico”, a ideia de que as mulheres são naturalmente submissas e os homens naturalmente dominantes etc. (LEWIS, 2016). Por meio desses discursos normatizadores, são construídas práticas reguladoras legitimadas por uma matriz de normas que impõem um desejo heterossexual e não admitem identidades de gênero que não estejam de acordo com o binário masculino/feminino, ou sexualidades que não sejam heterossexuais (PADILHA; PALMA, 2017).

Por ser também uma matriz de inteligibilidade a partir da qual interpretamos o mundo (LEWIS, 2017), isto é: adequar-se a ela é visto como a norma, enquanto não se adequar é visto como desviante, ao conhecermos alguém (ou nos depararmos com uma personagem nova em uma obra) dificilmente consideramos a possibilidade de que essa pessoa não seja heterossexual e cisgênera. Por sua vez,

se interpretamos o gênero e a sexualidade das pessoas com base nessa matriz, então espera-se que a cis-heteronormatividade tenha consequências na maneira como textos são traduzidos. De fato, conforme assinala Lewis (2010, p. 3), “[...] personagens, na maioria dos textos, como as pessoas na vida cotidiana, são geralmente presumidas [cis-]heterossexuais até que se provem queer [...]”<sup>13</sup>, de modo que conteúdos LGBTQIAPN+ são

[...] frequentemente perdido[s] na tradução devido a problemas como o favorecimento de elementos e fraseio [cis-]heteronormativos em detrimento dos *queer* para melhorar a fluência ou uma simples falta de uma leitura cuidadosa causada por uma predisposição [cis-]heteronormativa (LEWIS, 2010, p. 3).<sup>14</sup>

Quando não é responsável por motivar leituras descuidadas, a matriz cis-heteronormativa pode, muitas vezes, levar a autocensuras por parte dos tradutores (SANTAEMILIA, 2008). Um tradutor que se depare com um texto no qual encontram-se presentes conteúdos LGBTQIAPN+ pode optar por apagá-los por não ser capaz de conceber ou aceitar identidades de gênero que não se alinhem à matriz cis-heteronormativa. Além disso, como vimos, essa matriz é uma “estrutura reguladora altamente rígida” que compõe “[...] um conjunto complexo de pressões, expectativas e restrições sociais e institucionais [...]” (LEWIS, 2017, p. 175-176). Sendo assim, é de se esperar que aqueles que tentem subvertê-la de alguma maneira enfrentem algum tipo de reação negativa, principalmente por parte de setores mais conservadores da sociedade. Empregar estratégias tradutórias que visibilizem os conteúdos LGBTQIAPN+ presentes em uma obra pode gerar uma série de repercussões negativas que afetarão a vida profissional do tradutor: sua tradução pode ser acusada de tentar promover a “ideologia de gênero”, a editora pode recusar-se a publicá-la para evitar uma possível repercussão negativa, o tradutor pode vir a perder trabalhos futuros etc. Um tradutor ciente desse cenário pode optar por se autocensurar, para que suas traduções sejam bem recebidas pelo público leitor.

Para além das leituras descuidadas e das autocensuras, a matriz cis-heteronormativa pode ser também responsável por motivar censuras diretas aos conteúdos LGBTQIAPN+. Conforme observa Muñoz (2020, p. 209),

<sup>13</sup> “[...] characters in most texts, like people in everyday life, are presumed to be heterosexual until proven queer [...]”.

<sup>14</sup> “[...] frequently lost in translation due to such problems as a privileging of heteronormative elements and phrasing over queer ones to increase fluency, or a simple lack of a careful reading caused by a heteronormative bias”.

[a] ideia de preservar os valores convencionais fará com que editoras, produtoras e profissionais ligados a esses setores manipulem fragmentos, cenas, mensagens e até capítulos inteiros das obras em língua fonte durante o processo de tradução para preservar essa defesa da cultura e evitar a “ameaça de doutrinação na ideologia de gênero”.<sup>15</sup>

Percebe-se, então, que a cis-heteronormatividade pode levar ao apagamento de identidades e conteúdos LGBTQIAPN+ de diferentes maneiras, seja por censura direta, por autocensuras motivadas por um desejo de produzir uma tradução que esteja de acordo com os valores da sociedade na qual o tradutor encontra-se inserido, seja por uma leitura equivocada provocada por uma predisposição cis-heteronormativa.

Infelizmente não se pode simplesmente romper com a matriz cis-heteronormativa, ou decidir não a repetir, o que pode dar a impressão de que estamos presos a ela, sem qualquer possibilidade de agência (LEWIS, 2017). Entretanto, o fato de estarmos inseridos nessa matriz não significa que devamos, necessariamente, reproduzi-la. Conforme assinala Lewis (2017, p. 177, grifo da autora), “[...] nas teorizações sobre a matriz [cis-]heteronormativa de Butler os seres humanos *não* estão totalmente sujeitados e subordinados ao discurso e ao poder”.

De que maneiras, então, a Tradução *Queer* poderia contribuir para desestabilizar ou subverter a matriz cis-heteronormativa? Em sua formulação da performatividade, Butler enfatiza a sua bidirecionalidade: para a autora, o mesmo mecanismo performativo responsável pelo processo de consolidação da matriz é justamente aquilo que permite que seja subvertida. Se entendemos que a matriz cis-heteronormativa consolida-se ao longo do tempo por meio da repetição de atos performativos, então, presume-se que seja possível que novas ideias, discursos, práticas etc. sejam inseridos; e, a partir do momento em que essas repetições subversivas enraízam-se e proliferam, uma eventual mudança na matriz pode vir a tomar forma. Assim, diferentemente de Derrida, para o qual a força do performativo vinha de sua repetição ao longo do tempo, para Butler, a sua força decorre não de seus usos prévios, mas, sim, da ruptura com qualquer uso anterior (LEWIS, 2017). Em outras palavras, “a tarefa não consiste em repetir ou não, mas em como repetir ou, a rigor, repetir e, por meio de uma proliferação radical do

---

<sup>15</sup> “[...] idea de preservar unos valores convencionales hará que las editoriales, productoras y profesionales afines a estos sectores manipulen fragmentos, escenas, mensajes e, incluso, capítulos enteros, de las obras en LO durante el proceso traslativo para preservar esa defensa de la cultura y evitar la ‘amenaza por adoctrinamiento en ideología de género’”.

gênero, *afastar* as normas do gênero que facultam a própria repetição” (BUTLER, [1990] 2016, p. 255, grifo da autora).

Toda tradução já é, em si mesma, uma repetição diferente: o próprio ato de traduzir já faz com que um texto escrito e publicado em um dado contexto e para um público específico seja inserido em um novo contexto, onde ele irá, inevitavelmente, adquirir novos significados. A inserção de textos dos quais temáticas ou personagens LGBTQIAPN+ fazem parte pode servir para ampliar a representatividade desses indivíduos na cultura meta e iniciar discussões sobre esses temas em comunidades onde antes isso não era debatido. Sendo assim, uma das maneiras como a tradução pode contribuir para subverter a matriz cis-heteronormativa seria a partir da própria escolha dos textos que serão traduzidos.

No entanto, não basta apenas traduzir textos nos quais figurem conteúdos LGBTQIAPN+; a maneira como são traduzidos tais textos precisa ser levada em conta. Conforme assinala Flotow (2012, p. 134, grifos da autora), pensar o conceito de performatividade em uma abordagem *queer* da tradução pode ser útil pois:

Não apenas a escolha dos textos pode ser feita de um ponto de vista sociocrítico, mas a tradução em si pode refletir e chamar atenção a aspectos do texto fonte que são novos, ou inovadores, ou considerados *úteis* ao novo público leitor. [...] Pode funcionar tanto para criticar e informar; pode revelar *abusos*, mas também atrair uma atenção exagerada a aspectos *desejáveis* dos textos. É parte de uma luta contínua para “fazer coisas com palavras”.<sup>16</sup>

Se uma obra na qual estão presentes personagens LGBTQIAPN+ tem elementos pejorativos acrescentados por meio das escolhas lexicais feitas na tradução, ou se identidades e relacionamentos que fogem à matriz cis-heteronormativa são apagados ou transformados, então a tradução reforçaria a cis-heteronormatividade e serviria como uma ferramenta de opressão e marginalização desses indivíduos. Inversamente, se tais identidades são visibilizadas, a matriz pode ser desestabilizada.

Com essas considerações em mente, a Tradução *Queer* serviria ao propósito de olhar criticamente para as traduções desses textos e problematizar as maneiras

---

<sup>16</sup> “Not only can the choice of text be made from a socio-critical standpoint, but the translation itself can reflect and draw attention to aspects of the source text that are new, or innovative, or deemed useful for the new readership. [...] It can work to both criticize and inform; it can reveal abuses but also draw exaggerated attention to desirable aspects of texts. It is part of an ongoing struggle about «doing things with words»”.

como a tradução contribui para a construção de sujeitos marginalizados. Com isso, deve-se problematizar as ideologias cis-heteronormativas que subjazem às estratégias tradutórias adotadas, as maneiras como essas reproduzem tais ideologias e, mais importante, como tudo isso pode contribuir para reforçar a matriz cis-heteronormativa e o que pode ser feito para que a tradução a subverta.

## **1.6. Apresentação dos dados**

Com base no exposto acima, na presente pesquisa, analiso quatro traduções do mangá *Houseki no Kuni* focando especificamente nas estratégias utilizadas para lidar com a não-binariedade de gênero de les personagens. Inicialmente pretendia analisar apenas traduções nas quais a não-binariedade de gênero havia sido mantida, concentrando-me em analisar se as estratégias tradutórias empregadas com esse objetivo teriam o potencial de desestabilizar a matriz cis-heteronormativa. Para isso, havia selecionado três traduções: uma para a língua inglesa, publicada pela editora Kodansha; uma tradução para a língua espanhola, publicada pela editora ECC; e uma tradução para a língua alemã, publicada pela editora Manga Cult. Contudo, após iniciada a minha pesquisa de doutorado, a editora NewPop iniciou a publicação do mangá no Brasil. Embora a tradução brasileira do mangá não se encaixe no recorte inicial da pesquisa por se tratar de uma tradução na qual a não-binariedade de gênero de les personagens não foi mantida, optei por incluí-la, pois a sua análise pode contribuir para elucidar as maneiras como a tradução pode reforçar a matriz cis-heteronormativa.

Conforme indicado anteriormente, analisarei também a recepção das traduções acima apontadas. Devido ao fato de que, ao se falar de obras traduzidas, o fato de serem traduções tende a não ser mencionado e, nos poucos casos em que é, essa menção tende a se limitar a algumas poucas palavras (VENUTI, 1995), não pude me concentrar em uma única fonte para reunir esses dados, tendo, em vez disso, coletado esses dados em fontes diversas, sendo algumas delas: avaliações em sites de compra, resenhas publicadas em blogs, e principalmente a rede social X, antigo Twitter. O foco recairá em aferir quais ideologias hegemônicas sobre gênero e sexualidade, tradução e sobre linguagem são reforçados e/ou subvertidos nos discursos em torno das traduções.

## **1.7. Organização da tese**



A presente tese é estruturada em oito capítulos (sem contar as referências), sendo esta introdução o primeiro. Optei por começar com alguns capítulos de contextualização de modo a apresentar alguns conceitos acerca de gênero com os quais trabalharei e que serão importantes para informar as teorias que serão utilizadas e a análise feita.

No segundo capítulo, faço uma apresentação das Teorias *Queer*, focando inicialmente em uma breve contextualização histórica antes de passar para uma breve discussão das maneiras como o gênero é concebido por diferentes teóricos e teóricas da área. Dentre as quais, destaco as contribuições de Teresa de Lauretis (1987), Eve Kosofsky Sedgwick (1990), Paul Preciado ([2004] 2014), Jack Halberstam (2005) e Judith Butler ([1990] 2016). Tal discussão tem como objetivo servir de plano de fundo para a apresentação das identidades não-binárias com a qual finalizo o capítulo em questão.

O terceiro capítulo é dedicado à discussão da relação entre linguagem e discriminações de gênero. Ele se inicia com uma breve apresentação das diferentes correntes de pesquisa que se dedicaram a estudar tal relação dentro dos estudos da linguagem e das formas como as soluções para lidar com a marginalização das mulheres e pessoas trans e não-binárias foram evoluindo ao longo do tempo. Em seguida, faço uma apresentação das diferentes formas que as linguagens inclusivas de gênero assumem nas línguas das traduções que serão analisadas na presente tese.

O quarto capítulo é dedicado ao mangá *Houseki no kuni*, obra cujas traduções são analisadas na presente tese. Ele se inicia com uma sinopse da trama da obra seguida de uma breve discussão do seu potencial de representatividade de identidades não-binárias. Em seguida, faço uma pequena apresentação do gênero na língua japonesa antes de prosseguir para as maneiras como a autora, Haruko Ichikawa, representa a não-binariedade de gênero de les personagens em sua obra, tanto na linguagem quanto nas imagens.

No quinto capítulo, discuto como a noção de performatividade é útil para pensarmos o papel da tradução na reprodução e subversão da matriz cis-heteronormativa. Início o capítulo apresentando o conceito de atos de fala conforme proposto por John Langshaw Austin (1990) e as interpretações dele feitas por Jacques Derrida ([1972] 1991) e Judith Butler ([1990] 2016). Em seguida, apresento algumas teorias de tradução nas quais pode-se entrever o potencial performativo do ato de traduzir, em especial, a teoria de Venuti ([1998]

2019), a prática tradutória das tradutoras feministas canadenses (FLOTOW, 1991) e a Tradução *Queer* (Lewis, 2010). Dando continuidade ao capítulo, faço uma aproximação entre a teoria *queer* butleriana e as teorias da tradução, mais especificamente, entre o conceito de normas tradutórias (TOURY, 1995, 1998; Hermans, 1991) e a matriz cis-heteronormativa (BUTLER, [1990] 2016). Encerro o capítulo discutindo maneiras como tanto as traduções como quem traduz desempenha um papel no reforço e na subversão da matriz cis-heteronormativa.

No sexto capítulo, apresento a metodologia que será seguida na presente tese, situando-a no paradigma dos Estudos Descritivos da Tradução (Toury, 1995) antes de passar para uma descrição do modelo metodológico proposto por José Lambert e Hendrik Van Gorp ([1985] 2011) que será utilizado. Em seguida, apresento os dados que serão analisados e finalizo o capítulo com uma breve apresentação da concepção de ideologia com a qual trabalho.

No sétimo capítulo, finalmente passo à análise dos dados. Ela inicia-se com as análises das traduções em si, focando primeiro em seus paratextos e metatextos, quando disponíveis, e, em seguida, na análise microtextual de cada uma. Uma vez concluídas as análises das traduções, passo para a análise das recepções, focando primeiro nas ideologias de linguagem sendo reproduzidas, prosseguindo para as ideologias de tradução e finalizando com as ideologias de gênero.

Finalmente, no nono capítulo, farei as considerações finais sobre a presente tese, amarrando os fios tecidos ao longo do trabalho sobre o potencial performativo das traduções, o reforço e subversão de discursos ideológicos sobre linguagem, tradução e gênero e as implicações disso para práticas tradutórias que buscam visibilizar identidades não cis-heteronormativas.

## 2. Teorias *Queer*<sup>17</sup>

Antes de nos aprofundarmos mais na discussão das Teorias *Queer*, é importante considerar a história da palavra “*queer*”, que apresenta uma trajetória complexa, repleta de ressignificações históricas e políticas. Segundo Borba e Lewis (2023), a palavra *queer* deriva etimologicamente do prefixo protoindo-europeu *terkwi-*, relacionado ao verbo latino *torquere*, que significa “torcer” ou “girar”. O primeiro registro se deu no século XVI, tendo como sentidos “estranho”, “singular”, “excêntrico”. – interessante um dos primeiros casos registrados do uso da palavra inglesa “*queer*” com esses sentidos deu-se em referência à tradução da Eneida, de Virgílio, para o escocês médio, feita em 1513 por Gavin Douglas (BAER, 2021).

A partir do século XIX, o termo passou a ser usado com conotações pejorativas, sobretudo após o processo movido pelo Marquês de Queensbury por não ser capaz de aceitar o relacionamento de seu filho com o escritor Oscar Wilde, no qual utilizou a expressão *snob queers* para se referir aos dois. A repercussão do caso ajudou a popularizar o uso da palavra “*queer*” como um insulto homofóbico no mundo anglo-saxão (BORBA; LEWIS, 2023). No entanto, nas décadas de 1980 e 1990, o termo “*queer*” passou por um processo significativo de ressignificação após ser apropriado por comunidades LGBTQIA+ como forma de resistência política e identidade afirmativa, passando a servir tanto para contestar o preconceito que sofriam pela sociedade quanto o que sofriam por parte de grupos ativistas que insistiam na importância de tentar se encaixar para ganhar aceitação. A expressão “*We’re here, we’re queer, get used to it*” tornou-se símbolo desse movimento de contestação.

O que entendemos por Teorias *Queer* tem o seu surgimento no ano de 1990, quando Teresa de Lauretis cunhou o termo em uma palestra proferida em um congresso que organizou nos Estados Unidos e que posteriormente foi publicada na edição especial da revista de estudos culturais feministas *Differences: A Journal of Feminist Cultural Studies* sob o título “Queer Theory: Lesbian and Gay Sexualities”, dando continuidade ao processo de ressignificação da palavra “*queer*”. Em sua argumentação pelo uso do termo, de Lauretis assinala que o seu objetivo era apontar três projetos críticos inter-relacionados: (1) uma recusa da

---

<sup>17</sup> Hoje em dia, fala-se em “Teorias *Queer*”, no plural, de modo a refletir as várias vertentes e variedades locais que resultaram após a difusão da Teoria *Queer* pelo mundo desde o seu surgimento (LEWIS, 2018).

heterossexualidade como o padrão para todas as formações de sexualidade; (2) uma maior atenção para gêneros capazes de interrogar a frequente presunção de que os estudos lésbicos e gays são um objeto homogêneo; (3) uma insistência nas múltiplas maneiras como a raça molda as subjetividades sexuais. De acordo com de Lauretis, esse tripé crítico trazido sob a rubrica das Teorias *Queer* nos possibilita “[...] reformular ou reinventar os termos de nossas sexualidades, para construir outro horizonte discursivo, outra forma de pensar o sexual” (DE LAURETIS, 1991, p. iv)<sup>18</sup>.

Por volta do mesmo período, outras teóricas, dentre as quais destacam-se Judith Butler e Eve Kosofski Sedgwick, viriam a publicar trabalhos que contribuíram na criação dos alicerces das Teorias *Queer*. Fortemente influenciada pelos trabalhos de Michel Foucault, pela desconstrução de Jacques Derrida, pelas teorias feministas e pelos estudos LGBT, as Teorias *Queer* adotam uma postura fortemente não-essencialista, concentrando-se em tópicos como a construção sociocultural, histórica, política e performativa do gênero e identidades sexuais, e das preferências e atos sexuais (LEWIS, 2010). Seu foco tende a recair nas identidades sexuais não cis-heteronormativas e as relações de poder que levam à sua marginalização.

Tendo surgido inicialmente nos campos da crítica literária e dos estudos culturais, com o passar dos anos as Teorias *Queer* ramificaram-se, passando a ser aplicadas em diversas disciplinas, como a sociologia, a educação, os estudos da linguagem, a geografia, a filosofia, entre outras (MOITA LOPES, 2022). No campo dos estudos da linguagem, passou a ser aplicada à linguística na segunda metade da década de noventa com a publicação da coletânea *Queerly Phrased*, das teóricas Mary Bucholtz e Kira Hall, em 1997, além de ter despertado o interesse de diversos pesquisadores da área dos Estudos da Tradução.

Com a publicação de *Problemas de gênero*, de Judith Butler, em 1990, o termo “*queer*” ganhou ainda mais densidade teórica, passando a ser compreendido como um posicionamento político que se opõe a qualquer forma de assimilação ou tolerância normativa. Assim, as Teorias *Queer* se caracterizam por sua natureza transgressiva e por sua recusa a modelos estabilizados de identidade, enfatizando a performatividade do gênero e a fluidez das categorias sexuais.

---

<sup>18</sup> “[...] to recast or reinvent the terms of our sexualities, to construct another discursive horizon, another way of thinking the sexual.”

Seguindo essa onda de contestação do ativismo político, teóricos gays e lésbicas apropriaram-se do termo para designar o que antes costumava-se denominar Estudos Gays e Lésbicas. Assim, no campo acadêmico, o termo passou a nomear uma abordagem teórica que vai além da designação genérica para gays, lésbicas e transgêneros. Nesse sentido, as Teorias *Queer* propõem uma crítica radical às normatizações de gênero e sexualidade, recusando qualquer forma de categorização fixa ou essencialista.

De acordo com Sauntson (2008), o termo “*queer*” ganhou notoriedade nos anos 1990, ainda que seus significados tenham permanecido diversos. Ele pode ser usado no sentido de lésbicas e gays de forma genérica e historicamente como um termo pejorativo de abuso a qualquer pessoa cuja identidade não se alinha aos ideais cis-heteronormativos. E, no plano intelectual, serve para designar tudo aquilo que resiste a identificações específicas, que resiste à categorização, funcionando como força desestabilizadora das normas de gênero e sexualidade.

Apesar de amplamente difundida, as Teorias *Queer* não estão imunes à críticas. Sauntson (2008), por exemplo, aponta que o termo *queer* ainda carrega conotações negativas para muitas lésbicas e gays que, por conseguinte, poderiam desejar resistir ao termo mesmo em um contexto acadêmico. Além disso, muitas pessoas que se identificam como *queers* têm oprimido pessoas que não se conformam à matriz cis-heteronormativa em suas próprias comunidades. Lewis (2012), por exemplo, observa que o movimento ativista gay no Brasil, por muito tempo, promoveu a imagem do homem gay monogâmico e trabalhador como forma de angariar uma maior aceitação da homossexualidade pelos demais setores da sociedade. Isso, contudo, acarretou uma maior estigmatização e marginalização de homens gays que não se encaixam nesse padrão que tentavam promover, fazendo com que fossem vistos como pessoas que prejudicavam o avanço da causa gay. Ou também o caso do apagamento sofrido por pessoas bissexuais dentro do movimento LGBTQAI+, que são frequentemente acusados de não existirem, sendo, na verdade, apenas indecisos (LEWIS, 2012).

Lewis (2018) levanta um outro ponto de crítica às Teorias *Queer*, a chamada “norma homossexual oculta” nas Teorias *Queer*. Segundo a autora, “[e]mbora as Teorias *Queer* ofereçam as bases para questionar a naturalização do sexo, gênero e sexualidade e para desestabilizar visões normativas e limitadoras, a maioria das pesquisas continua a privilegiar o estudo do desejo homossexual” (LEWIS, 2018, p. 678). A autora dá prosseguimento ao seu texto apontando a notável falta de

pesquisas voltadas para o estudo da bissexualidade nos Estudos *Queer* e o possível efeito que isso tem no reforço do binário heterossexual/homossexual.

Tendo em vista o cenário descrito acima, a presente pesquisa visa preencher não apenas a lacuna presente nos Estudos da Tradução *Queer* discutidas na seção 1.3, mas também a lacuna presente nas Teorias *Queer*. Ao abordar a tradução da não-binariedade de les personagens do mangá *Houseki no kuni*, pretendo contribuir para a fortuna crítica das Teorias *Queer* chamando atenção a uma categoria identitária de gênero que ainda é relativamente pouco estudada. Contudo, entrarei em maiores detalhes a esse respeito na seção 2.2.

## 2.1 Concepção de gênero nas Teorias *Queer*

Antes de nos voltarmos para algumas das concepções de gênero das Teorias *Queer*, é importante dedicarmos algumas linhas às compreensões dessa categoria que circulam na sociedade e permeiam o senso comum, com vista a esclarecer o que essas teorias procuram criticar e subverter.

Conforme observam Raewyn Connell e Rebecca Pearse (2015), o gênero é tido como algo dado: qualquer pessoa seria capaz de reconhecer um indivíduo como homem ou mulher, menino ou menina imediatamente. Essa distinção, por sua vez, orienta a forma como organizamos nossas vidas: casamentos convencionais requerem uma pessoa de cada gênero, as roupas e sapatos que utilizamos são diferentes com base no nosso gênero, os banheiros são separados etc. No senso comum, essas diferenças são reconhecidas como um reflexo das diferenças “biológicas” entre homens e mulheres. Isto é, há uma correlação “natural” entre a forma como agimos e o lugar que ocupamos na sociedade e as diferenças anatômicas e fisiológicas entre homens e mulheres. De acordo com as autoras,

Esses arranjos são tão familiares que parecem fazer parte da natureza. A crença de que distinções de gênero são “naturais” faz as pessoas se scandalizarem quando alguém não segue o padrão: por exemplo, quando pessoas do mesmo gênero se apaixonam umas pelas outras. A homossexualidade é, então, classificada como não sendo natural, como algo mau. (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 37)

Para quem compartilha desse ponto de vista, uma mulher veste-se de vestido e salto alto por ser mulher, enquanto um homem veste-se de terno por ser homem. Da mesma forma, predisposições associadas a um ou outro gênero são utilizadas como justificativas para desigualdades na distribuição demográfica entre homens

e mulheres que exercem determinadas profissões, como por exemplo, uma suposta aptidão “natural” das mulheres para relacionamentos interpessoais e uma maior empatia para explicar porque elas têm uma tendência maior a exercer profissões como enfermeiras ou professoras, enquanto que uma suposta predisposição masculina à matemática e ao raciocínio lógico são apontados como o motivo de termos mais homens exercendo a profissão de engenheiros. Ou até mesmo como explicações para que mulheres não ocupem cargos como líderes de estado: quem nunca ouviu a afirmação absurda de que mulheres seriam péssimas presidentes por que os hormônios as fariam iniciar guerras?!

Com isso, o gênero frequentemente é usado como justificativa para as desigualdades entre homens e mulheres, de modo que desconstruir a forma essencialista e binária como o percebemos é visto por diversas correntes de pensamento como uma maneira de combater diversas formas de opressão na sociedade. Dentre elas, destacam-se as Teorias *Queer* e as diversas maneiras como desconstruem e problematizam essa categoria, algumas das quais serão apresentadas nas subseções seguintes.

### **2.1.1 Teresa de Lauretis e as Tecnologias de gênero**

Em sua obra *Technologies of Gender* (1987), Teresa de Lauretis busca analisar as múltiplas formas pelas quais o gênero é constituído e performado, sublinhando a natureza social e discursiva dessa categoria. Partindo de uma crítica estruturalista e pós-estruturalista ao conceito de gênero, a autora busca demonstrar as maneiras como as tecnologias sociais, como a educação, os meios de comunicação e os discursos científicos, participam na construção das identidades e na formação do sujeito generificado.

De Lauretis questiona a visão tradicional do gênero como algo inerente ao indivíduo ou uma identidade estável, não podendo ser reduzido a uma essência biológica ou a uma identidade pré-existente. Em vez disso, a autora defende que o gênero é um fenômeno dinâmico, socialmente construído e que resulta de práticas discursivas, representações e ações históricas. De Lauretis, então, prefere

[...] pensar o gênero na linha da teoria da sexualidade de Michel Foucault como uma "tecnologia do sexo" e propor que o gênero também, tanto como representação quanto como autorrepresentação, é o produto de várias tecnologias sociais, como o

cinema e discursos institucionalizados, epistemologias e práticas críticas, bem como práticas da vida cotidiana (DE LAURETIS, 1987, p. 2)<sup>19</sup>

De Lauretis afirma que o gênero não é algo que somos, mas, sim, algo que fazemos, uma performance produzida por meio de uma série de gestos e representações sociais, as quais a autora define como “tecnologias de gênero”. Conforme assinala,

O sistema sexo-gênero, em suma, é tanto uma construção sociocultural quanto um aparato semiótico, um sistema de representação que atribui significado (identidade, valor, prestígio, posição no parentesco, status na hierarquia social etc.) aos indivíduos dentro da sociedade. Se as representações de gênero são posições sociais que carregam significados diferenciados, então, para alguém ser representado e se representar como masculino ou feminino, implica a assunção da totalidade desses efeitos de significado. Assim, a proposição de que o produto e o processo do gênero é sua construção, sendo cada termo ao mesmo tempo o produto e o processo do outro, pode ser reafirmada com mais precisão: *A construção do gênero é tanto o produto quanto o processo de sua representação* (DE LAURETIS, 1987, p. 5, grifos da autora)<sup>20</sup>

Segundo a autora, “[a] construção de gênero ocorre hoje por meio das diversas tecnologias de gênero [...] e discursos institucionais [...] com poder de controlar o campo de significado social e, assim, produzir, promover e “implantar” representações de gênero” (DE LAURETIS, 1987, p. 18)<sup>21</sup>. Essas tecnologias operam no nível discursivo, nas práticas cotidianas e nas representações culturais, como o cinema, a literatura e a mídia. De Lauretis examina como as representações culturais, especialmente as midiáticas, influenciam na construção do gênero, dando destaque especial à importância do cinema, da literatura e da mídia em geral na criação de imagens e narrativas que moldam a percepção social do gênero. Sendo assim, “não foi coincidência [...] que [sua] análise tenha se preocupado com cinema, narrativa e teoria. Pois estes, é claro, são todos

<sup>19</sup> [...] to think of gender along the lines of Michel Foucault's theory of sexuality as a "technology of sex" and to propose that gender, too, both as representation and as self-representation, is the product of various social technologies, such as cinema, and institutionalized discourses, epistemologies, and critical practices, as well as practices of daily life.

<sup>20</sup> the sex-gender system, in short, is both a sociocultural construct and a semiotic apparatus, a system of representation which assigns meaning (identity, value, prestige, location in kinship, status in the social hierarchy, etc.) to individuals within the society. If gender representations are social positions which carry differential meanings, then for someone to be represented and to represent oneself as male or as female implies the assumption of the whole of those meaning effects. Thus, the proposition that the product and the process of the gender is its construction, each term being at once the product and the process of the other, can be restated more accurately: The construction of gender is both the product and the process of its representation.

<sup>21</sup> The construction of gender goes on today through the various technologies of gender [...] and institutional discourses [...] with power to control the field of social meaning and thus produce, promote, and "implant" representations of gender.



tecnologias de gênero” (DE LAURETIS, 1987, p. 19)<sup>22</sup>. Desse modo, as representações não apenas refletem, mas ativamente criam e mantêm as normas de gênero.

Segundo essas tecnologias, o gênero é produzido por um conjunto de práticas e representações sociais, ou seja, como um conjunto de técnicas, práticas e estratégias que produzem os sujeitos e suas identidades de gênero ao longo do tempo. Ao adotar esse conceito, De Lauretis é capaz de expandir a análise do gênero para além de uma questão individual ou biológica, situando-o no campo das relações de poder e das dinâmicas sociais que formam o sujeito.

De Lauretis vai além e aborda também a interseção entre gênero e poder. Lançando mão das ideias de Michel Foucault sobre poder e subjetividade, a autora argumenta que o gênero é uma tecnologia que não só define a identidade do indivíduo, mas também serve para sustentar as estruturas de poder na sociedade, de forma que o gênero está profundamente imbricado nas relações de poder que estruturam a sociedade.

Em sua análise, ela argumenta que as representações de gênero não são apenas reflexos de uma realidade social preexistente, mas, sim, agentes ativos na constituição do que entendemos por ser "homem" ou "mulher". Apesar disso, a autora questiona as identidades de gênero fixas e essencialistas, defendendo uma visão mais fluida e dinâmica da identidade de gênero. Em suas palavras:

[...] os termos de uma construção diferente de gênero também existem, à margem dos discursos hegemônicos. Postos de fora do contrato social heterossexual e inscritos em práticas micropolíticas, esses termos também podem ter um papel na construção de gênero, e seus efeitos se dão, antes, no nível "local" das resistências, na subjetividade e na autorrepresentação (DE LAURETIS, 1987, p. 18).<sup>23</sup>

Para De Lauretis, as categorias de gênero são mutáveis e sujeitas a negociações sociais e históricas. Ela observa que não existe um único modo de ser homem ou mulher, mas múltiplas formas que se articulam em diferentes contextos, argumentando que o gênero é algo que pode ser subvertido e transformado.

Teresa de Lauretis defende que, ao conceber o gênero como uma tecnologia, podemos compreender melhor as formas como o poder e as normas sociais

---

<sup>22</sup> [...] coincident, then, that my analysis has been concerned with cinema, narrative and theory. For these themselves, of course, are all technologies of gender.

<sup>23</sup> [...] the terms of a different construction of gender also exist, in the margins of hegemonic discourses. Posed from outside the heterosexual social contract, and inscribed in micropolitical practices, these terms can also have a part in the construction of gender, and their effects are rather at the "local" level of resistances, in the subjectivity and self-representation.

moldam as identidades de gênero. A autora sugere que, para transformar as normas de gênero e as estruturas de poder que as sustentam, é necessário um trabalho contínuo de subversão e reconfiguração dessas tecnologias sociais. De Lauretis também aponta a importância da crítica cultural e da teoria feminista na reconfiguração das formas de subjetividade de gênero. Ela propõe que a transformação do gênero não está apenas nas mudanças individuais, mas nas mudanças coletivas nas práticas discursivas e culturais que moldam a sociedade. A autora conclui que, ao desafiar as representações e as práticas que definem o que significa ser homem ou mulher, podemos abrir espaço para uma maior pluralidade e fluidez das identidades de gênero.

*Technologies of Gender* é uma obra fundamental para a teoria de gênero e os estudos culturais, pois oferece uma compreensão profunda das formas pelas quais o gênero é socialmente construído e mediado. Através de sua análise das tecnologias de gênero e das representações culturais, De Lauretis propõe uma visão do gênero como algo dinâmico, sujeito a transformações e negociações sociais, e profundamente imbricado nas relações de poder. A autora desafia as noções essenciais de identidade e gênero, sugerindo novas formas de pensar a construção das subjetividades de gênero e o papel das representações culturais nesse processo.

### **2.1.2 Sedgwick e a metáfora do “armário”**

*Epistemology of the Closet* (1990), de Eve Kosofsky Sedgwick, é uma obra fundamental nas Teorias *Queer* e nos estudos de gênero, oferecendo uma análise crítica das construções de sexualidade e identidade, com ênfase nas relações de poder e nas normas sociais que cercam a sexualidade. Neste trabalho, Sedgwick dá continuidade às investigações teóricas em seu trabalho anterior, *Between Men* (1985), e propõe uma epistemologia da sexualidade que busca entender como as dicotomias entre homossexualidade e heterossexualidade moldam a cultura e o conhecimento. A autora investiga as relações complexas entre sexualidade, identidade e discurso, argumentando que a categorização rígida dessas identidades limita a compreensão da diversidade humana e contribui para a manutenção das estruturas de poder.

Sedgwick começa sua análise a partir de uma crítica à epistemologia tradicional, que, segundo ela, negligencia o impacto das identidades sexuais na produção do conhecimento. Ela argumenta que a cultura ocidental moderna, em

grande parte, constrói e define a identidade sexual a partir de uma dicotomia simplista entre o "heterossexual" e o "homossexual", uma vez que

[...] cada pessoa, assim como era necessariamente atribuível ao gênero masculino ou feminino, era agora considerada necessariamente atribuível também à homo ou heterossexualidade, uma identidade binarizada que era cheia de implicações, por mais confusas que fossem, até mesmo para os aspectos aparentemente menos sexuais da existência pessoal. Foi esse novo desenvolvimento que não deixou espaço na cultura isento das potentes incoerências da definição homo/heterossexual. (SEDGEWICK, 1990, p. 2)<sup>24</sup>

A autora introduz o conceito central do texto, a "epistemologia do armário", que se refere ao processo de ocultamento e revelação da sexualidade, e como isso molda a forma como as identidades sexuais são entendidas. Para Sedgwick, o armário não é apenas uma metáfora para o segredo e a repressão, mas uma realidade concreta que organiza a experiência de muitos indivíduos. Ela sugere que o armário está intrinsecamente ligado à construção de identidades e à dinâmica de poder, sendo uma estrutura social que impõe um regime de visibilidade e invisibilidade às sexualidades não normativas.

De acordo com Sedgwick, a própria estrutura do armário como um espaço de segredo e revelação reflete a ambiguidade e a tensão em torno da sexualidade. Desse modo, o armário não é apenas uma metáfora para a repressão sexual, mas também um sistema de conhecimento e poder que organiza a maneira como a sociedade lida com a sexualidade. Conforme assinala Moita Lopes, para Sedgwick,

[...] a permanência no armário é um ato de fala performativo de silêncio em relação aos significados e discursos que o constituem. O emudecimento sobre o 'desrespeito' à matriz [cis-heteronormativa] não deixa de ser uma forma de referendá-la, fazendo-a penetrar no próprio armário. (MOITA LOPES, 2022, p. 25)

Logo, esse sistema de ocultamento e revelação exerce uma forte influência na forma como percebemos a sexualidade, criando uma divisão entre identidades normativas e não normativas.

Sedgwick desafia a rigidez das categorias de gênero e sexualidade que predominam na sociedade, propondo que essas categorias são construções sociais que limitam a compreensão da diversidade de experiências humanas. Ela observa que, ao manter a dicotomia entre o heterossexual e o homossexual, a sociedade

---

<sup>24</sup> [...] every given person, just as he or she was necessarily assignable to male or female gender, was now considered necessarily assignable as well to homo- or hetero-sexuality, a binarized identity that was full of implications, however confusing, for even the ostensibly least sexual aspects of personal existence. It was this new development that left no space in the culture exempt from the potent incoherences of homo/heterosexual definition.

reforça uma visão binária da sexualidade que ignora toda a complexidade das experiências individuais e as ambiguidades que cercam as identidades sexuais. A autora afirma

É um fato bastante surpreendente que, das muitas dimensões pelas quais a atividade genital de uma pessoa pode ser diferenciada da de outra (dimensões que incluem preferência por certos atos, certas zonas ou sensações, certos tipos físicos, certa frequência, certos investimentos simbólicos, certas relações de idade e poder, certa espécie, certo número de participantes, etc. etc. etc.), precisamente uma, o gênero do objeto de escolha, surgiu na virada do século e permaneceu como *a* dimensão denotada pela agora ubíqua categoria de "orientação sexual". (SEDGWICK, 1990, p. 8, grifo da autora)<sup>25</sup>

Assim, Sedgwick reconhece que essas categorias rigidamente definidas são extremamente limitantes e inadequadas, pois são incapazes de lidar com todas as dimensões às quais a sexualidade é capaz de se estender.

Sedgwick também se debruça sobre o conceito de "ambivalência", sugerindo que a sexualidade é muitas vezes marcada por um espectro de desejos e identificações que não se encaixam facilmente nas categorias normativas. Para a autora, as sexualidades não são uniformes, e é preciso reconhecer a ambiguidade e a fluidez dentro das identidades sexuais. A ambiguidade da sexualidade, para ela, é uma característica essencial da experiência humana, que é frequentemente suprimida ou ignorada pela sociedade.

Além de tecer uma crítica ao sistema binário de gênero e sexualidade, Sedgwick também chama a atenção às implicações políticas da construção do armário e das categorias de identidade sexual. Em sua argumentação, a repressão sexual e o "armário" não são apenas fenômenos psicológicos ou pessoais, mas questões políticas que dizem respeito ao controle e à organização social das identidades sexuais. Com isso, a autora sugere que a opressão das sexualidades não normativas, particularmente a homossexualidade, é parte de uma estrutura de poder mais ampla, que regula não apenas os corpos, mas também o conhecimento e as formas de subjetividade. De acordo com Sedgwick, a epistemologia do armário não é apenas uma forma de repressão sexual, mas também uma forma de regulação do saber, da moralidade e da cultura. Isso implica que a segregação das

---

<sup>25</sup> It is a rather amazing fact that, of the very many dimensions along which the genital activity of one person can be differentiated from that of another (dimensions that include preference for certain acts, certain zones or sensations, certain physical types, a certain frequency, certain symbolic investments, certain relations of age and power, a certain species, a certain number of participants, etc. etc. etc.), precisely one, the gender of object of choice, emerged from the turn of the century, and remained, as *the* dimension denoted by the now ubiquitous category of "sexual orientation".

identidades sexuais dentro de um espaço de segredo e revelação reflete e reforça as dinâmicas de poder dentro da sociedade. Mas também servem para reforçar a ordem social e as relações de poder.

Sedgwick explica que a revelação da sexualidade não é um simples ato de libertação, mas uma reconfiguração das relações de poder e um processo de reinterpretação do corpo e da identidade. A autora defende que “sair do armário” não deve ser visto como um momento de liberação, mas como parte de um processo político que implica em uma renegociação das normas sociais, sexuais e de poder; isso significa que a ideia de “sair do armário” é um movimento dentro de um campo de poder, que exige uma reinterpretação de todo um sistema de identidade e de representação.

Sedgwick conclui que a epistemologia do armário revela uma dinâmica de poder que regula as sexualidades e limita a compreensão da diversidade humana. Ela afirma que, para além do segredo e da revelação individuais, o armário é uma construção social que influencia a organização cultural e política da sexualidade. A autora propõe que, ao questionarmos as categorias de identidade sexual e os regimes de visibilidade e invisibilidade que envolvem essas identidades, podemos abrir caminho para uma compreensão mais complexa e inclusiva das experiências humanas. Sedgwick também sugere que a subversão do armário e das normas sexuais impostas é um movimento político crucial para a transformação das estruturas de poder e da cultura sexual.

### **2.1.3. Gênero e sexualidade segundo Preciado**

Em *Manifesto Contrassexual*, Paul Preciado analisa as relações entre corpo, gênero, sexualidade e tecnologias biopolíticas, enfatizando as maneiras como esses elementos são construídos e manipulados por forças políticas, sociais e econômicas, e propondo uma revisão radical das construções sociais e políticas que moldam o gênero e a sexualidade. Partindo de uma crítica contundente à binaridade de gênero e à normatividade sexual, o autor afirma que a construção das identidades de gênero se dá por meio de um processo politicamente orientado e historicamente situado, de modo que o gênero não é uma questão natural, mas uma construção política. A principal tese de *Manifesto Contrassexual* é que a sexualidade e as categorias binárias de gênero masculino/feminino impostas pela sociedade não devem ser vistas como dadas ou naturais. Em vez disso, elas devem ser enxergadas como construções sociais e políticas. Além disso, o autor assinala

que o gênero é uma prisão e os corpos são as celas, chamando atenção ao fato de que a imposição de categorias rígidas de identidade limita a expressão da sexualidade. Como forma de se opor a essa realidade, Preciado propõe que pensemos em uma “biopolítica contrassexual”, onde o controle sobre os corpos é rompido, e as práticas de gênero são livres de amarras normativas.

A contrassexualidade não é a criação de uma nova natureza, pelo contrário, é mais o fim da Natureza como ordem que legitima a sujeição de certos corpos a outros. A contrassexualidade é. [sic] Em primeiro lugar: uma análise crítica da diferença de gênero e de sexo, produto do contrato social heterocentrado, cujas performatividades normativas foram inscritas nos corpos como verdades biológicas [...]. Em segundo lugar: a contrassexualidade aponta para a substituição desse contrato social que denominamos Natureza por um contrato contrassexual. No âmbito do contrato contrassexual, os corpos se reconhecem a si mesmos não como homens ou mulheres, e sim como corpos falantes, e reconhecem os outros corpos como falantes. Reconhecem em si mesmos a possibilidade de aceder a todas as práticas significantes, assim como a todas as posições de enunciação, enquanto sujeitos, que a história determinou como masculinas, femininas ou perversas. Por conseguinte, renunciam não só a uma identidade sexual fechada e determinada naturalmente, como também aos benefícios que poderiam obter de uma naturalização dos efeitos sociais, econômicos e jurídicos de suas práticas significantes. (PRECIADO, [2004] 2014, p. 21)

Segundo Preciado, a contrassexualidade seria uma teoria do corpo que o situa fora dos binarismos homem/mulher, masculino/feminino. heterossexualidade/homossexualidade. Uma teoria na qual a sexualidade é definida como uma tecnologia na qual diferentes elementos do sistema sexo/gênero denominados homem, mulher, homossexual, heterossexual, transexual e suas práticas e identidades sexuais “[...] não passam de máquinas, produtos, instrumentos, aparelhos, truques, próteses, redes, aplicações, programas, conexões, fluxos de energia e informação, interrupções e interruptores, chaves, equipamentos, formatos, acidentes, detritos, usos, desvios...” (PRECIADO, [2004] 2014, p. 22-23). O autor, então, introduz o conceito de “farmacopornografia” para descrever a intersecção entre a indústria farmacêutica e a pornografia na construção dos corpos e desejos. Segundo o autor, os corpos são moldados por tecnologias de poder que se manifestam na medicina, na psiquiatria e na pornografia. Preciado também discute de que maneiras intervenções tecnológicas, como as cirurgias plásticas, os hormônios e a psiquiatria, são usadas para criar e manter o binarismo de gênero. Ele observa que essas tecnologias não são apenas médicas, mas também políticas, salientando que a ciência e a medicina servem como instrumentos de disciplinamento e normalização dos corpos (PRECIADO, 2014). Sendo assim, o gênero é uma

construção tecnológica e política, influenciada por substâncias químicas e representações midiáticas.

Preciado sugere que o corpo não deve ser encarado como algo fixo, mas como um campo de resistência e reconfiguração. Segundo Preciado (2014), é possível imaginar um corpo que não se define pela categoria de gênero, um corpo contrassexual que subverte as normas e cria suas próprias formas de viver. Segundo o autor, ao adotarmos uma biopolítica contrassexual, podemos transformar nossas identidades e corpos, subvertendo as normas impostas pela sociedade. A identidade de gênero, então, torna-se um campo fluido e politicamente construído, em vez de uma essência imutável.

#### 2.1.4. Jack Halberstam e a temporalidade *queer*

Em seu texto *In a Queer Time and Place* (2005), Halberstam desafia as formas tradicionais de compreender a cronologia e os marcos da vida, argumentando que as pessoas *queer* não se encaixam nas narrativas de tempo linear e normativo. A obra de Halberstam gira em torno da ideia de que as experiências *queer* de gênero e sexualidade não seguem os cronogramas tradicionais da vida, como infância, adolescência, casamento, filhos e aposentadoria. Em vez disso, as vidas *queer* ocupam um tempo não normativo, que subverte a linearidade e a obrigatoriedade dos marcos temporais cis-heteronormativos. Nas palavras do autor:

Subculturas queer produzem temporalidades alternativas ao permitir que seus participantes acreditem que seus futuros podem ser imaginados de acordo com lógicas que estão fora desses marcadores paradigmáticos da experiência de vida - ou seja, nascimento, casamento, reprodução e morte. (HALBERSTAM, 2005, p. 2).<sup>26</sup>

Ao viver fora da cronologia padrão, as pessoas *queer* criam novas formas de se relacionar com o mundo e com o próprio corpo.

Halberstam sugere que a temporalidade cis-heteronormativa, que organiza a vida das pessoas em uma sequência pré-determinada de eventos, é um reflexo de uma estrutura de poder que se alinha com as normas sociais e culturais dominantes. No entanto, Halberstam argumenta que o tempo das pessoas *queer* não é simplesmente uma forma alternativa de existir, mas um tempo próprio, que

---

<sup>26</sup> Queer subcultures produce alternative temporalities by allowing their participants to believe that their futures can be imagined according to logics that lie outside of those paradigmatic markers of life experience - namely, birth, marriage, reproduction, and death.

se articula de maneira não linear e desconstruída. Segundo o autor, “[...] o tempo queer [...] não é apenas sobre compressão e aniquilação; é também sobre o potencial de uma vida não roteirizada pelas convenções da família, herança e criação dos filhos.” (HALBERSTAM, 2005, p. 2)<sup>27</sup>, de modo que o tempo *queer* abre novas possibilidades para vivências não convencionais e desafiadoras. Consequentemente, o tempo *queer* constitui-se como uma forma de resistência política aos tempos reprodutivos e familiares, que o autor considera “[...] acima de tudo, construtos de tempo/espço [cis-]heteronormativos” (HALBERSTAM, 2005, p. 10)<sup>28</sup>, visto que ao recusar o cronograma de vida tradicional, as pessoas *queer* afirmam sua própria liberdade e subvertem as normas de poder.

Ademais, Halberstam observa que, em vez de se comprometer com uma trajetória de vida linear, os indivíduos *queer* “[...] usam o espaço e o tempo de formas que desafiam lógicas convencionais de desenvolvimento, maturidade, idade adulta e responsabilidade” (HALBERSTAM, 2005, p. 13)<sup>29</sup>. Isso implica que, ao viver fora dos marcos cronológicos tradicionais, as pessoas *queer* possuem a capacidade de subverter e reinventar suas próprias experiências temporais, criando novas formas de subjetividade e sociabilidade.

Outro ponto central da obra de Halberstam é a interseção entre tempo e espaço. O autor explora como os espaços urbanos e culturais, muitas vezes vistos como “não normativos” ou “marginais”, se tornam lugares de possibilidade para as identidades *queer*. Nesse sentido, ele utiliza o conceito de “espaços *queer*” para descrever locais ou práticas que não se alinham com os padrões normativos de tempo e espaço, oferecendo oportunidades para a resistência ao poder normativo. Em sua análise, Halberstam escreve: “[e]spaço queer refere-se às práticas de criação de lugares dentro do pós-modernismo nas quais pessoas queer se envolvem e também descreve as novas compreensões de espaço possibilitadas pela produção de contrapúblicos queer” (HALBERSTAM, 2005, p. 6)<sup>30</sup>.

Halberstam sugere que esses espaços e tempos *queer* formam um “contratempo” em relação às cronologias normativas, em que as pessoas *queer* podem viver sem a pressão de seguir a sequência estabelecida pela sociedade,

<sup>27</sup> [...] queer time [...] is not only about compression and annihilation; it is also about the potentiality of life unscripted by the conventions of family, inheritance, and child rearing.

<sup>28</sup> [...] above all, [cis-]heteronormative time/space constructs.

<sup>29</sup> [...] use space and time in ways that challenge conventional logics of development, maturity, adulthood, and responsibility”.

<sup>30</sup> Queer space refers to the place-making practices within postmodernism in which queer people engage and it also describes the new understandings of space enabled by the production of queer counterpublics.



como o casamento, a parentalidade ou a aposentadoria. Em vez disso, esses espaços funcionam como refúgios ou zonas de resistência em que o tempo e o espaço são vividos de forma não convencional.

Um aspecto importante da análise de Halberstam em *In a Queer Time and Place* é a relação entre as representações culturais, especialmente no cinema e na mídia, e a construção da temporalidade *queer*. Halberstam destaca como muitas obras culturais, particularmente filmes e novelas, representam as vidas e as experiências *queer* de maneira que questionam ou subvertem os marcos temporais tradicionais. Ele observa que filmes como *Priscilla, a Rainha do Deserto* (1994) e *Paris is Burning* (1990) oferecem visões de temporalidades alternativas que não se alinham com a visão dominante da vida adulta normativa.

A cultura popular, para Halberstam, é uma ferramenta poderosa para criar e difundir representações temporais alternativas. Filmes, shows e outras produções culturais oferecem visões de vidas *queer* que subvertem o modelo de vida tradicional. Ele observa que as imagens culturais de vidas *queer* apresentam temporalidades alternativas e modos de vida que desafiam as cronologias impostas pela sociedade.

Ele argumenta que “a cultura popular oferece um espaço para a subversão das normas temporais, criando imagens de vidas que não se conformam com o padrão de heteronormatividade” (HALBERSTAM, 2005, p. 27). Para Halberstam, a representação de sujeitos *queer* nos filmes e nas mídias não é apenas uma forma de visibilidade, mas uma maneira de questionar a narrativa histórica dominante sobre o tempo e a idade, criando uma nova representação do que significa viver uma vida não convencional.

No final de *In a Queer Time and Place*, Halberstam conclui que a temporalidade *queer* oferece uma maneira radical de pensar sobre o tempo, a idade e as possibilidades de viver fora da cronologia cis-heteronormativa. Ele argumenta que, ao recusar os marcos temporais convencionais, as pessoas *queer* não apenas afirmam suas identidades, mas também criam novas formas de resistência política que questionam a ordem social. Para Halberstam, viver fora do tempo normativo é uma forma de imaginar novas realidades e de desafiar as estruturas de poder que definem e controlam o curso da vida humana.

Com isso, Halberstam enfatiza a importância de um “tempo *queer*” que não apenas desafia as normas temporais, mas também permite a invenção de novas formas de subjetividade, de sociabilidade e de resistência. Ele propõe que o tempo

*queer* seja reconhecido como um campo vital para a criação de uma alternativa política e social mais inclusiva, onde as vidas não-normativas podem prosperar sem a pressão da conformidade às normas tradicionais.

Em *In a Queer Time and Place*, Jack Halberstam apresenta uma análise provocativa e original da temporalidade *queer*, desafiando as formas tradicionais de pensar o tempo e a cronologia. Seu argumento central é que as vidas *queer* vivem em um tempo fora do cronograma heteronormativo, oferecendo uma visão alternativa e subversiva das normas sociais. O autor explora as conexões entre tempo, espaço, poder e cultura, propondo que a subversão das normas temporais é uma forma de resistência política e social. Com suas reflexões sobre a liberdade, a subjetividade e a resistência *queer*, Halberstam oferece uma contribuição importante para os estudos *queer* e para o pensamento crítico sobre as normas temporais e as estruturas sociais dominantes.

### **2.1.5. Gênero segundo Butler**

Em *Problemas de gênero*, Butler argumenta que o gênero não é uma identidade fixa, mas uma série de atos performativos repetidos que constroem a ilusão de uma identidade estável. Ela se baseia na teoria dos atos de fala de Austin e na filosofia de Foucault para sugerir que o gênero é uma prática discursiva que cria e mantém a distinção entre masculino e feminino. Butler afirma que o “gênero é uma espécie de performance improvisada, uma forma de teatralidade que constitui um sentido de identidade”

Judith Butler, filósofa e teórica estadunidense, tornou-se uma das principais referências no debate contemporâneo sobre gênero, sexualidade e identidade. Sua obra, especialmente *Problemas de gênero* ([1990] 2016), propõe uma ruptura significativa com as concepções tradicionais que tratam o gênero como uma característica fixa, determinada biologicamente ou socialmente de forma estável.

Para Butler, o gênero não é uma essência natural que decorre automaticamente do sexo biológico. Ao contrário, ele é entendido como uma construção social e cultural, resultante de práticas discursivas e normas que regulam como as pessoas devem se comportar, se vestir, falar e se relacionar de acordo com expectativas historicamente definidas. Nesse sentido, o gênero não é algo que “se é”, mas algo que se faz – ou seja, é performativo.

A noção de *performatividade* é central em sua teoria. Butler utiliza o termo para indicar que o gênero não é uma expressão espontânea de uma identidade

interna, mas sim o efeito repetido de atos, gestos, falas e posturas corporais que, ao serem reiterados ao longo do tempo, criam a aparência de uma identidade estável. Assim como um papel teatral se constrói por meio da repetição de falas e ações, o gênero se estabelece por meio da repetição constante de comportamentos normativos.

Essa perspectiva também permite compreender que, como o gênero depende de repetição e normas, ele é passível de variação, contestação e subversão. Ao introduzir variações nos modos de “performar” o gênero, é possível desafiar as estruturas normativas que sustentam desigualdades e exclusões. Por isso, Butler argumenta que identidades de gênero não são fixas ou universais, mas historicamente contingentes e abertas à transformação.

Em síntese, a contribuição de Judith Butler desloca o debate sobre gênero de uma compreensão essencialista para uma concepção relacional e performativa. Seu pensamento oferece ferramentas para analisar criticamente como as normas moldam corpos e identidades, e como essas mesmas normas podem ser questionadas e transformadas por meio de práticas sociais e políticas.

### **2.1.6. Algumas considerações acerca das Teorias *Queer***

A partir das apresentações acima, pode-se notar que há divergências entre as concepções de gênero apresentadas por diferentes teóricos e teóricas *queer*. Apesar disso, pode-se observar claras semelhanças. Conforme destaca Borba,

[...] adotar uma perspectiva *queer* é, acima de tudo, ter uma visão crítica dos discursos sobre sexualidade [e gênero] que normalizam uns e marginalizam outros. O gênero é tomado como efeito de uma sofisticada maquinaria discursiva mantida por instituições como o direito, a medicina, a família, a escola e a língua, que produzem corpos-machos e corpos-fêmeas, observando outras possibilidades de estruturação das práticas generificadas e sexuais. Teóricos e teóricas *queer* têm como alvo direto de investigação e crítica a construção da [cis-]heteronormatividade, ou seja, as regras que normatizam e naturalizam a [cis-]heterossexualidade como modo “correto” de estruturar [o gênero e] o desejo. (BORBA, 2015, p. 96)

Assim, as Teorias *Queer* adotam uma concepção de gênero não essencialista, no sentido de que essa categoria não corresponde a uma característica inata dos indivíduos, ou seja, não se trata de algo que uma pessoa é. Em vez disso, o gênero é concebido como algo construído performativo-discursivamente em nossas interações e em nossos atos e estilizações corporais. Logo, para as Teorias *Queer*, o gênero é entendido como

algo que fazemos. Em outras palavras: os indivíduos não fazem e dizem a, b ou c porque são homens ou uma mulheres, eles se constituem como homens ou mulheres ao fazerem e dizerem a, b ou c.

As contribuições desses teóricos mostram que o gênero, na perspectiva *queer*, é uma construção social, performativa, política e fluida. Não é uma essência fixa, mas um campo dinâmico de práticas, discursos e tecnologias que moldam e são moldadas pelos corpos e identidades. Essa abordagem desafia as normas estabelecidas e abre espaço para uma compreensão mais inclusiva e complexa das experiências de gênero.

Embora a noção de que o gênero não é uma essência biológica, mas, sim, uma construção social e histórica já tenha sido apontada em estudos sobre gênero anteriores, as Teorias *Queer* radicalizam essa noção ao questionar também a estabilidade das identidades e os binarismos hétero/homo, masculino/feminino, homem/mulher.

## 2.2. Teorias *Queer* e a não-binariedade

De acordo com Anamarija Šporčić (2018), o termo não-binário tem ganhado visibilidade tanto na esfera pública quanto na privada, porém, ainda se trata de um termo cercado de confusão. Em uma definição direta, e talvez simplista, pessoas não-binárias seriam aquelas que cuja identidade de gênero transcende, de alguma forma, os limites da dicotomia polarizada de gênero. Com isso, o termo não-binário refere-se a um espectro abrangente de experiências de gênero que podem variar desde pessoas cujas identidades de gênero encontram-se em algum ponto entre os dois extremos do binarismo de gênero; que se identificam como homens ou mulheres em períodos diferentes; ou que não se identificam com gênero algum (COBURN et. al., 2024; MATSUNO; BUDGE, 2017; MONRO, 2019). É importante ressaltar que tal grupo pode incluir também pessoas trans e interssexuais, que, muitas vezes, embora não necessariamente, consideram-se fora do binarismo de gênero e podem identificar-se, também, como não-binárias (ŠPORČIČ, 2018), contribuindo para a confusão em torno do termo.

Conforme assinala Anamarija Šporčić (2008), o fato de pessoas não-binárias evitarem categorizações e se recusarem a existir no interior da dicotomia homem/mulher pode passar a impressão de que se trata de uma modinha moderna. No entanto, identidades de gênero que não se alinham a esse binarismo podem ser observadas em diversas culturas ao redor do mundo. Emmie Matsuno e Stephanie

Budge (2017), por exemplo, destacam a existência dos chamados “dois-espíritos”, indivíduos que são, ao mesmo tempo, homens e mulheres, presentes em diversos povos nativos norte-americanos (Navajo, Ojibwe e Apsáalooke, para citar alguns), além de outros exemplos, como os Chuckchi siberianos, os Bakla Filipinos, as Hijra indianas e os Quariwarmi, no Peru. Desse modo, “[e]m todo o mundo, há uma quantidade abundante de evidências que indicam que os seres humanos adotaram mais de duas identidades de gênero desde que a história oral e os registros escritos existem [...]”<sup>31</sup> (MATSUNO; BUDGE, 2017, p. 117).

Pode-se dizer que essas identidades incorporam como nenhuma outra os questionamentos das Teorias *Queer* apresentadas acima, uma vez que expandem os limites das performances de gênero possíveis para além do binário artificial homem/mulher.

Entretanto, não é sem consequências. Considerando que, conforme discutimos anteriormente, a matriz cis-heteronormativa vigente nas sociedades ocidentais determina que as identidades de gênero dos indivíduos devem alinhar-se a um dos extremos do binarismo homem/mulher. Isso significa que pessoas não-binárias precisam navegar pelas expectativas externas de performar o gênero de uma forma binária prescrita, ou lidar com percepções internalizadas de o que são identidades de gênero “normais” (COBURN, 2024). Por conta disso, não se conformar ao binarismo de gênero esperado em sociedades que presumem a cisgeneridade como a norma faz com que pessoas não-binárias sofram marginalização por meio de discriminações, rejeição, microagressões e estigma. A maior parte das infraestruturas sociais são voltadas para indivíduos cuja identidade de gênero corresponde a algum dos dois extremos do binarismo de gênero, como banheiros, roupas e a linguagem. Para pessoas não-binárias, essa forma limitante como o gênero é estruturado em sociedades cis-heteronormativas pode acarretar em dificuldades tanto em entender as próprias identidades quanto em conseguir que sejam socialmente aceitas e reconhecidas. De fato, dentre os efeitos da marginalização sofrida por pessoas não-binárias mencionada acima, o mais severo é a constante invisibilização que sofrem, com suas identidades de gênero sendo constantemente consideradas menos legítimas e necessitando justificação (MATSUNO; BUDGE, 2017).

---

<sup>31</sup> Worldwide, an abundant amount of evidence exists to indicate that human beings have embraced more than two gender identities for as long as oral history and written records have existed [...].

Dentre as microagregções mencionadas acima, talvez a mais importante delas seja o apagamento na linguagem e a incapacidade de expressar suas próprias identidades que dele resultam. De acordo com Šporčič (2018, p. 56), “a linguagem desempenha um papel vital em como quem não se encaixa na norma, seja de gênero ou qualquer outra, são percebidos dentro do imaginário cultural”<sup>32</sup>. De fato, em um experimento conduzido por Semenuks et. al. (2017), foi observado que o gênero gramatical das línguas afeta a forma como os objetos são conceitualizados, de modo que a informação de gênero é central nas representações mentais das pessoas.

Hord (2016) destaca a experiência de falantes trans e não-binários ao tentar expressar suas identidades de gênero utilizando sistemas linguísticos gramaticalmente generificados. Em seus relatos, as pessoas entrevistadas apontam que a natureza generificada dessas línguas torna extremamente difícil que seus falantes sejam sequer capazes de conceber ou aceitar o conceito de identidades de gênero que não se encaixam em algum dos extremos do binário. Assim, dada a forma binária como as línguas gramaticalmente generificadas são estruturadas, pessoas não-binárias se deparam com obstáculos consideráveis ao buscar performar suas identidades de gênero discursivamente ou tê-las reconhecidas, visto que “[...] precisam viver os seus gêneros no interior de um rígido sistema de significação que se recusa a reconhecê-las no discurso ou no pensamento”<sup>33</sup> (HORD, 2016, n.p.). Com isso, a luta pelo reconhecimento na linguagem configura-se como uma das principais pautas defendidas por pessoas não-binárias. No capítulo seguinte, essa questão com maiores detalhes.

---

<sup>32</sup> Language plays a vital role in how those who do not fit the norm, be it a gender one or any other, are perceived within the cultural imagination.

<sup>33</sup> must live their genders within a stark system of signification that refuses to recognize them in speech or thought.

### 3. Linguagem e gênero

As relações entre linguagem e gênero têm sido objeto de estudo na linguística já faz algumas décadas. No entanto, até a década de 1990, tal estudo desenvolveu-se principalmente a partir de três arcabouços teóricos principais: o modelo do déficit, o da dominância e o da diferença (OSTERMANN, 2003).

De acordo com o modelo do déficit, o estilo de fala das mulheres seria deficiente em alguns aspectos importantes, quando comparado ao dos homens, e, ao ser imposto às mulheres, torna-se mais um ponto de desvantagem (CAMERON, 2006b). Tal perspectiva pode ser observada no artigo “Linguagem e lugar da mulher” ([1973] 2010), no qual Robin Lakoff busca descobrir o que o uso da linguagem pode nos dizer sobre a natureza e a extensão das desigualdades entre homens e mulheres. Por meio de uma análise de diversos exemplos, a autora argumenta que mulheres vivenciam a discriminação de duas maneiras: na forma como são ensinadas a usar a linguagem e nos modos como os usos da língua de modo geral as tratam. Segundo Lakoff, ambas essas maneiras tendem

“[...] a relegar as mulheres a certas funções subservientes: aquelas de objeto sexual, ou servil, e, portanto, certos itens lexicais têm um significado quando aplicados aos homens e outro, às mulheres, constituindo uma diferença que não pode ser prevista, exceto com a referência aos diferentes papéis que os sexos desempenham”. (LAKOFF, [1973] 2010, p. 14)

Por sua vez, o modelo da dominância coloca questões de poder como um fator central nas discussões sobre gênero e linguagem. West e Zimmermann ([1987] 2010), por exemplo, analisam interações entre homens e mulheres focando nas interrupções entre os participantes. Após constatarem que os homens tendem a interromper as mulheres com uma frequência consideravelmente maior do que o inverso, os autores argumentam que as interrupções não são aleatórias quando relacionadas à categoria social do gênero. Em vez disso, o fato de as mulheres estarem sujeitas a interrupções com mais frequência do que homens em conversas entre pessoas de diferentes sexos não apenas indica um diferencial de poder, mas também o constitui. Em outras palavras: “A assimetria na iniciação da interrupção é [...] um meio de ‘fazer’ poder em interações face a face, na medida em que o poder está implicado no que significa ser um homem em relação a uma mulher, e também é um meio de ‘fazer’ gênero” (WEST; ZIMMERMANN, [1987] 2010, p. 65). Logo, essa corrente defende que o status inferior atribuído ao estilo de fala das mulheres é decorrente da dominação social destas por parte dos

homens e busca demonstrar como as mulheres têm um espaço menor e menos significativo no piso conversacional em relação aos homens (OSTERMANN, 2003).

Por fim, a abordagem da diferença argumenta que as maneiras de falar distintas entre homens e mulheres são resultado de processos de socialização diferentes que têm início durante a infância. Representado em obras como o livro *You Just Don't Understand: Women and Men in Conversation* (1991), de Deborah Tannen, essa abordagem tende a tratar essas duas maneiras diferentes de falar como igualmente válidas, e, uma vez que homens e mulheres passem a enxergar os seus problemas comunicativos como resultado de uma variação cultural sistemática, eles seriam capazes de coexistir de forma mais harmônica (CAMERON, 1992).

Com o passar dos anos, essas abordagens foram alvo de diversas críticas, seja pelo seu foco primário em procurar por uma diferença entre homens e mulheres que pode ter enviesado os seus métodos analíticos e seus achados, ou pelo binarismo “estilo masculino” e “estilo feminino” no qual costumam se concentrar (OSTERMANN, 2003). Contudo, a ideia de que a linguagem molda as nossas representações e contribui para manter o gênero, enxergado como uma relação de dominação e uma ferramenta para estabelecer categorias binárias e hierarquias, presentes em muitas dessas pesquisas, ainda permeiam as discussões sobre linguagem e questões de gênero.

Apesar das críticas, o que essas pesquisas, e inúmeras outras que se seguiram, demonstram é que há uma relação intrínseca entre os usos que fazemos da linguagem e diversos tipos de opressão, e algo precisa ser feito em relação ao apagamento e à marginalização promovidos pela linguagem. De fato, a linguagem não-sexista tem sido defendida por grupos feministas há décadas, com alguns manuais para o seu uso tendo existido desde o início da década de 1970 (CAMERON, 2006a). Conforme assinala Niklison (2020), tais manuais de linguagem não-sexista concentram-se no uso do masculino genérico e sustentam que, “[...] quando se utiliza a flexão de gênero masculina para referir-se a grupos mistos ou nos quais se desconhece o gênero das partes [...], se invisibiliza a mulher” (NIKLISON, 2020, p. 16)<sup>34</sup>.

---

<sup>34</sup> cuando se utiliza la flexión de género masculina para referirse a grupos mixtos o en los que se desconoce el género de las partes [...] se invisibiliza a la mujer.



Mais recentemente, as demandas por uma linguagem não-sexista ou por uma linguagem inclusiva expandiram-se para além do feminismo e passaram a compor também as pautas de movimentos LGBTQIAPN+. No entanto, as propostas iniciais de linguagem não-sexista foram criticadas devido ao fato de que, apesar de visibilizarem as mulheres, ainda sustentam a invisibilização de indivíduos cuja identidade de gênero não se enquadra no binário homem/mulher (NIKLISON, 2020).

Voltando-nos ao contexto espanhol, o debate acerca da linguagem inclusiva tem sido objeto de atenção já há muitos anos por destacar o sexismo, o androcentrismo e o domínio do patriarcado. Porém, intensificou-se no mundo hispânico quando a então vice-presidenta do governo espanhol, Carmen Calvo, solicitou formalmente ao congresso a adequação da Constituição do país a uma linguagem inclusiva que contemplasse as mulheres, em julho de 2018, e informou que havia solicitado também um parecer à Real Academia Española (RAE) sobre a questão (BOLÍVAR, 2019).

A proposta de Carmen Calvo enfrentou fortes reações entre os membros da RAE, como a ameaça do acadêmico e escritor Arturo Pérez-Reverte de retirar-se da academia, caso aprovassem as mudanças na Constituição, ou a publicação no jornal *El País* que apresentou a questão como um assunto diretamente político ao associar a proposta da vice-presidenta a partidos de esquerda<sup>35</sup> (BOLÍVAR, 2019).

Conforme assinala Salazar (2022), o parecer solicitado por Calvo foi publicado no ano de 2020 e é composto de três partes: a primeira seria o informe sobre o uso da linguagem inclusiva na Constituição espanhola; a segunda expõe a posição da RAE em relação ao sexismo linguístico e o masculino genérico; e a terceira é composta por respostas às perguntas sobre questões de gênero feitas ao departamento “Espanhol al día” através do Twitter e por uma relação de emendas feitas ao *Diccionario de la lengua española* em relação à linguagem não-sexista e à imagem das mulheres. Em seu parecer, a RAE posicionou-se contra as alterações na Constituição propostas por Carmen Calvo, argumentando que a linguagem na qual foi escrita é clara e inteligível e que não apresenta problemas para ser interpretada e acomodada ao contexto social atual (SALAZAR, 2022). Além disso, o informe reapropria o termo “linguagem inclusiva” para referir-se ao

---

<sup>35</sup> Curiosamente, em 2021, esse mesmo periódico publicou uma matéria de autoria de Paloma Chen sobre tradutores que se utilizam de linguagem inclusiva em textos nos quais estão presentes personagens que não se enquadram no binário masculino/feminino sem apagar essa característica de suas identidades. A matéria pode ser encontrada no link: [https://verne.elpais.com/verne/2021/01/12/articulo/1610438571\\_442540.html?event\\_log=go](https://verne.elpais.com/verne/2021/01/12/articulo/1610438571_442540.html?event_log=go).

gênero gramatical masculino e reforçar a ideia de que o masculino genérico é a forma não marcada de referir-se aos indivíduos, principalmente quando associado ao plural, e que, sendo assim, o seu uso na Constituição não invisibiliza as mulheres (SALAZAR, 2022).

Apesar de o informe concentrar-se especificamente no uso da linguagem inclusiva como uma maneira de visibilizar as mulheres, o posicionamento da RAE estende-se também às estratégias que visam apagar o gênero gramatical mencionadas anteriormente. Em sua análise das respostas da RAE às perguntas dos falantes sobre questões de gênero na linguagem fornecidas por meio da sua conta do Twitter @RAEinforma, Niklison (2020) aponta que há uma clara rejeição por parte dessa instituição a esse fenômeno em surgimento. Esse não reconhecimento da linguagem inclusiva, por sua vez, contribui para a rejeição desta por parte de uma boa parcela da população, que se utiliza do posicionamento da RAE para corroborar a sua oposição ao uso e disseminação dessa linguagem.

O que esses contextos demonstram é que os discursos sobre as linguagens inclusiva e não-sexista são marcados por questões sociais e políticas que vão além da língua em si. Assim como ativistas feministas e LGBTQIAPN+ lutam pelo uso de linguagens inclusivas como forma de gerar visibilidade e combater o seu apagamento e marginalização na sociedade, conservadores irão se opor a essas mudanças por enxergá-las como uma ameaça a sua posição de privilégio. Assim, espera-se que o uso dessas linguagens inclusivas encontre um certo nível de resistência e rejeição por parte da população.

Sendo assim, a demanda dos movimentos sociais feministas e LGBTQIAPN+ em relação ao uso da língua moveu-se da exigência por uma linguagem não-sexista que visibilizasse as mulheres para a exigência por uma linguagem inclusiva que contemple identidades de pessoas travestis, transsexuais e não-binárias.

### **3.1. Linguagens inclusivas**

Na presente pesquisa, nos alinhamos à definição de linguagem inclusiva conforme proposta por Pagán, para quem a linguagem inclusiva

- a) é uma escolha consciente de usar uma série de estratégias linguísticas que evitem os vieses excludentes que se acumularam ao longo dos séculos no uso da linguagem; e b) é uma adoção consciente de medidas corretivas que podem incluir algumas reformas gramaticais, a invenção de novos termos, etc., a partir de uma atitude de acolhimento e aceitação de novas identidades, novas diversidades, novas

perspectivas, novas maneiras de sentir e viver que desafiem o status quo herdado. (PAGÁN, 2020, p. 18)<sup>36</sup>

Para a autora, a linguagem inclusiva é uma ferramenta que pode nos ajudar a avançar com passos mais firmes rumo a criação de um mundo mais justo, sem violência exercida contra pessoas devido a seus corpos, identidades e desejos. A ideia não seria apenas eliminar a discriminação existente ou criar textos isentos de discriminação, mas, sim, sobretudo, criar uma linguagem mais includente, diversa e libertadora. Pagán reconhece que as palavras, por si só, não são capazes de libertar as pessoas, porém, elas podem “[...] ajudar as pessoas a imaginar, recordar, sonhar e construir essa liberdade” (PAGÁN, 2020, p. 18)<sup>37</sup>.

Antes de voltarmos nossa atenção aos tipos de linguagem inclusiva propostos para lidar com as especificidades do gênero nessas línguas, é importante que entendamos que formas o gênero pode assumir nelas.

Quando falamos em gênero nas línguas, elas podem ser classificadas em três tipos: aquelas com gênero nocional; as gramaticalmente generificadas; e as línguas sem gênero. No primeiro caso, o gênero é expressado principalmente por meio de pronomes e apenas algumas vezes por substantivos, sendo estes em referência, principalmente, a termos de parentesco ou profissões. Exemplos relevantes de línguas com gênero nocional para a presente pesquisa seriam o inglês e o japonês. Por sua vez, em línguas gramaticalmente generificadas, os substantivos possuem um gênero cuja designação é baseada principalmente em critérios formais (LARDELLI; GROMANN, 2023) e a concordância nominal é exigida, ou seja, as palavras associadas aos substantivos, como artigos e adjetivos, devem ser flexionadas de modo a refletir o gênero do substantivo. No caso da presente pesquisa, línguas gramaticalmente generificadas seriam o português, o espanhol e o alemão. Já nas línguas sem gênero, esse não é expresso, com algumas raras exceções, geralmente nos termos de parentesco. O chinês e o finlandês seriam exemplos de línguas sem gênero.

### 3.1.1. Linguagem e gênero no inglês

---

<sup>36</sup> a) es una opción consciente a favor del uso de una serie de estrategias lingüísticas que evitan los sesgos de exclusión que se han ido acumulando a lo largo de los siglos en el uso del idioma; y b) es una adopción consciente de medidas correctoras que pueden incluir algunas reformas gramaticales, invención de términos nuevos, etc., desde una actitud de acogida y aceptación de nuevas identidades, nuevas diversidades, nuevas perspectivas, nuevas maneras de sentir y de vivir que desafían el statu quo heredado.

<sup>37</sup> [...] ayudar a muchas personas a imaginar, recordar, soñar y construir esa libertad.

A partir da descrição das diferentes formas nas quais o gênero pode se manifestar nas línguas, algo fica imediatamente bastante claro; os desafios para criar linguagens de gênero neutro variam drasticamente, com algumas delas tendo que lidar principalmente com a questão dos pronomes, outras precisam lidar com desinências etc.; enquanto algumas sequer precisam preocupar-se com isso. Obviamente, tais desafios irão refletir-se nas estratégias adotadas ao desenvolver as linguagens de gênero neutro para essas línguas.

Em línguas de gênero nocional, por exemplo, o principal obstáculo está em seus pronomes, sendo a maior parte dos esforços destinados a encontrar alternativas de gênero neutro que possam servir de substituto. No inglês, a forma mais difundida de lidar com tal obstáculo é o emprego dos pronomes da terceira pessoa do plural “*they/them*” no singular como substitutos dos pronomes “*he/him*” e “*she/her*” quando se referindo a pessoas não-binárias ou quando o gênero da pessoa da qual se fala é desconhecido. Apenas o uso de um pronome de gênero neutro, contudo, não basta, visto que ainda há o problema dos substantivos generificados. Uma solução que tem sido empregada para resolver tal problema é a remoção total de referências de gênero da linguagem (LARDELLI; GROMANN, 2023). Por exemplo, a adoção de termos como “*chairperson*”, “*firefighter*” e “*police officer*” como substitutos para “*chairman*”, “*fireman*” e “*policeman*”, respectivamente, de modo a incluir mulheres e pessoas não-binárias; ou o emprego de palavras que antes eram consideradas masculinas para se referir a pessoas de todos os gêneros, essencialmente transformando-as em substantivos uniformes, como o abandono da palavra “*actress*” em favor do uso da palavra “*actor*”.

### 3.1.2. Linguagem e gênero no português e no espanhol

O mesmo não pode ser dito das línguas gramaticalmente generificadas. Manter o gênero neutro nelas requer estratégias que deem conta não apenas dos pronomes, mas também dos substantivos – que tendem a ser, em sua maioria, generificados nessas línguas –, dos artigos e das desinências de gênero presentes nas palavras relacionadas aos substantivos nas orações.

No caso das línguas portuguesa e espanhola, o gênero tende a ser indicado pelas vogais -o (masculino) e -a (feminino). Devido a esse fator, as tentativas de criar linguagens inclusivas de gênero nessas línguas buscam lidar com essas desinências de gênero. Inicialmente, dupletos foram empregados como forma de

evitar o masculino genérico e incluir as mulheres, formando construções como “os/as alunos/as” (ou no caso do espanhol, “los/las alumnos/as”). Contudo, conforme observa Katie Slempp (2021), esses dupletos tendem a ser de difícil manejo na escrita, fazendo com que o caractere -@ eventualmente passasse a ser utilizado em seu lugar. Segundo a autora,

Nas últimas décadas, uma forma de representar a linguagem inclusiva de gênero tem sido o símbolo @, que denota terminações masculinas e femininas (-o e -a), ou melhor, variações masculinas e femininas de substantivos animados com referentes humanos. Por exemplo, um corpo estudantil poderia ser chamado de l@s alumn@s [...], que normalmente seria pronunciado com o duplete los alumnos y las alumnas [...], mas também poderia ser pronunciado como los alumnos [...], porque o símbolo @ não tem um som facilmente definido. (SLEMP, 2021, p. 62)<sup>38</sup>

O mesmo pode ser observado na língua portuguesa, com o -@ substituindo as desinências de gênero em palavras como “aluno/aluna”, fazendo com que sejam escritas como “alun@”.

Os dupletos e o caractere -@ cumprem de forma satisfatória o objetivo de incluir as mulheres nos discursos escritos de uma maneira que o masculino genérico não era capaz. No entanto, tais alternativas ainda encontram-se restritas ao binarismo de gênero, de modo que, pessoas que não se alinham a nenhum dos extremos do binário homem/mulher não são contempladas e, conseqüentemente, continuam apagadas pela língua, incapazes de expressar suas identidades.

A natureza binária dos dupletos e do -@ gerou uma série de críticas que, eventualmente, levou a uma nova maneira de expressar a inclusividade, na forma do uso do grafema -x (SLEMP, 2021). Essa nova linguagem inclusiva passou a ser utilizada no discurso escrito como uma alternativa não generificada que, essencialmente, risca ou elimina as desinências de gênero (MILIAN, 2017). De modo geral, funcionam de forma semelhante ao uso do -@, com o grafema -x tomando o lugar das desinências de gênero. Assim, palavras como “alumnos/alumnas” ou “alunos/alunas” assumiriam as formas “alumnxs” e “alunxs” respectivamente. O uso do -x, contudo, diferencia-se do caractere -@ pelo fato de ser uma alternativa que, em vez de incluir o masculino e o feminino simultaneamente, elimina-os por completo ao apagar suas desinências.

---

<sup>38</sup> In recent decades, one way to represent gender-inclusive language has been the symbol @ which denotes both masculine and feminine endings (-o and -a), or rather male and female variations of animate nouns with human referents. For example, a student body could be referred to as l@s alumn@s [...], which would normally be pronounced with a doublet los alumnos y las alumnas [...], but could also be pronounced as los alumnos [...] because the @ symbol does not have an easily defined sound.

Tal proposta cumpre sua função como uma alternativa de gênero neutro em textos escritos, além de servir como uma crítica à centralidade do gênero na neutralidade ou fluidez do gênero (DEGUZMÁN, 2017), além de chamar atenção a um problema que até então, era pouco discutido. Segundo Borba e Lopes,

No nível sistêmico, o X faz mais que desafiar a institucionalização do masculino genérico. Sua ousadia está em perturbar a norma, dobrá-la sobre si e desessencializar um aspecto linguístico fortemente naturalizado; numa visada derridiana, o X apaga a relação especular entre realidade, oralidade e escrita e desafia a primazia da episteme fonofalocêntrica da ciência linguística e do senso comum. (BORBA; LOPES, 2018, p. 259)

Porém, ela apresenta uma deficiência crucial pelo fato de não poderem ser facilmente incorporada na fala devido à dificuldade de pronunciar as palavras com o -x no lugar das desinências de gênero. Uma vez que a difusão pela fala é crucial para a consolidação de mudanças na língua, uma alternativa precisava ser encontrada.

Levando em conta esses fatores, propostas mais recentes de linguagem inclusiva têm buscado considerar a possibilidade de incorporação no discurso falado. Como resultado, tanto o português brasileiro quanto o espanhol passaram a adotar as vogais -e, no caso do espanhol, e as vogais -e e -u, no caso do português, como substitutas das desinências de gênero masculinas e femininas.

Para esclarecer, a incorporação do grafema e como um sufixo de gênero não abertamente marcado para evitar as marcações de gênero explícitas -o e -a é uma inovação que imita substantivos e adjetivos existentes em espanhol (por exemplo, *estudiante* [...], *inteligente* [...]). Substantivos e adjetivos que normalmente são abertamente marcados são modificados pela incorporação de -e (*amigo* MASC.SG torna-se *amigue* NEUT.SG, *pequeno* MASC.SG torna-se *pequeño* NEUT.SG). (SLEMP, 2021, p. 63)<sup>39</sup>

Assim palavras como “*elu*”, “*bonite*” e “*professorus*” passaram a ser utilizadas como alternativas de gênero neutro em português; enquanto “*elle*”, “*hermose*” etc. cumprem esse papel no espanhol.

É importante ressaltar, no entanto, que outros recursos podem ser empregados nessas línguas para não designar um gênero às pessoas. Por exemplo, em ambas as línguas, há a possibilidade de formar orações com sujeito oculto, de maneira que elipses possam servir como forma de recuperar um referente no

---

<sup>39</sup> To clarify, the incorporation of the grapheme e as a not overtly marked gender suffix to avoid the overt gender markings -o and -a is an innovation that mimics existing nouns and adjectives in Spanish (e.g., *estudiante* [...], *inteligente* [...]). Nouns and adjectives that are normally overtly marked are modified by the incorporation of -e (*amigo* MASC.SG becomes *amigue* NEUT.SG, *pequeno* MASC.SG becomes *pequeño* NEUT.SG).

discurso sem que um gênero seja associado à pessoa da qual se fala, reduzindo a necessidade do uso de um pronome de terceira pessoa. No caso do espanhol, artigos podem ser evitados antes de nomes próprios, eliminando mais uma instância de uso de palavras generificadas ao se referir a pessoas.

### 3.1.3. Linguagem e gênero no alemão

Conforme apontam Lardelli e Gromann (2023), há quatro abordagens para uma linguagem de gênero neutro no alemão: a reformulação de sentenças para evitar o uso de elementos generificados e o uso de substantivos de gênero neutro; o uso dos chamados caracteres de gênero neutro; o uso de novos sufixos de gênero neutro; e a introdução de um quarto gênero através de novos pronomes ou sufixos para cada classe de palavras. Estes últimos são particularmente relevantes para a presente pesquisa, visto que é a forma de linguagem inclusiva adotada na tradução alemã de *Houseki no kuni*.

A primeira abordagem para uma linguagem de gênero neutra envolve a construção de sentenças de forma a evitar a marcação de gênero. Segundo Lardelli e Gromann (2023), isso pode ser feito no alemão de quatro maneiras diferentes: (1) pela construção de substantivos no coletivo e no singular utilizando-se de terminações e composições específicas. Alguns exemplos fornecidos pelos autores são as terminações *-kraft*, *-ung*, *-hilfer*, *-person*, *-berechtigte*, observadas, entre outras, nas palavras *“lehrkraft”* (corpo docente) ou *“fachperson”* (especialista); (2) pela referência a funções e instituições em vez de pessoas, assim como o uso de substantivos de gênero neutro, como *“person”*, *“mitglied”* (membro), *“mensch”* (humano), *“ministerium”* (ministério), *“leitung”* (direção), *“team”*; (3) pela construção plural de substantivos por meio da nominalização do particípio presente, como *“studierende”* (estudantes), *“Lehrende”* (professores); (4) pela utilização do infinitivo e da voz passiva para evitar referências ao gênero.

A segunda abordagem refere-se ao uso de caracteres como *“\*”, “\_”, “:”* ou *“/”* para separar o radical das palavras e/ou os substantivos masculinos das terminações femininas, de modo a tornar ambos os gêneros visíveis. Segundo Lardelli e Gromann (2023), esses caracteres devem ser pronunciados como uma pausa na fala, e seu uso requer certa criatividade. Assim, substantivos como *“student/studentin”* (aluno/aluna) passariam a ser escritas como *“student\*in”* ou *“student\_in”*, por exemplo. A mesma estratégia se aplica a outras classes de palavras, como pronomes pessoais, pronomes possessivos e artigos, fazendo com

que palavras como “*sie/er*” (ela/ele), “*ihre/seine*” (dela/dele), “*die/der*” (a/o)” sejam escritas como “*sie\*er*”, “*ihre\*seine*” e “*die\*er*” ou “*di\*er*”, respectivamente.

Assim como os dupletos e o caractere -@ no português e no espanhol, o uso desses caracteres é capaz de incluir e visibilizar as mulheres na linguagem e evitar o apagamento causado pelo uso do masculino genérico. No entanto, tais alternativas ainda encontram-se restritas ao binarismo homem/mulher, de maneira que, pessoas que não se identificam com nenhum dos extremos desse binário permanecem apagadas.

A terceira abordagem descrita por Lardelli e Gromann (2023), por outro lado, procura dar conta desses indivíduos ou de cenários nos quais o sexo/gênero do referente é desconhecido ou irrelevante. Sua execução assemelha-se ao uso de caracteres de gênero, porém, nesse caso, envolve a substituição das terminações masculinas e femininas por caracteres tipográficos ou novas terminações de gênero neutro, que serão, então, anexadas ao radical do verbo, enquanto terminações neutras serão anexadas ao radical do substantivo para formar substantivos. Alguns exemplos dessa estratégia seriam o uso dos caracteres -x e “\*”, ou das terminações -ex e -ens. Com isso, formam-se substantivos como “*studierx*” e “*studierxs*”, artigos como “*dix*” ou “*ein\**”, pronomes como “*xes*” ou “*einens*” etc.

Por fim, a última abordagem diz respeito ao desenvolvimento de um sistema gramatical completamente novo para introduzir um quarto gênero, que irá complementar o masculino, o feminino e o neutro, com o objetivo de visibilizar pessoas não-binárias. Em seu artigo, Lardelli e Gromann apresentam alguns exemplos de abordagens desse tipo, porém, para a presente pesquisa, nos interessa apenas a proposta por Anna Heger, baseada no uso do pronome “*xier*”, uma vez que é aquela que foi adotada pela editora MangaCult, responsável pela publicação da tradução alemã de *Houseki no kuni*. Em seu ensaio intitulado *Juwelensprache*, publicado no site Tralalit, sua tradutora, Verena Maser, explica os motivos de ter escolhido essa linguagem inclusiva. Segundo ela,

“Xier” também é praticamente a única opção na lista que possui uma declinação completa, tanto como pronome quanto como pronome possessivo. Isso se baseia na declinação de “er”, que, embora às vezes criticada, também significa que a palavra é mais facilmente reconhecida pelo público como um pronome. Por último, mas não menos importante, o aspecto estético também falou a favor de “xier”: a terra das joias é caracterizada por uma linha fina, porém angular, e, como é da natureza



das joias, elas frequentemente se quebram. Nesse sentido, o "x" pareceu muito adequado ao caráter da obra como um todo. (MASER, 2019, n.p.)<sup>40</sup>

Entraremos em maiores detalhes quanto ao funcionamento do pronome quando nos debruçarmos sobre a análise da tradução alemã na seção 7.1.4.

### 3.2. Obstáculos à implementação das linguagens de gênero neutro

Em seu texto *Words of change: The increase of gender-inclusive language in German media* (2024), Ana Waldendorf enumera três fatores que contribuem para a dificuldade em incorporar uma linguagem inclusiva de gênero em nossa fala cotidiana. O primeiro desses fatores diz respeito aos desafios cognitivos envolvidos no uso dessas linguagens. Conforme assinala a autora, o uso que fazemos da linguagem é automático: quando queremos dizer algo, acessamos o nosso repertório linguístico sem que realmente pensemos a respeito de quais palavras usar ou como dizer (embora, dependendo do contexto, a escolha das palavras e formulação das sentenças seja uma escolha deliberada). Isso não acontece quando queremos utilizar uma linguagem inclusiva de gênero, pois é preciso parar de utilizar a língua de forma automática e passar a pensar nas palavras que utilizaremos e em como formularmos as nossas sentenças. “Isso faz com que o uso da linguagem inclusiva de gênero seja desafiador – ele requer a repetida adaptação de um processo automático”<sup>41</sup> (WALDENDORF, 2024, p. 360). Contudo, acho importante ressaltar que, embora esse processo seja, de fato, desafiador inicialmente, com o tempo ele se naturaliza, tornando-se cada vez mais fácil.

O segundo fator destacado por Waldendorf refere-se ao contexto antagonístico às mudanças linguísticas de modo geral e às linguagens inclusivas de gênero especificamente. Intervenções como essas na língua frequentemente encontram forte resistência por parte de setores mais conservadores da sociedade. Em estudo publicado em 2018, Borba e Lopes investigam os discursos que o apagamento do gênero gramatical provocou na mídia e em instituições de ensino.

---

<sup>40</sup> „Xier“ ist außerdem fast die einzige Option in der Liste, die über eine komplette Deklination verfügt, und das sowohl als Pronomen als auch als Possessivpronomen. Diese ist angelehnt an die Deklination von „er“, was zwar teils kritisiert wird, gleichzeitig aber auch bedeutet, dass das Wort vom Publikum leichter als Pronomen erkannt werden kann. Last but not least sprach auch der ästhetische Aspekt für „xier“: Das Land der Juwelen zeichnet sich durch einen feinen, aber kantigen Strich aus und wie es die Natur von Juwelen ist, zerbrechen diese auch häufig. Insofern schien mir das „x“ sehr passend für den Charakter des Werkes als Ganzes.

<sup>41</sup> This makes using gender-inclusive language cognitively challenging- it requires the repeated adaption of an automatic process.

Concentrando-se sobre o uso da palavra “presidenta” pela então presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, como forma de feminizar um cargo historicamente ocupado apenas por homens e no uso da letra “x” como forma de apagar o gênero gramatical por professores do Colégio Pedro II e durante um evento na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), o estudo demonstra que intervenções na linguagem engendram discursos higienistas que buscam defender a pureza da língua. Em um estudo posterior, Paz, Pelúcio e Borba (2020) debruçam-se novamente sobre as intervenções acima e analisam como essa guerrilha linguística travada em torno das questões de gênero no Brasil contemporâneo ganhou visibilidade no espaço público ao longo dos anos, sendo utilizado pela extrema direita para gerar um pânico moral e, com isso, contribuindo para a eleição de Jair Bolsonaro à presidência do Brasil em 2018.

Voltando-nos ao contexto alemão, pode-se observar algumas semelhanças com o contexto brasileiro. Ao analisar os discursos em torno do uso de linguagem não-sexista, Jutta Hergenhan (2022) observa que o debate público em torno dessa questão tem-se desenvolvido em meio a um contexto de tensão entre, por um lado, o aumento da visibilidade e da aceitação da diversidade de gênero na sociedade e, por outro, pela intensificação do ativismo antifeminista e anti-gênero. Por um longo tempo, o uso de linguagem não-sexista permaneceu limitado a instituições públicas e ao discurso político sem ser adotado pelo público em geral ou pela mídia, permanecendo, assim, em grande parte ignorado pelos falantes da língua. Esse cenário viria a mudar apenas na década de 2010, quando membros da Nova Direita utilizaram-se de sua oposição a essa linguagem como uma de suas principais pautas. Conforme assinala Hergenhan, a partir desse momento, pessoas dos meios científicos, cultural e político passaram a se posicionar contra ou a favor do seu uso, de modo que “[...] a entrada da AfD<sup>42</sup> no parlamento federal alemão no outono de 2017 e a demanda pela revogação do uso de linguagem não-generificada desempenhou um papel considerável em trazer esse tópico ao primeiro plano do debate público” (HERGENHAN, 2020, p. 88).

De modo semelhante ao que ocorre no contexto brasileiro, os debates em torno da linguagem não-sexista na Alemanha utilizam a palavra gênero como um termo genérico para condenar pesquisas em gênero e políticas sobre gênero, a liberalização da sexualidade como uma ideologia perigosa assim como a ideia de que a ideologia de gênero busca favorecer mulheres e minorias sexuais e ameaçar

---

<sup>42</sup> Sigla para “*Alternative für Deutschland*”, partido de extrema direita alemão.

a ordem natural do binarismo de gênero e da família tradicional. Em ambos os contextos, a oposição às guerrilhas linguísticas (BORBA; LOPES, 2018) em torno do uso da língua foram utilizadas pela direita como forma de se alavancar politicamente.

O terceiro fator abordado por Waldendorf refere-se às variantes conflitantes. Segundo a autora, a existência de múltiplas variações de linguagens inclusivas de gênero representa um desafio tanto pelo ponto de vista cognitivo, uma vez que isso significa que quem quiser utilizar tais linguagens precisaria estar familiarizado com não apenas uma, mas múltiplas linguagens inclusivas diferentes, o que pode sobrecarregar falantes de uma língua, quanto pelo ponto de vista da coordenação, dado que essa é fundamental para garantir a compreensão mútua (WALDENDORF, 2024). De fato, conforme aponta a autora, tanto a diversidade das linguagens inclusivas de gênero quanto a subsequente falta de coordenação quanto a qual delas utilizar são frequentemente utilizadas como justificativa contra a sua utilização e reconhecimento. Conforme assinala, “o Conselho Ortográfico Alemão também justificou não endossar um tipo específico de LIG<sup>43</sup> ao enfatizar a importância de ‘garantir a uniformidade da língua escrita no mundo germanófono’[...] (Rat für deutsche Rechtschreibung, 2021)”<sup>44</sup> (WALDENDORF, 2024, p. 361).

Apesar do cenário pouco provável, ao voltar sua atenção para diferentes jornais na Alemanha, Waldendorf (2024) observa que houve um súbito e acelerado aumento no uso de linguagens inclusivas de gênero em suas publicações sem que nenhum gatilho para tal mudanças pudesse ser claramente apontado. A autora sugere que tal aumento pode ter sido uma mudança que partiu de baixo para cima e foi, posteriormente, reconhecida e fortalecida no topo. Waldendorf corrobora tal afirmação citando o fato de que as decisões dos jornais de apoiar o uso de linguagens inclusivas de gênero foram publicadas após o aumento no uso de tais linguagens passar a ser visível. Além disso, a inconsistência em relação ao uso de linguagens inclusivas de gênero no nível dos artigos sugere que estes não são editados antes da publicação para que reflitam um posicionamento desejado.

É importante ressaltar, no entanto, que esse aumento no uso de linguagens inclusivas de gênero não se deu de maneira uniforme. Conforme observa

---

<sup>43</sup> Tradução da abreviação “GIL”, “gender inclusive language”, utilizada no texto.

<sup>44</sup> The German Orthographical Council has also justified not endorsing a specific type of GIL by emphasising the importance of ‘ensuring uniformity of the written language in the German-speaking world’ (Rat für deutsche Rechtschreibung, 2021).

Waldendorf, tanto a frequência quanto o tipo de linguagem utilizada varia quando marcadores como gênero e orientação política dos jornais são levados em consideração. Linguagens inclusivas de gênero são muito mais comuns em jornais que apresentam um posicionamento político de esquerda, enquanto jornais com inclinações de direita têm uma tendência maior a utilizar o masculino genérico. Ademais, Waldendorf demonstra, também, que as tendências políticas dos jornais influenciam em qual linguagem inclusiva de gênero será utilizada, com jornais de esquerda empregando aquelas consideradas mais radicais. Em relação ao gênero, Waldendorf aponta que as linguagens inclusivas de gênero são utilizadas mais frequentemente por mulheres.

Considerando a forte rejeição à qual a linguagem inclusiva está sujeita, é de se esperar que uma tradução do mangá *Houseki no kuni* que a utilize como estratégia tradutória para manter a não-binariedade de gênero de les personagens provavelmente não será bem recebida pelo público leitor. No capítulo seguinte, faremos uma apresentação da obra de Ichikawa, focando principalmente no tratamento dado ao gênero de les personagens.

#### 4. *Houseki no kuni* e o problema da tradução

Antes de prosseguir, é importante apresentar o objeto de pesquisa sobre o qual irei me debruçar. *Houseki no Kuni* é uma série em mangá *seinen* (mangás voltados para o público adulto, com temáticas mais maduras) classificada como ficção científica escrita e ilustrada por Haruko Ichikawa, e publicada pela editora Kodansha entre o período de outubro 2012 e abril de 2024.

A trama situa-se em um mundo pós-apocalíptico milhares de anos após os seres humanos deixarem de existir devido a uma série de desastres naturais que reduziram o território habitável do planeta a uma pequena ilha. Com o passar do tempo, a ilha passou a ser povoada por formas de vida minerais antropomórficas e pelo enigmático *sensei* (mestre) Kongo. As gemas encontram-se em um conflito sem fim com os lunários, habitantes das luas que orbitam o planeta e que descem periodicamente para tentar raptá-las. A história acompanha a protagonista Fosfofilita<sup>45</sup> após ela ser incumbida de compilar uma enciclopédia de história natural. Em meio à sua dificuldade em cumprir tal tarefa, Fosfofilita procura a ajuda de Cinábrio e descobre sobre o seu isolamento devido à sua condição que impede o contato com as demais gemas. Após prometer encontrar-lhe um propósito, Fosfofilita parte em uma busca que abalará suas convicções e fará com que passe a questionar tudo o que acreditava saber sobre o *sensei* e os lunários.

Na primavera de 2017, *Houseki no Kuni* ganhou grande notoriedade entre os fãs de quadrinhos japoneses no Ocidente devido à sua premissa peculiar e à sua adaptação em anime que foi sucesso de público e crítica. Todavia, uma de suas características que mais se destacaram é a forma como o gênero de les personagens é representado: as gemas que compõem o núcleo principal não têm um gênero especificado, não sendo, dessa forma, nem homens nem mulheres. Essa característica é bastante evidente na maneira como Ichikawa opta por desenhar seus corpos: visualmente, les personagens apresentam uma aparência andrógina, sem seios ou quadris perceptíveis, mas, como é típico dos mangás,

---

<sup>45</sup> A maioria de les personagens têm nomes terminados em “a”, o que pode fazer com que o gênero feminino seja instintivamente associado a elus no ato de leitura. No entanto, seus nomes correspondem aos minerais dos quais são compostes, de modo que esse “a” é parte do sufixo grego “-ita” relativo a rochas. No texto fonte, os nomes de les personagens correspondem à palavra inglesa para designar esses minerais escritos utilizando o sistema de *katakana*, um dos alfabetos fonéticos utilizados para representar onomatopeias, nomes científicos de plantas, animais e minerais, palavras e nomes estrangeiros e enfatizar certas expressões em textos. Assim, “Fosfofilita” seria “フォスフォファイライト” [*Fosufofiraito*], grafia em *katakana* para “Phosphophyllite”. O único caso que foge a essa regra é o nome de le personagem Cinábrio, que utiliza a grafia em *katakana* do nome japonês do mineral, “シンシヤ” [*Shinsha*].

com olhos grandes, bocas pequenas e (em sua maioria) penteados longos. Todas as gemas apresentam as mesmas dimensões corporais, variando apenas em seus rostos e nas roupas que vestem; além disso, são desenhadas com torsos que apresentam características ideologicamente associadas com o masculino, porém, suas pernas, cintura e quadris apresentam características ideologicamente associadas ao feminino. Isso causa o efeito interessante de fazer com que uma mesma personagem apresente uma aparência mais “masculina” em uma determinada vinheta e assuma uma aparência mais “feminina” em outra. No entanto, algumas de les personagens conformam-se às convenções geralmente associadas às personagens femininas de mangás: olhos grandes, com formato arredondado e íris também grandes (BRENNER, 2007). Devido a esse fator, é favorecida a sua leitura como femininas.

O fato de algumas de les personagens apresentarem uma estilização corporal mais alinhada a um dos extremos do binarismo de gênero pode ter como efeito subverter noções arraigadas em torno do que é uma performance de gênero não-binária. Ao apresentar personagens que se alinham a uma performance de gênero geralmente associada ao gênero feminino, mas que é explicitamente descrita como não-binária, expõe-se a possibilidade de que uma performance de gênero não-binária não precise limitar-se a adoção de vestimentas, corte de cabelo etc. que sejam andróginas para ter sua identidade de gênero reconhecida.

A partir dessa descrição da obra, fica claro que les personagens de *Houseki no kuni* não são exatamente representativas do que pessoas não-binárias são, ou suas experiências navegando por uma sociedade cuja estrutura de gênero cis-heteronormativa dita as formas possíveis de expressar suas identidades de gênero (ver seção 2.2). Isso pode levar quem lê a obra de Ichikawa a desconsiderar a necessidade de manter essa característica em suas traduções. Todavia, em pesquisa realizada com fãs não-binários da obra, Arianna Bussoletti observa que “[p]ara les entrevistades não-binárias, que raramente são capazes de encontrar conteúdo que atendam às suas próprias experiências e identidade de gênero, parte do apelo de HnK [*Houseki no kuni*] jaz no seu elenco de personagens agênero [...]”<sup>46</sup> (BUSSOLETTI, 2021, p.50).

O cenário acima acarreta em um comportamento interessante observado pela autora, no qual fãs não-binários do mangá engajam-se em práticas de

---

<sup>46</sup> For nonbinary interviewees, who are rarely able to find content that caters to their own experience and gender identity, some of the appeal of HnK lies in its cast of agender characters [...]

patrulhamento de pronomes, fazendo com que corrijam indivíduos que generificam les personagens por meio da linguagem. Isso se dá pois

“[...] quando acontecem discussões de gênero ou atribuições errôneas de gênero no ambiente percebido como seguro do fandom<sup>47</sup>, especialmente por parte de fãs hétero ou cisgênero, isso significa para fãs não-binários uma imposição do binarismo de gênero e um descaso com suas próprias identidades de gênero, mesmo quando não são os alvos dessa atribuição errônea[...]”<sup>48</sup> (BUSSOLETTI, 2021, p. 50)

O fato de o elenco de personagens de *Houseki no kuni* não ter um gênero especificado e sua autora recomendar o uso de pronomes de gênero neutro para se referir a elus faz com que fãs não-binários sintam-se validados em sua identificação com o texto e ignorados e ofendidos quando alguém se recusa a utilizar os pronomes corretos (BUSSOLETTI, 2021).

O cenário acima evidencia a importância que o poder de representação da literatura pode exercer sobre quem lê:

[a]o introduzir personagens não-binários cujos desejos em relação à identificação de gênero são claramente respeitados, a literatura poderia dar o exemplo e validar identidades não-binárias, ao mesmo tempo em que cria a estrutura conceitual mencionada, desenvolvendo soluções linguísticas para descrever o mundo não-binário. A vantagem da ficção científica (e da fantasia), em comparação com muitos outros gêneros, é que ela não precisa levar em conta convenções e limitações culturais ao explorar estruturas, ordens ou hierarquias sociais alternativas. De fato, ela tem o privilégio de poder estudar mundos nos quais os autores são livres para realizar experimentos mentais e introduzir novas normas sociais.<sup>49</sup> (ŠPORČIČ, 2018, p. 53)

Sendo assim, não se pode negar a importância de uma obra como *Houseki no kuni* para a comunidade não-binária, uma vez que é capaz de chamar atenção e dar visibilidade a uma minoria identitária que carece de representatividade tanto na sociedade quanto na mídia. Devido à clara identificação de pessoas não-binárias com les personagens de *Houseki no kuni* e pelo fato de as questões

<sup>47</sup> Fandom é um termo utilizado para se referir a uma subcultura ou comunidade de fãs que compartilha um interesse em comum, como uma série de TV, música, livro ou até mesmo um ídolo.

<sup>48</sup> [...] when misgendering and gender discussions happen in the perceived ‘safe’ environment of the fandom, especially by straight or cisgender fans, it signifies to nonbinary fans an enforcement of gender binaries and a disregard for their own gender identity, even if they are not the target of misgendering [...]

<sup>49</sup> By introducing non-binary characters whose wishes regarding gender identification are clearly respected, literature could lead by example and validate non-binary identities, while at the same time creating the aforementioned conceptual frame by developing linguistic solutions with which to describe the non-binary world. The advantage of science fiction (and fantasy), in comparison to many other genres, is that it does not need to take cultural conventions and limitations into account when exploring alternative societal structures, orders or hierarchies. In fact, it has the privilege of being able to study worlds in which the authors are free to perform thought experiments and introduce new societal norms.

levantadas ao abordar a tradução do mangá espelham alguns dos obstáculos que essas pessoas lidam ao utilizar a linguagem, na presente pesquisa, irei me referir a les personagens como não-binárias.

#### 4.1. Linguagem e gênero no japonês

Apesar de também ser uma língua de gênero nocional, o japonês apresenta algumas diferenças em relação ao inglês que podem ser relevantes ao pensarmos em como seria uma linguagem de gênero neutro. Assim como no inglês, o japonês possui pronomes generificados, sendo os mais comuns “*boku*” para homens, “*atashi*” para mulheres. Contudo, conforme assinala Damian Flanagan (2021, n. p.),

No inglês escrito, e na maioria das línguas europeias, toda sentença lembra constantemente do gênero de uma pessoa por meio do uso de pronomes masculinos ou femininos [e por meio das desinências, em casos de línguas gramaticalmente generificadas]. Em contraste, o japonês, tanto falado quanto escrito, consegue se virar fazendo um uso bem menor de pronomes, em de fato não sente necessidade alguma de indicar o gênero de uma pessoa em muitas frases que a elas se referem.<sup>50</sup>

O autor continua com a afirmação de que antes do período histórico da restauração Meiji (1868-1912), a língua japonesa sequer possuía pronomes de terceira pessoa. De fato, a necessidade de uma palavra para cumprir essa função só passou a ser sentida ao se depararem com o problema de como traduzir tais pronomes presentes em textos europeus. A partir de então, a palavra “*kare*” passou a ser adotada para cumprir esse papel, inicialmente sendo utilizada para traduzir tanto “ele” quanto “ela”, e eventualmente, a palavra “*kanojo*” surgiu para cumprir a função do pronome feminino de terceira pessoa.

Ainda segundo Flanagan, ao longo do século XX, cada vez mais romances europeus e estadunidenses foram traduzidos para o japonês e sua influência absorvida, de modo que o uso de pronomes no japonês moderno aumentou de forma consistente. Contudo, o próprio autor salienta que, apesar desse aumento, o uso de pronomes no japonês ainda é consideravelmente mais escasso do que em línguas ocidentais.

Além disso, Flanagan aponta também que a estilização de gênero presente na fala das mulheres japonesas tem decaído ao longo dos últimos 60 ou 70 anos,

---

<sup>50</sup> In written English, and most European languages, every single sentence constantly reminds you of the gender of a person through the use of male or female pronouns. In contrast, Japanese, both spoken and written, can get by with far less use of pronouns, and indeed feels no need to indicate the gender of a person in any number of sentences describing them.



tanto na fala cotidiana quanto nos textos literários, de modo que embora “antigamente você [pudesse] ler um diálogo escrito em japonês e dizer imediatamente qual era o gênero dos falantes. Hoje em dia, isso não é de forma alguma verdadeiro”<sup>51</sup> (FLANAGAN, 2021, n.p.). Sendo assim, “ao longo dos últimos 150 anos, alguns recursos linguísticos para destacar o gênero saíram ligeiramente de moda (estilização de fala), enquanto outros (maior uso de pronomes) aumentou”<sup>52</sup> (FLANAGAN, 2021, n.p.).

Logo, o japonês parece ser uma língua na qual o uso de pronomes para indicar a pessoa da qual se fala é bem mais flexível do que no inglês. Combinado ao fato de se tratar de uma língua cujo gênero é nocional, isso pode indicar que é possível não designar um gênero às pessoas das quais se fala sem que seja necessário recorrer a linguagens inclusivas.

#### 4.2. Gênero em *Houseki no kuni*

As fronteiras entre os gêneros são borradas também pelo uso que Ichikawa faz da linguagem. Conforme aponta a tradutora responsável pela versão alemã do mangá, Verena Maser:

No caso dos pronomes pessoais, por outro lado, as coisas são, ao menos aparentemente, mais claras. O japonês tem diversas palavras equivalentes a “eu”, e elas geralmente têm o gênero marcado. Em *Das land der juwelen*, nos deparamos com “boku” e “ore”, o primeiro para homens jovens, e o segundo para homens mais velhos. O mesmo se aplica aos equivalentes para “du” [tu]: “kimi” e “omae” são usados aqui, e estes também pertencem ao registro masculino. Na maior parte do tempo, quando as gemas se referem umas às outras, usam “kare”, que é considerada um equivalente do alemão “er” [ele]. (MASER, 2019, s.p.).<sup>53</sup>

À primeira vista, poderíamos pensar que o uso dos pronomes marcadamente masculinos por parte de les personagens sugere que devam ser lidas também como masculinas. Contudo, o tratamento dado ao gênero no uso que les personagens

<sup>51</sup> In the old days you could read a written dialogue in Japanese and instantly tell the gender of the speakers. These days that's by no means true.

<sup>52</sup> Over the last 150 years, some linguistic means of highlighting gender have gone slightly out of vogue in Japanese (stylization of speech), while other means (greater use of pronouns) have increased.

<sup>53</sup> “Bei den Personalpronomen ist die Sache hingegen zumindest augenscheinlich eindeutiger. Das Japanische kennt eine ganze Reihe an Wörtern, die äquivalent zu „ich“ sind und diese sind in aller Regel geschlechtlich markiert. In *Das Land der Juwelen* treffen wir auf *boku* und *ore*, die eindeutig zum männlichen Register gehören, ersteres eher für jüngere, zweiteres eher für ältere Männer. Gleiches gilt für die Äquivalente für „du“: hier kommen vor allem *kimi* und *omae* zum Einsatz, auch diese gehören zum männlichen Register. Wenn die Juwelen übereinander sprechen, benutzen sie zumeist *kare*, was als Äquivalent zum Deutschen „er“ gilt”.

fazem da linguagem parece sugerir uma complexidade muito maior. Segundo sua tradutora para o alemão,

linguisticamente, há um certo obstáculo, porque pedras preciosas não têm um gênero natural. No original japonês, encontramos, em sua maioria, designações masculinas para les personagens, mas Diamante, por exemplo, usa expressões masculinas e femininas ao mesmo tempo (ICHIKAWA, 2019, p. 195, nota da editora).<sup>54</sup>

Com isso, as fronteiras entre os gêneros parecem borrar-se não apenas nas ilustrações de Ichikawa, mas também no uso que a autora faz dos recursos linguísticos. De modo que a ambiguidade de gênero de les personagens do mangá faz-se presente tanto em seu componente visual quanto no verbal.

No entanto, considerando que o fato de les personagens não terem um gênero é algo que já foi explicitado tanto pela autora quanto nos diálogos no mangá, o uso de termos generificados no texto fonte não parece ter o intuito de designar um gênero les personagens. Tomando, por exemplo, o uso das diferentes formas de dizer “eu” em japonês mencionadas por Verena Maser nas citações acima, esses pronomes como “*boku*”, “*ore*” e “*watashi*” não variam apenas em relação ao gênero, mas também quanto ao grau de formalidade. Em contextos mais informais, por exemplo, “*watashi*” é mais utilizado por mulheres e, por isso, considerado uma forma “feminina” de dizer “eu”, sendo “*boku*” e “*ore*” as formas favorecidas pelos homens. Porém, em contextos mais formais, como o ambiente de trabalho, “*boku*” e “*ore*” são considerados inapropriados, e “*watashi*” é a forma utilizada tanto por homens quanto por mulheres, passando a ter uma conotação “neutra” em termos de gênero.

Isso pode ser observado também no uso que les personagens fazem de termos honoríficos. Em uma das notas da tradução estadunidenses, as tradutoras explicam:

DIDI page 116  
Here Bort refers to Diamond as *Nii-chan*, which is an affectionate nickname for an older sibling. All the other gems already refer to Diamond by the nickname Dia, so the translators attempted to indicate the closeness of their relationship with a new nickname, Didi. This name may sound a little cuter than one might expect from someone like Bort, but to a Japanese reader, so would *Nii-chan*.

Figura 1: Nota das tradutoras (ICHIKAWA, 2017, p. 196)

<sup>54</sup> “Sprachlich gibt es schon eine gewisse Hürde, denn Edelsteine haben ja keine natürliches Geschlecht. Im japanischen Original finden wir vor allem männliche Bezeichnungen für die Charaktere, Diamante aber benutzt beispielsweise gleichzeitig männlich und weibliche Ausdrücke.”

Apesar de as tradutoras terem utilizado o termo de gênero neutro “*sibling*” para se referir ao apelido “*nii-chan*”, palavra “*nii*” é uma palavra masculina e aplica-se apenas a um irmão mais velho, em oposição à palavra “*nee*”, que significa irmã mais velha. Porém, conforme as tradutoras indicam em sua nota, a palavra “*nii*” parece ser utilizada no texto fonte mais como uma maneira de indicar o tipo de relacionamento entre les personagens do que como uma forma de designar-lhes um gênero. Logo, o uso de palavras que carregam uma conotação de gênero não necessariamente generifica les personagens, podendo servir, em vez disso, para indicar o tipo de relacionamento que têm umas com as outras, ou características de suas personalidades.

Talvez nenhuma personagem deixe isso mais evidente do que Ventricosus, ilustrada na imagem abaixo.



Figura 2: Ventricosus (ICHIKAWA, 2022, p. 54)

Visualmente, é evidente que a personagem apresenta características físicas associadas ao gênero feminino, diferentemente das gemas, que apresentam bustos achatados, Ventricosus possui seios bastante volumosos; seus apêndices dispõem-se de forma a assemelharem-se a um longo vestido de renda; seu rosto segue as convenções das personagens femininas de mangás; além de o seu corpo apresentar uma coloração rosa claro<sup>55</sup>. Além disso, em certo momento do mangá,

<sup>55</sup> A imagem acima foi escolhida por demonstrar claramente a maioria das características da personagem mencionadas. Não é possível enxergar a coloração da personagem devido ao fato de

Ventricosus demonstra sentir atração por Kongo, a única personagem até então que apresenta características físicas associadas ao gênero masculino, de modo que há uma clara intenção em estabelecer Ventricosus como uma personagem feminina e heterossexual<sup>56</sup>.

Linguisticamente, por outro lado, tanto a própria Ventricosus quanto as demais personagens referem-se a ela utilizando o título de “王”, mais comumente traduzido como “rei” – embora também possa significar “monarca” ou “soberano” – em vez da sua contraparte feminina “女王”. Uma possível explicação para isso pode estar no fato de Ventricosus desempenhar um papel mais ativo como líder de seu povo, característica que poderia não ser expressa de forma tão clara pelo uso da palavra “女王”. Logo, o uso de um termo que possui uma conotação mais masculina não necessariamente generifica a personagem como tal.



Figura 3: (ICHIKAWA, 2014, p. 59)

Vale ressaltar, no entanto, que isso não significa que a presença de tais usos no texto fonte não possam ser apropriados na tradução como forma de subversão do gênero. Esse é o caso da tradução oficial estadunidense, na qual a palavra “王” foi traduzida como “king”, fazendo com que o uso de um termo masculino por uma personagem que se apresenta como “feminina” crie uma desconexão entre o corpo da personagem e o uso que faz da linguagem, possivelmente causando um estranhamento no leitor que pode servir para desestabilizar as normas do gênero. O mesmo efeito não pode ser observado nas traduções brasileira e alemã, nas

---

mangás serem, com algumas raríssimas exceções, produzidos em preto e branco. No entanto, pode-se observar a cor da personagem tanto na capa do segundo volume quanto na adaptação do mangá em anime.

<sup>56</sup> Há também a possibilidade de a personagem ser bissexual ou panssexual, porém estou presumindo que a intenção era estabelecê-la como heterossexual, pois em nenhum momento no mangá a personagem demonstra sentir qualquer tipo de atração por alguma personagem que apresente características físicas associadas ao gênero feminino.

quais foram utilizados os termos “monarca” e “*königliche hoheit*” [sua alteza real], respectivamente.

O fato de les personagens não terem um gênero ser apenas uma consequência natural da premissa imaginada pela autora, e a obra não buscar discutir questões relacionadas a gênero e sexualidade, não significa que esse tema não venha à tona. Diversas leituras *queer* da obra de Ichikawa podem ser encontradas on-line, sejam elas análises de como o mangá pode ser considerado uma importante adição em termos de representatividade não-binária (KAISER, 2017b; VILLANUEVA, 2018), problematizações acerca dos aspectos positivos e negativos da maneira como identidades não-binárias são retratadas na obra (ENDERSON, 2021) ou considerações sobre como as noções de gênero representadas em *Houseki no kuni* podem nos ajudar a pensar sobre elas em um futuro pós-humano (MATT, 2020).

A presença de tais leituras demonstra que, ao ser trazido para o Ocidente, onde representatividade LGBTQIAPN+ é questão de debate, a não-binariedade de gênero de les personagens deixa de ser algo presente apenas no pano de fundo e passa a assumir uma posição central, tornando-se o foco de muitas discussões em torno da obra. Sendo assim, a maneira como *Houseki no kuni* lida com o gênero pode ter contribuído para a sua popularidade fora do Japão (MASER, 2019).

Como se pode imaginar, muitas dessas discussões giram em torno da tradução de *Houseki no kuni*. A maneira como as traduções do mangá lidam com a não-binariedade de gênero de les personagens tornou-se um terreno de embate, conforme veremos nas análises mais adiante. Por um lado, uma parcela dos leitores defende a sua manutenção, seja para manter-se “fiel” ao texto fonte, seja como uma maneira de promover a representatividade LGBTQIAPN+. Por outro, há aqueles que argumentam que, ao manter a não-binariedade de les personagens, atribui-se à obra questões de políticas identitárias onde antes não havia; ou que as estratégias adotadas causam estranhamentos e dificuldades de leitura que prejudicam a imersão do leitor na história.

Esse último ponto nos remete a uma outra questão relacionada ao uso da linguagem que surge frequentemente no discurso sobre as traduções de *Houseki no kuni*. O fato de les personagens não terem um gênero especificado apresenta um outro obstáculo: como manter a não-binariedade quando a língua meta é incapaz de fornecer os recursos necessários? Em línguas como o inglês, nas quais o gênero não é sempre uma categoria marcada, é possível contornar o uso de

pronomes e outras palavras generificadas de modo a não designar um gênero a les personagens, como foi feito na tradução profissional estadunidense do mangá de Ichikawa. Porém, adotar uma estratégia tradutória do tipo pode levar ao apagamento das identidades não-binárias de les personagens por meio de leituras enviesadas motivadas por predisposições cis-heteronormativas (PINHEIRO, 2021). Logo, o emprego de uma linguagem inclusiva, como o uso do pronome “they” no singular para se referir a les personagens na tradução das legendas da adaptação em *anime*, pode servir tanto como uma forma de chamar atenção ao fato de les personagens serem não-binários quanto como uma maneira de normalizar esse uso do pronome (KAISER, 2017a). Em traduções para línguas gramaticalmente generificadas, como é o caso da maior parte das traduções que serão analisadas na presente pesquisa, a questão da tradução da não-binariedade de gênero de les personagens apresenta-se de forma ainda mais evidente. Devido ao fato de que essas línguas tendem a não dispor de recursos para manter a neutralidade de gênero, esse objetivo não pode ser alcançado sem que seja utilizado algum tipo de linguagem inclusiva, o que pode tornar-se um problema devido à rejeição que enfrentam tanto por sua associação a políticas identitárias quanto pelo fato de não estarem de acordo com a norma padrão da língua.

Sendo assim, traduções do mangá *Houseki no kuni* são permeadas por questões de gênero que confrontam os responsáveis por sua execução com uma escolha difícil: manter a não-binariedade de gênero e possivelmente sofrer retaliações por parte dos setores mais conservadores da sociedade, ou apagá-la e arriscar ser acusados de promover ou ser coniventes com a marginalização de identidades LGBTQIAPN+.

É de se esperar, então, que traduções levem todos esses fatores em consideração ao decidir quais estratégias serão adotadas para lidar com a não-binariedade de gênero de les personagens, resultando em diferentes abordagens. A tradução oficial alemã, por exemplo, optou por contornar a ausência de um gênero neutro para se referir a seres humanos no alemão por meio do emprego da linguagem inclusiva baseada no pronome “xier”. Uma estratégia semelhante foi adotada pela tradução oficial espanhola, tendo sido feito o uso de uma linguagem inclusiva por meio do pronome de gênero neutro “elle” e terminações em “-e” para evitar desinências de gênero. Já a tradução oficial brasileira opta por um caminho completamente diferente das demais traduções que compõem o corpus da presente tese: não é utilizada linguagem inclusiva de

nenhum tipo. Em vez disso, todos os personagens são tratados no masculino genérico e os volumes não vêm acompanhados de nenhum paratexto explicando tal escolha.

As traduções do mangá *Houseki no kuni* são permeadas por questões de gênero e sexualidade que confrontam os responsáveis por sua execução com uma escolha difícil: manter a não-binariedade de gênero e possivelmente sofrer retaliações por parte dos setores mais conservadores da sociedade, ou apagá-la e arriscar ser acusada de promover ou ser conivente com a marginalização de identidades LGBTQIAPN+. Sendo assim, as diferentes estratégias tradutórias adotadas nas traduções, assim como as maneiras como foram recebidas, podem nos fornecer pistas acerca dos posicionamentos ideológicos, tanto os que circulam na sociedade quanto os daqueles responsáveis por traduzir os mangás.

## 5. Gênero e performatividade

A teoria dos atos de fala performativos representou uma importante inovação ao fazer com que a linguagem como um modo de ação humana passasse a ser o foco central da pragmática (ALENCAR, 2015). Desenvolvida por John Langshaw Austin em uma série de palestras ministradas nas Universidades de Oxford e Harvard entre os anos de 1951 e 1955, ela nos confronta com a compreensão de que a linguagem não seria meramente um instrumento por meio do qual descrevemos o mundo a nossa volta, mas também constitui-se como uma forma de agir sobre esse mundo e trazer à existência aquilo sobre o que falamos.

Segundo a proposta inicial de Austin (1990), os enunciados que somos capazes de proferir podem ser divididos em dois grupos diferentes, sendo eles o que denominou de atos de fala constativos e atos de fala performativos. O primeiro grupo seria composto por enunciados que descrevem algo, sendo, dessa forma, dotados de um “valor de verdade” a partir do qual podem ser avaliados. Observemos, por exemplo, uma frase como “Está chovendo”: pode-se declarar essa frase como verdadeira ou falsa, bastando que se olhe pela janela para constatar se está ou não chovendo. O grupo dos atos de fala performativos, por outro lado, não desempenham o papel de descrever algo. Em vez disso, Austin os compreende como aqueles responsáveis por realizar uma ação. O filósofo ilustra isso a partir de exemplos como o enunciado “Eu os declaro marido e mulher”, proferido por um padre ou juiz ao final de uma cerimônia de casamento: ao dizer tal enunciado, não se está descrevendo algo, mas, sim, realizando uma ação, no caso, a de casar duas pessoas. Uma vez que não possuem “valor de verdade”, Austin propõe que atos de fala performativos sejam avaliados por suas condições de felicidade, segundo as quais

(A.1) Deve existir um procedimento convencionalmente aceito, que apresente um determinado efeito convencional e que inclua o proferimento de certas palavras, por certas pessoas, e em certas circunstâncias; e além disso que

(A.2) as pessoas e circunstâncias particulares, em cada caso, devem ser adequadas ao procedimento específico invocado.

(b.1) O procedimento tem de ser executado, por todos os participantes, de modo correto e

(B.2) completo

(r.1) Nos casos em que, como ocorre com frequência, o procedimento visa às pessoas com seus pensamentos e sentimentos, ou visa à instauração de uma conduta correspondente por parte de alguns dos participantes, então aquele que participa do procedimento, e o invoca deve de fato ter tais pensamentos ou sentimentos, e os participantes devem ter a intenção de se conduzirem de maneira adequada, e, além disso,



(r.2) devem realmente conduzir-se dessa maneira subsequentemente. (AUSTIN, 1990, p. 31)

Segundo Austin, os enunciados performativos precisam aderir a esses critérios convencionais para que possam ser considerados bem-sucedidos (felizes) ou malsucedidos (infelizes). Sendo assim, o ato de fala “Eu os declaro marido e mulher!”, seria um ato de fala malsucedido caso não fosse dito por uma autoridade religiosa ou um funcionário do cartório, para um casal heterossexual de comum acordo, ao final da cerimônia de casamento (LEWIS, 2017).

Austin dá prosseguimento a sua teoria tentando subdividir a classe dos performativos; no entanto, ao reconhecer a existência de performativos implícitos, não é capaz de estabelecer critérios ou métodos definitivos para distinguir os atos de fala performativos dos constativos, o que o leva a abandonar essa tarefa e concluir que todo ato de fala pode ser performativo em alguma medida. Uma frase como “Está chovendo”, por exemplo, segundo a distinção que Austin faz inicialmente, seria interpretada como um enunciado constativo: bastaria que se olhasse pela janela para verificar se é verdadeiro ou falso. Contudo, um enunciado desse tipo também pode ter um efeito performativo. Ao ouvi-lo enquanto as roupas estão estendidas do lado de fora para secar, alguém pode correr para retirá-las do varal. Nesse caso, o enunciado “Está chovendo” foi interpretado como “Tire as roupas do varal”, tendo, assim, um efeito claramente performativo.

Percebendo a futilidade em estabelecer tal distinção, Austin volta-se para as circunstâncias de produção dos enunciados, passando a considerar os atos de fala em três níveis: o ato locucionário, o ilocucionário e o perlocucionário, referentes ao conjunto de coisas que fazemos ao dizer algo (MELO; ROCHA, 2015). Os atos locucionários correspondem ao ato de dizer algo assim como à sua fonologia, léxico, sintaxe e semântica. Em outras palavras, “[q]uando realizamos um ato locucionário, utilizamos a fala” (AUSTIN, 1990, p. 88). Já os atos ilocucionários são definidos por Austin como proferimentos que têm uma força convencional. Eles são as ações que os falantes procuram realizar ao proferir um enunciado, como informar, ordenar, prevenir, avisar etc. Nesse sentido, eles diferem-se dos atos locucionários por serem a realização de um ato *ao* dizer algo em vez de apenas o ato *de* dizer algo. Um outro aspecto importante de se destacar acerca dos atos ilocucionários é o fato de ser um ato que realiza o que diz no momento em que diz, de modo que “o ato de fala ilocucionário é, ele próprio, o efeito que dele deriva” (BUTLER, 2021, p. 14). Já os atos perlocucionários são os atos de fala

que produzem certos efeitos como consequência. Conforme assinala Austin, “dizer algo frequentemente, ou até normalmente, produzirá certos efeitos ou consequências sobre os sentimentos, pensamentos, ou ações dos ouvintes, ou quem está falando, ou de outras pessoas” (AUSTIN, 1990, p. 88-89). Os atos perlocucionários diferem-se dos atos ilocucionários devido ao fato de os seus efeitos não estarem limitados ao ato de fala em si e poderem se estender muito além do momento da enunciação. Logo, os atos perlocucionários são os efeitos que produzimos *porque* dizemos algo.

Todo ato de fala pode ser realizado ao se emitir qualquer proferimento, mesmo que não haja intenção de produzir os efeitos perlocucionários em questão. Isso pode ocorrer até mesmo no caso de proferimentos de enunciados tidos como constativos. Um exemplo disso seria o caso de um enunciado como “está frio aqui”, que pode ter o efeito perlocucionário de levar alguém a desligar o ar-condicionado, fechar a janela ou oferecer um casaco.

Para a presente pesquisa, no entanto, nos interessam as releituras da obra de Austin feitas por Judith Butler e Jacques Derrida. A crítica mais importante que Derrida faz diz respeito ao fato de Austin não ter considerado a importância que a repetição tem em determinar se um ato de fala será bem-sucedido ou não. Segundo o autor, a potência da linguagem reside na possibilidade de uma marca singular ser também repetível. Segundo o autor, “a possibilidade de repetir e, pois, de identificar as marcas está implicada em todo código, faz deste uma grade comunicável, transmissível, decifrável, iterável por um terceiro, depois para todo usuário possível em geral” (DERRIDA, [1972] 1991, p. 19). Para Derrida, tudo aquilo que se destaca, o faz obedecendo um certo princípio: trata-se de uma marca que, uma vez que existe, será repetida, irá derivar diferindo sempre de si mesma. Com isso, o que dá a um enunciado performativo o poder de realizar algo não é apenas ser dito pela pessoa adequada no momento e circunstâncias adequados, como sugeriu Austin; ele precisa também ser reconhecido pelos falantes como algo que pertence a um modelo reiterável. Em outras palavras: o enunciado “Eu os declaro marido e mulher!” realiza o ato de casar duas pessoas não apenas por ser dito por uma autoridade religiosa ou funcionário de um cartório a um casal heterossexual de comum acordo, após os votos, mas também porque somos capazes de reconhecê-lo como fazendo parte de um ritual histórico e reiterável de casamentos (LEWIS, 2016).

Judith Butler, por sua vez, parte tanto do colapso da distinção entre atos de fala constativos e atos de fala performativos quanto da ênfase dada à repetição por Derrida ao desenvolver a sua concepção de gênero. Conforme proposto por ela, enunciados como “É uma menina” ou “É um menino” proferidos por um médico no momento do nascimento não são atos de fala constativos que meramente descrevem o corpo do bebê. Em sua concepção, tais atos de fala são também performativos, pois têm o efeito ilocucionário de criar os corpos que supostamente apenas descrevem no momento de sua enunciação assim como o efeito perlocucionário de dar início a toda a cadeia de eventos que irão reforçar os gêneros atribuídos a esses corpos.

A criação do gênero não se dá, contudo, em um ato ou evento singular, mas, sim, por meio de uma produção performativa, ritualizada e reiterada (LEWIS, 2017). Como já apontado nesta tese, tal ênfase dada por Butler às repetições vincula-se aos conceitos derrideanos de iterabilidade e citacionalidade. O primeiro diz respeito à possibilidade que toda comunicação, seja ela falada ou escrita, tem de ser repetida, e em sua repetição alterar-se, enquanto o segundo diz respeito à possibilidade de o enunciado ser retirado de seu contexto “original” e deslocado para outro, produzindo, nesse processo, um novo significado. Não basta que se realize um ato (de fala) performativo uma única vez para que o gênero seja criado; para tal, esses atos precisam ser repetidos continuamente por meio da iterabilidade e citacionalidade, de maneira que tais comportamentos sejam passados de uma geração a outra, a ponto de naturalizarem-se em um processo que Butler denominou performatividade de gênero. Em outras palavras: o gênero se constrói por meio de “uma sequência de atos repetidos que se enrijecem até adquirir a aparência de algo que sempre esteve ali o tempo todo” (SALIH, 2015, p. 94), de forma que se acredita estar diante de algo “natural”.

Devido a essa necessidade da repetição para se consolidar e assumir uma aparência de naturalidade, o gênero também produz um certo ideal normativo. Na teoria de Butler, tal ideal pode ser observado em suas teorizações acerca da matriz cis-heteromormativa. Segundo essa matriz, a identidade de gênero de uma pessoa deve alinhar-se ao sexo ao qual foi designada no momento de seu nascimento, e essa pessoa deve sentir-se sexualmente atraída por pessoas do sexo “oposto”; ou seja, uma pessoa que foi designada como mulher deve identificar-se como tal e sentir-se sexualmente atraída por homens (LEWIS, 2017). Essa norma orienta a forma como interpretamos os indivíduos: aqueles que se adequam a ela são

compreendidos como “normais” enquanto quem não se adequa é visto como desviante e, conseqüentemente, marginalizado, sendo-lhes negados muitos de seus direitos, o reconhecimento de suas identidades ou até mesmo sua existência.

Logo, uma vez que a matriz cis-heteronormativa se faz nessa repetição, então aumenta a nossa responsabilidade sobre os discursos que reproduzimos: podemos apenas nos sujeitar a comportamentos regulados socialmente, restringindo ou ameaçando certos modos de vida, ou podemos buscar inovar em nossas repetições e desestabilizar a matriz cis-heteronormativa (MELO; ROCHA, 2015).

Em sua formulação da performatividade, Butler enfatiza a sua bidirecionalidade: para a autora, o mesmo mecanismo performativo responsável pelo processo de consolidação da matriz é justamente aquilo que permite que seja subvertida. Ao desenvolver o seu conceito de iterabilidade, Derrida destaca a possibilidade de usos indevidos que estão sempre presentes em toda repetição. Segundo Robinson, a iterabilidade “é a mutabilidade da linguagem na repetição, a diferença na repetição do mesmo. É o fato de que sempre que repetimos algo, nós o mudamos; sempre que reafirmamos algo, nós o reperformamos” (2003, p. 63). Sendo assim, há sempre mudança na matriz cis-heteronormativa toda vez que realizamos qualquer performance de gênero, fazendo com que ela esteja sempre em constante transformação. Entretanto, para além disso, se entendemos que a matriz cis-heteronormativa consolida-se através do tempo por meio da repetição de atos performativos, então, presume-se que seja possível que novas ideias, discursos, práticas etc. sejam inseridas. A partir do momento em que essas repetições subversivas enraízam-se e proliferam-se, uma eventual mudança na matriz pode vir a tomar forma, o que implica uma possibilidade de agência por parte dos indivíduos no processo de mudança. Assim, diferentemente de Derrida, para o qual a força do performativo vinha de sua repetição ao longo do tempo, para Butler, a sua força decorre não de seus usos prévios, mas, sim, da ruptura com qualquer uso anterior (LEWIS, 2017). Em outras palavras, “a tarefa não consiste em repetir ou não, mas em como repetir ou, a rigor, repetir e, por meio de uma proliferação radical do gênero, *afastar* as normas do gênero que facultam a própria repetição” (BUTLER, [1990] 2016, p. 255, grifo da autora).

## 5.1. Performatividade e tradução

Mas de que maneiras a performatividade poderia ser aplicada a uma concepção de Tradução *Queer*?

Uma vez que a tradução configura-se como um uso da linguagem, então, podemos considerar que a teoria dos atos de fala tem aplicações na maneira como pensamos a tradução. Conforme assinala Esteves (2014, p. 17), “[t]raduzir é uma ação que, além do efeito óbvio de produzir um segundo texto numa língua diferente, tem outros efeitos igualmente importantes e às vezes mais contundentes do que o próprio tradutor imaginaria”. Em outras palavras, traduzir pode ser considerado um ato de fala que possui força ilocucionária e perlocucionária cujos efeitos podem estender-se para muito além do momento em que a tradução foi feita ou da intenção inicial do tradutor; ou seja: as estratégias tradutórias adotadas ao traduzir uma obra têm efeitos tanto para o texto traduzido quanto para a cultura meta, de modo que “[...] a tradução inevitavelmente transforma e [...] essa transformação produz efeitos na cultura de chegada” (ESTEVES, 2014, p. 53).

Tais efeitos já foram amplamente abordados nos Estudos da Tradução, em especial quanto ao papel que pode desempenhar tanto no reforço das relações de desigualdade quanto no potencial que têm de subvertê-las. Em *Escândalos da Tradução* ([1998] 2019), Lawrence Venuti reflete sobre os modos como a tradução é praticada, recebida e avaliada, sobretudo no contexto anglófono. O autor questiona a naturalização do texto traduzido e denuncia as hierarquias culturais que sustentam práticas de tradução voltadas para a fluência, a transparência e a invisibilidade do tradutor. Ao longo da obra, Venuti articula argumentos que confrontam a tradição etnocêntrica da tradução, propondo alternativas teóricas e éticas que valorizam a heterogeneidade cultural.<sup>57</sup>

Segundo a perspectiva de Venuti, toda tradução tem efeitos sociais de longo alcance que podem contribuir para a reprodução de valores hegemônicos ou para a mudança social ao formar identidades culturais. Segundo Venuti ([1998] 2019, p.138),

Os padrões tradutológicos que venham a ser razoavelmente estabelecidos fixam estereótipos para culturas estrangeiras, excluindo valores, debates e conflitos que não estejam a serviço de agendas domésticas. Ao criar estereótipos, a tradução pode vincular respeito ou estigma a grupos étnicos, raciais e nacionais específicos, gerando respeito pela diferença cultural ou aversão baseada no etnocentrismo,

---

<sup>57</sup> É importante ressaltar que o trabalho de Venuti parte do contexto anglófono no qual traduções tendem a ocupar uma posição periférica no sistema literário. Ao ser aplicado a outros contextos, algumas de suas afirmações podem não se sustentar. No entanto, interessa-nos, em nossa pesquisa, o que o autor diz sobre o potencial que a tradução tem como um possível agente de transformação social.

racismo ou patriotismo. Em longo prazo, a tradução penetra nas relações geopolíticas ao estabelecer as bases culturais da diplomacia, reforçando alianças, antagonismos e hegemonias entre nações.

Para o autor, tanto as estratégias tradutórias empregadas ao traduzir quanto a escolha de quais textos serão traduzidos podem servir para apagar aspectos importantes das culturas de onde esses textos originam-se. Traduções deste tipo são duramente criticadas pelo autor, pois envolvem uma redução etnocêntrica do texto e da cultura estrangeiros aos valores da cultura meta que tende a apagar o que é particular a esses. A prática tradutória hegemônica seria, então, marcada por uma ideologia de dominação que assimila o outro, apagando-o no processo.

Em resposta a esse cenário, Venuti propõe que a tradução seja conduzida a partir de um projeto comprometido com a “ética da diferença”, isto é, um projeto tradutório que “altera [...] a reprodução das ideologias e instituições domésticas dominantes que proporcionam uma representação parcial das culturas estrangeiras e marginalizam outras comunidades domésticas” (VENUTI, [1998] 2019, p.168). Como forma de opôr-se à tendência dominante de domesticar o texto estrangeiro para adequá-lo às expectativas linguísticas e culturais do público-alvo, Venuti defende uma postura tradutória que preserve as marcas da alteridade. Para isso, a ética da diferença implica recusar a homogeneização cultural e expor o leitor à estranheza do outro, seja por meio de escolhas lexicais, sintáticas ou estilísticas que mantenham visíveis os traços do texto fonte.

Essa proposta não se limita a uma técnica tradutória: trata-se de um posicionamento político e cultural. Venuti sustenta que a tradução, ao domesticar excessivamente, apaga diferenças e reforça desigualdades no intercâmbio global de textos. A ética da diferença, nesse sentido, pretende reverter esse processo ao valorizar a resistência do texto estrangeiro e ao promover a consciência crítica do leitor sobre o ato tradutório.

Segundo Venuti, todos os passos envolvidos no processo de tradução são mediados pelos valores, crenças e representações que circulam na língua meta. Os tradutores podem submeter-se ou resistir às políticas, formas e instituições que acumularam o maior prestígio e poder nessa língua. Se consideramos que “[...] assimetrias, injustiças, relações de dominação e dependência existem em cada ato de tradução, em cada ato de colocar o traduzido a serviço da cultura tradutora” (VENUTI, [1998] 2019, p. 16), então, caberia aos tradutores resistir a essas práticas domesticadoras. Para isso, “a seleção de um texto estrangeiro para tradução e a invenção de uma estratégia discursiva para traduzi-lo devem

basear-se em uma avaliação crítica da cultura receptora, suas hierarquias e exclusões, suas relações com culturas estrangeiras em todo o mundo” (VENUTI, [1995] 2008, p.267).

Sendo assim, é necessário olhar criticamente para essas traduções, avaliar os seus efeitos e indagar se elas agem como instrumento de reprodução de ideologias de dominação, ou se agem como instrumento de resistência.

Ainda assim, o mérito da obra reside em deslocar o debate da tradução de um terreno meramente técnico para um espaço ético-político. Ao propor a ética da diferença, Venuti convida a repensar não apenas como se traduz, mas também por que e para quem se traduz. Sua perspectiva faz da tradução um campo de disputas ideológicas, em que o tradutor deixa de ser invisível e assume responsabilidade pela mediação cultural que realiza.

Um segundo exemplo do potencial da tradução como forma de reforçar ou subverter desigualdades pode ser observado nas práticas das tradutoras feministas canadenses. Inspirada pelos movimentos feministas e pelo crescente questionamento das estruturas de poder presentes na linguagem, a tradução feminista se desenvolveu nas décadas de 1970 e 1980 “[...] como um método de traduzir o foco e a crítica da ‘linguagem patriarcal’ por escritoras feministas em Quebec” (FLOTOW, 1991, p. 72)<sup>58</sup>.

A língua, em sua forma cotidiana e literária, carrega marcas históricas de exclusão e silenciamento das mulheres (ver seção 3). Termos masculinos usados como universais, a invisibilização de autoras e a naturalização de papéis sociais hierárquicos são exemplos de como o discurso é moldado por relações de poder. Assim, a tradução feminista nasce do reconhecimento de que a linguagem não é neutra: ela reflete, sustenta e, muitas vezes, reforça desigualdades de gênero. Partindo dessa perspectiva, tradutoras feministas compreendem que traduzir não é apenas um exercício técnico de transferência de significados entre línguas, mas um ato político que pode tanto perpetuar quanto desafiar estruturas patriarcais. Com isso, ela propõe não apenas revelar essas marcas, mas também intervir nelas, abrindo espaço para outras vozes e experiências. Tal objetivo é alcançado adotando um método cujo foco é criticar a linguagem patriarcal e dar voz às mulheres através de usos inovadores da língua (SCHÄFFER, 2010). Conforme assinala Dépêche (2000, p. 172),

---

<sup>58</sup> “[...] as a method of translating the focus on and critique of “patriarchal language” by feminist writers in Quebec.”

As críticas feministas voltavam-se assim contra a violência da linguagem, tão material quanto os atos físicos. Através de sua escrita, de sua produção literária, intervêm no seio mesmo da instituição patriarcal, de seus símbolos e de seu imaginário [...]

Em seus trabalhos, as tradutoras buscavam visibilizar as mulheres e, ao mesmo tempo, expor a misoginia que subjaz aos usos convencionais da linguagem. Para elas, “[...] a linguagem patriarcal ‘convencional e prescritiva’ precisava ser desfeita para que as palavras das mulheres se desenvolvessem, encontrassem espaço e fossem ouvidas” (FLOTOW, 1991, p. 73)<sup>59</sup>. De forma semelhante à teoria de Venuti, esse objetivo era alcançado tanto por meio da escolha de textos para tradução – traduzindo-se textos teóricos e literários escritos por mulheres como forma de enfatizar a sua produção intelectual e aumentar a oferta de obras de autoras femininas disponíveis – quanto através da forma como os textos eram traduzidos.

Para a tradução feminista, traduzir não é um ato neutro. Toda tradução envolve escolhas, e essas escolhas carregam implicações ideológicas. Ao reconhecer isso, tradutoras feministas defendem que é possível – e até necessário – adotar estratégias conscientes para desestabilizar estruturas patriarcais de linguagem e dar visibilidade a vozes historicamente silenciadas. A opção por termos inclusivos, a valorização da autoria feminina, a manutenção de jogos de linguagem que questionam normas de gênero e o uso criativo de notas de tradução são estratégias que visam tornar visível aquilo que a linguagem dominante tende a ocultar. Ao adotar essas práticas, a tradução deixa de ser entendida como espelho neutro do texto original e passa a ser vista como um espaço de resistência e transformação.

Assim, a tradução feminista não é apenas um método, mas também uma postura política e ética. Ao mesmo tempo que amplia as possibilidades de leitura, ela também convida o público a refletir sobre como a linguagem estrutura a realidade e como a tradução pode ser usada como uma ferramenta de transformação social. Segundo Dépêche (2000, p. 171), “[e]ngajamento no encontro de caminhos do sócio-político e do lingüístico-artístico, esta postura se revela ser uma espécie de ativismo literário paralelo, que poderia varrer séculos de invisibilidade notória da mulher e da mulher-tradutora”.

---

<sup>59</sup> “conventional and prescriptive “patriarchal language” had to be undone in order for women's words to develop, find a space and be heard.”



Assim, a tradução feminista não apenas amplia o acesso a vozes femininas e dissidentes, mas também contribui para problematizar a própria ideia de neutralidade linguística. Ao iluminar a íntima ligação entre linguagem e desigualdade de gênero, ela se consolida como um gesto ético e político: traduzir, nesse horizonte, é também reescrever o mundo a partir de perspectivas mais plurais e igualitárias.

Para finalizar a presente seção, em seu artigo intitulado “*This is my girlfriend Linda*” *Translating Queer Relationships in Film: A Case Study of the Subtitles for Gia and a Proposal for Developing the Field of Queer Translation Studies*, Elizabeth Sara Lewis argumenta que é “[...] necessário defender uma forma de queer de tradução que dê maior visibilidade às pessoas queer e as ajude a lutar contra o poder subjugador da hegemonia [cis-]heteronormativa” (LEWIS, 2010, p. 3)<sup>60</sup>.

Partindo da esteira das tradutoras feministas, para as quais o apagamento na linguagem é visto como uma forma de opressão das mulheres, Lewis (2010) argumenta que o mesmo ocorre com pessoas cujas sexualidades ou identidades de gênero não se alinham à matriz cis-heteronormativa. Ademais, segundo a autora, o mesmo pode acontecer em traduções pelo fato de estarem sujeitas a censuras, tanto acidentais quanto propositalis, de modo que seria necessário

[...] examinar questões como a censura acidental de elementos queer, porque tradutores que operam dentro da matriz [cis]heteronormativa presumem que os personagens são heterossexuais, e como a censura proposital de elementos queer por tradutores, editores e governos ocorre devido a fatores como homofobia (ou queerfobia) ou medos de que textos queer sejam incompatíveis com o público [cis]heteronormativo mainstream. Pode-se também examinar como a queerfobia também leva à inserção de elementos anti-queer em traduções que não estavam presentes nos textos originais. (LEWIS, 2010, p. 8)

Com isso, inspirando-se nas práticas tradutórias feministas (ver seção 5.3), Lewis (2010) propõe uma tradução *queer* como forma de resistir ao apagamento e à marginalização de pessoas LGBTQIAPN+, que tem como base a visibilização de elementos LGBTQIAPN+ presentes no texto.

Com isso, a autora propõe o desenvolvimento de um campo de estudos que proponha teorias *queer* de tradução, problematize como textos *queer* são traduzidos, examine como traduções *queer* podem ser utilizadas para resistir à posição geralmente marginalizada que textos e pessoas *queer* ocupam no interior

---

<sup>60</sup> [...] it is now necessary to advocate for a queer form of translation that gives queer people greater visibility and helps them struggle against the subordinating power of heteronormative hegemony

da matriz cis-heteronormativa e estude e proponha estratégias tradutórias que possam ser usadas para manter ou dar maior visibilidade aos elementos LGBTQIAPN+ presentes nos textos.

O poder performativo da tradução pode ser observado nas três correntes da tradução mencionadas na presente seção na forma como todas reconhecem a sua capacidade de criar sujeitos marginalizados. No caso da teoria de Venuti, a tradução pode ser utilizada para criar identidades culturais estigmatizadas, ou até mesmo, apagar por completo o que é particular ao outro. As tradutoras feministas, por sua vez, reconhecem o papel que a linguagem patriarcal desempenha na subjugação das mulheres, principalmente por meio do seu apagamento. Enquanto que a Tradução *Queer* argumenta que a censura de elementos LGBTQIAPN+ ou a inserção de elementos LGBTfóbicos contribuem para o reforço da posição marginalizada de indivíduos LGBTQIAPN+ na sociedade.

O poder performativo da tradução também é reconhecido nessas três correntes por meio do seu potencial de subversão. Em todos os três casos, é destacado que projetos tradutórios comprometidos com a visibilização de indivíduos marginalizados podem ajudar em sua luta contra as estruturas de poder subjugantes. Sendo assim, “[s]e a tradução tem efeitos sociais de tão longo alcance, se ao formar identidades culturais ela contribui para a reprodução e a mudança social, parece importante avaliar esses efeitos, indagar se eles são bons ou maus, ou se as identidades resultantes são éticas” (VENUTI, [1998] 2019, p. 164).

Contudo, cabe ressaltar que os projetos tradutórios dessas três correntes baseiam-se em estratégias tradutórias que configuram desvios significativos das normas tradutórias vigentes, o que pode representar um obstáculo considerável à sua implementação, como veremos na próxima seção.

## **5.2. A cis-heteronormatividade e as normas tradutórias**

Na seção 1.5, foi chamado à atenção o fato de que a matriz cis-heteronormativa pode acarretar censuras na maneira como textos nos quais encontram-se presentes elementos LGBTQIAPN+ são traduzidos, sejam elas autocensuras por parte de quem traduz os textos de modo a evitar uma potencial recepção negativa de sua tradução, sejam por censuras diretas a esse tipo de conteúdo por parte das editoras, produtoras e profissionais ligados ao segmento. O que isso significa para a tradução é que a matriz cis-heteronormativa pode ser

interpretada também como uma espécie de norma tradutória. Na presente seção, irei explorar essa ideia mais a fundo.

Em seu texto “Translation Norms and Correct Translations” (1991), Theo Hermans acrescenta ao trabalho de Gideon Toury ([1980] 1990) sobre o papel das normas nos Estudos da Tradução. Para explicar o que são as normas, o autor parte do conceito de “convenções”, entendido como regularidades no comportamento que emergem como soluções que, embora arbitrárias, se provaram eficientes para lidar para problemas recorrentes de coordenação interpessoal, de modo que, com o tempo, tornam-se o modo de agir favorecido por indivíduos em um determinado tipo de situação. Ao desempenhar o seu papel como solução para problemas recorrentes, a expectativa de que certas atitudes serão adotadas em determinados tipos de situação pode extrapolar uma mera questão de preferência e passar a exibir um caráter vinculativo do qual o desvio é visto de forma negativa, isto é, adquirindo força normativa. Segundo Hermans, é nesse ponto que se pode falar em uma norma. Conforme assinala o autor, essa força normativa é um aspecto essencial de toda norma, um caráter de dever, podendo variar em seu grau. É por meio dessa força normativa que os comportamentos são guiados e dirigidos de maneira que se adequem ao que é considerado correto.

Logo, as normas são consideradas a tradução de valores ou ideias gerais sobre o que é convencionalmente certo e errado, adequado e inadequado, em instruções de performance apropriadas para situações particulares e aplicáveis a elas, especificando o que é prescrito e proibido, assim como o que é tolerado e permitido em uma certa dimensão comportamental (TOURY, 1998). Elas funcionam como uma forma de lidar com o estresse ao reduzir a complexidade e a contingência dos impulsos oriundos do ambiente mediante a restrição das possibilidades de resposta a tais estímulos por meio do fornecimento de soluções uniformes para certos tipos de problemas.

Os indivíduos adquirem as normas durante o seu processo de socialização, que envolve sanções, sejam elas positivas na forma de recompensas para quem se alinha ao comportamento normativo esperado, sejam elas na forma de punições àqueles que as violam, de modo que “[...] as normas também servem como parâmetros segundo os quais instâncias de comportamento e/ou os seus resultados

serão avaliados, o segundo papel complementar que qualquer tipo de norma é designado a cumprir” (TOURY, 1998, p. 18).<sup>61</sup>

Trazendo de volta para o contexto das Teorias *Queer*, as sanções podem ser observadas na forma como a sociedade trata aqueles que não se alinham à matriz cis-heteronormativa. Conforme assinala Butler ([1990] 2016, p. 17),

Os “enquadramentos” que atuam para diferenciar as vidas que podemos apreender daquelas que não podemos [...] não só organizam a experiência visual como também geram ontologias específicas do sujeito. Os sujeitos são constituídos mediante normas que, quando repetidas, produzem e deslocam os termos por meio dos quais os sujeitos são reconhecidos. Essas condições normativas para a produção do sujeito produzem uma ontologia historicamente contingente, de modo que nossa própria capacidade de discernir e nomear o “ser” do sujeito depende de normas que facilitem esse reconhecimento.

Para que um sujeito seja plenamente reconhecido, é preciso adequar-se às normas vigentes na sociedade, em outras palavras “[...] uma vida tem de s[e] conformar a certas concepções do que é a vida, a fim de se tornar reconhecível” (BUTLER, [1990] 2016, p. 21). O não alinhamento à matriz cis-heteronormativa torna essas pessoas ininteligíveis dentro de suas prescrições, fazendo com que não sejam plenamente reconhecidas como pessoas. Indivíduos que não se adequam à matriz cis-heteronormativa são considerados doentes, desviantes, estranhos, inumanos etc. Diversos discursos ideológicos sustentam essa matriz cis-heteronormativa: concepções de sexo “biológico natural”, a “naturalidade” da heterossexualidade reprodutiva, discursos sobre a família tradicional e “amor romântico”, a ideia de que as mulheres são naturalmente submissas e os homens naturalmente dominantes etc. (LEWIS, 2016). Por meio desses discursos normatizadores, são construídas práticas reguladoras legitimadas por uma matriz de normas que impõem um desejo heterossexual e não admitem identidades de gênero que não estejam de acordo com o binário masculino/feminino, ou sexualidades que não sejam heterossexuais (PADILHA; PALMA, 2017).

De acordo com Toury (1998), uma vez que traduções são realizadas no interior de um contexto sociocultural, presume-se, então, que seja uma atividade afetada por normas. Para o autor, traduzir não se resume apenas a gerar enunciados que poderiam ser considerados traduções, mas, sim, desempenhar um papel social e cumprir uma função atribuída pela sociedade de forma apropriada. Para tal, é indispensável que quem traduz adquira um conjunto de normas que

---

<sup>61</sup> [...] norms also serve as a yardstick according to which instances of behaviour and/or their results are evaluated, the second, complementary role any kind of norms is designed to fulfil.

determinam a adequabilidade de seu comportamento e permitirão que manobre pelos fatores que podem limitá-lo, de maneira que possa realizar seu trabalho de forma competente em um determinado ambiente cultural.

Conforme assinala Hermans (1991, p. 163), “as normas de tradução são os conceitos da realidade social do que é correto na tradução; esta realidade social assegura a coordenação relativa à forma e ao uso dos meios de tradução numa comunidade sociocultural”<sup>62</sup>. Segundo o autor, as normas tradutórias seriam cruciais para o desempenho da tarefa de traduzir pois reduzem a quantidade de soluções possíveis para as questões de tradução colocadas pelo texto fonte àquelas entendidas na cultura de chegada como sendo capazes de gerar um texto meta adequado a uma certa noção de correção que segue os valores e atitudes por trás desses modelos. Com isso, diminui-se a carga cognitiva que o processo tradutor exige de quem o executa.

A tradução está sujeita a restrições que vão além das diferenças entre as línguas, de tradições textuais envolvidas no ato tradutório ou de limitações no aparato cognitivo do tradutor. Essas restrições encontram-se em uma escala, onde, em um extremo, encontram-se as regras absolutas e, em outro, as idiossincrasias. As normas seriam os fatores intersubjetivos que ocupam o meio termo entre esses dois pólos. Elas formam um contínuo ao longo da escala, com algumas delas sendo mais fortes, semelhantes a regras, e outras mais fracas, caracterizando-se como idiossincrasias. As fronteiras entre os diferentes tipos de restrições são difusas e o lugar que ocupam na escala pode variar de uma cultura para outra. Além disso, podem mudar também com o passar do tempo, uma vez que uma idiossincrasia pode assumir o status de regra caso seja reproduzida por outros a ponto de naturalizar-se. O mesmo é válido para as normas tornando-se regras e vice-versa.

Uma vez que as normas tradutórias existem, há na cultura meta uma certa expectativa em relação ao que constitui uma “boa tradução” ou uma “má tradução”. Nas palavras de Toury (1998, p. 23),

Uma consequência da existência de tais regularidades e seu reconhecimento é que, mesmo que não consigam explicá-las, as pessoas na cultura podem pelo menos dizer quando um tradutor falhou em aderir a práticas sancionadas. Por exemplo, elas podem não ser capazes de dizer que um certo fenômeno em um texto traduzido reflete interferência do texto/idioma de origem, mas pelo menos terão um palpite

---

<sup>62</sup> [...] translational norms are the social reality concepts of translational correctness; this social reality secures the coordination concerning form and use of translational means in a socio-cultural community.

sobre o que se espera que sintam sobre isso, dentro das preferências de sua cultura.<sup>63</sup>

Logo, supõe-se que desvios nas normas tradutórias resultem em textos meta que serão rejeitados pelos leitores da cultura de chegada, de modo que é esperado que quem traduz um texto o faça de acordo com tais normas para evitar sanções. Quais seriam, então, os mecanismos responsáveis por levar adiante tais sanções e que formas elas tomariam?

Em sua obra *Translation, rewriting and the manipulation of literary fame* (1992), o teórico belga André Lefevere dedica-se à exploração dos mecanismos de controle e das estruturas de poder que atuam sobre os agentes do sistema literário. Voltando-se principalmente ao sistema literário, o autor procurou compreender as relações de poder entre os seus integrantes, focando em particular a tradução e outras formas de reescrita de textos, como resumo, resenhas, críticas, citações, referências, historiografia, antologia etc.

Segundo Lefevere, há dois tipos de mecanismos de controle que garantem que o subsistema literário não se afaste demais dos outros subsistemas que constituem a sociedade, sendo um deles interno ao subsistema literário e outro externo. Internamente, o mecanismo de controle é composto pelos profissionais do campo literário, isto é, os críticos, revisores, professores e tradutores. Tais profissionais serão responsáveis por filtrar a produção literária tendo como baliza a poética e a ideologia vigentes, ocasionalmente reprimindo certas obras literárias que se oponham demasiadamente a elas. Em outras palavras, “[...] irão muito mais frequentemente reescrever obras literárias até que sejam consideradas aceitáveis à poética e à ideologia de um certo período e lugar [...]” (LEFEVERE, 1992, p. 14).<sup>64</sup>

O segundo fator de controle destacado por Lefevere, a patronagem, é entendido pelo autor como “[...] os poderes (pessoas, instituições) que podem promover ou dificultar a leitura, escrita e reescrita da literatura” (LEFEVERE, 1992, p. 15). Essas pessoas e instituições seriam responsáveis por impor coerções, principalmente de cunho ideológico sobre a literatura de uma cultura. Lefevere

---

<sup>63</sup> One consequence of the existence of such regularities and their acknowledgment is that, even if they are unable to account for them, people-in-the-culture can at least tell when a translator has failed to adhere to sanctioned practices. For instance, they may not be able to say that a certain phenomenon in a translated text reflects interference from the source text/language, but they will at least have a hunch as to what they are expected to feel about it, within the preferences of their culture.

<sup>64</sup> they will much more frequently rewrite works of literature until they are deemed acceptable to the poetics and the ideology of a certain time and place [...]

aponta como exemplos de patronagem partidos políticos, instituições religiosas, classes sociais, cortes reais, a imprensa e editoras. Para o autor,

Os patronos tentam regular a relação entre o sistema literário e os outros sistemas que, juntos, compõem uma sociedade, uma cultura. Via de regra, ela opera por meio de instituições criadas para regular, se não a reescrita, ao menos a sua distribuição: academias, escritórios de censura, periódicos críticos, e, de longe o mais importante, o estabelecimento educacional. Profissionais que representam a “ortodoxia reinante” em qualquer momento do desenvolvimento de um sistema literário estão próximos da ideologia dos patronos que dominam aquela fase na história do sistema social no qual o sistema literário está inserido (LEFEVERE, 1992, p. 15).<sup>65</sup>

Ademais, Lefevere divide a patronagem em três componentes: o ideológico, o econômico e o de *status*. O primeiro atua como uma restrição sobre as escolhas e o desenvolvimento tanto da forma quanto dos temas. O segundo diz respeito ao fato de que os patronos certificam-se de que os escritores e reescritores serão capazes de ganhar a vida, seja pagando-lhes uma pensão ou nomeando-os para algum cargo. Já o último refere-se ao fato de que aceitar uma patronagem implica na integração do indivíduo a um grupo e ao seu estilo de vida. A sistematização oferecida por Lefevere facilita a compreensão dos mecanismos de socialização e controle apresentados por Toury, que menciona apenas sanções e benefícios. Nessa sistematização, indivíduos que se alinham à ideologia dominante tendem a receber em troca vantagens econômicas e posições de prestígio, enquanto que essas mesmas vantagens são mobilizadas para coagir quem não o faz.

Segundo Lefevere, há uma inegável influência do contexto cultural em que um sistema literário encontra-se inserido sobre o tipo de obra que é produzida ou traduzida e como elas são traduzidas. Conforme assinala,

A literatura [...] é um dos sistemas que constituem o “complexo ‘sistema de sistemas’ conhecido como cultura. Alternativamente, uma cultura, uma sociedade são o ambiente de um sistema literário. O sistema literário e outros sistemas pertencentes ao sistema social como tal são abertos uns aos outros: eles influenciam um ao outro. De acordo com os Formalistas, eles interagem em uma “ação recíproca entre subsistemas determinados pela lógica da cultura à qual pertencem”. (LEFEVERE, 1992, p. 14)<sup>66</sup>

---

<sup>65</sup> Patrons try to regulate the relationship between the literary system and the other systems, which, together, make up a society, a culture. As a rule they operate by means of institutions set up to regulate, if not the rewriting of literature, at least its distribution: academies, censorship bureaus, critical journals, and, by far the most important, the educational establishment. Professionals who represent the “reigning orthodoxy” at any given time in the development of a literary system are close to the ideology of patrons dominating that phase in the history of the social system in which the literary system is embedded.

<sup>66</sup> Literature [...] is one of the systems that constitute the “complex ‘system of systems’” known as a culture. Alternatively, a culture, a society is the environment of a literary system. The literary system and other systems belonging to the social system as such are open to each other: they

Trazendo de volta para o contexto da presente pesquisa, conforme discutido anteriormente, a matriz cis-heteronormativa é uma “estrutura reguladora altamente rígida” que compõe “[...] um conjunto complexo de pressões, expectativas e restrições sociais e institucionais [...]” (LEWIS, 2017, p. 175-176). Sendo assim, é de se esperar que aqueles que tentem subvertê-la de alguma maneira enfrentem algum tipo de reação negativa, principalmente por parte de setores mais conservadores da sociedade. Empregar estratégias tradutórias que visibilizem os conteúdos LGBTQIAPN+ presentes em uma obra pode gerar uma série de repercussões negativas que afetarão a vida profissional do tradutor: sua tradução pode ser acusada de tentar promover a “ideologia de gênero”, a editora pode recusar-se a publicá-la para evitar uma possível repercussão negativa, quem o traduziu pode vir a perder trabalhos futuros etc. Profissionais da tradução cientes desse cenário podem optar por se autocensurar, para que suas traduções sejam bem recebidas pelo público leitor.

Sendo assim, podemos supor que a influência da matriz cis-heteronormativa como uma norma que rege a maneira como concebemos e lidamos com o gênero e a sexualidade se aplicaria também às nossas atitudes em relação à tradução de textos nos quais estão presentes elementos LGBTQAI+. Logo, podemos observar a confluência entre as normas tradutórias e a matriz cis-heteronormativa na forma como os textos traduzidos são recebidos pelo público leitor: seus posicionamentos em relação a expressões de gênero que não se alinham ao binário homem/mulher terão influência na forma como os textos serão recebidos, sendo que aqueles que se alinham a uma visão mais cis-heteronormativa de gênero rejeitarão traduções que desestabilizam as normas de gênero da sociedade. Tal rejeição aparecerá na forma de críticas à tradução, como críticas à sua “fidelidade” ou questões de autoria; contudo, o que subjaz essas críticas é um claro alinhamento a ideologias cis-heteronormativas, conforme veremos nas análises mais adiante.

No que diz respeito às instituições responsáveis por exercer o controle da tradução, podemos mencionar as editoras, que irão decidir quais textos serão traduzidos e como. No caso analisado na presente pesquisa, por exemplo, a editora responsável pela publicação de *Houseki no kuni* na cultura meta irá determinar de

---

influence each other. According to the Formalists, they interact in an “interplay among subsystems determined by the logic of the culture to which they belong.



que maneira a obra irá lidar com a tradução da não-binariedade de gênero de les personagens orientando quem traduz os textos a recriá-la na língua meta ou não: se será utilizada uma linguagem de gênero neutra, se optarão por utilizar o masculino genérico, se evitarão generificar les personagens utilizando os recursos disponíveis na língua, quando possível etc.

A escolha da estratégia tradutória, por sua vez, será afetada por questões culturais e mercadológicas. Se estivermos lidando com um contexto sociocultural em que questões LGBTQAI+ sofrem repressões, por exemplo, espera-se que a editora opte por uma abordagem mais conservadora, adotando uma estratégia tradutória que irá apagar a não-binariedade de gênero de les personagens, ou tentará recriá-la causando o mínimo de estranhamento possível. Nesse cenário, quem traduz esses textos têm sua liberdade criativa cerceada, uma vez que as soluções tradutórias precisarão ser aprovadas pela editora, e aquelas que não forem aceitas precisarão ser alteradas para adequar-se às normas estabelecidas sob risco de perder a comissão.

Por outro lado, em um contexto sociocultural em que a diversidade de gêneros e sexualidades é mais aceita, uma tradução que reflita isso tem uma chance muito maior de ser produzida e tolerada.

Logo, no contexto da tradução, a matriz cis-heteronormativa atua como uma norma tradutória delineando as possibilidades à disposição por meio de sanções exercidas sob quem se desvia dela. Quem se alinha ideologicamente a ela tende a obter vantagens econômicas e posições de prestígio nos sistemas de que fazem parte, enquanto quem não o faz sofre pressões econômicas e de status exercidas como forma de enfraquecer ou transformar suas ideologias dissidentes. Assim, a matriz cis-heteronormativa pode, muitas vezes, levar a autocensuras por parte de quem os traduz. Profissionais da tradução que se deparem com um texto no qual encontram-se presentes conteúdos LGBTQIAPN+ podem optar por apagá-los motivados por um desejo de produzir uma tradução que esteja de acordo com os valores da sociedade na qual se inserem.

Contudo, isso não significa dizer que comportamentos não-normativos não sejam possíveis, porém, adotá-los pode levar quem traduz a pagar um preço, que pode ter um custo considerado baixo, como a necessidade de submeter o produto final a um processo de revisão, ou bem mais severo, como a perda do reconhecimento profissional (TOURY, 1995).

### 5.3. Tradução e mudança na matriz cis-heteronormativa

Mencionamos anteriormente (ver seção 5) que o fato de sermos formados dentro dos confins da matriz cis-heteronormativa não significa que estejamos presos a ela, condenados a reproduzir os mesmos comportamentos, incapazes de problematizá-la e transformá-la de modo que se torne mais inclusiva. Ao invés disso, a matriz pode sim ser mudada, e essa possibilidade de mudança deve-se ao funcionamento das repetições que movem o processo performativo e à agência humana. Conforme observa Lewis,

A formulação de Butler mostra a bidirecionalidade da performatividade: ao reproduzir o “normal”, também abre a possibilidade de (re)produzir o “anormal; (re)produz as convenções normativas, mas ao mesmo tempo abre a possibilidade de mudá-las. Através da performatividade não é reproduzido simplesmente o que é considerado “normal”, mas também o que é considerado “anormal”. Portanto, dentro da performatividade normalizadora há sempre uma oportunidade para atos dissonantes, perturbadores, desestabilizadores e subversivos. Apesar de criticar intensamente os processos de regularização e normalização possibilitados pela performatividade, Butler também vê na própria performatividade as melhores oportunidades para combatê-los (LEWIS, 2017, p. 178-179).

Conforme mencionado anteriormente, o próprio mecanismo performativo que atua no surgimento e consolidação de uma norma é também responsável por sua constante transformação e, por meio dele, estratégias de mudança podem surgir.

Em artigo publicado em 2012, Luise von Flotow aponta para essa possibilidade ao destacar as fundações sociocríticas e ativistas acerca do conceito de performatividade. A autora aponta que tanto a escolha dos textos que serão traduzidos quanto as estratégias tradutórias podem ser utilizadas como forma de ativismo social de modo a criticar certos aspectos do texto fonte, chamar atenção a abusos, ou até mesmo enfatizar certos aspectos que quem traduz pode considerar desejáveis. Dessa forma, traduzir “faz parte de uma luta contínua sobre fazer coisas com as palavras” (FLOTOW, 2012, p. 133).

Em uma concepção performativa de tradução, traduzir não é um exercício de extração de um sentido que mora no texto, pois o texto acontece na repetição: ele é repetido de forma diferente em cada ato de tradução. É nesse seu potencial como uma repetição diferente que se encontra a força da Tradução *Queer*. Se considerarmos que o próprio ato de traduzir já faz com que um texto escrito e publicado em um dado contexto e para um público específico seja inserido em um novo contexto, onde ele irá, inevitavelmente, adquirir um novo significado, então

toda tradução já é, em si mesma, uma repetição diferente. Assim, “[o] simples fato de o texto-fonte mudar de lugar, ser transferido de uma cultura para outra, já implica necessariamente uma radical transformação” (ESTEVEZ, 2014, p.53). A inserção de textos dos quais temáticas ou personagens LGBTQAI+ fazem parte pode servir para ampliar a representatividade desses indivíduos na cultura meta e iniciar discussões sobre esses temas em comunidades onde antes isso não era debatido.

Mas, é claro, apenas traduzir tais textos não basta. A forma como são traduzidos desempenha um papel importante. Reconhecendo o potencial da tradução como uma ferramenta de mudança na matriz cis-heteronormativa, Lewis (2010) argumenta em favor da necessidade de uma forma de tradução que dê visibilidade a pessoas LGBTQAI+ e as ajude em sua luta contra o poder subjugador da hegemonia cis-heteronormativa. Para isso, recorre às táticas tradutórias da tradução feminista, concentrando-se em três delas: a escrita de prefácios e notas de rodapé, a complementação e o *hijacking*. Na primeira, esses paratextos seriam utilizados para explicitar os conteúdos LGBTQAI+ da obra, assim como as estratégias utilizadas para lidar com eles.

A prática de complementação, por sua vez, diz respeito a um problema que afeta toda tradução: o fato de as diferenças entre as línguas, muitas vezes, dificultarem que um determinado recurso utilizado no texto fonte (um trocadilho, ou termos ambíguos, por exemplo) seja mantido na tradução, de forma que quem o traduz precisa intervir no texto para compensar pelas diferenças entre as línguas. Contudo, na Tradução *Queer*, além de servir para compensar pelas diferenças entre línguas e manter esses recursos, a complementação também serviria ao propósito de visibilizar os conteúdos LGBTQPNAI+ da obra e criticar ideologias e usos cis-heteronormativos da linguagem que podem contribuir para a marginalização de pessoas que não se adequam à matriz cis-heteronormativa.

Já na tática de *hijacking*, quem traduz apropria-se do texto e efetua mudanças de forma deliberada por motivos políticos, como substituir termos misóginos, racistas ou homofóbicos presentes no texto fonte por um mais politicamente correto na tradução. Essa prática é bastante controversa pois resulta em textos que são frequentemente acusados de serem “infieis” ao texto fonte (FLOTOW, 1991). Além disso, ao se referir a tradução de textos que claramente incluem linguagem de teor discriminatório, Pagán argumenta que

Também devemos considerar que, se um texto tiver conotações ou conteúdo racista, sexista, classista, gordofóbico ou homofóbico... podemos estar prestando um desserviço ao limpá-lo. De onde veio? Quando foi escrito? Representa toda a organização ou apenas o indivíduo que o escreveu? Ao traduzir, parte do nosso trabalho é fornecer conselhos de comunicação ao cliente: é nossa obrigação, pelo menos, alertá-lo. Se nos ignorarem, estaremos prestando um desserviço à sociedade e enviando os leitores para um lugar perigoso se ocultarmos os avisos que podem ser vistos no texto. Não é certo disfarçar nazistas [...], ou se envolver em *pinkwashing*, *whitewashing*, *genderwashing* ou qualquer outro tipo de estratégia para esconder ou disfarçar realidades opressivas. (PAGÁN, 2020, p. 29, grifos da autora)<sup>67</sup>

Logo, caso não venha acompanhada de um prefácio ou notas de tradução explicando as decisões tradutórias, a tática de *hijacking* pode ser bastante problemática pois, ao utilizá-la, corre-se o risco de apagar a imagem misógina, racista, LGBTfóbica etc. de um determinado texto autor.

A Tradução *Queer*, então, serviria ao propósito de olhar criticamente para as traduções desses textos e problematizar as maneiras como a tradução contribui para a construção de sujeitos marginalizados. Com isso, deve-se problematizar as ideologias cis-heteronormativas que subjazem às estratégias tradutórias adotadas, as maneiras como essas reproduzem tais ideologias e, mais importante, como tudo isso pode contribuir para reforçar a matriz cis-heteronormativa e o que pode ser feito para que a tradução a subverta.

Embora tais estratégias sejam ferramentas importantes na luta contra a marginalização de indivíduos marginalizados pela cis-heteronormatividade, sua implementação enfrenta obstáculos consideráveis quando levamos em conta as sanções discutidas na seção anterior. No entanto, assim como Butler reconhece a possibilidade de mudança na matriz cis-heteronormativa, Toury (1998) também reconhece que as normas tradutórias não são imutáveis.

Conforme discutido anteriormente, em sua teoria das normas, Toury descreve sua potência por meio de uma escala, colocando em um de seus extremos as regras absolutas e no outro extremo, as idiossincrasias, sendo o primeiro deles mais restritivo e o segundo menos restritivo. As normas, segundo Toury, ocupariam o terreno entre esses dois extremos. Além disso, as fronteiras

---

<sup>67</sup> También hay que considerar que si un texto tiene tintes o contenidos racistas, machistas, sexistas, clasistas, gordófobos, homófobos... quizá hacemos muy mal servicio limpiándolo. ¿De dónde sale? ¿Cuándo lo escribieron? ¿Representa a toda la organización o solo al individuo que lo redactó? Al traducir, parte de nuestro trabajo es proporcionar asesoría de comunicación al cliente: es nuestra obligación al menos avisar. Si no nos hacen caso, estamos dando mal servicio a la sociedad y mandando a quien lee a un lugar peligroso si ocultamos las advertencias que podían verse en el texto. No es correcto disfrazar a los nazis de Heidi, ni hacer *pinkwashing*, *whitewashing*, *genderwashing*, ni ningún otro tipo de estrategia de ocultación o disimulo de realidades opresivas.

entre os diferentes tipos de restrição são difusas e a posição que ocupam no contínuo das normas é relativa dependendo do ponto de vista em que são consideradas ou do contexto do qual fazem parte (TOURY, 1998). Dessa forma, uma norma que, em um grupo aproxima-se mais de uma idiossincrasia pode assumir um caráter muito mais rigoroso em outro, ocupando uma posição mais próxima de uma regra. Toury aponta também o aspecto diacrônico das normas destacando que elas frequentemente movem-se ao longo da escala por meio de um processo de ascensão e declínio. Assim,

Sob certas circunstâncias (que precisam ser especificadas), meros caprichos podem entrar na moda e se tornar cada vez mais compulsórios, e normas podem ganhar tanta validade que, para todos os fins práticos, elas tornam-se tão fortes quanto regras. Isso também ocorre no sentido oposto, é claro: o que costumava ser compulsório pode perder muito de sua força, o que costumava ser comum pode se tornar raro, o que antes era comum pode se tornar idiossincrático, às vezes até bizarro. (TOURY, 1998, p. 19)<sup>68</sup>

O que Toury descreve no trecho acima nada mais é do que o mecanismo performativo atuando no processo de mudança e naturalização das normas tradutórias. Na atividade tradutória, uma determinada forma de traduzir pode ser introduzida em um dado contexto cultural, inicialmente como uma idiossincrasia tradutória de uma única pessoa. Eventualmente, tal idiossincrasia pode espalhar-se para um grupo maior de pessoas que irão reforçá-la em cada tradução realizada, fazendo com que ganhe cada vez mais força e, conseqüentemente, mova-se na escala. Com isso, algo que começou apenas como uma peculiaridade individual pode tornar-se a forma “correta” ou, ao menos, a esperada de se lidar com um problema tradutório. O oposto também é verdadeiro: uma forma de traduzir que, em determinado momento, exercia uma força normativa por ser considerada a solução correta para um certo problema tradutório pode, com o tempo, cair em desuso, perdendo aos poucos sua força e movendo-se na escala até tornar-se algo mais próximo de uma idiossincrasia.

Implícita nesse processo está a importância da repetição para as normas se transformarem. Para que uma idiossincrasia adquira força e se consolide como uma norma tradutória, não basta que seja empregada uma única vez, ela precisa ser repetida diversas vezes, em diversas traduções por mais de um indivíduo. No

---

<sup>68</sup> under certain circumstances (which would have to be specified), mere whims may catch on and become more and more binding, and norms can gain so much validity that, for all practical purposes, they become as strong as rules. This may also happen the other way around, of course: what used to be binding may lose much of its force, what used to be common may become rare, what was once common to many may become idiosyncratic, on occasion even bizarre.

sentido oposto, para que uma norma perca a sua força, é preciso que ela deixe de ser seguida e, conseqüentemente, repetida. Sendo assim, “instâncias desviantes de comportamento podem ter efetuado *mudanças* no próprio sistema”<sup>69</sup> (TOURY, 1995, p. 64, grifo do autor).

Assim, traduções que se utilizem das estratégias tradutórias *queer* mencionadas acima podem ser rejeitadas inicialmente, porém, uma vez que tais estratégias sejam reconhecidas como formas eficazes de visibilizar identidades LGBTQPNAI+, elas podem passar ser adotadas em outras traduções em que tais identidades estejam presentes e, com o tempo, tornar-se a norma ao se traduzir esses textos.

Ao mencionar a possibilidade de comportamentos desviantes acarretarem mudanças no sistema, contudo, Toury (1995) chama atenção à questão de a quem seria permitido introduzir tais mudanças pela cultura. Em seu livro intitulado *Economia das Trocas Lingüísticas: O que Falar Quer Dizer* ([1982] 2008), Pierre Bourdieu critica a teoria dos atos de fala de Austin por este não considerar as relações de poder e, em vez disso, tratar a linguagem como um objeto autônomo dotado de uma capacidade interna de realizar atos só através das elocuições enunciadas (LEWIS, 2016). Para Bourdieu, “[...] a força ilocucionária das expressões [...] não poderia estar localizada nas próprias palavras, como, por exemplo, os vocábulos performativos” (BOURDIEU, [1982] 2008, p. 85). Isso o leva a afirmar que “[o] poder das palavras é apenas o *poder delegado* do porta-voz cujas palavras [...] constituem no máximo um testemunho entre outros da *garantia de delegação* de que ele está investido” (BOURDIEU, [1982] 2008, p. 87, grifos do autor). O autor continua:

[o] uso da linguagem, ou melhor, tanto a maneira como a matéria do discurso, depende da posição social do locutor que, por sua vez, comanda o acesso que se lhe abre à língua da instituição, à palavra oficial, ortodoxa, legítima. O acesso aos instrumentos legítimos de expressão e, portanto, a participação no quinhão de autoridade institucional, está na raiz de *toda* a diferença. (BOURDIEU, [1982] 2008, p. 87, grifo do autor)

Logo, para Bourdieu, o poder é externo à linguagem e, para que sejam bem-sucedidos, atender às condições de felicidade elaboradas por Austin assume um grau de importância menor do que as autorizações institucionais, isto é,

---

<sup>69</sup> On the other hand, in retrospect, deviant instances of behaviour may be found to have effected *changes* in the very system.

[u]m enunciado performativo está condenado ao fracasso quando pronunciado por alguém que não disponha do ‘poder’ de pronunciá-lo, ou ‘pessoas ou circunstâncias particulares’ não sejam ‘as mais indicadas para que se possa invocar o procedimento em questão’, em suma, sempre que o locutor não tem autoridade para emitir as palavras que enuncia (BOURDIEU, [1982] 2008, p. 89).

Posteriormente, Butler ([1997] 2021) critica a leitura que Bourdieu faz da teoria de Austin argumentando que, ao condicionar o sucesso dos performativos à existência de uma autoridade institucional prévia, (1) Bourdieu ignora a importância da citacionalidade e da iterabilidade apontadas por Derrida na consolidação do poder institucional ao qual se refere; e (2) exclui “a possibilidade de uma agência que emergja das margens do poder” (BUTLER, [1997] 2021, p. 156), inviabilizando qualquer possibilidade de mudança social. Ambos os pontos estão diretamente relacionados, pois o fato de que Bourdieu não reconhece o potencial subversivo da citacionalidade e da iterabilidade é o que o leva a desconsiderar o potencial performativo dos discursos da margem. Segundo esses conceitos derrideanos, um enunciado pode ser repetido em contextos e maneiras diferentes daqueles em que foram originalmente proferidos e, no processo, adquirir significados novos e potencialmente inesperados. O que significa que “[u]ma frase dita por uma pessoa ‘não-autorizada’ pode ter efeitos subversivos, ser apropriada agentivamente e levar a transformações sociais” (LEWIS, 2016, p. 67).

Apesar de concordar com as críticas de Butler a Bourdieu, é importante ressaltar que o fato de o poder de realizar um ato de fala performativo não estar limitado apenas àqueles dotados de autoridade institucional e de a mudança social poder ser levada a cabo por qualquer indivíduo não significa que os atos de fala performativos dos indivíduos terão o mesmo impacto social, de modo que há um certo mérito no que diz Bourdieu. Para melhor pensarmos essa questão, seria interessante nos voltarmos para o seu conceito de “capital”.

Em *The Forms of Capital* (1986), Bourdieu argumenta que o capital pode apresentar-se de três formas fundamentais: como capital econômico, que seria diretamente equivalente ao poder econômico de um indivíduo e pode ser institucionalizado na forma de direitos de propriedade; como capital cultural, manifestado na forma de qualificações educacionais; e o capital social, composto pelas conexões sociais que cultivamos ao longo da vida.

Ao elaborar o conceito de capital cultural, Bourdieu o subdivide em componentes. Para o autor, ele pode se manifestar em seu estado corporificado,

isto é “[...] na forma de disposições duradouras do corpo e alma” (BOURDIEU, 1986, p. 17); em seu estado objetificado, na forma de imagens, obras de arte, livros, instrumentos, máquinas; e em seu estado institucionalizado, referindo-se à formação educacional do indivíduo, como diplomas, cursos realizados etc. Logo, o capital cultural pode ser resumido como todo conhecimento que a pessoa acumulou ao longo da sua vida, seja ele informal, como suas experiências vividas, ou formais, como pós-graduações ou um curso profissionalizante.

Já o capital social é definido por Bourdieu como os recursos reais ou potenciais vinculados ao pertencimento a uma rede de relacionamentos de conhecimento e reconhecimento mútuos capazes de proporcionar a cada um de seus membros o apoio do capital coletivo do grupo. O autor cita como alguns exemplos pertencem a uma certa família, um partido, uma classe, uma tribo ou uma escola etc. Para Bourdieu,

O volume do capital social possuído por um dado agente, então, depende do tamanho da rede de conexões que ele pode efetivamente mobilizar e do volume do capital (econômico, cultural ou simbólico) possuído por direito próprio por cada um daqueles a quem ele é conectado. (BOURDIEU, 1986, p. 21)

Apesar de distinguir entre esses três tipos de capital, Bourdieu reforça que tanto o capital cultural quanto o social encontram-se diretamente vinculados ao capital econômico, uma vez que adquirir capital cultural e social depende, em grande parte, do poder econômico à disposição do indivíduo. De fato, Bourdieu se refere aos capitais social e cultural como “formas disfarçadas” do capital econômico que “[...] produzem os seus efeitos mais específicos apenas na medida em que ocultam [...] o fato de que o capital econômico está em sua raiz [...]” (BOURDIEU, 1986, p. 24).

Uma vez que os capitais econômico, cultural e social são reconhecidos e legitimados pela sociedade, eles assumem a forma do capital simbólico. Essa forma de capital diz respeito ao valor atribuído a um indivíduo ou grupo com base em critérios como prestígio, honra, reconhecimento e legitimidade. Por exemplo, um diploma de uma universidade renomada tem um prestígio social maior do que o de uma universidade menos conhecida, fazendo com que esse capital cultural se converta em um capital simbólico mais elevado a quem o detém. De forma semelhante, um profissional com anos de experiência em uma determinada área pode, com o tempo, acumular um capital simbólico como fruto do reconhecimento e respeito em sua área.



Quais seriam, então, as implicações dos conceitos de Bourdieu para a discussão sobre tradução levantada na presente pesquisa? De acordo com Toury, “[...] certos indivíduos podem ser mais decisivos do que outros em efetuar mudanças nas normas dependendo do status e posição que adquiriram no grupo” (TOURY, 1998, p. 18). No caso específico da presente pesquisa, o que gostaria de argumentar é que as restrições impostas pelas normas tradutórias não afetam os tradutores de maneira uniforme e, conseqüentemente, opor-se a elas representa um risco maior para certos indivíduos do que para outros. Por sua vez, isso pode ter implicações quanto ao tipo de estratégia tradutória que será empregada ao traduzir uma determinada obra: as normas tradutórias vigentes serão seguidas? Uma tradução mais experimental será feita? Ou serão empregadas estratégias que subvertam as normas de forma sub-reptícia?

Considerando as diferentes formas de sanções às quais profissionais de tradução estão sujeitos ao se desviar das normas tradutórias discutidas na seção 3.2, é de se esperar que as estratégias de tradução mais arriscadas sejam empregadas por profissionais de tradução que gozam de um capital simbólico mais elevado, uma vez que, estando eles mais bem estabelecidos no campo, não são economicamente vulneráveis, dificilmente terão sua competência no ato de traduzir questionada, suas conexões de longa data em editoras pode facilitar que suas traduções sejam publicadas etc. Levando tudo isso em conta,

Não surpreende que revoluções [...] tenham frequentemente sido feitas por tradutores experientes que tenham [...] atingido considerável prestígio comportando-se ‘apropriadamente’, i.e., de acordo com as normas hegemônicas. Após terem internalizado essas normas e terem atingido mais do que mero reconhecimento pela sociedade, podem se dar ao luxo de começar a desviar-se delas e se safar. (TOURY, 1998, p. 30)

Contudo isso não significa dizer que apenas tradutores prestigiados sejam capazes de efetuar mudanças significativas nas normas. Uma tradução que se utilize das estratégias da Tradução feminista e *Queer* mencionadas acima feita por alguém que não desfrute dos privilégios que um capital simbólico elevado proporciona ainda poderia ser publicada caso houvesse o apoio de uma editora comprometida com a causa LGBTQIAPN+ (ou por questões meramente mercadológicas em um cenário em que uma tradução como essa seria bem recebida pelo público).

Ademais, ao traduzir um texto em que identidades não-binárias especificamente estão presentes, é possível também recorrer à estratégia que

Pagán (2020) denomina “gênero ninja”. Ela envolve contornar as marcações de gênero presentes no texto de uma forma invisível, produzindo sentenças na língua de chegada que escapam a todos os controles. Desse modo, a tradução resultante é uma em que “[o] corretor ortográfico não foi acionado; a pessoa que o verificou não percebeu: ninguém viu, não há como provar. É a ferramenta de que você precisa quando quer tornar o mundo um lugar melhor, mas não pode arriscar seu emprego fazendo isso” (PAGÁN, 2020, p. 29)<sup>70</sup>. Assim, lançar mão de tal estratégia possibilita que um texto mantenha a não-binariedade de gênero presente no texto fonte sem que quem o traduziu sofra sanções decorrentes de desvios das normas tradutórias ou da matriz cis-heteronormativa.

Entretanto, tal estratégia apresenta um ponto negativo. Conforme observa Pagán, por um lado, fez-se algo, mas, por outro, esconde-se o que foi feito. Com isso, perde-se parte da capacidade do ato estender-se e ser adotado por parte de pessoas que não estejam advertidas de antemão de que é o que irão encontrar. Assim, “[o] discreto tem seus prós e contras: por um lado, não somos demitidos, o que é bom. Por outro, não chamamos atenção [...]” (PAGÁN, 2020, p. 31)<sup>71</sup>

Toda tradução, mesmo aquelas que alinham-se às normas hegemônicas efetuam mudanças, uma vez que, de acordo com os conceitos de iterabilidade e citacionalidade discutidos na seção 5, toda repetição é uma repetição diferente, pois é realizada em um contexto diferente. Estratégias tradutórias subversivas que não causem tanto estranhamento podem ser empregadas de forma a subverter a matriz cis-heteronormativa, diminuindo os riscos para quem traduz. Além disso, com o apoio da editora, um tradutor menos estabelecido pode ser capaz de aplicar uma das estratégias tradutórias mais controversas discutidas no presente capítulo.

---

<sup>70</sup> No ha saltado el corrector ortográfico, quien revisa no se ha dado cuenta: nadie lo ha visto, no puede probarse. Es la herramienta cuando se quiere hacer del mundo un lugar mejor pero no cabe el arriesgar el puesto de trabajo en ello.

<sup>71</sup> Lo discreto tiene sus pros y sus contras: por una parte, no nos despiden, eso está bien. Por otra parte, no llamamos la atención [...].

## 6. Metodologia

A presente pesquisa encontra-se inserida no paradigma dos Estudos Descritivos da Tradução. Essa denominação é atribuída a James S. Holmes, que, em seu artigo “The name and Nature of Translation Studies” ([1972] 1988), propõe um “mapa do campo”, no qual divide a disciplina em três ramos distintos: o teórico, o descritivo e o aplicado. O primeiro trata dos princípios, processos e funções da tradução. O segundo lida com análises concretas de traduções em contextos específicos, focando em seus aspectos diacrônicos, sincrônicos e comparativos. E o terceiro volta-se para áreas como o ensino da tradução, crítica tradutória e desenvolvimento de ferramentas e recursos tradutórios. Com isso, os Estudos Descritivos da Tradução passaram a ter um ramo delineado para si, autônomo, dentro dos estudos teóricos. Essa distinção foi crucial para evidenciar a necessidade de uma abordagem empírica destinada a descrever o que uma tradução é e não o que ela deveria ser.

A proposta de Holmes baseia-se na necessidade de autonomia metodológica e epistemológica da tradução como objeto de pesquisa. O autor argumenta que, enquanto outras disciplinas abordaram a tradução de maneira instrumental (como parte da linguística ou da literatura comparada), era necessário tratá-la como um fenômeno complexo, interdisciplinar, mas com identidade própria. Um dos méritos do autor é incluir tanto aspectos empíricos quanto normativos em sua proposta, prevendo desde o estudo histórico e textual das traduções até as investigações aplicadas. Com isso, Holmes não apenas delimita o campo, mas antecipa debates que ainda hoje são centrais nos Estudos da Tradução, como a tensão entre descrição e prescrição.

A obra de James S. Holmes é pioneira e fundamental no reconhecimento dos Estudos da Tradução como disciplina. Seu mapa continua relevante por sua clareza classificatória e capacidade de sistematizar múltiplas abordagens teóricas e práticas. Apesar disso, a proposta de Holmes apresenta algumas lacunas, como a sua generalização excessiva, que, embora útil como guia, carece de detalhamento metodológico nas subcategorias, ou a ausência de questões socioculturais, como uma abordagem mais direta de fatores como poder, ideologia e agência do tradutor – temas que se tornariam centrais na virada cultural dos anos 1990. Apesar dessas lacunas, o texto representa uma base sólida sobre a qual muitos outros paradigmas se desenvolveram.

Posteriormente, o mapa de Holmes foi expandido por outros estudiosos tornando-se referência canônica nos manuais e currículos universitários da área. Dentre eles, encontra-se Theo Hermans, que na introdução de seu livro *The Manipulation of Literature*, apresenta uma nova abordagem para os Estudos da Tradução que romperia com a maneira convencional de realizar pesquisas na área até então e as motivações que levaram a essa mudança de paradigma.

Hermans inicia o seu texto ressaltando a posição marginal que a tradução ocupa nos Estudos da Tradução, a qual atribui a certas noções influentes acerca da natureza da literatura e da relação que ela estabelece com a linguagem, que resultaria nos conceitos de “gênio artístico”, “originalidade”, “criatividade” e em uma concepção bastante limitada do que constituiria uma literatura nacional. Para o autor,

Se o artista literário for visto como um gênio criativo excepcionalmente talentoso, dotado de profunda percepção e domínio de sua língua nativa, a obra que ele produz naturalmente será considerada exaltada, intocável, inimitável, consagrada. Se, além disso, a linguagem for concebida como intimamente correlacionada com a nacionalidade e o espírito nacional, o conjunto canonizado de textos que, juntos, compõem uma determinada literatura nacional também assumirá uma aura de intocabilidade sagrada. (HERMANS, 1985, p. 7)<sup>72</sup>

Segundo Hermans, devido a esses fatores, qualquer tentativa de traduzir um texto de uma língua para outra é vista com maus olhos e considerada uma tarefa fadada ao fracasso, além de ser julgada sempre em termos de fidelidade ao original. Sendo assim, para o autor, a abordagem convencional à literatura traduzida parte do pressuposto de que traduções são inferiores e, logo, não merecem a devida atenção, fazendo com que o seu estudo sirva apenas para ressaltar a superioridade do original ao apontar os “erros” e inadequações em quaisquer traduções que sejam feitas deles. O resultado disso, segundo Hermans, seria uma abordagem voltada para o material-fonte “[...] que, ao manter constantemente o original como um padrão absoluto e um parâmetro, torna-se repetitivo, previsível e prescritivo [...]” (HERMANS, 1985, p. 9).<sup>73</sup>

Contudo, o autor também assinala o papel desempenhado pelos próprios teóricos da tradução na manutenção desse cenário ao não questionarem essas

---

<sup>72</sup> If the literary artist is viewed as a uniquely gifted creative genius endowed with profound insight and a mastery of his native language, the work he produces will naturally come to be regarded as exalted, untouchable, inimitable, hallowed. If, in addition, language is conceived as closely correlated with nationhood and the national spirit, the canonized set of texts that together make up a given national literature will also assume an aura of sacred untouchability.

<sup>73</sup> [...] which, by constantly holding the original up as an absolute standard and touchstone, becomes repetitive, predictable and prescriptive [...].

abordagens e por concentrarem-se demais no que definiu como “questionamentos essencialistas e improdutivos”. De acordo com Hermans, houve tentativas de progresso em outras direções por parte desses teóricos, principalmente com estudos de orientação psicológica e linguística, porém, quando tais abordagens demonstraram-se inadequadas, cresceu a sensação de que a disciplina dos Estudos da Tradução chegou a um impasse.

O autor prossegue o seu texto voltando-se para o grupo de estudiosos que dedicaram-se a quebrar esse impasse. Esses estudiosos seriam caracterizados por uma visão da literatura como um sistema complexo e dinâmico; uma abordagem descritivista, voltada para o texto meta, funcional e sistêmica; e por um interesse nas normas e restrições que governam a produção e recepção das traduções. Segundo Hermans, o principal objetivo desses estudiosos era estabelecer um novo paradigma para a disciplina baseado em uma teoria abrangente e pesquisa prática contínua.

Apesar de, como mencionado anteriormente, ter sido cunhada inicialmente na obra de James Holmes, a denominação Estudos Descritivos da Tradução veio a consagrar-se com a publicação do livro *Descriptive Translation Studies and Beyond*, de Gideon Toury, publicado em 1995. À primeira vista, esse nome pode fazer parecer que se trata de um paradigma de pesquisa no qual pesquisadores passaram a voltar-se para a descrição do que traduções são, em vez do que deveriam ser. No entanto, conforme assinala Pym (2010), definir o campo nesses termos é uma simplificação que não é capaz de dar conta do seu escopo. Pym observa que, se o objetivo fosse apenas descrever, não haveria a necessidade de desenvolver uma grande teoria para embasar tais estudos. Contudo, o que se encontra nesse paradigma é um vasto conjunto de conceitos teóricos voltados aos sistemas, normas, mudanças, universais e leis, além de um longo e contínuo debate acerca da definição do que constitui uma tradução. O autor aponta: “[a]pesar da ênfase na descrição, não deixa de ser em grande medida um paradigma eminentemente teórico” (PYM, 2010, p. 134).

Os Estudos Descritivos da Tradução são caracterizados pela visão de que a equivalência é uma característica compartilhada por todas as traduções, independentemente de sua qualidade linguística ou estética (PYM, 2010). Adotar tal posicionamento desencadeou uma importante mudança de paradigma, uma vez que,

Se, de repente, a equivalência era uma característica de todas as traduções, [...] ela não poderia mais ser utilizada para sustentar qualquer abordagem linguística que a promovesse. Assim, a teorização sobre tradução perdeu relativamente seu abrigo no seio de uma disciplina importante e teve que instituir sua própria disciplina. (PYM, 2010, p. 133)

Ao instituir-se como uma disciplina própria, os Estudos Descritivos da Tradução estabelecem-se como um paradigma científico que busca compreender traduções enquanto fatos culturais observáveis, sem impor estratégias ou normas prévias. Diferentemente das abordagens prescritivas, os Estudos Descritivos da Tradução caracterizam-se pelo distanciamento analítico e pela objetividade empírica, conforme apontado por Pym (2010) e respaldado por Toury (1995). Este enfoque privilegia as normas, funcionalidades, produtos e processos que regem as práticas tradutórias dentro de contextos culturais específicos.

Uma importante contribuição de Toury aos Estudos da Tradução foi a sua insistência no fato de que as traduções deveriam ser estudadas nos termos de seus contextos de chegada, selando-o a adotar uma abordagem conhecida como *target oriented*, ou seja, uma abordagem voltada ao texto-meta e ao seu sistema literário. O ponto de partida de uma tradução é sempre a cultura meta, visto que,

[...] as culturas recorrem à tradução precisamente como um importante meio de preencher lacunas, quaisquer que sejam e como quer que se manifestem – seja como tal, ou [...] de uma perspectiva comparativa, i.e., em vista de uma não-lacuna em outra cultura que a cultura meta provavelmente tem motivos para buscar e tentar explorar. (TOURY, 1995, p. 27)<sup>74</sup>

Ao adotar essa perspectiva, Toury coloca-se na contramão da forte tendência vigente até os anos 1970, segundo a qual as traduções deveriam ser estudadas sempre a partir do texto original e a constatação de que uma dada tradução exerce essa função em um sistema é um pré-requisito para estudá-la. Segundo Pym (2010), filiar-se a uma abordagem voltada para o texto e a cultura metas, deve ser entendido como parte de uma metodologia de pesquisa específica segundo a qual todos os fatores necessários para descrever o funcionamento de uma tradução encontram-se disponíveis no sistema de chegada. Essa metodologia fundamenta-se na hipótese de que quem traduz trabalha, acima de tudo, para atender aos interesses da cultura para a qual estão traduzindo, seja para reforçar suas normas, seja para preencher o que consideram como lacunas (PYM, 2010).

---

<sup>74</sup> [...] cultures resort to translating precisely as a major way of filling in gaps, whenever and wherever such gaps manifest themselves – either as such, or [...] from a comparative perspective, i.e., in view of a corresponding non-gap in another culture that the prospective target culture has reasons to look up to and try to exploit.

De forma resumida: “[...] é a partir da cultura-alvo que é possível constatar que um determinado texto é tratado como uma tradução, sendo a partir desse fato que a pesquisa tem início” (CARVALHO, 2005, p. 41).

De acordo com Hermans (1985), a abordagem descritivista voltada para o texto meta fez com que as questões essencialistas sobre a natureza da tradução dessem lugar a uma perspectiva funcional, onde se tenta dar conta das estratégias que orientaram uma determinada tradução e da forma como uma tradução funciona na literatura meta. O objetivo seria ir além de ocorrências isoladas e passar a considerar um todo maior de forma a fornecer um arcabouço contextual amplo para um fenômeno individual. Segundo o autor,

O resultado da nova abordagem à tradução é, por um lado, uma ampliação considerável do horizonte, uma vez que todo e qualquer fenômeno relacionado à tradução, no sentido mais amplo, torna-se objeto de estudo; e, por outro lado, proporciona um tipo de investigação mais coerente e direcionado a objetivos, porque opera dentro de uma concepção definida de literatura e permanece ciente da interação entre teoria e prática. (HERMANS, 1985, p. 14)<sup>75</sup>

Com essas considerações em mente, na presente pesquisa, a minha análise das traduções irá se concentrar apenas nos textos traduzidos. Não serão feitas comparações entre os trechos das traduções analisados e os seus correspondentes no texto fonte. Em vez disso, o tratamento dado à não-binariedade de gênero de les personagens se limitará ao que foi abordado no capítulo 6, enquanto que o capítulo de análise focará nas maneiras como as traduções lidam com a não-binariedade de gênero de les personagens e na forma como as estratégias adotadas foram recebidas em suas respectivas culturas de chegada.

## 6.2. O Modelo Lambert e van Gorp

A análise dos dados seguirá o modelo descritivo proposto por José Lambert e Hendrik Van Gorp ([1985] 2011). Segundo os autores, para fazer uma análise descritiva de uma tradução, seria necessário adotar um quadro de referência para guiar tal análise. Esse quadro não pode orientar-se apenas em relação ao texto fonte, utilizando-se, em vez disso, de categorias tiradas tanto do texto fonte quanto do texto meta e que podem ser enriquecidas a partir de questionamentos que

---

<sup>75</sup> The net result of the new approach to translation is, on the one hand, a considerable widening of the horizon, since any and all phenomena relating to translation, in the broadest sense, become objects of study; and, on the other hand, it provides a more coherent and goal-directed type of investigation, because it operates within a definite conception of literature and remains aware of the interplay between theory and practice.

surgem dos sistemas fonte e meta. Os autores, então, procuram apresentar um esquema metodológico abrangente que permita realizar pesquisas descritivas em tradução considerando os seus diferentes aspectos. Para isso, baseiam-se no esquema apresentado por Itamar Even-Zohar (1978) e Gideon Toury (1980) para a teoria dos polissistemas, que contém os parâmetros básicos envolvidos nos fenômenos tradutórios, sendo eles: texto, autor e leitor pertencentes ao sistema fonte, e texto, autor e leitor pertencentes ao sistema alvo. Para os autores, todas as maneiras como os elementos desse esquema se relacionam merecem ser estudadas; e eles apresentam alguns dos possíveis caminhos de pesquisa que podem surgir dele, organizados em quatro níveis conforme o modelo abaixo:

- Dados preliminares: título e página título; paratextos (textos que acompanham os volumes das traduções: prefácios, posfácios, notas de rodapé, notas de tradutor etc.) e metatextos (textos produzidos sobre as traduções: ensaios, resenhas, avaliações em sites de consumidor, comentários em redes sociais etc.); estratégia geral;
- Macronível: divisão do texto; título dos capítulos; estrutura geral da tradução;
- Micronível: escolhas de tradução relacionadas ao vocabulário, estruturas gramaticais, formais, estilísticas etc.;
- Contexto sistêmico: as oposições entre os níveis macro e micro; relações entre textos naquele sistema; relações entre sistemas.

O método consiste basicamente em transitar entre esses diferentes níveis, com as análises dos dados de um nível, servindo para formular hipóteses que guiarão a análise do nível seguinte. Assim, inicia-se por coletar informações macroestruturais gerais da tradução: sua identificação (tradução, adaptação, imitação); o significado desses termos no período determinado; se o nome do tradutor aparece em algum lugar; se o texto pode ser reconhecido como um texto traduzido; se há algum paratexto do tradutor ou do editor etc. Esse levantamento aponta possíveis estratégias tradutórias e o que priorizam. A partir dessa análise inicial, o pesquisador passaria para uma segunda fase, na qual seriam analisados outros fragmentos a fim de averiguar procedimentos como acréscimo ou exclusão de parágrafos, capítulos, palavras ou características literárias; se isso ocorre ao longo de todo o texto ou apenas em certos trechos; o que explicaria tais decisões etc. Na etapa seguinte, analisam-se elementos como vocabulário, estilo ou convenções poéticas e retóricas adotadas no texto fonte e na tradução. Por fim, o



último nível estudaria a crítica e a teoria da tradução empregadas em literaturas específicas e períodos específicos; grupos ou escolas de tradução; o papel da tradução no desenvolvimento de literaturas etc. Assim, seria possível afastar-se das ideias hegemônicas sobre tradução baseadas em conceitos como “fidelidade” e “qualidade” e que, conseqüentemente, favorecem o texto fonte.

O esquema, então, seria uma ferramenta de pesquisa capaz de mostrar as diferentes relações que podem exercer um papel na produção de traduções, englobando aspectos relativos ao processo de tradução, suas características textuais, a sua recepção e aspectos sociológicos. Com isso, o processo de tradução pode ser estudado a partir de diferentes pontos de vista, sejam eles macro ou microestruturais, e focar em aspectos como padrões linguísticos, códigos literários, padrões morais ou religiosos, e aspectos não-literários.

Contudo, conforme apontam Lambert e Van Gorp ([1985] 2011), não é possível fazer uma análise exaustiva do texto em sua totalidade. Logo, caberia analisar diferentes fragmentos a partir do ponto de vista de regras textuais específicas, como olhar para as maneiras como as diferenças entre as línguas fonte e meta podem estar por trás de alterações específicas.

Para os autores, não se pode analisar traduções específicas de maneira adequada se não forem levados em consideração aspectos relacionados a ela, como outras traduções pertencentes aos mesmos sistemas, ou os vários níveis macro e microestruturais em que se inserem. Logo, o modelo proposto por Lambert e Van Gorp pode ser relevante para se estudar traduções *queer* pois, ao empregá-lo, pode-se evitar o tipo de análise reducionista e melhor compreender como os diferentes aspectos das traduções se inter-relacionam para visibilizar ou apagar conteúdos LGBTQIAPN+ nos textos.

Seguindo o modelo descritivo de Lambert e Van Gorp, a análise começará pelos dados preliminares – como a presença ou ausência de prefácio, posfácio ou notas – com o intuito de averiguar (1) se a tradução explicita as estratégias tradutórias empregadas para lidar com a não-binariedade de les personagens; (2) quais posicionamentos ideológicos adotados pela editora, pelos responsáveis pela tradução, revisão e edição dos textos podem ser entrevistados nesses paratextos; (3) se a não-binariedade de gênero de les personagens é mantida ou apagada. Posteriormente, passarei ao micronível, analisando, no nível textual, as estratégias utilizadas pela tradução: se essas condizem ou não com as informações

apresentadas nos dados preliminares e se enfatizam a neutralidade de gênero de les personagens.

Por fim, passaremos aos textos críticos sobre essas traduções, de forma a analisar como foram recebidas pelo público leitor. Nessa última etapa, o foco recairá especificamente nas reações dos leitores às maneiras como as traduções lidaram com o gênero de les personagens, com o intuito de analisar quais ideologias acerca de gênero e sexualidade, de tradução, e de linguagem são subvertidas e/ou reforçadas em seus discursos. Para isso, seguimos Judith Irvine e Susan Gal, que assinalam que

Afirmar sobre a linguagem nunca são apenas sobre a linguagem – e nunca são apenas afirmações. [...] Afirmar sobre a linguagem sempre vão além das formas linguísticas imediatas. Implicam conhecimento sobre o restante da vida social; interseccionam-se com outros meios comunicativos; emitem sinais sobre seus falantes; e, inevitavelmente, são ações sociais incrustadas na história. Comentar sobre as línguas, descrevê-las ou recomendar políticas a respeito delas é engajar-se em metadiscorso, uma atividade reflexiva que é ao mesmo tempo uma prática e um comentário sobre essa prática, dentro de um reino de possibilidades alternativas. (IRVINE; GAL, 2019, p. 1)<sup>76</sup>

Ao se engajarem com as traduções, indivíduos trazem consigo bagagens, na forma de ideologias, que influenciam as maneiras como irão experienciá-lá. Tais ideologias dizem respeito aos seus conhecimentos sobre as línguas que falam, adquiridos ao longo de suas vidas e refletidos em suas atitudes acerca de como elas funcionam ou “deveriam funcionar”, isto é, seus conhecimentos acerca do que soa bem ou não em suas línguas, quais as formas “corretas” de falar ou escrever etc. – embora, muitas vezes, pessoas que pregam o bom uso da norma padrão da língua e criticam os desvios cometidos não dominam completamente tal norma. Ainda mais importante, porém, é o fato de que as autoras demonstram que essas ideologias dizem mais sobre o social do que sobre a língua. Ou seja, embora tenham como foco a língua, a questão de fundo é outra. Ideologias linguísticas estão sempre atreladas a outras ideologias, mesmo que implicitamente. Como veremos na seção 7.2.3, por exemplo, a recusa às linguagens inclusivas também parece ter a ver com um problema relacionado a formas não convencionais de performar gênero.

---

<sup>76</sup> Statements about language are never only about language – and they are never only statements. [...] Statements about language always reach beyond the immediate linguistic forms. They implicate knowledge about the rest of social life; they intersect with other communicative means; they give signals about their speakers; and, inevitably, they are social actions embedded in history. To comment on languages, or describe them, or recommend policy with respect to them, is to engage in metadiscourse, a reflexive activity that is at once a practice and a commentary upon that practice, within a realm of alternative possibilities

Embora Irvine e Gal estejam se referindo à ideologias de linguagem em seu livro, na presente tese, estendo suas considerações às ideologias de tradução, uma vez que estas também parecem carregar implicitamente significados sobre a vida social.

## 7. Corpus e análise

Conforme mencionado anteriormente, o corpus da presente pesquisa é composto de quatro traduções, sendo elas a brasileira, a espanhola, a alemã e a estadunidense. O foco da minha análise recairá nas estratégias tradutórias empregadas para lidar com a não-binariedade de gênero de les personagens e de que maneira tais estratégias podem contribuir para subverter e/ou reforçar a matriz cis-heteronormativa. Não pretendo, com a presente pesquisa, defender que traduções que adotem um viés *queer* são melhores que aquelas que não o fazem, tampouco pregar que esse viés deva necessariamente ser utilizado sempre que estivermos lidando com conteúdos LGBTQAI+ em traduções, até porque sabe-se que a prática tradutória está sujeita a uma série de normas e restrições (ver seção 5.2) que dificultam o seu uso mesmo nos casos em que quem os traduz têm o desejo de empregá-las. Em vez disso, focarei no que as traduções aqui analisadas fazem ao adotar ou não um viés *queer* e os potenciais efeitos que tais escolhas podem exercer na matriz cis-heteronormativa.

### 7.1.1. Tradução brasileira

A edição brasileira de *Houseki no kuni* teve a sua publicação iniciada em cinco de novembro de 2021 sob o título *Terra das Gemas*. A tradução é de Erika Yuriko Tanaka e foi feita direto do japonês. Os volumes do mangá não contam com nenhum paratexto a partir do qual se possam extrair as estratégias tradutórias adotadas: não há nenhum prefácio ou posfácio, nenhuma nota de tradutor ou notas de rodapé além das traduções das notas de rodapé presentes no texto fonte. O único metatexto da editora que consegui encontrar foi uma publicação da editora em seu perfil na rede social X reproduzida abaixo.



Errata: Na live o Junior se expressou mal quando comentou sobre Terra das Gemas. Como várias "espécies" dos personagens não possuem gênero, a editora tentou ao máximo possível deixar as coisas mais neutras. Usando artifícios gramaticais para contornar a situação.

8:59 PM · 14 de out de 2021

Figura 4: publicação da editora NewPop na rede social X.

Conforme pode-se notar, a publicação foi feita de modo a corrigir uma informação dada em uma das transmissões da editora no Youtube, e, apesar de não explicitar quais exatamente foram as estratégias tradutórias adotadas, o texto nos fornece algumas pistas.

Em sua publicação, a editora reconhece que les personagens “não possuem gênero”, evidenciando a sua não-binariedade. Ao dizer que “tentou ao máximo deixar as coisas mais neutras” lançando mão de “artifícios gramaticais”, a editora sugere que a tradução não fará uso de nenhuma linguagem inclusiva para não generificar les personagens do mangá. No entanto, uma vez que o português dispõe de alguns recursos que possibilitam que a neutralidade de gênero seja mantida até certo ponto, podemos supor que alguns desses artifícios serão empregados, reservando algo como o masculino genérico para os casos em que julgarem não ser possível manter a não-binariedade de gênero sem que desvios da norma padrão fossem cometidos.

Ao voltarmos nossa atenção ao texto traduzido em si, no entanto, as estratégias tradutórias empregadas para lidar com o gênero de les personagens parecem não se alinhar em nada ao conteúdo da publicação da editora em seu perfil do X.



Figura 5: (ICHIKAWA, 2021, p. 16)

A tradução emprega o masculino para referir-se a les personagens do mangá, sendo o pronome “ele” a principal maneira pela qual os referentes são retomados em suas conversas, como pode ser observado no último balão na imagem acima (a leitura deve ser feita da direita para a esquerda). Desinências de gênero masculinas são também frequentemente utilizadas, em especial nos adjetivos que qualificam les personagens. A tradução não parece utilizar-se de nenhum dos “artifícios gramaticais” da língua portuguesa para “manter as coisas mais neutras”. De fato, formas masculinas parecem ser utilizadas mesmo em casos nos quais não é necessário. Utilizando como exemplo as falas “Por acaso é Heliodoro que foi capturado no outro dia?” e “Não acredito que ele está sendo usado para algo assim” no trecho acima, o gênero poderia ter sido mantido neutro por meio de uma inversão da voz ativa para a voz passiva (“Por acaso é Heliodoro que capturaram no outro dia?”) ou por meio de uma elipse do pronome “ele” (Não acredito que [ø] está sendo usado para algo assim).

Dando prosseguimento à análise, o trecho na figura 6 a seguir corresponde a uma interação entre les personagens Benitoita e Fosfofilita na qual conversam sobre le personagem Cinábrio, que não se encontra presente. Nele pode-se observar que o gênero masculino é designado a les personagens diversas vezes no decorrer da interação. Na primeira vinheta, Cinábrio é generificado duas vezes por meio do uso do pronome masculino “ele” como forma de recuperar o referente introduzido anteriormente (“Ele não deve estar no quarto”; “Faz tempo que ele não volta”). O mesmo volta a ocorrer na terceira vinheta, quando Benitoita, mais uma vez, se utiliza do pronome “ele” para se referir a Cinábrio (“Mas ele não consegue controlar direito o veneno dele”; “Acho que ele deve ter ficado de saco cheio de si mesmo e parou de ficar no quarto”). Les personagens são também generificadas por meio do uso dos pronomes possessivos “dele” e “meu” na segunda, quarta e quinta vinhetas (“veneno dele”; “só de estar perto dele”; “Não ofenda o meu subordinado”). O processo de criação de les personagens como masculinas pode ser observado também no uso de desinências de gênero. Ao utilizar formas masculinas de adjetivos para qualificar les personagens, como “aflito”, “subordinado” e “sincero”, a tradução brasileira impõe o gênero masculino a les personagens e o reforça com cada uso do masculino genérico.





Figura 6: (ICHIKAWA, 2021, p. 45)

Logo, na tradução para o português perde-se por completo a possibilidade de ler-se les personagens como não-binários devido à opção de designar-lhes o gênero masculino. No entanto, a estrutura da língua desempenhou um papel importante nesse processo. Diferentemente de uma língua como o inglês, na qual o gênero se limita a alguns pronomes e substantivos, na língua portuguesa, todo substantivo possui um gênero, que pode ser apenas masculino ou feminino. Assim, enquanto na primeira uma palavra como “stone” é neutra, a sua correspondente em português “pedra” é feminina. Além disso, a língua portuguesa, como se sabe, possui gênero gramatical, o que significa que o gênero não se limita apenas aos substantivos, havendo a necessidade de concordância de gênero entre esses e as palavras que estiverem associadas a eles na oração. Tudo isso implica que manter a não-binariedade de gênero na língua portuguesa é uma tarefa muito mais árdua que em uma língua como o inglês.

Uma característica interessante da tradução brasileira é o fato de ela não utilizar artigos antes de nomes próprios. Quando iniciei minha pesquisa de mestrado sobre as traduções de *Houseki no kuni*, um exercício que me propus a fazer foi tentar traduzir o máximo possível do mangá para o português evitando genericificar les personagens sem recorrer ao uso de linguagem inclusiva com o intuito de verificar até que ponto isso seria possível. Ao longo desse processo, me dei conta de que os artigos da língua portuguesa foram os únicos usos genericificados da língua que não fui capaz de contornar de alguma forma. Concluí, então, que não utilizar os artigos antes de nomes próprios seria uma maneira de traduzir o mangá de Ichikawa sem designar um gênero a les personagens, apesar de a adoção dessa estratégia poder causar estranhamento em boa parte dos leitores brasileiros. Sendo assim, ao não utilizar os artigos antes de nomes próprios, um dos principais empecilhos para a manutenção da não-binariedade de gênero de les personagens do mangá foi contornado, de forma que a estratégia tradutória implícita na publicação da editora acima poderia ter sido empregada. Novamente, apesar de a editora NewPop ter optado pelo uso do masculino genérico para lidar com a tradução do gênero de les personagens, a sua neutralidade de gênero poderia ter sido recriada utilizando-se da norma padrão da língua portuguesa, conforme pode-se observar na retradução do trecho abaixo:

Benitoita: Você quer falar com Cinábrio? [Ø] Não deve estar no quarto.  
 Fosfofilita: Hein? Mesmo sendo de dia?  
 Benitoita: Na verdade... Faz um tempo que Cinábrio não volta.  
 Benitoita: Não sei se você sabe, mas Cinábrio não consegue controlar direito o seu veneno. Talvez se sinta mal por isso e parou de ficar no quarto.  
 Fosfofilita: Benito, será que não foi você que falou algo que não devia? Não ofenda o meu ajudante.  
 Benitoita: Claro que não! Eu não sou que nem você!  
 Benitoita: O veneno de Cinábrio é como sua respiração, e sei que Cinábrio faz tudo para não causar problemas a ninguém.  
 Benitoita: Mas para falar a verdade... Não consigo relaxar quando [Ø] está por perto.

Apesar disso, vale ressaltar que o uso de formas masculinas na tradução pode causar um efeito de estranhamento no leitor, pois ver personagens que apresentam algumas características convencionais de personagens femininas em mangás utilizando formas masculinas no discurso tem o potencial de causar um conflito entre o texto e a imagem e, conseqüentemente, desestabilizar as normas de gênero da matriz cis-heteronormativa. No entanto, não parece ter sido esse o intuito. Conforme mencionado no capítulo 2, o título “王” utilizado para referir-se



à personagem Ventricosus foi traduzido para o português como “monarca”, em vez da tradução mais comum “rei”. Considerando que o masculino é utilizado em todo o restante do mangá, a escolha de um termo de gênero neutro para uma personagem que se apresenta claramente como feminina sugere um esforço para que as normas de gênero não sejam perturbadas.

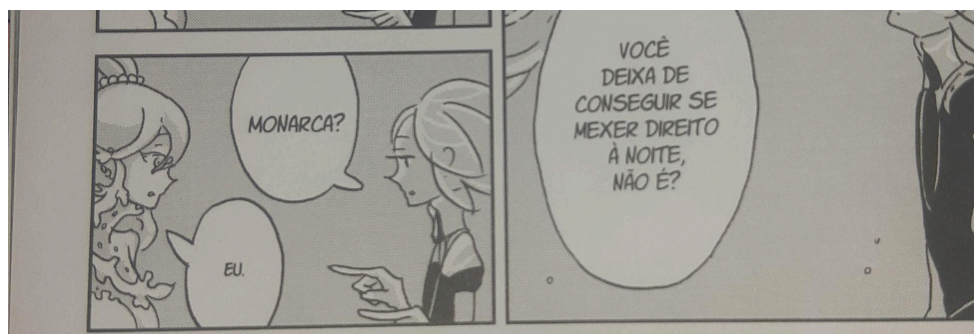


Figura 7: (ICHIKAWA, 2022, p. 59)

Contudo, devido ao fato de les personagens do mangá não terem um gênero especificado e dada a posição marginalizada que pessoas não-binárias ocupam na sociedade, considero de maior importância que o aspecto não-binário das identidades das gemas seja mantido. Ademais, o possível efeito desestabilizador do uso do masculino genérico também poderia ser alcançado de forma ainda mais contundente por meio do uso de algum tipo de linguagem inclusiva.

Apesar de a nota da editora NewPop na rede social X indicar um possível desejo de não generificar les personagens, ao menos em certa medida, a tradução brasileira de *Houseki ni kuni* não parece ter-se importado com a manutenção da não-binariedade de gênero de les personagens. A análise microtextual da tradução indica que formas generificadas masculinas foram adotadas mesmo quando opções nas quais o gênero poderia ser mantido neutro encontravam-se disponíveis sem que desvios da norma padrão da língua portuguesa precisassem ser cometidos. Assim, a tradução brasileira tem como efeito reforçar as normas de gênero ao designar o gênero masculino a les personagens. Além disso, ao afirmar que “tentou ao máximo deixar as coisas mais neutras [...] usando artifícios gramaticais para contornar a situação” da não-binariedade e recorrer ao masculino genérico, a editora parece considerá-lo uma forma neutra de se referir a les personagens, reforçando a ideia de que ele engloba o neutro.

### 7.1.2. Tradução estadunidense

A edição americana de *Houseki no kuni* também é uma tradução direta do japonês feita pelas irmãs Athena e Alethea Nibley. Sua publicação foi iniciada em junho de 2017 pela editora Kodansha comics sob o título *Land of the Lustrous* e está prevista para encerrar em novembro de 2025 com a publicação do volume 13.

Como paratextos, as edições destinam uma ou duas páginas às notas das tradutoras ao final de cada volume. O espaço designado às notas é utilizado pelas tradutoras para explicar aspectos relacionados à linguagem, às suas escolhas tradutórias, às características das gemas que compõem o núcleo de personagens e elementos da cultura japonesa que podem ajudar a compreender melhor o texto. Esse último é particularmente importante, já que a obra de Ichikawa incorpora muitos elementos da religião budista que passariam despercebidos ou poderiam causar problemas de compreensão a quem os desconhecesse. Por outro lado, nenhuma das notas nos 12 volumes publicados até o momento fala sobre a forma como as tradutoras resolveram abordar a tradução do aspecto não-binário do gênero dxs personagens, de maneira que, apesar de o terem mantido, uma das formas de visibilizar essa característica da obra sugerida por Lewis não foi aproveitada.

Devido a isso, não é possível aferir as estratégias gerais utilizadas pelas tradutoras para lidar com o gênero de les personagens a partir de uma análise dos paratextos do volume. Contudo, é possível encontrar algumas poucas informações a respeito dessas estratégias em fontes metatextuais. Em um artigo publicado em 2017, Lauren Scanlan, a editora responsável pela série, fala um pouco sobre a abordagem adotada:

Consultamos a autora e a equipe editorial japonesa sobre a série e, no final das contas, a decisão de usar os nomes das gemas (ou o uso de "gem" como pronome!) partiu de nós, para manter a *clareza* na versão em inglês desta história maravilhosa com um grande elenco de personagens que podem ou não estar na tela para o diálogo. (SCANLAN *apud* KAISER, 2017, s.p., grifo meu)<sup>77</sup>

Percebe-se que, apesar de isso não ser explicitado no volume, houve uma grande preocupação em manter o gênero neutro de les personagens por parte da tradução.

Em minha análise da tradução estadunidense feita para minha dissertação, mencionei que as tradutoras conseguiram manter a não-binariedade de les

---

<sup>77</sup> We did consult with the author and the Japanese editorial team about the series, and ultimately, the decision to use gem's names (or the use of "gem" as a pronoun!) was from our side, to keep clarity in the English language version of this wonderful story with a large cast of characters who may or may not be on-screen for the dialogue.

personagens sem que fosse necessário recorrer ao uso de linguagens inclusivas de algum tipo. Tal façanha foi possível principalmente pelo fato de o inglês ser uma língua cujo gênero é nocional, conforme discutimos na seção 3.1.1. Isso significa que o gênero nessa língua não é uma categoria sempre marcada, possibilitando que seja contornada mais facilmente, quando comparada a línguas gramaticalmente generificadas como o português, o espanhol e o alemão.

Contudo, não quero dizer com isso que manter a não-binariedade de gênero de les personagens em sua tradução para o inglês não foi uma tarefa difícil. Conforme demonstrei em minha análise, as tradutoras precisaram lançar mão de diversos recursos para que esse objetivo fosse alcançado: os nomes de les personagens foram frequentemente empregados como forma de recuperar o referente das orações sem que se precisasse recorrer ao uso de pronomes de terceira pessoa generificados, como “*she*” e “*he*”; da mesma forma, o hiperônimo “*gem*” e expressões nominais foram utilizados com essa mesma função, ajudando a evitar que o uso dos nomes de les personagens se tornasse repetitivo demais; outras estratégia utilizada pelas tradutoras foram a mudança do sujeito das orações e a inversão de voz ativa para a passiva; por fim, uma última estratégia que destaquei em minha análise da tradução profissional estadunidense foi o emprego de um discurso impessoal.

A partir dessa análise, argumentei que as tradutoras Athena e Alethea Nibley foram capazes de recriar a não-binariedade de gênero de les personagens ao mesmo tempo em que conseguiram demonstrar a possibilidade de fazê-lo na língua inglesa sem que houvesse a necessidade de recorrer ao uso controverso do pronome de terceira pessoa do plural “*they*” para referir-se a alguém no singular; e, ao mesmo tempo, sendo capazes de manter a fluidez do texto. Contudo, também destaquei que,

[...] apesar de a tradução oficial norte-americana ter sido capaz de manter a não-binariedade de gênero das personagens do mangá, não significa que ela foi bem sucedida em evitar o apagamento de suas identidades não-binárias, dado que ela não as visibiliza de nenhuma maneira. (PINHEIRO, 2021, p. 89)

Isso se deve ao fato de que ideologias cis-heteronormativas influenciam as maneiras como interpretamos os indivíduos, de modo que “[...] personagens, na maioria dos textos, como as pessoas na vida quotidiana, são geralmente presumidas [cis-]heterossexuais até que se provem queer [...]” (LEWIS, 2010, p. 3). Logo, concepções de como seriam personagens masculinas e femininas

nessa mídia desempenham um papel crucial na forma como interpretamos o seu gênero, levando-me a concluir que apenas manter a não-binariedade de les personagens sem visibilizá-la de alguma forma não seria o suficiente para evitar o seu apagamento.

Contudo, enquanto escrevia a presente tese, volumes posteriores da tradução estadunidense foram publicados, e ao lê-los, notei alguns aspectos que não estavam presentes nos volumes iniciais do mangá.



Figura 8: (ICHIKAWA, 2020, p. 177)

No trecho acima, les personagens Cairgorm, Ametista e Diamante discutem o estado mental de le personagem Diamante Amarelo, a le qual se referem como Yellow. Como pode-se observar no primeiro balão, as tradutoras optaram por utilizar o pronome possessivo “*their*” singular associado a le personagem Diamante Amarelo quando Ametista diz: “*Yellow maintains their old, cheery disposition during those delusions*”. O mesmo recurso é utilizado na página seguinte quanto ametista novamente utiliza o pronome oblíquo “*them*” como forma de recuperar o referente Diamante Amarelo ao dizer “*I think because Yellow hasn’t been able to keep up with the adaptations, it’s creating a deepening sense of isolation for them*”



Figura 9: (ICHIKAWA, 2020, p. 178)

Ambos os usos de pronomes de terceira pessoa do plural como forma de se referir a alguém no singular contradizem a análise que fiz em minha dissertação, visto que constituem instâncias nas quais a não-binariedade de gênero de *le* personagem Diamante Amarelo é visibilizada pelas tradutoras estadunidenses. Sendo assim, a tradução não foi inteiramente feita de modo a recriar a não-binariedade de gênero de *les* personagens sem chamar atenção para a mesma, como inicialmente sugeri, mas, sim, de uma forma que torna essa característica de suas identidades evidente de maneira esporádica.

Interessantemente, em nenhuma das instâncias de uso de pronomes de terceira pessoa sendo empregados para se referir a personagens no singular que encontrei, ele aparece em sua forma pessoal do caso reto “*they*”. Em vez disso, o seu emprego é sempre na forma possessiva “*their*” ou oblíqua “*them*”. Embora não possa afirmar com certeza, isso sugere que referir-se a *les* personagens dessa maneira parece ter sido uma estratégia reservada para os casos em que outras soluções, como as mencionadas anteriormente nesta seção, não puderam ser aplicadas de forma satisfatória. De fato, se tentarmos aplicar algumas delas aos exemplos encontrados nas figuras 7 e 8, as falas resultantes podem causar um certo estranhamento em quem os lê, conforme pode-se observar nos exemplos abaixo:

*Yellow maintains Yellow's old, cheery disposition during those delusions*

*Yellow maintains the gem's old, cheery disposition during those delusions*

*I think because Yellow hasn't been able to keep up with the adaptations, it's creating a deepening sense of isolation for Yellow.*

*I think because Yellow hasn't been able to keep up with the adaptations, it's creating a deepening sense of isolation for the gem.*

Conforme mencionado ao início da seção, os paratextos disponíveis para a tradução estadunidense não abordam explicitamente as estratégias tradutórias das

quais Athena e Alethea Nibley fizeram uso para lidar com a não-binariedade de gênero de les personagens. Sendo assim, na presente pesquisa, posso apenas especular quanto ao que as motivou a utilizar pronomes de terceira pessoa do plural para se referir a pessoas no singular tão tardiamente em suas traduções de *Houseki no kuni* após terem passado a maior parte do mangá evitando-os. Porém, ao que me parece, trata-se de um recurso empregado em casos nos quais opções menos controversas resultariam em textos com um maior potencial de causar estranhamentos em quem os lê. Sendo assim, adotar uma linguagem inclusiva aqui não me parece refletir uma mudança tardia na estratégia tradutória empregada para lidar com a não-binariedade de gênero de les personagens, mas, sim, um recurso pontual a ser empregado quando outras opções mostram-se menos satisfatórias.

Ao utilizar tal linguagem, contudo, a tradução remedia, em certa medida, o problema do apagamento causado pelo viés cis-heteronormativo a partir do qual tendemos a interpretar o gênero e a sexualidade das pessoas e personagens. O emprego de pronomes de terceira pessoa no singular evidencia a sua não-binariedade e dificulta, ao menos momentaneamente, que um gênero lhes seja designado. No entanto, o fato de tal estratégia ter sido empregada tão tardiamente pode não ser suficiente para atingir tal efeito, dado que, a essa altura, um gênero já foi atribuído a les personagens na mente quem lê.

### 7.1.3. Tradução espanhola

Com tradução de Yasuko Tojo diretamente do japonês, a edição espanhola de *Houseki no kuni* teve a sua publicação iniciada em outubro de 2019 pela editora ECC sob o título de *La Tierra de las Gemas*. A edição espanhola não apresenta paratextos na forma de prefácios ou posfácios. Em vez disso, o volume é acompanhado por pouquíssimos paratextos, sendo eles duas notas de rodapé no interior do volume nas quais são oferecidas algumas informações contextuais acerca do budismo que podem auxiliar o leitor pouco familiarizado com alguns conceitos a entender a história. Além disso, o volume é acompanhado também por uma nota da editora no rodapé do sumário na qual é explicado brevemente o tratamento dado à não-binariedade de gênero de les personagens na tradução do mangá. A nota em questão encontra-se reproduzida abaixo:

Para respeitar a vontade da autora de que suas personagens sejam agênero, foi aplicada a linguagem inclusiva sempre que possível. Nos casos em que não foi

possível aplicá-la, optou-se por fazer uso do recurso não normativo da terminação em “e”. (ICHIKAWA, 2019, nota da editora)<sup>78</sup>

Como pode-se notar, trata-se de uma nota um tanto breve na qual as estratégias tradutórias adotadas e as motivações por trás delas são explicitadas de forma bastante sucinta. Entretanto, algumas de suas características chamam a atenção. Em primeiro lugar, ao olharmos para a estrutura da primeira frase, notamos que a ordem canônica das frases em língua espanhola encontra-se invertida, com o seu complemento “para respeitar a vontade da autora de que suas personagens sejam agênero” assumindo a posição temática da oração. Ao colocar essa informação nessa posição, a editora parece sugerir que ela merece destaque, e uma breve reflexão sobre o que pode motivar tal formulação torna uma possível explicação bastante evidente. Conforme visto no capítulo 5, a linguagem inclusiva sofre bastante rejeição por parte dos falantes de espanhol. Sendo assim, é de se esperar que uma tradução que utilize uma linguagem desse tipo provavelmente seria mal recebida pelo público leitor. Ao colocar o complemento na posição temática, a editora parece sugerir que o uso da linguagem inclusiva nas traduções é um requisito para a publicação do mangá, de modo que a editora não teve escolha a não ser adotá-la.

Um segundo ponto que chama a atenção na nota da editora é o uso que fazem do sintagma “linguagem inclusiva”. Esse termo é geralmente utilizado para se referir a intervenções feitas na estrutura da língua com o intuito de incluir indivíduos cuja identidade de gênero não se encaixa no binário homem/mulher da matriz cis-heteronormativa. Essas intervenções são caracterizadas pelo uso de recursos que não estão de acordo com a norma padrão da língua. Aqui, no entanto, “linguagem inclusiva” é utilizado não para se referir a essas intervenções, mas, sim, com relação ao uso feito dos recursos da língua espanhola para manter a não-binariedade de gênero de les personagens sem cometer desvios da norma padrão, enquanto que aquilo que entendemos como “linguagem inclusiva” aparece na forma de “recurso não normativo da terminação em ‘e’”. Tal uso do sintagma “linguagem inclusiva” pode causar um certo estranhamento ao lermos a nota da editora. No entanto, conforme vimos no capítulo 5, o relatório publicado pela Real Academia Espanhola apropria-se do termo e o ressignifica para designar os recursos da gramática normativa do espanhol – no caso, incluindo também o

---

<sup>78</sup> “Para respetar la voluntad de la autora de que sus personajes sean agénero, se ha aplicado el lenguaje inclusivo siempre que ha sido posible. En aquellos casos donde no ha sido posible aplicarlo, se ha optado por hacer uso del recurso no normativo de la terminación en ‘e’”

masculino genérico – dando a entender que a língua espanhola já seria inclusiva e não necessitaria de intervenções em sua estrutura. O uso feito do termo na nota da editora parece indicar um alinhamento da editora ECC, ao menos em parte, ao posicionamento da RAE em relação à linguagem inclusiva.

Dando continuidade à análise da nota, chamam a atenção também referências feitas à ideia de “possibilidade”. Ao sugerir que o que denominam na nota de “linguagem inclusiva” foi utilizado “sempre que possível”, o posicionamento da editora ECC afasta-se daquele adotado pela RAE, segundo o qual não são necessárias intervenções na estrutura da língua espanhola pois o masculino genérico é suficiente para incluir o feminino e o neutro. A sugestão de que há casos em que a não-binariedade de gênero de les personagens não pôde ser mantida sem que fosse utilizado “o recurso não normativo da terminação em ‘e’” indica que a editora não se alinha totalmente ao posicionamento da Real Academia Espanhola.

Essa breve nota da editora parece levar em consideração as discussões em torno do uso da linguagem inclusiva no contexto espanhol. A editora parece antecipar uma possível rejeição do público leitor espanhol às estratégias tradutórias adotadas e procura resguardar-se. Com isso, as ideologias em torno das relações entre linguagem e gênero, assim como aquelas sobre o bom uso da língua, que circulam na sociedade espanhola parecem ter afetado a forma como a tradução espanhola foi feita. Feitas essas considerações sobre a nota da editora, passaremos agora à análise microtextual.

À primeira vista, a tradução espanhola parece fazer exatamente o que anuncia em sua nota. O uso do “recurso não normativo da terminação em ‘e’” é bastante limitado ao longo do primeiro volume, sendo a sua maioria na forma dos artigos definidos “le” e “les”. É interessante notar que quase todos os usos feitos desses artigos ao longo do volume estão associados à personagem do *sensei* ou aos lunários – sendo que esses últimos possuem o conceito de gênero e são generificados no mangá – e raramente aparecem associados às gemas. Isso pode estar relacionado ao fato de os nomes das gemas serem a forma mais comum de se referir a elus, e o espanhol não exigir o uso de artigos antes de nomes próprios como o faz a norma padrão do português. Essa hipótese parece ser corroborada pelo fato de a única instância de uso do artigo neutro “le” associado a uma das gemas acontecer onde o seu nome não foi utilizado, conforme pode-se ver em “le doc” na imagem abaixo.



O uso feito do artigo de gênero neutro para se referir aos lunários na tradução espanhola chama atenção. Conforme mencionado, essas personagens são generificadas no mangá, de modo que ele parece inapropriado aqui. No entanto, se olharmos pelo ponto de vista diegético, o uso desse artigo tem como efeito reforçar a ideia de que as gemas não possuem um conceito de gênero.

Para além dos artigos, a linguagem inclusiva é utilizada também como forma de manter a não-binariedade de gênero de les personagens em adjetivos. Assim como o seu uso no caso dos artigos, o uso de desinências de gênero neutras nos adjetivos é bastante limitado ao longo do volume. Isso parece estar de acordo com o que diz a nota da editora, uma vez que sugere que houve um esforço de sua parte para encontrar formas de traduzir os adjetivos sem que fosse necessário desviar da norma padrão do espanhol. A baixa incidência de adjetivos nos quais foi feito uso da desinência de gênero neutro indica que a tradução espanhola privilegiou o uso de adjetivos de gênero neutro sempre que disponíveis, deixando o uso da linguagem inclusiva apenas para os casos em que esses não estavam disponíveis.

Como se pode perceber pela nota, a tradução espanhola optou por manter a não-binariedade de gênero de les personagens adotando uma linguagem de gênero neutro, conforme pode-se ver em “les lunaries”, “todes” e “mentirose” nos trechos abaixo:



Figura 10: da direita para a esquerda: ICHIKAWA, 2019, p. 182; ICHIKAWA, 2019, p. 176; ICHIKAWA, 2019, p. 177

Um terceiro uso da linguagem inclusiva na tradução aparece na forma de pronomes. Nesses casos, a linguagem inclusiva assume duas formas: ela se dá tanto pelo uso da desinência de gênero neutro “e”, como nos casos das variações “nosotres” e “todes” dos pronomes “nosotros/nosotras” e “todos/todas” respectivamente; quanto pelo uso do pronome “elle”, variação dos pronomes pessoais “él/ella”. Mais uma vez, o uso bastante limitado desses pronomes está de acordo com a nota da editora. No entanto, como sugere o uso do pronome “elle”, a estratégia vai além do emprego da desinência de gênero neutra “e” e faz uso também de recursos lexicais da linguagem inclusiva como forma de manter a não-binariedade de gênero de les personagens.

Voltando-nos à primeira metade da nota de rodapé da editora, a estratégia tradutória delineada parece ter sido, de fato, seguida. Como pode ser observado no trecho abaixo.



Figura 11: ICHIKAWA, 2019, p. 45.

Nele o referente Cinnabar é introduzido por Benito no primeiro balão e retomado mediante o uso de uma elipse logo em seguida (“¿*Quieres ver a Cinabrio? Dudo que [Ø] esté?*”). A elipse é novamente empregada para retomar o referente no quarto balão da mesma vinheta, sendo a desinência pessoal do verbo a responsável por retomar o referente (“*bueno, [Ø] nunca está.*”). O mesmo ocorre nas falas da terceira vinheta (“*A veces [Ø] no puede controlar su veneno.*”; “*Quizá [Ø] se sientá mal por eso. Lleva tiempo sin volver.*”). Na quinta vinheta, a elipse é novamente empregada para manter o referente neutro (“*Sé que [Ø] intenta no perjudicar a los demás.*”). Por fim, na última vinheta da página, a generificação de les personagens é evitada ao fazer com que Benitoíta adote um discurso impessoal para expressar os seus sentimentos (“*no hay quien se relaje teniéndole al lado.*”). Assim, a tradução para o espanhol é capaz de alcançar o seu objetivo de manter a não-binariedade do referente respeitando a norma padrão “sempre que possível” omitindo-o por meio de elipses e apoiando-se nas desinências pessoais dos verbos para recuperá-lo.

Contudo, o espanhol apresenta algumas diferenças em relação à língua portuguesa que podem auxiliar na tarefa de não generificar les personagens na tradução, em especial aquelas que concernem ao uso dos artigos nessas duas línguas. Eckert (2017) aponta algumas dessas diferenças, dentre as quais é relevante para a presente pesquisa a inadequação do uso de artigos definidos antes de nomes próprios: enquanto no português a norma padrão exige que os artigos acompanhem esses substantivos, no espanhol, tende-se a evitá-los. Assim, um dos elementos responsáveis por generificar les personagens em língua portuguesa (e aquele que é mais difícil de se contornar) não está presente na língua espanhola.

#### 7.1.4. Tradução alemã

Traduzida diretamente do japonês por Verena Maser, a edição alemã de *Houseki no kuni* teve a sua publicação iniciada em 17 de outubro de 2018 sob o título *Das land der Juwelen*. Como estratégia tradutória para lidar com a não-binariedade de les personagens, a tradução alemã adotou a linguagem inclusiva baseada no pronome “xier”, criada pela ativista e cartunista Anna Heger, e que não faz parte oficialmente da língua alemã. Contudo, a edição não apresenta nenhum prefácio ou nota informando ao leitor de antemão acerca das estratégias empregadas para lidar com a não-binariedade de gênero de les personagens. Em

vez disso, tais estratégias são abordadas apenas após a linguagem de gênero neutro utilizada aparecer pela primeira vez. Nesse ponto, o pronome “xier” aparece acompanhado de uma nota de rodapé<sup>79</sup>, conforme demonstra a imagem abaixo:

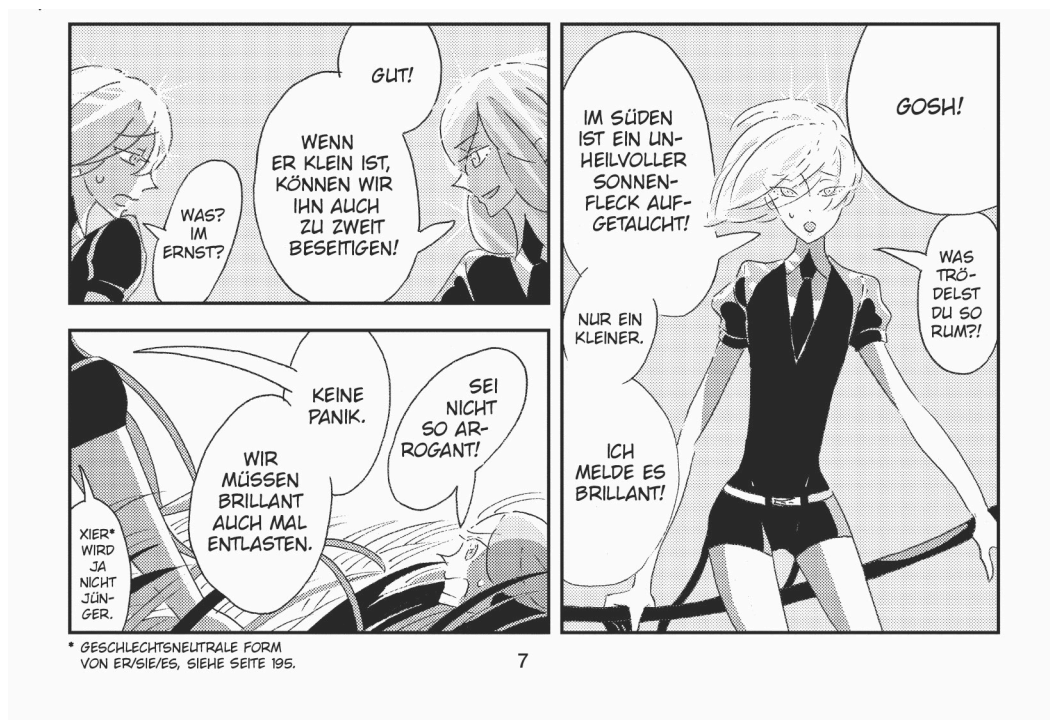


Figura 12: ICHIKAWA, 2018, p. 7

Nesse sentido, o emprego de uma linguagem inclusiva de algum tipo em traduções do mangá *Houseki no kuni* para línguas gramaticalmente generificadas pode ser considerado uma tática de complementação conforme sugerida por Lewis, pois não apenas mantém a não-binariedade de gênero de les personagens, mas também o faz de uma maneira que visibiliza tal característica ao causar um estranhamento no leitor. Com isso, esse aspecto do mangá de Ichikawa, que antes ficava em segundo plano e era trabalhado de forma mais sutil por meio do uso que a autora faz da linguagem e da maneira como les personagens são desenhadas, ganha destaque em sua tradução para o alemão, fazendo com que se torne difícil que um gênero seja-lhes designado por meio de uma leitura enviesada causada por uma predisposição cis-heteronormativa.

Considerando o aspecto performativo da linguagem, pode-se dizer que o emprego de tal estratégia tradutória tem como um de seus efeitos a criação da não-binariedade de gênero de les personagens de *Houseki no kuni*. Ao fazer com

<sup>79</sup> Forma de gênero neutro para ele/ela/isso, ver página 195.



que usem o pronome “xier” para se referirem a si mesmas, a tradução alemã atribui-lhes uma identidade de gênero não-binária que, por sua vez, será reforçada sempre que o pronome for utilizado.

O processo de construção de les personagens como não-binários pode ser observado também nos metatextos que acompanham a tradução alemã de *Houseki no kuni*: antes mesmo do início da publicação do mangá na Alemanha, a sua editora, MangaCult, anunciou a escolha do pronome “xier” como estratégia tradutória para lidar com a não-binariedade de gênero de les personagens, como se pode observar na figura 13, que representa uma publicação feita por meio de sua conta na rede social X<sup>80</sup>. Uma vez que a repetição é um fator fundamental na construção performativa do gênero, a ênfase na não-binariedade de gênero de les personagens tem como efeito reforçar esse aspecto de suas identidades, contribuindo para consolidá-lo na mente dos leitores.

Além disso, na publicação da editora, é particularmente notável a inclusão da *hashtag* “#transgender” sugerindo que, para a editora, o uso dessa linguagem não se deu apenas como uma forma de manter a neutralidade de gênero, mas também pelo seu aspecto social e como forma de visibilizar essas identidades. Com isso, a tradução alemã associou-se deliberadamente à causa LGBTQAI+<sup>81</sup>.



<sup>80</sup> “Para a tradução alemã de Terra das Joias, utilizamos o pronome ‘xier’ para fazer jus à neutralidade de gênero das joias no original. As motivações são explicadas em uma página extra no mangá! #manga #transgênero #xier #manga”. Disponível em: <https://twitter.com/mangacult/status/1044943430525374466?lang=th>.

<sup>81</sup> No entanto, é importante ressaltar que existe a possibilidade de a *hashtag* ter sido incluída por motivos mercadológicos ou para ampliar a divulgação, pois pode contribuir para atrair o público LGBTQIAPN+. Isso pode explicar também o porquê de a editora ter optado por utilizar a “#transgender” em vez de algo como “#nonbinary”, uma vez que identidades transgênero têm uma visibilidade maior, aumentando as chances de a publicação da editora MangaCult aparecer em uma busca na rede social X. Infelizmente, isso tem como efeito colateral causar um certo apagamento de identidades não-binárias.

Figura 13: Publicação da editora no Twitter

A publicação da editora em sua conta no X vem acompanhada também de duas imagens: a capa do primeiro volume à direita e a nota da editora que acompanha alguns dos volumes da tradução alemã na qual são explicitadas as estratégias tradutórias adotadas à esquerda.

A nota em questão é dividida em três partes. A primeira delas é uma breve entrevista com a tradutora composta por três perguntas nas quais são abordadas as dificuldades envolvidas na tradução de um mangá cujos personagens não têm um gênero especificado para uma língua gramaticalmente generificada como o alemão e que culminaram na adoção do pronome “xier” como estratégia tradutória. Na segunda parte da nota, a equipe editorial oferece uma breve apresentação da linguagem de gênero neutro utilizada. Por fim, a terceira parte da nota elabora a respeito dos motivos que levaram à adoção da linguagem de gênero neutro na tradução alemã. As questões discutidas na primeira parte da nota foram discutidas ao início da presente seção, de modo que irei me concentrar nas outras duas partes da nota daqui em diante.

**Das Pronomen „xier“**

Ein Pronomen wie „xier“ bietet eine geschlechtsneutrale Möglichkeit, Personen zu bezeichnen. Es wird so ausgesprochen, dass es sich auf „hier“ reimt.

|                  | Personalpronomen |             | Relativpronomen |             |
|------------------|------------------|-------------|-----------------|-------------|
| <b>Nominativ</b> | er/sie           | <b>xier</b> | der/die         | <b>dier</b> |
| <b>Genitiv</b>   | seiner/ihrer     | <b>xies</b> | dessen/deren    | <b>dies</b> |
| <b>Dativ</b>     | ihm/ihr          | <b>xiem</b> | dem/der         | <b>dien</b> |
| <b>Akkusativ</b> | ihn/sie          | <b>xien</b> | den/die         | <b>dien</b> |

Figura 14: ICHIKAWA, 2018, p. 195

No trecho inicial em alemão na imagem acima, lê-se: “o pronome ‘xier’. Um pronome como ‘xier’ oferece uma forma de gênero neutro de referir-se às pessoas. É pronunciado de maneira que rima com a palavra ‘aqui’ [hier]”. Segue-se a isso um quadro resumindo as declinações do pronome de acordo com as regras gramaticais da língua alemã. Conforme se pode notar, essa segunda parte da nota editorial cumpre principalmente a função de explicitar o funcionamento da

linguagem de gênero neutro empregada, de modo a familiarizar os leitores com ela e facilitar a leitura. No entanto, o trecho em questão cumpre também a função de apresentar um dos motivos para o uso de tal linguagem. Apesar de a maior parte dessa seção da nota ser destinada ao funcionamento do pronome, o texto ao início chama à atenção o fato de que existem formas de se referir aos indivíduos que não lhes designa um gênero.

Essa questão é mais bem elaborada no trecho final da nota que pode ser observado na imagem abaixo, e cuja tradução encontra-se logo em seguida. Contudo, é importante ressaltar que, ao chamar atenção ao fato de que existem formas de gênero neutro de se referir às pessoas em um mangá cujos personagens não têm um gênero especificado, essa seção da nota da editora indiretamente reforça a não-binariedade de les personagens.

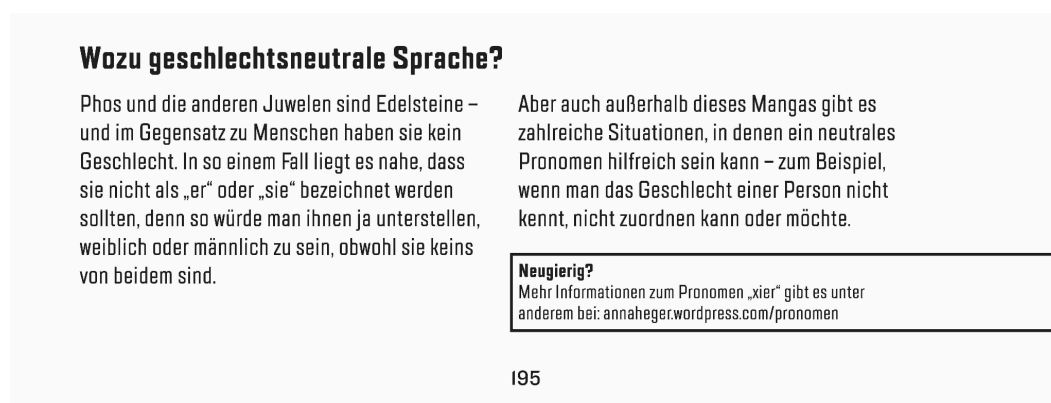


Figura 15: ICHIKAWA, 2018, p. 195

Por que uma linguagem de gênero neutra?

Phos e as outras joias são pedras preciosas – e, ao contrário dos humanos, não têm gênero. Nesse caso, é lógico que não se deve utilizar "ele" ou "ela", porque então se presumiria que são mulheres ou homens, embora não sejam nenhum dos dois.

Mas também fora deste mangá existem inúmeras situações em que um pronome neutro pode ser útil – por exemplo, se você não souber o gênero de uma pessoa, não puder ou não desejar atribuí-lo.

O trecho da nota acima destina-se a argumentar em favor do uso da linguagem de gênero neutra, tanto como uma maneira de traduzir o mangá em questão especificamente, sem que um gênero seja designado a les personagens, quanto como uma maneira de reconhecer a identidade de gênero de pessoas não-binárias. Aqui, a não-binariedade de gênero de les personagens é, mais uma vez, reforçada.

Ao voltarmos nosso olhar para os metatextos que acompanham a tradução alemã de *Houseki no kuni*, podemos perceber que a forma como foram empregados demonstra o seu potencial performativo. Tais recursos foram ostensivamente utilizados para chamar atenção ao fato de que les personagens do mangá de Ichikawa não têm um gênero especificado, fazendo com que esse aspecto de suas identidades seja visibilizado ao mesmo tempo em que o reforçam constantemente, contribuindo, assim, para a construção da não-binariedade de les personagens.

Com isso, essa característica do mangá de Ichikawa que antes ficava em segundo plano e era trabalhada de forma mais sutil por meio do uso que a autora faz da linguagem e da maneira como les personagens são desenhadas ganha destaque em sua tradução para o alemão, fazendo com que se torne difícil que um gênero seja designado a les personagens por meio de uma leitura enviesada causada por uma predisposição cis-heteronormativa.

As estratégias tradutórias explicitadas no posfácio podem ser observadas na análise microtextual da tradução alemã. No trecho abaixo, o referente “Cinnabarit” é introduzido no primeiro balão da primeira vinheta. O restante das falas na vinheta em questão evita fazer menção direta ao referente, adotando, em vez disso, um discurso impessoal para progredir a conversa. O referente “Cinnabarit” volta a ser retomado apenas na terceira vinheta, quando Benito novamente utiliza o nome de le personagem para referir-se a ele no primeiro balão. No balão seguinte, vemos o primeiro uso do pronome “xier” sendo utilizado, quando Benito lança mão desse recurso para retomar o referente “Cinnabarit”. Na vinheta seguinte, o referente é novamente retomado por Phos, dessa vez utilizando-se do pronome em sua forma dativa “xiem”. Posteriormente, Benito utiliza-se tanto do próprio nome da personagem quanto do pronome “xier” como formas de recuperar o referente. Por fim, na última vinheta, a tradutora evita empregar novamente o pronome “xier” ou o nome “Cinnabarit” para recuperar o referente aproveitando-se da informação de que les personagens encontram-se alojadas em quartos adjacentes para utilizar-se do substantivo “*nachbarschaft*” [vizinhança] para referir-se a le Cinnabarit.



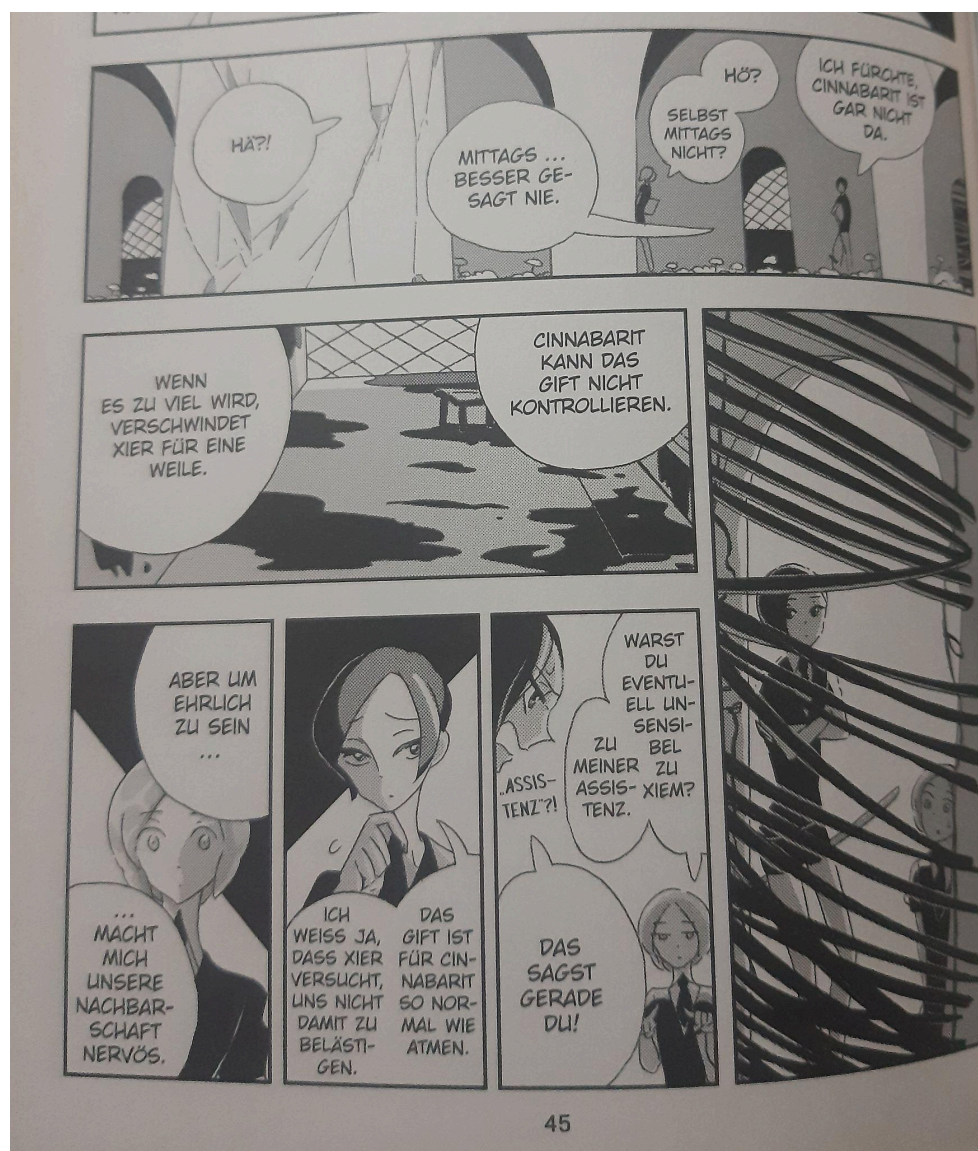


Figura 16: ICHIKAWA, 2018, p. 45.

Benito: Receio que Cinábrio não esteja aqui.

Phos: Hã? Nem mesmo à tarde?

Benito: À tarde... tá mais para nunca.

Phos: Hã?!

Benito: Cinábrio não consegue controlar seu veneno.

Quando transborda, ele desaparece por um tempo.

Phos: Você por acaso foi insensível com ele? Ao minhe assistente.

Benito: Assistente?! Isso é o que você diz!

O veneno é tão normal para Cinábrio quanto a respiração. Eu sei que ele tenta não nos incomodar com ele. Mas para falar a verdade... nossa vizinhança me deixa nervosa.

Como podemos notar no trecho acima, a tradução alemã de *Houseki no kuni* parece seguir à risca as estratégias tradutórias descritas em seu posfácio. O pronome “xier” e suas variações são utilizados como forma de referir-se a les personagens sem que um gênero lhes seja designado. Além disso, diferentemente da tradução espanhola, tais usos são muito mais frequentes, o que pode se dar por

dois motivos: (1) pelo fato de a tradução alemã aparentar adotar uma postura bem mais comprometida em relação à importância de visibilizar identidades não-binárias; (2) pelo fato de o alemão ser uma língua na qual não há a possibilidade de formar orações com sujeito oculto, de modo que os recursos de gênero neutro disponíveis para a retomada do referente são bem mais limitados do que no espanhol e no português. Isso parece explicar o fato de os usos do pronome “xier” aparecerem de forma intercalada com os nomes de les personagens como as principais formas de retomada dos referentes nas interações entre les personagens.

## 7.2. Análise da recepção

Inicialmente havia planejado organizar a análise da recepção das traduções da mesma forma que organizei a análise das traduções: começaria pela análise da tradução brasileira, seguida da estadunidense, depois a espanhola e, por fim, a alemã. No entanto, após fazer algumas análises, percebi que o que era dito sobre as traduções nesses diferentes países se repetia com frequência, de modo que minhas análises estavam ficando repetitivas como consequência. Devido a isso, reestruturei a análise por temas recorrentes em vez de fazê-lo por línguas. Como ponto de partida, utilizei alguns comentários feitos sobre a tradução alemã que são bastante ilustrativos do tipo de discurso que circula sobre as traduções de *Houseki no kuni* de modo geral. A análise desses comentários será complementada com análises de outros comentários semelhantes.

Ao longo das análises, vocês perceberão que grande parte dos comentários analisados são referentes à tradução alemã do mangá. Isso se dá pelo fato de eles encontrarem-se disponíveis em uma quantidade significativamente maior em comparação aos comentários sobre as outras traduções analisadas na presente pesquisa. Considerando que, como vimos na seção 7.1.4, a tradução alemã dá um destaque especial ao uso da linguagem inclusiva como estratégia tradutória, faz sentido que haja uma maior disponibilidade de material de análise para ela, uma vez que isso torna difícil falar sobre ela sem que a forma como foi traduzida seja mencionada.

### 7.2.1 Ideologias de linguagem

Em 14 de agosto de 2019, a tradutora Verena Maser publicou o texto intitulado “Juwelensprache” [Linguagem das joias] no site dedicado à literatura traduzida “Tralalit”, no qual fala sobre o mangá *Houseki no kuni* – publicado na

Alemanha sob o título “Das land der juwelen” –, que está traduzindo. Em seu texto, Maser concentra-se principalmente no desafio de traduzir uma obra cujas personagens não têm um gênero especificado para uma língua gramaticalmente generificada como o alemão, apresentando algumas das estratégias que empregou para lidar com esse aspecto de suas identidades, em especial a sua opção pelo uso da linguagem inclusiva baseada no pronome “xier” como forma de não generificar les personagens do mangá de Ichikawa.

A recepção do texto de Maser foi variada. Até o momento da escrita do presente trabalho, a seção de comentários contava com sete comentários sendo quatro deles positivos e três negativos, nos quais as críticas são voltadas principalmente ao uso do pronome “xier” na tradução. Na presente seção, serão analisados esses três comentários negativos focando nos discursos que são mobilizados pelos seus autores para se opor ao uso do pronome “xier” como estratégia de tradução. Encontram-se reproduzidas abaixo as traduções dos comentários feitas por mim.

Honestamente, esses pronomes inventados foram a razão de eu ter devolvido o primeiro volume e trocado para a versão em inglês. O “they” pertence ao inglês e pode ser usado apropriadamente ali, sim. Esse “xier” completamente desconhecido e que não se conforma à língua, por outro lado, perturba tanto o fluxo de leitura, ao menos para mim, que eu não consigo mais usufruir do mangá. É claro, tal localização é um desafio, mas eu teria preferido um alemão mais geralmente reconhecido. Tanto “ele” (por causa do “boku”) e “ela” (por causa do *design* de personagem) estariam bons para mim.

Talvez essa decisão seja reconsiderada para uma nova edição. Pelo menos eu espero que sim. [ShirouTenki ON 14. AUGUST 2019 AT 22:26]<sup>82</sup>

Eu já li 6 volumes com a tradução alemã e, depois de todo esse tempo, eu ainda não me acostumei com essas palavras inventadas. Para mim, a justificativa parece mais uma desculpa para abusar da mídia do mangá até então imaculada pelo gênero para forçar nela pontos de vista e preferências pessoais. Como mencionado no artigo, a intenção da mangaka não era de forma alguma representar a neutralidade de gênero. Pessoalmente, eu também espero que esses experimentos sejam revertidos em uma nova edição. Todas as pessoas que eu conheço, que queriam de verdade comprar esse mangá, desistiram por causa disso. É realmente uma pena que isso desencoraje compradores em potencial. [Nino Singer ON 15. AUGUST 2019 AT 19:51]<sup>83</sup>

---

<sup>82</sup> Ganz ehrlich, diese erfundenen Pronomen waren für mich der Grund, den ersten Band zu retournieren und auf die englische Variante umzusteigen. Das „they“ gehört zum Englischen, und kann dort passend verwendet werden, ja. Dieses komplett unbekannte und nicht sprachkonforme „xier“ hingegen stört zumindest bei mir den Lesefluss so sehr, dass ich den Manga nicht mehr genießen kann. Klar ist so eine Lokalisation eine Herausforderung, ich hätte mir jedoch allgemein anerkanntes Deutsch gewünscht. Dabei wäre mir sowohl „er“ (wegen „boku“) als auch „sie“ (wegen des Charakterdesigns) recht gewesen.

Womöglich wird diese Entscheidung ja für eine Neuauflage überdacht. Ich hoffe es zumindest.

<sup>83</sup> Ich habe nun schon 6 Bände mit der deutschen Übersetzung gelesen und bin nach all der Zeit immer noch nicht mit diesen Kunstwörtern warmgeworden. Auf mich wirkt die Begründung eher

É um tanto misterioso para mim de onde a autora do artigo tirou o seu retorno 90% positivo, porque na maioria das comunidades em que estou envolvido, e também fora delas, eu ouvi críticas claras à decisão de usar o xier. E eu acho essa decisão longe de ser bem-sucedida.

Como a própria autora escreve, pronomes masculinos são usados no japonês, eu teria pensado que é perfeitamente aceitável usá-los no alemão também. Junto com a aparência mais feminina, isso também garantiria um contraste desejado e, na minha opinião, ainda enfatiza o suficiente a falta de gênero.

Eu entendo menos ainda o porquê de as pessoas quererem palavras de gênero neutro como “ninguém” ou evitar o masculino genérico, que nem funciona em todo lugar.

A tradução está sendo complicada mais do que o necessário, o que eu temo que esteja perdendo de vista algo essencial.

Isso também inclui um fluxo de leitura agradável, simples e compreensível. E esse definitivamente não é o caso com o “xier”, que é pouco familiar, desajeitado e tão desconhecido que precisa ser explicado em quase todos os volumes.

Então, eu também vou evitar a edição em língua alemã do mangá, que de outra maneira é bem atraente para mim, e recorrer às versões estrangeiras se ninguém decidir revisar a tradução em uma nova edição. [Toki ON 15. AUGUST 2019 AT 22:22]<sup>84</sup>

Nos comentários acima, fica evidente a rejeição por parte dos leitores ao uso do pronome “xier” na tradução. Questões relacionadas a ideologias de linguagem podem ser observadas nos posicionamentos adotados pelos comentadores. Tais ideologias são utilizadas como forma de deslegitimar o uso do pronome “xier” como uma estratégia tradutória válida para lidar com a não-binariedade de les personagens de *Houseki no kuni*. Tal deslegitimação pode ser observada nas

---

wie eine Ausrede dafür, das bislang genderunbefleckte Medium Manga dafür zu missbrauchen, die persönlichen Ansichten und Vorlieben hineinzuzwängen. Wie im Artikel erwähnt wurde, war die Intention des Mangakas in keinster Weise Genderneutralität darzustellen. Ich persönlich hoffe auch, dass in einer Neuauflage diese Experimente rückgängig gemacht werden. Alle Personen die ich kenne und diesen Manga eigentlich kaufen wollten, haben es deswegen seingelassen. Das ist wirklich sehr schade, dass man dadurch potentielle Käufer abschreckt.

<sup>84</sup> Wo die Autorin des Artikels ihre 90% an positiven Rückmeldungen her hat, ist mir etwas rätselhaft, denn in den meisten Communitys, in denen ich verkehre, und auch abseits davon hab ich eher deutliche Kritik an der Entscheidung gelesen, xier einzusetzen. Und auch ich finde diese Lösung alles andere als gelungen.

Da, wie die Autorin selbst sogar schreibt, bereits im Japanischen eher männliche Pronomen benutzt werden, hätte ich es für vollkommen in Ordnung gefunden diese auch im Deutschen zu verwenden. Dies sorgt auch in Verbindung mit dem doch eher weiblich gehaltenem Aussehen für einen guten gewollten Kontrast und hebt die Geschlechtslosigkeit meiner Meinung nach trotzdem noch ausreichend hervor.

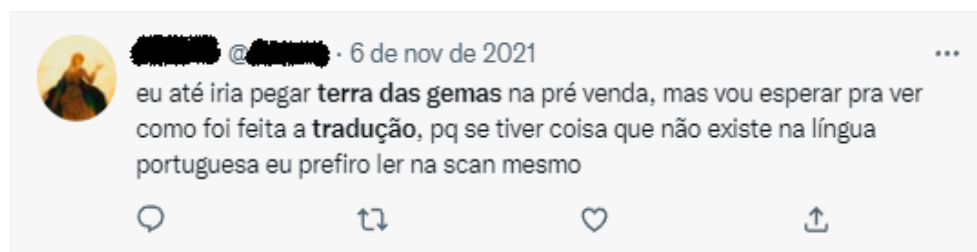
Warum man dazu noch auf geschlechtsneutrale Wörter wie „niemand“ verzichten will oder versucht das generische Maskulinum zu vermeiden, was nicht mal überall funktioniert, versteh ich dabei noch weniger.

Man macht die Übersetzung hier unnötig komplizierter als nötig, wodurch ich die Befürchtung habe, dass dabei das Wesentliche aus den Augen verloren wird.

Wozu auch eine angenehmer, einfacher und verständlicher Lesefluss gehört. Und dieser ist unter anderem mit „xier“, das ungewohnt und sperrig ist, und so unbekannt, dass es einer Erklärung des Wortes in fast jedem Band bedarf, definitiv nicht gegeben.

Ich werde daher auch eher die deutschsprachige Ausgabe des ansonsten für mich sehr ansprechenden Mangas meiden und auf ausländische Varianten zurückgreifen, falls man sich nicht doch noch entscheidet, die Übersetzung in einer Neuauflage zu überarbeiten.

escolhas lexicais empregadas pelos comentadores. Por meio do uso de termos como “pronomes inventados”, “que não se conforma à língua” e “palavras inventadas”, a linguagem inclusiva utilizada na tradução é construída como algo que não tem base linguística e não estaria de acordo com a norma padrão do alemão. Além disso, o uso de adjetivos pertencentes ao campo semântico da “invenção” para se referir ao pronome “xier” remetem a discursos que constroem a norma padrão da língua como algo natural, em oposição a uma suposta artificialidade das linguagens inclusivas. Observam-se argumentos semelhantes em comentários feitos sobre as traduções de *Houseki no kuni* para outras línguas, como o português, conforme demonstra a publicação abaixo feita na rede social X.



Comentários como esses deixam clara a rejeição de falantes a linguagens inclusivas, de modo que a mera possibilidade de a tradução brasileira utilizá-la é suficiente para que quem escreveu o comentário acima considere recorrer à pirataria e “pref[erir] ler scan<sup>85</sup> mesmo”.

É interessante pensarmos no que essas pessoas entendem como algo “que não existe na língua” ou que “não se conforma à língua”. O que parece estar por trás desses discursos é a ideia de que, para que algo seja considerado parte da língua, é preciso que haja um reconhecimento institucional de algum tipo. Isso parece ser reforçado pela expressão de uma preferência por um “alemão geralmente reconhecido”, assim como pela comparação entre o pronome “xier” e o “they”, geralmente utilizado por falantes de inglês para se referir a uma pessoa no singular sem lhe designar um gênero. Ao alegar que o “they” “pertence ao inglês”, é trazido o fato de esse pronome ser uma palavra oficialmente reconhecida na língua inglesa – embora não o seu uso como terceira pessoa no singular –, o que por sua vez, exclui por tabela o “xier” da língua alemã. A

<sup>85</sup> Em referência à prática de *scanlation*, na qual fãs digitalizam o texto fonte, o traduzem e disponibilizam gratuitamente na internet.

necessidade de reconhecimento institucional é ainda mais evidente na publicação abaixo feita também na rede social X.



Deixemos a palavra inclusivo de lado porque de inclusivo não tem nada, como tradução ao espanhol falha de cara pelo mau uso de linguagem neutra (sendo esta o masculino), a edição pobre da mesma e por proporcioná-la usando terminologias não aceitas pela RAE.

Ao afirmar que a tradução espanhola faz “mau uso da linguagem neutra (sendo essa o masculino)”, o masculino genérico é trazido como a maneira correta de manter o gênero neutro, informação que é posteriormente reforçada com a decisão da RAE de não reconhecer a linguagem inclusiva, dando assim um peso institucional ao seu argumento. Observa-se aqui uma relação entre ideologias de linguagem e ideologias de tradução. Tanto a crença no masculino genérico como aquele que inclui o neutro e o feminino, quanto o uso da Real Academia Española para reforçar esse argumento servem para sancionar a tradução da ECC, cumprindo o propósito de deslegitimar a linguagem inclusiva como uma estratégia de tradução válida. Ambos esses recursos são mobilizados com o intuito de deslegitimar a tradução espanhola de *Houseki no kuni*, de modo que “como tradução para o espanhol, falha de cara”.

## 7.2.2. Ideologias de tradução

Pode-se observar também algumas ideologias de tradução sendo mobilizadas para se opor às estratégias tradutórias empregadas para lidar com a não-binariedade de gênero de les personagens relacionadas a concepções do senso comum sobre o que seria uma “boa tradução”, principalmente aquelas relacionadas às ideias de “fluência” e “original x tradução”.

### 7.2.2.1 Fluência

No primeiro caso, conforme aponta Venuti (1995), traduções tendem a ser julgadas com base em um critério de fluência, isso é,



Um texto traduzido, seja prosa ou poesia, ficção ou não ficção, é considerado aceitável pela maioria dos editores, revisores e leitores quando sua leitura é fluente, quando a ausência de quaisquer peculiaridades linguísticas ou estilísticas o faz parecer transparente, dando a impressão de que reflete a personalidade ou intenção do escritor estrangeiro ou o significado essencial do texto estrangeiro – a aparência, em outras palavras, de que a tradução não é de fato uma tradução, mas o “original”. (VENUTI, [1995] 2008, p. 1)<sup>86</sup>

Sendo assim, para que seja considerado uma boa tradução, o texto precisa ser claro e apagar as marcas de qualquer intervenção feita por quem o traduziu. Podemos observar traços dessas ideologias por trás das avaliações da tradução estadunidense publicadas no site de compras da Amazon reproduzidas abaixo.

AnaMa – A localização fez um ótimo trabalho com a linguagem neutra em termos de gênero e linguagem suave – “A localização fez um ótimo trabalho com linguagem neutra em termos de gênero e linguagem suave. Não é perfeito, mas muito melhor do que o esperado.”<sup>87</sup>

MussSyke – Ótima série depois que pega o embalo – “Como qualquer livro estrangeiro, tem uma tradução esquisita às vezes, mas quanto mais você conhece o Japão, mais ela faz sentido de qualquer maneira.”<sup>88</sup>

grant – Amo a arte de Haruko Ichikawa – “Eu amo a arte de Haruko Ichikawa e estou feliz de finalmente ter traduções melhores disponíveis. Elas são, em geral, boas traduções, mas eu prefiro a redação das traduções de fãs em alguns casos.”

C.R. – Um ótimo terceiro volume – “Um ótimo terceiro volume, engraçado e depois comovente. No entanto, existem alguns momentos duvidosos com a tradução, como a escolha de palavras e pronomes incorretos. Poderia ter sido melhor editado aí.”<sup>89</sup>

A ideia de fluência faz-se presente em algumas das escolhas lexicais utilizadas para descrever a tradução estadunidense nas avaliações acima. Ao dizer que “a localização fez um ótimo trabalho com linguagem neutra em termos de gênero e linguagem suave”, AnaMa elogia a capacidade de as tradutoras manterem o gênero de les personagens neutro sem comprometer o fluxo da leitura. Por outro lado, as demais avaliações parecem não compartilhar essa mesma opinião. Grant, por exemplo, reconhece a qualidade da tradução estadunidense,

---

<sup>86</sup> A translated text, whether prose or poetry, fiction or nonfiction, is judged acceptable by most publishers, reviewers and readers when it reads fluently, when the absence of any linguistic or stylistic peculiarities makes it seem transparent, giving the appearance that it reflects the foreign writer’s personality or intention or the essential meaning of the foreign text – the appearance, in other words, that the translation is not in fact a translation, but the “original.”

<sup>87</sup> The localization did a great job with gender-neutral pronouns and smooth language. It’s not perfect, but so much better than I expected.

<sup>88</sup> As with any far foreign book, it has some funny translations at times, but the more you know about Japan, the more they make sense anyway.

<sup>89</sup> However, there are some iffy moments with the translation such as word choice and incorrect pronouns. Could’ve used more editing there.

mas revela preferir a redação nas traduções amadoras, o que aponta para questões relacionadas à escolha do vocabulário ou fraseio. C.R. oferece uma crítica semelhante ao mencionar a escolha de palavras e a necessidade de um trabalho melhor de edição. Somados às descrições da tradução como “esquisita às vezes” ou como algo que conta com “alguns momentos duvidosos”, essas críticas apontam para o fato de que as intervenções feitas pelas tradutoras são perceptíveis, o que, por sua vez, é caracterizado como um ponto negativo das traduções.

As críticas intensificam-se nas avaliações que mencionam a forma como a tradução estadunidense lidou com a não-binariedade de gênero de les personagens.

Gage – Um começo insosso<sup>90</sup> para uma série ótima - “A qualidade dos livros em si é muito boa, mas, como outros disseram, as traduções são falhas no sentido de que excluíram completamente pronomes generificados, tornando certos diálogos das personagens incrivelmente incômodos. Esse problema não é remediado mais adiante, infelizmente, mas a tradução, em geral, é decente o bastante para não ser chocante demais.”<sup>91</sup>

C.R. – Outro ótimo volume – trágico, mas transbordando com as peculiaridades da autora – “Minha questão principal continua sendo a tradução, especialmente com a evitação incômoda de pronomes para as gemas. Estamos em 2018. Você pode usar o singular “eles” em vez de reescrever a frase inteira para evitar o uso de pronomes.”<sup>92</sup>

As duas avaliações que mencionam a forma como foi abordado o aspecto não-binário de les personagens utilizam-se do mesmo adjetivo ao criticá-la: ambas a descrevem como “incômoda”. O uso desse adjetivo nos remete mais uma vez à ideia de fluência, pois aponta para algo difícil de se lidar ou desajeitado. Isso sugere que a escolha das tradutoras em manter a neutralidade de gênero de les personagens pode ter comprometido a fluência do texto em alguma medida.

Retornando aos comentários sobre o uso do pronome “xier” na tradução alemã, o conceito de fluência faz-se presente de forma ainda mais evidente. Conforme assinala Toki, os objetivos de uma tradução incluem “um fluxo de

<sup>90</sup> O texto fonte utiliza a expressão “meh” para descrever o primeiro volume da obra. Trata-se de uma interjeição que, às vezes, é utilizada como um adjetivo, que expressa uma atitude de indiferença em relação a algo. Por esse motivo, optei por traduzi-la aqui como “insosso”.

<sup>91</sup> The quality of the books themselves is very good, but as others said the translations are flawed in that they excluded gender pronouns entirely, making certain characters' dialogue incredibly awkward. This problem isn't remedied later on, unfortunately, but the translation is overall decent enough to not be too jarring.

<sup>92</sup> My main issue continues to be the translation, especially with the awkward avoidance of any pronouns for the gems. It's 2018. You can use singular “they” instead of rewriting the entire sentence to avoid using pronouns.



leitura agradável, simples e compreensível”, algo que o uso do pronome “xier” prejudica por ser “pouco familiar”, incômodo e “tão desconhecido que a palavra precisa ser explicada em quase todos os volumes”. De modo semelhante, Shirou Tenki, aponta que o uso do pronome “prejudica tanto o fluxo da leitura [...], que não é mais capaz de usufruir do mangá”. Nota-se, também, uma conexão entre as ideologias de linguagem e as de tradução. Ao comparar o pronome “xier” ao “they” e afirmar que este “pertence ao inglês e pode ser usado apropriadamente ali”, Shirou Tenki faz uso do não reconhecimento do pronome “xier” como parte da língua alemã para construir o seu uso como estratégia tradutória inapropriada e responsável pela perturbação do fluxo de leitura.

Tanto nas avaliações da tradução estadunidense quanto nos comentários feitos na publicação da tradutora do mangá para o alemão, as estratégias utilizadas para manter a não-binariedade de gênero de les personagens são rejeitadas e mal vistas devido ao fato de causarem estranhamento em quem as lê e por supostamente causarem problemas de compreensão.

No entanto, ideologias em torno da ideia de fluência não são reproduzidas apenas nos discursos de quem busca se opor ao uso de estratégias tradutórias que visam recriar a não-binariedade de gênero de les personagens do mangá. Nos trechos de resenhas da tradução alemã abaixo, encontramos traços dessas mesmas ideologias sendo reproduzidas por pessoas que se posicionam favoravelmente ao uso de tais estratégias.

O que achei bastante interessante são os pronomes utilizados especificamente para as joias, que, como você provavelmente notou, já usei em minha análise. Pode parecer confuso [*verwirrend*] no início, mas como o princípio é um pouco semelhante ao do latim, não tive muita dificuldade com eles. No entanto, imagino que a maioria das pessoas pode ficar um pouco confusa [*verwirrt*] com eles e ter que virar a página com as explicações constantemente, o que pode, é claro, tirar a graça da leitura [Lesemaus\_12, 12/02/2019].<sup>93</sup>

Como não são claramente masculinas ou femininas, o pronome neutro “xier” é usado neste mangá, uma invenção da ilustradora [sic]<sup>94</sup> alemã Anna Heger. A princípio, essa peculiaridade parece um pouco estranha [*befremdlich*], mas eu fui capaz de me acostumar com ela surpreendentemente rápido. Eu acho ótimo que uma solução tradutória adequada tenha sido encontrada aqui, uma solução que

<sup>93</sup> Was ich ziemlich interessant fand, sind die Anredepronomen, die es extra für die Juwelen gibt und die ich, wie ihr sicherlich schon bemerkt habt, bereits in meiner Rezension benutzt habe. Es mag zunächst verwirrend erscheinen, aber da das Prinzip dem Lateinischen ein bisschen ähnelt, hatte ich nicht allzu große Probleme damit gehabt. Jedoch könnte ich mir vorstellen, dass die meisten doch eher verwirrt von ihnen sind und dann ständig zu der Seite mit den Erklärungen blättern müssen, was natürlich den Spaß am Lesen nehmen kann.

<sup>94</sup> Anna Heger prefere que formas de gênero neutro sejam usadas ao se referir a ela, porém traduzi no feminino aqui porque, na resenha, é utilizado o feminino “*Illustratorin*”.

também pode ser tão bem integrada ao fluxo [*sprachfluss*] do diálogo [Lena\_AwkwardDangos, 17/01/2019].<sup>95</sup>

Há outra peculiaridade do mangá com a qual você precisa se acostumar [*gewöhnen*].

Nenhuma das personagens da história têm um gênero. Logo, a tradução alemã usa o pronome de gênero neutro “xier”. Isso soa um pouco peculiar [*merkwürdig*], mas tem lógica, já que uma “pedra” não é masculina nem feminina. Eu acho a ideia por trás disso muito interessante. Em tempos de gênero e da crescente conscientização sobre a transsexualidade, “Das Land der Juwelen” abre um estilo narrativo que nunca havia experimentado antes [Kaito, 18/11/2018].<sup>96</sup>

Percebe-se que em todos os três trechos de resenhas acima, a escolha de utilizar o pronome “xier” para manter a não-binariedade de gênero de les personagens na tradução alemã é defendida. Lesemaus, por exemplo, a descreve como “bastante interessante”, chegando ao ponto de incorporar o pronome em seu próprio discurso ao se referir às gemas em sua resenha<sup>97</sup> (“[...] como você provavelmente notou, já usei em minha análise”). Kaito, por sua vez, a descreve como uma escolha “lógica” dado o fato de les personagens serem pedras e, conseqüentemente, não serem “masculina[s] nem feminina[s]”. Já Lena elogia o fato de uma solução “adequada” que “[...] também pode ser tão bem incorporada ao fluxo do diálogo” ter sido encontrada para a tradução alemã.

Apesar da recepção positiva em relação ao uso do pronome “xier” expressada nas avaliações acima, a ideia de que uma “boa tradução” precisa ser fluente permeia os seus discursos e influencia os seus posicionamentos em relação à tradução alemã. Tal influência pode ser observada nos adjetivos utilizados ao descrever a estratégia adotada na tradução da MangaCult. Adjetivos como “confuso” [*verwirrend*], “estranho” [*befremdlich*] e “peculiar” [*merkwürdig*] reproduzem discursos ideológicos sobre fluência ao sugerir que a tradução alemã causa estranhamentos em quem as lê. Isso é reforçado pelas descrições feitas da tradução, que a caracterizam como algo “com o qual você precisa se acostumar”

<sup>95</sup> Da sie weder eindeutig männlich noch weiblich sind, wird in diesem Manga das neutrale Pronomen "xier" verwendet, eine Erfindung der deutschen Illustratorin Anna Heger. Zunächst liest sich diese Eigenheit etwas befremdlich, doch ich konnte mich überraschend schnell daran gewöhnen. Ich finde es großartig, dass hier eine passende Lösung für die Übersetzung gefunden wurde, die sich noch dazu so gut in den Sprachfluss der Dialoge integrieren lässt.

<sup>96</sup> An eine andere Besonderheit des Mangas muss man sich wohl erstmal gewöhnen. Alle Charaktere in der Geschichte haben kein Geschlecht. Daher wird in der deutschen Übersetzung das geschlechtsneutrale Pronomen „xier“ verwendet. Das liest sich ziemlich merkwürdig, ist aber nur konsequent, denn ein „Stein“ ist nun mal nicht männlich oder weiblich. Ich finde die Idee dahinter sehr interessant. In Zeiten von Gender und der zunehmenden Wahrnehmung von Transsexualität eröffnet „Das Land der Juwelen“ eine Erzählweise, die ich so vorher nicht kannte.

<sup>97</sup> Isso não está presente no trecho da resenha que foi reproduzido aqui, mas em outras partes dela, Lesemaus faz uso do pronome “xier” diversas vezes ao se referir a les personagens.

ou que pode deixar as pessoas confusas a ponto de “ter[em] que virar a página com as explicações constantemente”.

Logo, embora essas avaliações apontem o uso do pronome “xier” como uma característica positiva da tradução alemã, esse mesmo uso é descrito como uma inconveniência que precisa ser superada para que a obra possa ser usufruída. Isso demonstra o quanto a ideia de que traduções precisam ser fluentes para que sejam consideradas traduções de qualidade encontra-se arraigada nas mentes de quem as leem, visto que até mesmo indivíduos que, de modo geral, posicionam-se favoravelmente à tradução publicada pela MangaCult, apontam o estranhamento causado como um ponto negativo.

Por outro lado, em todas as três avaliações acima, o fato de les personagens não terem um gênero especificado é reconhecido, sendo a manutenção dessa característica o principal motivo apontado para considerarem a tradução alemã uma “boa tradução”. Quando julgado por esse viés, o uso do pronome “xier” é caracterizado como uma “solução adequada capaz de ser facilmente integrada ao fluxo dos diálogos” – embora aqui haja uma certa contradição no discurso de Lena: ao dizer que o pronome “xier” pode ser bem incorporado ao fluxo dos diálogos, a ideia de fluência é novamente reproduzida, porém de uma maneira positiva que sugere uma fácil leitura, contrastando com a parte inicial do trecho de sua avaliação, que sugere que o pronome pode causar estranhamentos. As três avaliações apontam o potencial que o uso do pronome “xier” tem de causar estranhamentos durante a leitura da tradução, porém, ao mesmo tempo, reconhecem o seu potencial como ferramenta de visibilização de identidades não-binárias, destacando esse aspecto como um ponto positivo “[e]m tempos de gênero e da crescente conscientização da transsexualidade”.

Isso nos leva a questionar se essas pessoas teriam sido capazes de reconhecer les personagens como não-binários ou a importância de uma linguagem na qual suas identidades possam ser representadas se não fosse pelas estratégias tradutórias adotadas na tradução alemã, tanto na forma do uso do pronome “xier” quanto na forma da explicação fornecida no posfácio. Embora seja difícil afirmar com certeza, há algumas pistas discursivas nas avaliações que sugerem uma possível influência do posfácio da tradução alemã na forma como ela foi recebida. Em sua resenha, Lena assinala que o pronome “xier” é uma invenção de le ilustradore alemane Anna Heger. Embora essa seja uma informação que seria facilmente encontrada por alguém que conduzisse uma

pesquisa sobre o pronome na internet, é bem mais provável que Lena tenha-se deparado com ela a partir da leitura do posfácio, visto que nele essa informação fornecida pela tradutora, Verena Maser, em entrevista concedida logo ao início, conforme pode-se observar na figura 18 abaixo. Essa interpretação parece ser reforçada pelo fato de tanto Verena quanto Lena utilizarem palavras semelhantes ao apresentarem o pronome, com Verena o descrevendo como algo “inventado [erfunden] por Anna Heger”, enquanto Lena o descreve como “uma invenção [eine Erfindung] de Anna Heger”. Assim como na forma como se referem ao fato de les personagens não terem um gênero afirmando que não “são claramente masculinas ou femininas [Da sie weder eindeutig männlich noch weiblich sind] ou que “uma ‘pedra’ não é masculina ou feminina” [ein „Stein“ ist nun mal nicht männlich oder weiblich], que parece refletir a maneira como essa característica é apresentada ao final do posfácio.

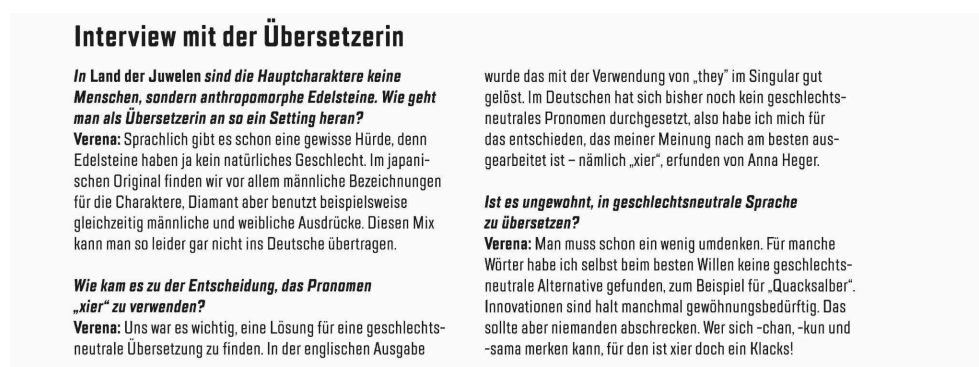


Figura 18: entrevista com a tradutora, Verena Maser.

Entrevista com a tradutora

Em *Terra das Joias*, os personagens principais não são humanos, mas pedras preciosas antropomórficas. Como você aborda esse cenário como tradutora?

Verena: Linguisticamente, há um certo obstáculo, já que as pedras preciosas não têm um gênero natural. No original japonês, encontramos principalmente designações masculinas para les personagens. Diamante, por exemplo, usa expressões masculinas e femininas simultaneamente. Infelizmente, essa mistura não pode ser traduzida para o alemão.

Como você decidiu usar o pronome "xier"?

Verena: Era importante para nós encontrar uma solução para uma tradução neutra em termos de gênero. Na edição em inglês, isso foi bem abordado com o uso de "they" no singular. Em alemão, nenhum pronome neutro em termos de gênero foi adotado até o momento, então optei pelo que considero mais bem desenvolvido – ou seja, "xier", inventado por Anna Heger.

É estranho traduzir para uma linguagem neutra em termos de gênero?

Verena: Você precisa pensar um pouco diferente. Mesmo com a melhor das intenções, não consegui encontrar uma alternativa de gênero neutro para algumas palavras, como, por exemplo, "quacksalber". Às vezes, é preciso se acostumar com inovações. Mas isso não deve desanimar ninguém. Se você conseguir se lembrar de -chan, -kun e -sama, então Xier é moleza!

Com isso, o emprego do pronome “xier” (e da nota de rodapé na página 7 do mangá presente na figura 11) parece ter guiado essas pessoas até o posfácio, onde aprenderam sobre as estratégias tradutórias utilizadas na tradução, sobre o fato de les personagens não terem um gênero especificado e sobre as motivações que levaram ao seu emprego discutido na seção 7.1.4.

#### **7.2.2.2 Original x tradução**

Podemos observar também alusões ao conceito de “autoria” e “original” nos comentários sobre as traduções. O que subjaz à dicotomia original x tradução é a concepção individualista de autoria que prevalece nas culturas ocidentais sobre a qual fala Venuti ([1995] 2008). Nessa concepção, quem escreve um texto expressa livremente os seus pensamentos e sentimentos em seu texto, que passa a ser visto como um original não mediado. Em contrapartida, a tradução passa a ser vista como uma representação de segunda ordem, isto é, apenas o texto estrangeiro pode ser visto como original, enquanto o texto traduzido é apenas uma cópia. Logo, caberia à tradução captar o sentido do texto fonte e manter a intenção de quem o escreveu. Segundo tais concepções, uma boa tradução é aquela na qual um suposto sentido inerente ao texto fonte é “transferido” de uma língua para outra e quem o traduz apaga-se de modo a dar a impressão de que a tradução é uma representação não mediada do que quem escreveu o texto fonte “quis dizer” em sua obra.

É importante ressaltar que, embora os Estudos da Tradução frequentemente sejam orientados pelo paradigma pós-estruturalista segundo o qual a “fidelidade” ao texto fonte não é possível, pois a tradução será sempre influenciada pela subjetividade de quem a traduziu e pelo contexto em que foi produzida (ARROJO, 2003), essa perspectiva ainda não se difundiu para além da academia e, fora dela, as traduções ainda são avaliadas com base no critério de “fidelidade”.

A avaliação a ser analisada abaixo é referente ao terceiro volume da tradução estadunidense de *Houseki no kuni*. Sua publicação se deu no dia 24 de dezembro de 2017 no site [www.amazon.com](http://www.amazon.com) pelo usuário que se identifica apenas como Fakey McNameson. Ela é particularmente interessante pelo fato de dedicar-se quase que inteiramente a falar sobre as escolhas tradutórias adotadas, diferentemente do que se costuma observar na maior parte das resenhas e avaliações de textos traduzidos, que raramente mencionam a tradução e, quando o

fazem, dedicam-lhe apenas algumas poucas linhas (VENUTI, [1995] 2008). Desse modo, uma análise do posicionamento de quem a escreveu quanto às estratégias adotadas para lidar com o gênero de les personagens pode nos ajudar a esclarecer alguns dos desafios enfrentados ao se traduzir tópicos LGBTQAI+. Inicialmente, a tradução do texto publicado no site, feita por mim, será reproduzida integralmente abaixo de modo que se possa lê-la sem interrupções. Posteriormente, os parágrafos serão reproduzidos acompanhados da análise.

Fakey McNameson

Uma ótima série com alguns problemas de localização

Esta é uma das minhas séries favoritas de todos os tempos. Land of the Lustrous é diferente de tudo o que eu já li, e eu li literalmente milhares de mangás diferentes nas últimas duas décadas. A obra de arte não é incrivelmente detalhada ou excepcionalmente bonita como Berserk ou One-Punch Man, mas Ishikawa Haruko faz realmente um bom uso de pretos e brancos sólidos para criar um tom muito sombrio e surreal para a série.

Por que eu não o classifico 5 estrelas, já que o tenho em tão alta estima?

Bem, acho que a equipe de tradução realmente não pensou muito sobre suas escolhas aqui. Eu sei que nem todo mundo pensa que o vocabulário importa desde que as ideias corretas sejam transmitidas, mas eu argumentaria enfaticamente que isso faz uma enorme diferença em como afeta o leitor, mesmo que ele não perceba.

Sem estragar nada, há uma cena em que Phos chama algo de "escória"[*dross*] em um momento importante. Essa palavra é precisa, mas não é muito usada. Não consigo imaginar muitos leitores sabendo o que é, e o mais importante é que eu nunca acreditaria que Fosfofilita, uma personagem que não é de forma alguma intelectual ou culta [*well-read*], iria gritá-la no auge da emoção! Inferno, até o anime, disponível na Amazon, usa 'lixo inútil' nessa cena. Esse problema é bem pequeno, mas me incomodou bastante.

O que REALMENTE me deixou furioso [*mad*] nesse volume é que elas usaram "ela" [*she*] para se referir a uma personagem. Eu NÃO sou um militante de causas sociais [SJW]<sup>98</sup>, não estou escrevendo um textão<sup>99</sup> [*getting on my soapbox*] sobre os direitos de alguém ou algo assim, mas isso é absolutamente errado.

A maioria das personagens desta série é totalmente sem sexo. Elas não são nem homens nem mulheres, por mais femininas que pareçam.

Elas conseguiram evitar o uso de pronomes de gênero nos dois primeiros livros, mas isso fica muito incômodo [*awkward*] no inglês muito rápido, então elas tiveram que usar um neste livro.

Em japonês, elas usam pronomes masculinos. Todas elas. Os pronomes não são tão específicos de gênero em japonês quanto em inglês, mas até se chamam de "irmão" em japonês. Não irmã. Não é irmãs [*sibling*]. Irmão.

As tradutoras pensaram que o público ocidental não seria capaz de entender isso? Eu acho que é muito fácil entender que "tudo bem, elas se parecem com garotas, mas usam pronomes masculinos". Não é nem uma coisa LGBTQ, faz sentido na história se você considerar que essas personagens aprenderam tudo com a personagem que é inequivocamente masculina.

<sup>98</sup> Sigla para "*social justice warrior*", uma forma pejorativa de referir-se a pessoas ou instituições que militam por justiça social.

<sup>99</sup> O termo "*getting on my soapbox*" usado pelo autor refere-se a uma antiga prática de utilizar caixas de sabonete como palanque improvisado para discursos. Atualmente, possui uma conotação negativa, referindo-se a discursos paternalistas que tentam impor um determinado ponto de vista. Por esse motivo, optei por traduzir como "escrever um textão", pois essa expressão, com a conotação que tem hoje, me pareceu apropriada.

Eu poderia reclamar disso por mais tempo, mas não vou. Só espero que alguém da equipe de localização veja isso ou ouça em outro lugar e decida corrigi-lo para volumes futuros. Eu compraria esse volume novamente se eles o reimprimissem, mas duvido que o farão.

Ótima série. Uma das melhores na minha opinião, mas os problemas de tradução são difíceis de superar depois que você os reconhece.<sup>100</sup>

A avaliação inicia-se de forma bastante positiva, com o seu autor destacando o aspecto inovador da obra de Ichikawa (*“Land of the Lustrous é diferente de tudo o que já li”*). De forma semelhante, o autor da resenha avalia positivamente a capacidade da autora do mangá ao destacar que ela “[...] faz muito bom uso de pretos e brancos sólidos para criar um tom muito sombrio e surreal para a série”. Tal elogio estende-se ao mangá *Houseki no kuni*, uma vez que, ao avaliar positivamente a habilidade da autora, é destacada também uma característica positiva da obra. Nota-se, entretanto, que todos esses aspectos positivos assinalados dizem respeito à autora e ao texto fonte, e, como sugere o título da avaliação, seu autor considera que a tradução da obra de Ichikawa

---

<sup>100</sup> Great series with some localization problems.

This is one of my favorite series of all time. Land of the Lustrous is unlike anything else I’ve ever read, and I’ve read literally thousands of different manga across the past two decades. The artwork isn’t amazingly detailed or exceptionally beautiful like Berserk or One-Punch Man, but Ishikawa Haruko makes really good use of solid blacks and whites to create a very bleak and surreal tone for the series.

Why am I not rating it 5 stars if I think so highly of it?

Well, I think the translation team didn’t really think a lot of their choices through on this one. I know not everyone thinks that vocabulary matters so long as the right ideas are conveyed, but I would strongly argue that it makes a huge difference on how it impacts the reader, even if they don’t really notice it.

Without spoiling anything, there’s a scene where Phos calls something ‘dross’ in an important moment. This is accurate, but it’s not very commonly used, I can’t imagine many readers knowing what it is, and the the [sic] biggest thing is that I would never believe that Phosphophyllite, a character that is in no way an intellectual or well-read, would shout it out at the height of emotion! Hell, even the anime, available on Amazon, uses ‘worthless junk’ in that scene. This issue is pretty minor, but it did bug me a lot.

The thing that REALLY made me mad in this volume is that they used ‘she’ to refer to a character. I’m NOT an SJW, I’m not getting on my soapbox about anyone’s rights or whatnot, but this is absolutely wrong.

Most of the characters in this series are entirely sexless. They are neither male nor female no matter how feminine they look.

They managed to avoid using gender pronouns in the first two books, but that gets really awkward in English pretty quick [sic], so they had to use one in this book.

In Japanese they use male pronouns. All of them. Pronouns aren’t quite as gender specific in Japanese as in English, but they even call each other “brother” in Japanese. Not sister. Not sibling. Brother.

Did the translators think that Western audiences wouldn’t be able to understand this? I think it’s pretty easy to grasp that “okay, they look like girls but use male pronouns”. It’s not even a LGBTQ thing, it makes sense in the story if you consider that these character [sic] learned everything from the one character who is unambiguously male.

I could rant on this for longer, but I won’t. I just hope that someone from the localization team sees this or hears it somewhere else and decides to fix it for future volumes. I’d even buy this volume again if they reprinted it, but I doubt they will.

Great series. One of the best in my opinion, but the translation issues are hard to get past once you recognize them.

apresenta problemas. O que se segue são nove parágrafos de duras críticas ao trabalho das tradutoras.

Bem, acho que a equipe de tradução realmente não pensou muito sobre suas escolhas aqui. Eu sei que nem todo mundo pensa que o vocabulário importa desde que as ideias corretas sejam expressas, mas eu argumentaria enfaticamente que isso faz uma enorme diferença em como afeta o leitor, mesmo que ele não perceba.

O parágrafo acima serve principalmente ao propósito de introduzir o que, em seu ponto de vista, seria um desses problemas de tradução: algumas das escolhas de vocabulário feitas pela “equipe de tradução”. Ao afirmar saber que “[...] nem todo mundo pensa que o vocabulário importa desde que as ideias corretas sejam expressas”, o avaliador reconhece que há quem possa discordar de seu ponto de vista remetendo a um discurso sobre tradução presente no senso comum, segundo a qual há um sentido inerente “contido” no texto fonte e seria trabalho de quem o traduz identificar esse sentido e transportá-lo para o texto meta. O avaliador procura distanciar-se de quem compartilha dessa concepção de tradução ao argumentar que o vocabulário “faz uma enorme diferença em como [o texto] afeta o leitor”. Com isso, há no parágrafo acima um julgamento de valor negativo direcionado à equipe de tradução do mangá, uma vez que, a seu ver, essa “[...] não pensou muito sobre suas escolhas”.

Sem estragar nada, há uma cena em que Phos chama algo de “escória” em um momento importante. Essa palavra está correta, mas não é muito usada. Não consigo imaginar muitos leitores sabendo o que é, e o mais importante é que eu nunca acreditaria que Fosfofilita, uma personagem que não é de forma alguma intelectual ou culta, iria gritá-la no auge da emoção! Inferno, até o anime, disponível na Amazon, usa “lixo inútil” nessa cena. Esse problema é bem pequeno, mas me incomodou bastante.

Aqui o autor da avaliação dá continuidade ao argumento iniciado no parágrafo anterior, dessa vez focando em um exemplo específico de uma escolha lexical que considera problemática. Ao referir-se ao uso da palavra “escória” por parte das tradutoras, avalia a palavra em questão “está correta”, de modo que poderia ser considerada uma tradução “fiel” do texto fonte, porém, sua adequação é refutada logo em seguida ao afirmar que a palavra “[...] não é muito usada”. No restante do parágrafo, o avaliador busca demonstrar os motivos de considerar a palavra “escória” um problema de tradução, como o fato de “não conseguir imaginar muitos leitores sabendo o que é”, ou por pensar que uma personagem “que não é de forma alguma intelectual ou culta, iria gritá-la no auge da emoção”.



No parágrafo em questão, o avaliador, mais uma vez, levanta dúvidas quanto à competência das tradutoras, uma vez que sugere não terem sido capazes de considerar o contexto da cultura meta, na qual a palavra “escória” causaria estranhamento por ser pouco usada, ou de interpretar o material fonte e realizar escolhas tradutórias adequadas à personalidade de le personagem.

No parágrafo seguinte, o autor da avaliação passa a focar especificamente nas escolhas tradutórias relacionadas ao gênero de les personagens.

O que REALMENTE me deixou furioso nesse volume é que elas usaram “ela” para se referir a uma personagem. Eu NÃO sou um militante de causas sociais, não estou escrevendo um textão sobre os direitos de alguém ou algo assim, mas isso é absolutamente errado.

O parágrafo inicia-se com uma demonstração bastante explícita de afeto ao deixar clara a sua reação emocional no trecho “O que REALMENTE me deixou furioso nesse volume é que eles usaram ‘ela’ para se referir a uma personagem”. Aqui a insatisfação do avaliador é expressa pelo uso do adjetivo “furioso”, que por sua vez, é intensificado tanto pelo uso do advérbio “realmente” quanto pelo uso de maiúsculas para escrever esse mesmo advérbio. No restante do parágrafo, o avaliador procura distanciar-se de pessoas às quais definiu como “militantes de causas sociais”, com o uso de maiúsculas na palavra “não” funcionando como uma forma de amplificar o seu desejo de distanciar-se desse grupo.

Mais adiante em sua avaliação, o autor procura dar a sua opinião quanto ao motivo do uso do pronome feminino por parte da tradução.

Elas conseguiram evitar o uso de pronomes de gênero nos dois primeiros livros, mas isso fica muito incômodo no inglês muito rápido, então elas tiveram que usar um neste livro.

O parágrafo inicia-se com uma afirmação assertiva na qual é reconhecido que as tradutoras “conseguiram evitar o uso de pronomes de gênero nos dois primeiros livros”, seguida da afirmação de que evitar o uso de pronomes generificados no inglês por muito tempo torna-se incômodo, levando à necessidade de utilizar o pronome feminino “ela”. Interessante notar que o autor da resenha apresenta a informação em questão como um fato, em vez de uma suposição subjetiva sua, e descartando outras explicações possíveis para aparecimento do pronome feminino no volume. Por exemplo: considerando que pronomes generificados não apareceram em nenhum momento antes do caso mencionado e nenhuma vez depois, o uso do pronome “ela” aqui parece ser

resultado de um deslize que escapou ao processo de revisão, e não uma escolha deliberada das tradutoras. Logo, a maneira categórica como o autor afirma que as tradutoras utilizaram propositalmente o pronome feminino coloca novamente em cheque a competência das tradutoras, uma vez que teriam sido incapazes de manter a não-binariedade de gênero de les personagens por muito tempo.

Em japonês, elas usam pronomes masculinos. Todas elas. Os pronomes não são tão específicos de gênero em japonês quanto em inglês, mas até se chamam de "irmão" em japonês. Não irmã. Não é irmane. Irmão.

No parágrafo acima, o autor argumenta em favor do que considera uma alternativa mais adequada para o tratamento dado ao gênero de les personagens por parte da tradução. O parágrafo inicia-se com uma afirmação acerca do uso dos pronomes no texto fonte na qual o autor afirma que les personagens “usam pronomes masculinos”, seguida da segunda afirmação “todas elas”, reforçando a afirmação inicial. Em seguida, o autor afirma que “os pronomes não são tão específicos de gênero em japonês quanto em inglês”, ao qual se segue a afirmação “mas até se chamam de ‘irmão’ em japonês”. Essas duas últimas afirmações parecem servir ao propósito de argumentar em favor de uma tradução que utilize o gênero masculino para se referir a les personagens do mangá. Ao dizer que o texto fonte utiliza formas masculinas apesar de a língua japonesa, segundo ele próprio, não ser tão rígida em relação ao gênero, o autor da avaliação parece sugerir que o uso do masculino é uma escolha deliberada por parte de Ichikawa, algo que é reforçado pelas três frases ao final do parágrafo. Nos trechos “Em japonês, elas usam pronomes masculinos”, “Todas elas” e “Irmão”, o avaliador procura deixar claro que o texto fonte utiliza formas masculinas para se referir a les personagens, e essa é uma informação que não está disposto a negociar.

As tradutoras pensaram que o público ocidental não seria capaz de entender isso? Eu acho que é muito fácil entender que "tudo bem, elas se parecem com garotas, mas usam pronomes masculinos". Não é nem uma coisa LGBTQ, faz sentido na história se você considerar que essas personagens aprenderam tudo com a personagem que é inequivocamente masculina.

A sua argumentação a favor do uso do masculino continua no parágrafo seguinte. Aqui o autor inicia com a pergunta retórica “As tradutoras pensaram que o público ocidental não seria capaz de entender isso?”, cuja resposta encontra-se no enunciado subsequente. Segue-se a isso a negativa “Não é nem uma coisa LGBTQ” e a afirmação de que “faz sentido na história se você considerar que essas personagens aprenderam tudo com a personagem que é inequivocamente

masculina”. Em conjunto, essas duas orações sugerem que o uso do masculino também é a opção mais lógica a partir do ponto de vista narrativo. Com isso, o avaliador deixa claro o seu posicionamento em favor do uso do masculino tanto por considerá-lo como a forma mais “fiel” de traduzir o texto quanto por considerar insustentável o uso de formas neutras para se referir a les personagens ao longo de todo o mangá.

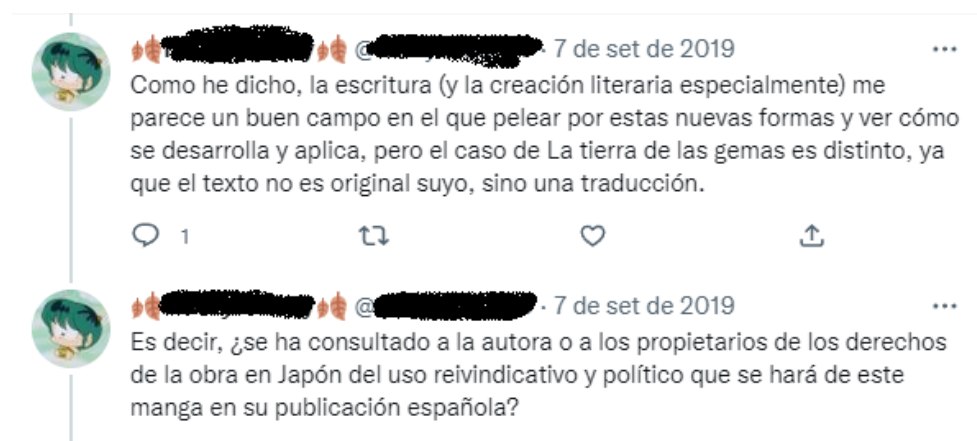
Na análise da avaliação, observamos que o seu autor demonstra um posicionamento claramente negativo em relação à tradução estadunidense de *Houseki no kuni*. Tal posicionamento pode ser observado nos julgamentos direcionados à capacidade das tradutoras na forma de críticas a algumas das escolhas tradutórias empregadas por elas.

O posicionamento negativo em relação à tradução intensifica-se ao abordar o tratamento dado à questão do gênero de les personagens na tradução. No entanto, nesse ponto o avaliador apresenta algumas contradições em seus argumentos. A princípio, a aparente indignação do avaliador com a utilização do pronome “ela” por parte da tradução sugere que ele acredita que a característica não-binária de les personagens deve ser mantida. Isso parece ser corroborado pelo comentário subsequente, no qual deixa claro que acredita ser “absolutamente errado” que se tenha utilizado um pronome generificado para referir-se a le personagem, além da posterior menção ao fato de que les personagens não têm sexo no texto fonte. Contudo, as contradições começam a mostrar-se no parágrafo seguinte. Ao criticar a opção das tradutoras por não utilizar formas generificadas até então, sob o pretexto de que seriam incômodas, o avaliador dá a entender que uma tradução que mantém a neutralidade do gênero de les personagens também não é satisfatória. Some-se a isso o fato de que o autor da avaliação recorre ao uso de formas masculinas por parte do texto fonte para argumentar que a tradução também deveria ter optado pelo seu uso e que o público leitor seria capaz de compreender tal opção, e é possível entrever o que realmente está por trás de sua crítica ao tratamento dado ao gênero de les personagens: não se trata de uma questão de manter ou não a sua neutralidade, mas, sim, o fato de que o texto fonte não teria sido respeitado: tanto o aparecimento de um pronome feminino quanto a não utilização de formas generificadas constituiriam traduções “infiéis”.

Tudo isso indica que, em relação às formas de lidar com o gênero de les personagens, as tradutoras encontram-se em um beco sem saída: se optarem por generificar les personagens, o texto será mal recebido por não respeitar o material

fonte; e se optarem pela neutralidade de gênero, a tradução será mal recebida por comprometer a fluência do texto.

Ideologias de tradução em torno do conceito de autoria e fidelidade ao original podem ser observadas em outros comentários acerca das traduções de *Houseki no kuni*.



Como disse, a escrita (e a criação literária especialmente) me parece um bom campo no qual lutar por estas novas formas e ver como se desenvolve e aplica, mas o caso de *La tierra de las gemas* é distinto, já que o texto não é originalmente seu, mas, sim, uma tradução.

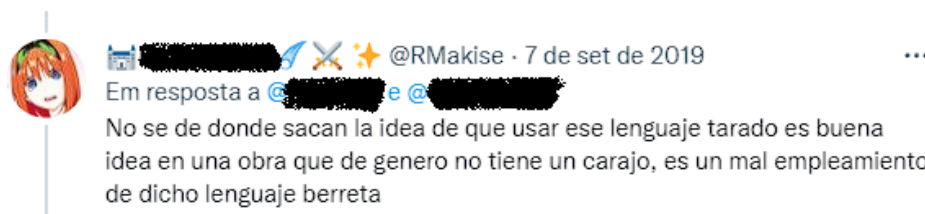
Quer dizer, a autora ou os proprietários dos direitos da obra no Japão foram consultados sobre o uso reivindicativo e político que se fará deste mangá em sua publicação espanhola?

Nas publicações feitas na rede social X acima, é estabelecida uma distinção entre “criação literária” e tradução, sendo apenas a primeira caracterizada como um “bom campo no qual lutar por novas formas”, em referência à linguagem inclusiva. O motivo de não considerar a tradução uma forma apropriada de reivindicar mudanças na língua<sup>101</sup> é mais bem elaborado na publicação seguinte, onde questiona se os proprietários dos direitos autorais da obra foram consultados “sobre o uso reivindicativo e político que se fará deste mangá em sua publicação espanhola”. E, no caso do comentário acima, o uso de uma linguagem inclusiva na tradução é visto como uma apropriação da obra de Ichikawa com o objetivo de

<sup>101</sup> É interessante notar que, apesar de a tradução não ser colocada aqui no mesmo patamar da criação literária como forma de introduzir novas formas no idioma, historicamente, ela desempenhou um papel importante no desenvolvimento de diversas línguas. Um exemplo disso pode ser observado na consolidação do árabe como língua científica ao longo dos séculos IX e X por meio das soluções que os tradutores precisaram empregar para traduzir obras científicas e filosóficas da Grécia Antiga (DELISLE; WOODWORTH, 1995). Desse modo, podemos pensar que as traduções do mangá *Houseki no kuni* são ótimas maneiras de introduzir as linguagens inclusivas em línguas como o espanhol.

promover uma pauta política, algo que, como sugere, cabe apenas a quem detém os direitos autorais de uma obra decidir como a tradução será feita

O uso de linguagens inclusivas como algo que insere na tradução uma questão que não estaria presente no texto fonte é algo recorrente nos comentários sobre essas traduções.



Não sei de onde tiram a ideia de que usar essa linguagem idiota é uma boa ideia em uma obra que de gênero não tem um caralho, é um mau emprego de dita linguagem estúpida

Como se pode notar acima, o fato de criticar o uso da linguagem inclusiva para traduzir uma obra que “de gênero não tem um caralho” dá a entender que se está inserindo na obra um elemento que não estaria presente no texto fonte, aludindo, assim, a ideologias relacionadas à fidelidade. De modo semelhante, em seu comentário sobre a tradução alemã reproduzido ao início do capítulo, Nino Singer descreve o mangá como sendo “imaculado pelo gênero”<sup>102</sup> e afirma que “a intenção da mangaká não foi, de forma alguma, retratar a neutralidade de gênero”, colocando assim uma suposta “pureza” do mangá como algo que deve ser protegido, ao mesmo tempo em que caracteriza o uso da linguagem inclusiva como algo que a corrompe ao inserir nela políticas identitárias. Alusões ao conceito de fidelidade podem ser observadas também nas alternativas ao pronome “xier” sugeridas pelos comentadores. Uma vez que “pronomes masculinos já são usados no japonês” (Toki), o uso de pronomes masculinos é visto como uma melhor opção para a tradução do mangá de Ichikawa. Logo, inserir na tradução um elemento que não estaria presente torna esse um mau uso da linguagem inclusiva, contribuindo assim para a sua deslegitimação como uma estratégia tradutória para a obra em questão.

É interessante ressaltar aqui que, apesar de os comentadores defenderem a fidelidade ao texto fonte e o respeito à intenção autoral, isso não se estende à não-binariedade de gênero de les personagens. É mencionado o uso de pronomes

<sup>102</sup> Embora eu não saiba que mangás ele tem lido, porque essa mídia é notória pela frequência com que personagens que não se alinham à matriz cis-heteronormativa se fazem presentes nela.

masculinos por Ichikawa, assim como o fato de ela supostamente não ter a intenção de retratar a neutralidade de gênero – apesar de o fato de les personagens não terem um gênero estar presente no mangá em diversas interações entre les personagens – como justificativa para o uso do masculino como uma forma aceitável, ou até mesmo correta, de traduzir. Porém, ao mesmo tempo, ignora-se por completo a necessidade de manter a não-binariedade de gênero de les personagens e o fato de ser de conhecimento geral que a autora expressa o seu desejo de que a não-binariedade de gênero de les personagens seja mantida nas traduções do mangá. Isso sugere que não há, de fato, uma preocupação com a “fidelidade” da tradução ou com os desejos da autora, mas, sim, uma rejeição a alterações na língua, em especial uma rejeição promovida pela necessidade de dar visibilidade a uma minoria marginalizada.

### 7.2.3. Ideologias de gênero

Conforme pudemos observar nas análises da recepção das traduções até o momento, diversas ideologias sobre linguagem e sobre tradução são reproduzidas e reforçadas nos discursos analisados. Porém, conforme observam Irvine e Gal (2019, p. 1)

Afirmar sobre linguagem nunca são meras afirmações. Elas envolvem posições ideológicas que se evidenciam em múltiplos âmbitos da vida social, muitas vezes de maneiras contraditórias e contestadas, e têm consequências abrangentes no mundo material. Os signos comunicativos que as pessoas utilizam estão engajados em projetos sociais, motivando e, às vezes, transformando suas atividades - não apenas comentando sobre elas.<sup>103</sup>

Com isso, as autoras querem dizer que, ao falarmos sobre linguagem – e, eu acrescentaria, sobre tradução – estamos falando mais sobre aspectos sociais do que apenas sobre a língua ou sobre tradução. As ideologias observadas nos discursos analisados encontram-se atreladas, embora, muitas vezes, apenas implicitamente, a outras ideologias.

Na presente seção, gostaria de chamar atenção às maneiras como as ideologias de tradução e de linguagem discutidas até aqui apontam para ideologias de gênero associadas à percepção de les personagens de *Houseki no kuni* como não-binários ou não. Para esse objetivo, irei focar em uma interação entre a

---

<sup>103</sup> Statements about language are never merely statements. They entail ideological positions that are made evident in multiple sites of social life, often in contradictory and contested ways, and they have wide-ranging consequences in the material world. The communicative signs people use are engaged in social projects, motivating and sometimes transforming their activities - not only commenting upon them.

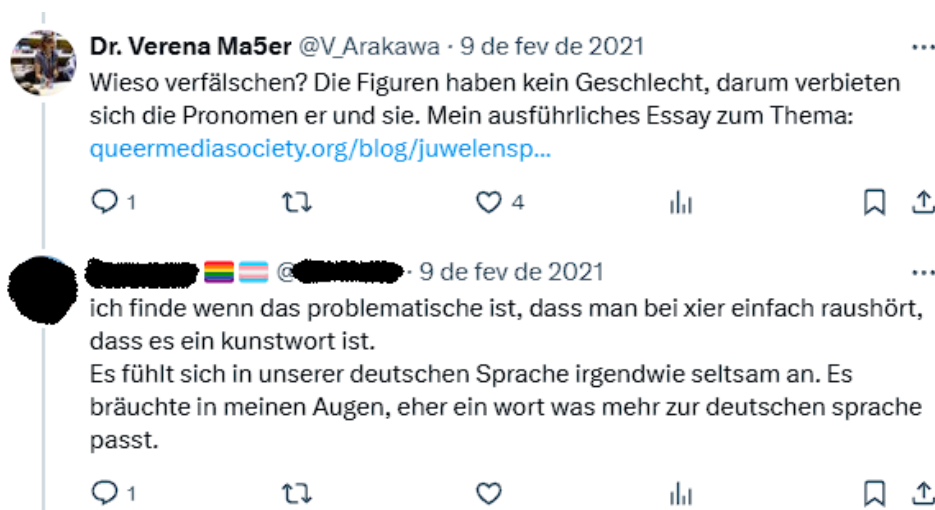
tradutora alemã do mangá, Verena Maser, e um outro usuário na rede social X, que acredito ser bastante indicativa do que me refiro. Ocasionalmente serão intercalados outros comentários sobre as traduções que sejam relevantes para o tema da análise.



Usuário 1: Qual a sua opinião sobre a linguagem coloquial em mangás/quadrinhos? Você acha importante que o texto soe como as pessoas realmente falam umas com as outras ou tudo deveria ser escrito em alto-alemão puro?

Verena: Falando da perspectiva de tradutora: a linguagem coloquial é muito mais divertida do que o alemão oficial

A discussão em questão ocorre em decorrência de uma série de respostas à enquete acima feita pelo usuário acima em sua conta na rede social X, na qual busca saber a opinião de seus seguidores a respeito de uma estratégia tradutória. Verena respondeu à enquete compartilhando seu ponto de vista pessoal como tradutora de forma bastante descontraída, como sugere o uso do *emoji* ao final de sua resposta. É importante ressaltar que nem a enquete que deu início à interação a seguir nem a resposta da tradutora dizem respeito à decisão de utilizar o pronome “xier” como estratégia tradutória na edição alemã de *Houseki no kuni*, o que torna a discussão que se segue ainda mais interessante.



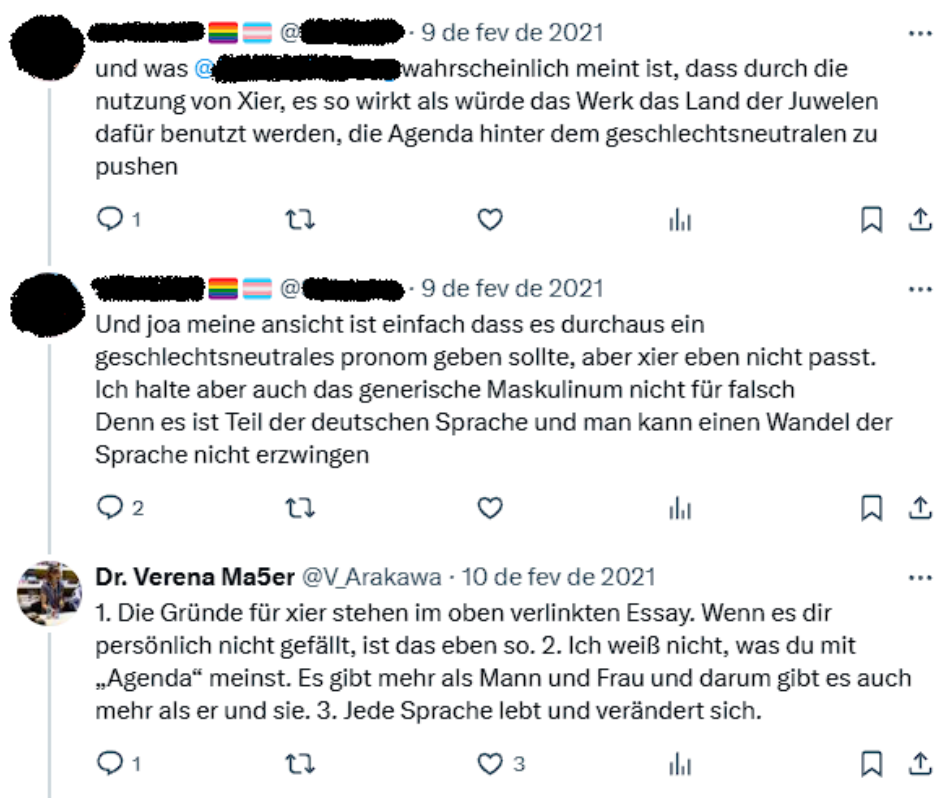
Verena: Por que distorcer? les personagens não têm gênero, então os pronomes "ele" e "ela" são proibidos. Meu ensaio detalhado sobre o tema:

Usuário 4: Acho que o problema é que dá para perceber facilmente que "xier" é uma palavra inventada.

Parece um pouco estranho na nossa língua alemã. Na minha opinião, precisamos de uma palavra que esteja mais de acordo com a língua alemã.

O comentário de Verena recebe uma resposta de um terceiro usuário do X cujo conteúdo exato infelizmente não pode mais ser visualizado em decorrência do apagamento da mensagem. Contudo, as respostas de Verena e de um quarto participante da discussão nos dão algumas pistas quanto ao seu conteúdo. Ao responder ao comentário apagado, Verena pergunta o que se quis dizer com “distorcer”, seguido da informação de que “les personagens não têm gênero, então os pronomes ‘ele’ e ‘ela’ são proibidos”. Com isso, pode-se inferir que o comentário apagado provavelmente fazia menção ao uso do pronome “xier” como forma de manter a não-binariedade de gênero de les personagens do mangá de forma negativa, acusando-o de distorcer o texto fonte. Tal informação parece ser corroborada pelo comentário do quarto usuário, que, ao tentar explicar a intenção por trás do comentário apagado, sugere que o uso do pronome “xier” seria uma cooptação da obra de Ichikawa com o intuito de “[...] impulsionar a pauta por trás do gênero neutro”





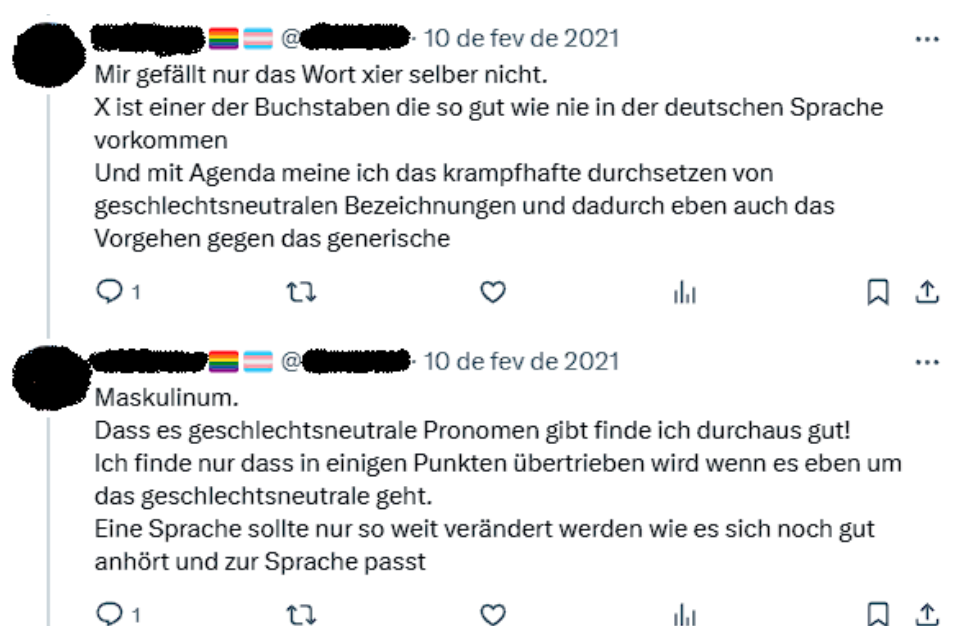
Usuário 4: e o que @ShonenSonntag provavelmente quer dizer é que ao usar Xier, parece que a obra *The Land of Jewels* está sendo usada para impulsionar a pauta por trás do gênero neutro.

Usuário 4: E sim, minha opinião é simplesmente que definitivamente deveria haver um pronome neutro em termos de gênero, mas "xier" simplesmente não se encaixa. Mas também não acho que o masculino genérico esteja errado. Porque faz parte da língua alemã e não se pode forçar uma mudança na língua.

Verena: 1. As razões para isso estão no ensaio linkado acima. Se você pessoalmente não gosta, é assim que as coisas são. 2. Não sei o que você quer dizer com "pauta". Há mais do que homem e mulher e, portanto, também há mais do que ele e ela. 3. Toda língua é viva e mutável.

Na discussão entre a Verena e o usuário 4 que se segue, podemos observar alguns dos pontos já discutidos anteriormente, como a mobilização de ideologias de linguagem ao criticar negativamente o uso de linguagens inclusivas nas traduções. O usuário 4, por exemplo, fazendo coro com alguns dos discursos discutidos na seção 7.2.1, descreve o pronome “xier” como uma “palavra inventada”, que “parece um pouco estranh[a] [...]” e expressa a opinião de que seria preciso “[...] uma palavra que esteja mais de acordo com a língua alemã”. Com isso, ele deslegitima o uso do pronome “xier” como uma estratégia tradutória ao caracterizá-lo como algo não natural que não pertence à língua alemã. Além disso, o usuário em questão, assim como outros analisados na seção 7.2.1, também defende o uso do masculino genérico, que não considera que esteja errado

“[p]orque faz parte da língua e não se pode forçar uma mudança na língua”. Nesse ponto, contudo, podemos observar uma outra ideologia de linguagem sendo reproduzida por ele: a de que uma mudança na língua não pode ser imposta de forma autoritária. Tal argumento é frequentemente reproduzido por indivíduos que se opõem ao uso de linguagens inclusivas – muitas vezes, por linguistas – e se baseia na ideia de que quem faz a língua são os falantes, de modo que apenas o uso repetido de uma dada alteração pode fazer com que ela seja aceita e passe a fazer parte da língua. Tal argumento, porém, é uma faca de dois gumes, uma vez que pode ser usado para defender o oposto: se a língua é feita pelos falantes, então, não há como impedir que linguagens inclusivas sejam adotadas, bastando que sejam utilizadas por uma quantidade suficiente de pessoas para que uma mudança significativa aconteça. É a essa propriedade que Verena se refere quando que “[t]oda língua é viva e mutável” no comentário acima: em sua visão, se entendemos que as performances de gênero não estão limitadas ao binário homem/mulher, então a língua precisa evoluir de acordo.



Usuário 4: Eu simplesmente não gosto da palavra "xier" em si. X é uma das letras que quase nunca aparece na língua alemã. E por pauta, quero dizer a aplicação rigorosa de termos neutros em termos de gênero e, por extensão, a repressão ao masculino genérico.

Usuário 4: Acho que é bom que existam pronomes neutros em termos de gênero! Só acho que alguns aspectos são exagerados quando se trata de neutralidade de gênero.

Uma língua só deve ser alterada na medida em que ainda soe bem e se ajuste à fala.<sup>104</sup>

No decorrer da discussão, no entanto, o usuário 4 esbarra em algumas contradições em seus argumentos. Em seus enunciados, ele procura posicionar-se diversas vezes como uma pessoa favorável ao uso de linguagens inclusivas em afirmações como “[a]cho que é bom que existam pronomes neutros em termos de gênero” e “[...] minha opinião é simplesmente que definitivamente deveria haver um pronome neutro em termos de gênero [...]”. Isso sugere uma abertura à possibilidade de que uma mudança na língua seja introduzida, contradizendo sua afirmação anterior de que tais mudanças não podem ser forçadas. Embora seja importante ressaltar que esses enunciados estão sendo reproduzidos como resposta às falas da tradutora Verena de que les personagens não têm um gênero especificado e, portanto, uma alternativa de gênero neutro precisava ser empregada. Também é interessante, nesse sentido, notar o uso que o usuário 4 faz de expressões como “minha opinião”, “eu, pessoalmente”. Com elas, ele parece querer distinguir-se de outras pessoas que se opõem ao uso de linguagens inclusivas, colocando as suas motivações como meramente linguísticas, em vez de algo motivado por preconceitos. Com isso em mente, me parece que o usuário 4 está aqui tentando criticar o uso do pronome “xier” ao mesmo tempo em que tenta evitar o rótulo de LGBTfóbico. Por isso, os argumentos “linguísticos” estão sendo mobilizados.

Além das ideologias de linguagem sendo reproduzidas na discussão, observam-se também algumas ideologias sobre tradução orientando os posicionamentos do usuário 4. Por exemplo, a insinuação de que o uso do pronome “xier” distorce a tradução nos remete novamente à ideologias em torno do conceito de “fidelidade”, visto que sugere que uma suposta essência do texto fonte foi deturpada. Isso é reforçado por ele, ao especular que o que pode ter motivado o comentário apagado posteriormente seria uma suposta apropriação da obra “para impulsionar a pauta por trás do gênero neutro”.

Contudo, é nas mensagens finais da discussão entre Verena e o usuário 4 que fica claro que o que está por trás da aceitação ou rejeição do uso de linguagens inclusivas como estratégias tradutórias para manter a não-binariedade de gênero de les personagens. Em sua penúltima mensagem, ao apresentar um último motivo para opor-se ao uso do pronome “xier”, o usuário 4 o associa

<sup>104</sup> No texto fonte, o autor utiliza a palavra “*Sprache*” duas vezes, eu traduzi a segunda como “fala” pois pareceu fazer mais sentido dessa maneira.

diretamente a pessoas não-binárias e critica seu uso ao reiterar que seria uma forma de impor uma pauta, uma vez que “Das Land der Juwelen não parec[e] que era realmente sobre gênero porque era sobre pedras preciosas vivas [...]”.



Usuário 3: Além disso, o problema é que Xier é usado ativamente para pessoas que não se sentem atribuídas a nenhum gênero e no primeiro volume de *Das Land der Juwelen* não parecia que era realmente sobre gênero porque era sobre pedras preciosas vivas e isso incomoda algumas pessoas.

Usuário 4: E é por isso que algumas pessoas sentiram que uma pauta estava sendo imposta aqui.

Eu, pessoalmente, dou boas-vindas a coisas neutras em termos de gênero, mas nada com um X.

Em seu comentário, o usuário 4 parece não reconhecer les personagens de *Houseki no kuni* como não-binários, levando-o a considerar que o uso de uma linguagem inclusiva na tradução inapropriado pois acarretaria em uma tradução “infel”.

O que nos leva finalmente ao ponto principal desta seção. Tanto as ideologias de linguagem quanto as de tradução reproduzidas ao se falar sobre as estratégias tradutórias empregadas na tradução de *Houseki no kuni* parecem estar vinculadas a como les personagens são percebidas, o que, por sua vez, parece influenciar o posicionamento adotado em relação ao uso de uma linguagem inclusiva. Se olharmos para os comentários sobre a tradução analisados ao longo do presente capítulo, podemos observar claramente esse fenômeno.

Esse “xier” completamente desconhecido e que não se conforma à língua, por outro lado, perturba tanto o fluxo de leitura, ao menos para mim, que eu não consigo

mais usufruir do mangá [...] Tanto “ele” (por causa do “boku”) e “ela” (por causa do *design* de personagem) estariam bons para mim. [ShirouTenki ON 14. AUGUST 2019 AT 22:26]

Eu já li 6 volumes com a tradução alemã e, depois de todo esse tempo, eu ainda não me acostumei com essas palavras inventadas. Para mim, a justificativa parece mais uma desculpa para abusar da mídia do mangá até então imaculada pelo gênero para forçar nela pontos de vista e preferências pessoais. Como mencionado no artigo, a intenção da mangaka não era de forma alguma representar a neutralidade de gênero. [Nino Singer ON 15. AUGUST 2019 AT 19:51]

Como a própria autora escreve, pronomes masculinos são usados no japonês, eu teria pensado que é perfeitamente aceitável usá-los no alemão também. Junto com a aparência mais feminina, isso também garantiria um contraste desejado e, na minha opinião, ainda enfatiza o suficiente a falta de gênero [...] A tradução está sendo complicada mais do que o necessário, o que eu temo que esteja perdendo de vista algo essencial [...] Isso também inclui um fluxo de leitura agradável, simples e compreensível. E esse definitivamente não é o caso com o “xier”, que é pouco familiar, desajeitado e tão desconhecido que precisa ser explicado em quase todos os volumes. [Toki ON 15. AUGUST 2019 AT 22:22]

Os trechos dos comentários analisados na seção 7.2.1 reproduzidos acima, por exemplo, podem dar a entender, em um primeiro momento, que se tratam de objeções ao uso do pronome “xier” por ele ser “desconhecido e não se conformar à língua”, ou o que caracterizam como “palavras inventadas” ou “desajeitado e tão desconhecido que precisa ser explicado em quase todos os volumes”, o que, a princípio, sugere uma objeção com base nos méritos linguísticos do pronome “xier”. No entanto, ao sugerirem alternativas ao seu uso, as pessoas responsáveis pelos comentários acima deixam entrever que não percebem les personagens como não-binários. Shirou, por exemplo, sugere que o pronome “ela” poderia ser usado para se referir a les personagens “por causa do *design* de personagem”, dando a entender que les enxerga como femininas. Da mesma forma, Toki também les descreve como femininas, porém, argumenta pelo uso de pronomes masculinos, visto que eles são usados no japonês.

De forma semelhante, nos trechos de resenhas abaixo, são expressados desconfortos em relação ao uso do pronome “xier” para lidar com a não-binariedade de gênero de les personagens.

É uma ideia interessante tornar as Joias neutras em termos de gênero, mas a implementação é um pouco complicada. A maioria das Joias parece feminina, com seus cabelos longos e corpos delicados e ágeis. Isso tornou os pronomes neutros em termos de gênero um pouco confusos. [denise7xy, 04/02/2019]<sup>105</sup>

<sup>105</sup> Es ist eine interessante Idee, die Juwelen geschlechtsneutral zu machen, aber die Umsetzung ist etwas schwierig. Die meisten Juwelen sehen weiblich aus, mit ihren langen Haaren und den zärtlichen, agilen Körpern. Dadurch wurden die geschlechtsneutralen Pronomen etwas verwirrend.

Incomoda-me que as jóias tenham tratamento<sup>106</sup> [*getrimmt*] neutro, mas parece que personagens masculinos e femininos são desenhados. Isso significava que eu estava constantemente ajustando os diversos pronomes na minha cabeça, o que dificultava a fluidez da história. [JeannasBuechertraum, 22/01/2019]<sup>107</sup>

Denise o descreve como “uma ideia interessante, mas difícil de implementar” e atribui tal dificuldade ao fato de “a maioria das jóias parecer feminina, com cabelos longos e corpos tenros e ágeis”, o que tornou o uso de pronomes neutros “um tanto confuso”. Nesse caso em particular, a autora da resenha inclusive apresenta alguns dos motivos para considerar les personagens femininas, de modo que ideologias de gênero em torno do que é considerado uma estilização corporal de feminilidade são reforçadas em seu discurso por meio da associação de cabelos longos e corpos tenros e ágeis a um gênero, e ignorando que tais características não estão restritas a um único gênero, podendo, em vez disso, ser observadas em homens e pessoas não-binárias também. Ao mesmo tempo, Jeannas sentiu-se incomodada pelo fato de les personagens receberem um tratamento de gênero neutro quando, para ela, “parecia que seres masculinos e femininos estavam sendo desenhados”, levando-a a ajustar os pronomes em sua cabeça e tornando difícil “entrar na história de modo fluente”. Vemos então que recepção do uso do pronome “xier” como estratégia tradutória está relacionada à forma como les personagens é percebida por essas pessoas. O não-reconhecimento de les personagens como não-binários é explicitamente apontado como o motivo por trás do fato de não considerarem a leitura da tradução fluente. Sendo assim, o que está por trás da rejeição à estratégia tradutória não são apenas ideologias de tradução, mas também ideologias de gênero.

Voltando a atenção aos comentários que falam do uso do pronome “xier” de forma positiva, nota-se que a forma como a não-binariedade de gênero de les personagens é percebida desempenha um papel importante no posicionamento adotado. As pessoas responsáveis por eles destacam o estranhamento causado, porém, tal estranhamento é minimizado, conforme observamos na seção 7.2.2.1.

---

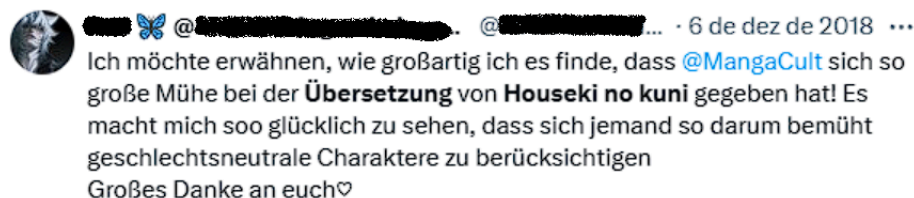
<sup>106</sup> A autora do comentário utiliza a palavra “*getrimmt*” no texto fonte, que tem como sentido mais comum “aparar” ou “cortar”, porém, essas palavras não faziam muito sentido no contexto do que ela estava falando. Então eu pesquisei mais a fundo e descobri que essa palavra também pode significar alguns tipos de tratamento, e isso me pareceu fazer mais sentido aqui. Por isso traduzi dessa maneira.

<sup>107</sup> Es stört mich das die Juwelen neutral getrimmt werden aber es aussieht als wären männliche und weibliche Wesen gezeichnet. Dadurch habe ich die divers-pronomen im kopf immer angepasst was es mir schwer gemacht hat flüssig in die Story reinzukommen.

Como não são claramente masculinas ou femininas, o pronome neutro “xier” é usado neste mangá, uma invenção da ilustradora [sic]<sup>108</sup> alemã Anna Heger. A princípio, essa peculiaridade parece um pouco estranha [*befremdlich*], mas eu fui capaz de me acostumar com ela surpreendentemente rápido. Eu acho ótimo que uma solução tradutória adequada tenha sido encontrada aqui, uma solução que também pode ser tão bem integrada ao fluxo do diálogo [*sprachfluss*]. [Lena\_AwkwardDangos, 17/01/2019].

Nenhuma das personagens da história têm um gênero. Logo, a tradução alemã usa o pronome de gênero neutro “xier”. Isso soa um pouco peculiar [*merkwürdig*], mas tem lógica, já que uma “pedra” não é masculina nem feminina. Eu acho a ideia por trás disso muito interessante. Em tempos de gênero e da crescente conscientização sobre a transsexualidade, “Das Land der Juwelen” abre um estilo narrativo que nunca havia experimentado antes [Kaito, 18/11/2018].

Apesar de reconhecerem esse aspecto que consideram negativo, ele é, ao mesmo tempo, louvado como uma “tradução adequada” ou “muito bem feita” de manter a não-binariedade de gênero de les personagens. Nos casos de pessoas que reconhecem les personagens como não-binários, o uso do pronome “xier” é, na pior das hipóteses, um leve incômodo que pode ser facilmente superado, e na melhor das hipóteses, uma solução inteligente que representa um esforço louvável para promover uma maior inclusão, conforme também demonstra a publicação abaixo.



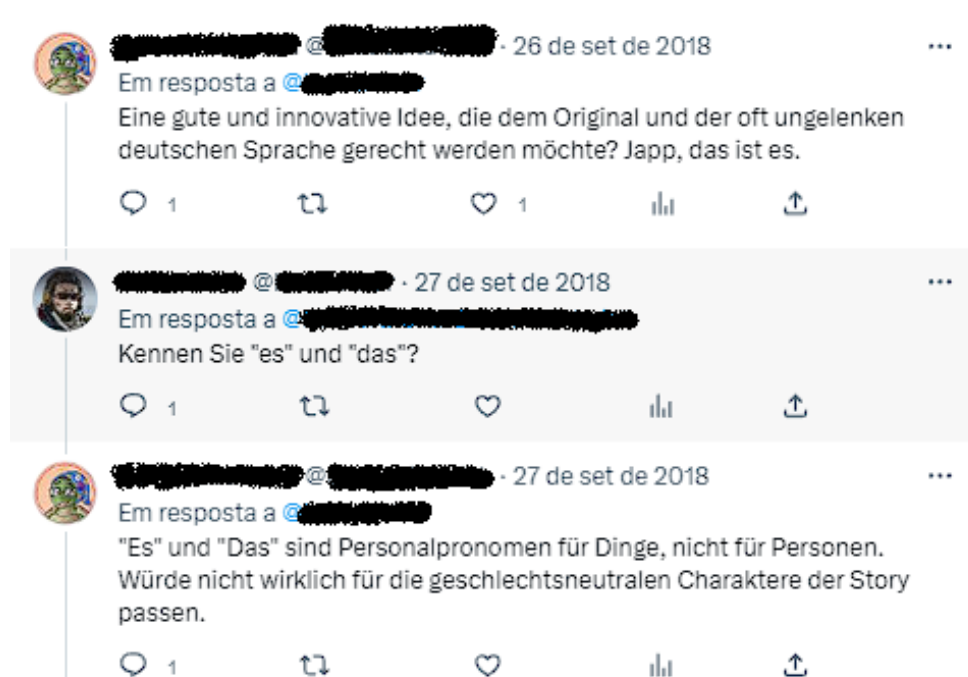
Quero dizer o quão incrível eu acho que o @MangaCult se esforçou tanto para traduzir Houseki no kuni! Fico muito feliz em ver alguém se esforçando tanto para incluir personagens de gênero neutro.  
Um enorme obrigado a todos ♡

Logo, para essas pessoas, uma vez que é reconhecida a não-binariedade de gênero de les personagens, mantê-la parece assumir prioridade em relação a outros aspectos da tradução, o que, por sua vez, aponta para o papel que estratégias como a escrita de paratextos desempenha: tornar visível os elementos LGBTQIAPN+ presentes em uma obra, explicar as estratégias tradutórias adotadas para lidar com eles e os motivos que levaram à sua escolha pode

<sup>108</sup> Anna Heger prefere que formas de gênero neutro sejam usadas ao se referir a ela, porém traduzi no feminino aqui porque, na resenha, é utilizado o feminino “*Illustratorin*”.

contribuir significativamente para a sua aceitação por parte de quem lê essas traduções.

Por fim, ideologias acerca dos conceitos de “fidelidade” e “original” também parecem ser influenciadas por ideologias de gênero quando se trata do uso de linguagens inclusivas na tradução de *Houseki no kuni*. A discussão abaixo inicia-se em resposta a uma publicação na rede social X, na qual o uso do pronome “xier” na tradução alemã é apresentado de forma negativa.



Usuário 1: Uma ideia boa e inovadora que faz jus ao original e à língua alemão, muitas vezes, desajeitada? Sim, é isso.

Usuário 2: Você conhece "isso" e "aquilo"<sup>109</sup>?

Usuário 1: "Isso" e "aquilo" são pronomes pessoais para coisas, não pessoas. Não combinaria muito bem com os personagens de gênero neutro da história.

Le primeira usuário acima responde à publicação partindo em defesa da estratégia tradutória, a qual descreve como “uma ideia boa e inovadora de fazer jus ao original e à língua alemã, muitas vezes desajeitada”. No comentário em questão é feita uma referência explícita ao texto fonte, ao qual a tradução precisa ser “fiel”. Percebe-se também, que quem escreveu o comentário considera les personagens não-binários, segundo indica o último comentário na imagem. Logo,

<sup>109</sup> “Das” também é o artigo definido neutro na língua alemã, mas no contexto da interação, “aquilo” me pareceu uma tradução mais adequada. Essa interpretação também parece ser corroborada pelo último comentário na imagem.



em sua visão, para que a tradução seja “fiel”, é preciso que se mantenha a não-binariedade de gênero de les personagens.

Contudo, tal posicionamento não é compartilhado em todos os comentários nos quais ideologias em torno do conceito de fidelidade estão presentes. Indivíduos que não reconhecem les personagens como não-binários defendem que o uso de linguagens inclusivas representam desvios, ou até mesmo corrupções da obra de Ichikawa, sendo ele, muitas vezes, acusado de apropriação do texto fonte para promover uma pauta de gênero, conforme observamos na seção 7.2.2.2.

Podemos ver, então, que as ideologias de linguagem e de tradução que orientam os discursos em torno das estratégias tradutórias para lidar com a não-binariedade de gênero de les personagens e são reproduzidas por eles são perpassadas por questões de gênero e assumem significados diferentes dependendo de como o gênero de les personagens é lido pelas pessoas.

## 8. Considerações finais

Na presente pesquisa, foram analisadas quatro traduções do mangá *Houseki no kuni*, focando em como as estratégias tradutórias adotadas lidam com a não-binariedade de les personagens e se elas contribuem para desestabilizar a matriz cis-heteronormativa ou se a reforçam.

A análise dos dados demonstra que há um considerável grau de variação tanto nas estratégias adotadas para lidar com a não-binariedade de gênero de les personagens quanto na forma como foram apresentadas. A tradução brasileira optou por utilizar o masculino genérico como forma de se referir a les personagens do mangá, designando-lhes, dessa forma, um gênero. Tal escolha não é explicada de nenhuma forma nos volumes publicados pela editora NewPop. Em vez disso, informações sobre as estratégias tradutórias podem ser encontradas apenas em uma publicação da editora em sua conta na rede social X, fazendo com que apenas quem a segue nessa rede social ou procurou por essa informação tivesse acesso a ela. Ainda assim, de acordo com a análise conduzida na presente pesquisa, há uma clara discrepância entre o que diz a publicação da editora na rede social e o que foi, de fato, observado na análise da tradução brasileira. Enquanto a publicação no X sugere que artifícios da língua portuguesa seriam empregados para tentar evitar designações de gênero sempre que possível, reservando o masculino genérico para os casos em que isso não fosse possível sem que desvios da norma padrão fossem cometidos, o que se observou foi o oposto: o masculino genérico foi utilizado ao longo de todo o texto, mesmo em momentos em que, como demonstrado na análise, seria possível evitar formas generificadas de se referir a les personagens.

A tradução estadunidense, assim como a brasileira, também não apresenta informações a respeito das estratégias tradutórias utilizadas para manter a não-binariedade de gênero de les personagens em seus volumes. Porém, diferentemente da brasileira, a tradução da editora Kodansha não generifica les personagens, escolhendo empregar uma estratégia tradutória que, na maior parte do tempo, evita chamar atenção ao fato de les personagens não terem um gênero especificado. Isso é possível devido ao fato de, diferentemente das demais línguas das traduções aqui analisadas, o inglês não ser uma língua cujo gênero é uma categoria sempre marcada. Com isso, as tradutoras estadunidenses foram capazes de realizar uma tradução evitando designar um gênero a les personagens sem que

desvios da norma padrão fossem cometidos na maior parte do tempo, reservando o uso de linguagem inclusiva na forma de variações do pronome “*they*” apenas para casos pontuais nos quais as outras soluções tradutórias que vinham empregando não apresentariam resultados satisfatórios.

Já a tradução espanhola, diferentemente da brasileira e da estadunidense, oferece uma apresentação da estratégia tradutória utilizada para lidar com a neutralidade de gênero de les personagens do mangá na forma de uma breve nota de rodapé no sumário dos volumes. Apesar de seu caráter sucinto, a nota explicita de forma clara como a tradução será feita e o que motivou a escolha da estratégia adotada. Nela, a editora informa a quem lê que os recursos disponíveis na norma da língua espanhola serão empregados para manter a não-binaridade de gênero de les personagens sempre que possível, e nos casos em que não o é, uma linguagem inclusiva baseada na terminação -e será utilizada. Conforme demonstramos na análise dos dados, tal estratégia foi seguida à risca.

Por fim, a tradução alemã fez uso de uma estratégia tradutória semelhante à espanhola ao decidir pelo uso da linguagem inclusiva baseada no pronome “*xier*”. Contudo, seu emprego deu-se de forma muito mais extensiva quando comparado à tradução espanhola. Enquanto essa última utilizou a linguagem inclusiva apenas nos casos em que outras opções não eram viáveis, a tradução alemã o fez como estratégia padrão, reservando outras opções para os casos em que o uso frequente do pronome “*xier*” poderia causar confusão ou tornar-se cansativo. Além disso, a tradução da editora MangaCult diferencia-se das demais traduções analisadas na presente pesquisa em sua apresentação das estratégias tradutórias. Enquanto as outras não mencionam como lidam com a não-binariedade de gênero de les personagens, ou o fazem apenas brevemente, a tradução alemã reserva uma página inteira ao final de seus volumes para uma explicação da linguagem inclusiva escolhida e o que motivou tal escolha.

De modo a apresentar de forma sintetizada as estratégias utilizadas nas quatro traduções analisadas na presente pesquisa, elaborei o quadro 1 abaixo. A coluna da esquerda representa a estratégia em questão, enquanto a coluna da direita oferece um exemplo presente nas traduções.<sup>110</sup>

---

<sup>110</sup> Os exemplos em inglês correspondem a algumas estratégias utilizadas na tradução estadunidense que foram exploradas em minha dissertação, brevemente resumidas na seção 7.1.2. Para mais detalhes, ver PINHEIRO (2021).

| Estratégias de tradução <i>queer</i>                   |                                                                                                                                                                                                        |
|--------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Uso de formas não generificadas de retomar o referente |                                                                                                                                                                                                        |
| Uso dos Nomes de les personagens no lugar de pronomes  | “ <i>Cinnabar</i> , huh? I don’t think so. If i have to ask <i>Cinnabar</i> , I might as well go to sensei”                                                                                            |
| Uso de hiperônimos                                     | “There’s a <i>gem</i> you could try asking”                                                                                                                                                            |
| Uso de expressões nominais                             | “I can’t even get near Cinnabar! I’ve never even talked to <i>that loner!</i> ”                                                                                                                        |
| Uso de elipses                                         | “¿Quieres ver a Cinabrio? Dudo que [Ø] esté?”                                                                                                                                                          |
| Reestruturações sintáticas de orações                  |                                                                                                                                                                                                        |
| Mudança de sujeito das orações                         | “...mach mich <i>unsere nachbarschaft</i> nervös”                                                                                                                                                      |
| Uso de um discurso impessoal                           | “no hay quien se relaje teniéndole al lado.”                                                                                                                                                           |
| Uso de linguagem inclusiva                             |                                                                                                                                                                                                        |
| Uso de neopronomes                                     | “Cinnabarit kann das gift nicht kontrollieren. wenn es zu viel wird, verschwindet <i>xier</i> für eine weile”                                                                                          |
| Uso de artigos e desinências de gênero neutras         | “ <i>Les</i> lunaries lo lanzaron con fuerza, y Bort le hizo un agujero cuando lo pisoteó...”<br><br>“ <i>Todes</i> prefieren que Fos se quede así”<br><br>“...antes de tacharle de <i>mentirose</i> ” |

Quadro 1: Estratégias de tradução *queer*.

Ao olharmos mais atentamente para os paratextos das traduções analisadas, podemos notar algumas questões interessantes em relação aos posicionamentos ideológicos das editoras. Conforme mencionado na seção 7.1.2, apesar de manter a não-binariedade de gênero de les personagens do mangá, a tradução estadunidense não incluiu nenhuma menção às estratégias tradutórias empregadas para atingir tal objetivo em seus volumes. Com isso, nota-se que a editora Kodansha não desejou chamar atenção ao fato de terem mantido a não-binariedade de gênero de les personagens, de modo que não se pode notar ali uma postura engajada com a causa LGBTQIAPN+ de sua parte. Por outro lado, ao não enfatizar essas estratégias, seu uso é imbuído de uma certa naturalidade,

sendo tratado apenas como a solução mais lógica para lidar com o problema tradutorório em questão.

Já a tradução brasileira é particularmente interessante nesse sentido. A editora NewPop parece posicionar-se de forma a evitar potenciais conflitos, recusando-se a engajar-se na discussão em torno da não-binariedade de gênero de les personagens e a melhor maneira de lidar com ela na tradução. Considerando o que foi discutido no capítulo 3, tal posicionamento é compreensível, dado que pode elicitar reações negativas por parte das pessoas em ambos os lados da discussão.

Por sua vez, apesar de diferenciar-se da editora brasileira pelo uso que faz das linguagens inclusivas, o posicionamento da editora ECC apresenta algumas semelhanças ao da editora brasileira. Como vimos na seção 7.1.3, a apresentação da estratégia tradutória empregada pela editora espanhola limitou-se a uma pequena nota no rodapé do sumário, na qual o uso da linguagem inclusiva é justificado como uma forma de satisfazer uma exigência da autora do mangá. Com isso, a editora ECC parece adotar um posicionamento que busca evitar potenciais conflitos, porém, o faz enquadrando o uso da linguagem inclusiva como a única alternativa viável para que a obra de Ichikawa pudesse ser publicada.

Por fim, a editora MangaCult distingue-se de todas as demais ao adotar um posicionamento ideológico muito mais engajado com a causa LGBTQIAPN+ em relação à escolha da estratégia tradutória. Diferentemente da editora estadunidense, que não informou a estratégia tradutória empregada, a editora alemã não apenas a informou, como deu um destaque especial a ela em seus volumes e em seu material de divulgação antes de seu lançamento. Enquanto a editora brasileira evita discutir a estratégia adotada, aqui, ela é amplamente divulgada no perfil da editora nas redes sociais e nos volumes publicados. Diferentemente da editora espanhola, que enquadra o uso da linguagem inclusiva quase como um mal necessário, a editora alemã o apresenta como uma oportunidade de visibilizar pessoas não-binárias e educar quem lê acerca da existência delas.

As estratégias empregadas para lidar com a não-binariedade de gênero de les personagens têm efeitos óbvios no que diz respeito ao apagamento ou visibilização desse aspecto de suas identidades. Ao optar por utilizar o masculino genérico, por exemplo, a tradução brasileira tem como efeito o apagamento das

identidades não-binárias de les personagens. Tal apagamento é reforçado ainda mais pelo fato de não haver menção alguma a essa característica em paratextos. Considerando o apagamento que pessoas não-binárias sofrem tanto na sociedade quanto na linguagem (ver seção 2.2), a tradução brasileira contribui para reforçar a marginalização sofrida por essas pessoas. Consequentemente, ao apagar as identidades não-binárias de les personagens, reforça-se também a matriz cis-heteronormativa, uma vez que les força a conformarem-se ao seu rígido padrão de gênero binário.

O caso da tradução estadunidense é um pouco mais complexo comparado às demais traduções aqui analisadas. A escolha de utilizar uma estratégia tradutória que mantém a não-binariedade de gênero de les personagens de *Houseki no kuni* sem chamar atenção a essa característica delus reduz as chances de a tradução ser mal recebida ao mesmo tempo em que respeita suas identidades de gênero. No entanto,

[...] [t]endo crescido com certos padrões de expectativas culturais relacionadas ao gênero, [leitores] também são tentados a interpretar personagens não binários como masculinos ou femininos. O papel do leitor é, portanto, essencial na interpretação e compreensão de identidades não normativas. (ŠPORČIČ, 2018, p. 55)<sup>111</sup>

Conforme mencionado na seção 4, a não-binariedade de gênero de les personagens é uma característica que fica em segundo plano no mangá, aparecendo apenas esporadicamente e com a sua primeira menção ocorrendo somente no segundo volume. Considerando que ao lermos uma obra de literatura, o fazemos a partir de um viés cis-heteronormativo, o emprego de uma estratégia tradutória que não enfatiza a não-binariedade de gênero de les personagens pode contribuir, mesmo que indiretamente para o apagamento dessa característica de suas identidades. O uso do pronome “they” no singular, embora seja uma forma de visibilizar a não-binariedade de gênero de les personagens, pode não ser suficiente para causar esse efeito, pois como discutimos na seção 7.1.2, seu uso ocorre muito tardiamente na tradução. Isso, em conjunto com a ausência de qualquer menção à não-binariedade de gênero em paratextos, faz com que apenas indivíduos que sabem sobre essa característica de antemão evitariam designar um gênero a les personagens durante a leitura.

---

<sup>111</sup> [...] having grown up with certain patterns of gender-related cultural expectations, are also tempted to read non-binary characters as either male or female. The role of the reader is therefore essential in interpreting and understanding non-normative identities.

As traduções espanhola e alemã do mangá, por outro lado, têm um efeito completamente diferente. O fato de utilizarem-se de linguagens inclusivas para manter a não-binariedade de gênero visibiliza esse aspecto de suas identidades, impedindo – ou, ao menos, dificultando – que um gênero lhes seja designado no ato de leitura. O fato de as estratégias tradutórias empregadas com esse propósito serem apresentadas cedo em seus volumes significa que a sua leitura é iniciada tendo-se essa informação de antemão. Além disso, cada vez que a linguagem inclusiva é utilizada para se referir a les personagens, suas identidades de gênero não-bináriae são reforçadas, contribuindo, assim, para subverter a matriz cis-heteronormativa por meio do reconhecimento de identidades de gênero que não se limitam ao extremo do binário.

Voltando-nos agora à recepção das traduções. Notamos nas análises que o posicionamento de quem leu as traduções em relação às estratégias tradutórias adotadas eram influenciados por ideologias de linguagem de tradução e de gênero e, ao mesmo tempo, às reproduziam. Quanto às ideologias de linguagem, o uso de linguagens inclusivas como estratégia tradutória é frequentemente invalidado por meio de sua caracterização como algo que não está de acordo com a norma padrão da língua, assim como por meio de alusões ao seu aspecto “artificial” associando a ele palavras pertencentes ao campo semântico da “invenção”, em oposição a uma suposta naturalidade da norma padrão. A viabilidade da linguagem inclusiva como forma de manter a não-binariedade de les personagens é questionada também por meio da ideia amplamente difundida de que o masculino genérico inclui o neutro e, sendo assim, seria a maneira “correta” de manter a não-binariedade de gênero de les personagens. Soma-se a isso o uso do posicionamento adotado por instituições como a Real Academia Española como forma de fortalecer o argumento contra a linguagem inclusiva ao dar a ele um peso institucional que deslegitima o uso da linguagem inclusiva na tradução. No entanto,

[...] embora gramáticos autoproclamados possam julgar e estigmatizar certa linguagem como incorreta (o que tem consequências reais para aqueles que usam essa linguagem em círculos sociais e profissionais), suas alegações são meramente preconceitos personalizados que são “baseados em alegações duvidosas sobre o certo e o errado” (2010:11). (HORD, 2016, n.p.)<sup>112</sup>

---

<sup>112</sup> [...] though self-appointed grammarians can pass judgement and stigmatize certain language as incorrect (which has real consequences for those who use said language in social and professional circles), their claims are merely personalized prejudices that are “based on dubious claims to right and wrong”

Em relação às ideologias de tradução, pôde-se observar ideologias relacionadas às ideias de “fluência”, “original x tradução”. Quanto à primeira, o uso de linguagens inclusivas é construído como uma estratégia tradutória inapropriada devido ao fato de causar estranhamentos em quem as lê e por prejudicar o fluxo de leitura. É recorrente que, no discurso dessas pessoas, que as traduções que optaram pelo uso de linguagens inclusivas sejam descritas como “esquisitas”, “incômodas”, entre outros adjetivos, sendo elas, muitas vezes, citadas como motivos para se evitar comprar os volumes das traduções. Interessantemente, no entanto, tais discursos não eram reproduzidos apenas por pessoas que se opuseram às linguagens inclusivas ou que criticaram negativamente as traduções que fizeram uso delas. Conforme vimos na análise, quando as traduções eram avaliadas positivamente, o estranhamento causado pelas linguagens inclusivas era frequentemente mencionado, embora, nesses casos, o incômodo causado é minimizado como algo com o qual é fácil de se acostumar. O fato de o estranhamento causado pelo uso de linguagens inclusivas ser um ponto negativo apontado tanto por quem avalia as traduções negativamente quanto por quem as avalia positivamente aponta para a ubiquidade que o conceito de fluência tem ao determinarmos a qualidade de uma tradução.

Conforme mencionado na seção 3.2, as linguagens inclusivas podem ter seu uso dificultado por obstáculos de natureza cognitiva, visto que representam rupturas com a forma como estamos condicionados a utilizar a linguagem: ao tentarmos empregá-la, o que antes era um processo intuitivo passa a exigir que falantes de uma língua passem a policiar os usos que fazem da linguagem e façam escolhas conscientes ao formular seus enunciados. Da mesma forma, estranhamos os usos de linguagem inclusiva ao nos depararmos com eles das primeiras vezes, de modo que boa parte das reações demonstradas por essas pessoas não é surpreendente.

No entanto, é justamente por esse motivo que as linguagens inclusivas utilizadas funcionam como estratégias eficazes de tradução *queer*: por se configurarem como usos tão distintos daqueles com os quais estamos acostumados, o estranhamento que provocam em quem lê torna ainda mais visível o fato de les personagens não terem um gênero especificado.

No caso das ideologias de tradução relacionadas ao conceito de “original”, o emprego da linguagem inclusiva é caracterizado como uma forma “infidel” de traduzir o texto fonte. O uso de pronomes masculinos pela autora do mangá para



se referir a les personagens é frequentemente trazido para embasar esse ponto de vista, argumentando que, por conta do uso desses pronomes, a forma mais “fiel” de traduzir o mangá seria utilizando pronomes masculinos. Pelo mesmo motivo, a aparência de les personagens, que são descritas como possuidoras de características ideologicamente associadas ao gênero feminino, é utilizada por algumas pessoas para defender o uso de pronomes femininos.

Ainda de acordo com ideologias em torno do conceito de “original”, a concepção individualista de autoria é trazida para se opor ao uso da linguagem inclusiva como uma estratégia para traduzir *Houseki no kuni*. Empregar linguagens inclusivas na tradução é caracterizado como um abuso do texto fonte que força nele pontos de vista subjetivos de quem os traduz. Ao estabelecer uma distinção entre tradução e original e dar apenas a quem detém a autoria deste último o poder de decisão sobre os “usos políticos” que se farão de suas obras busca-se deslegitimar o uso feito da linguagem inclusiva.

Também foi observado nas análises que as ideologias de linguagem e de tradução por trás dos discursos reproduzidos sobre as traduções analisadas carregavam outros subtextos relacionados a ideologias de gênero. Conforme vimos, a aceitação ou rejeição do uso de linguagens inclusivas encontrava-se vinculado também à forma como o gênero de les personagens era interpretado. Para indivíduos que lhes designavam um gênero na leitura, seu uso era inapropriado, e as ideologias de linguagem e de tradução mencionadas acima eram mobilizadas para argumentar contra essa estratégia tradutória. Ao mesmo tempo, ideologias de gênero em torno do que são homens e ou mulheres eram também reproduzidas ao se tentar justificar a interpretação de les personagens como masculinas ou femininas.

Por outro lado, para quem interpretava les personagens como não-binárias, essas mesmas ideologias são trazidas para defender o emprego das linguagens inclusivas, em particular, ideologias em torno do conceito de original, visto que, se les personagens não têm um gênero, então, a forma “fiel” de traduzir é mantendo a sua não-binariedade, de modo que o uso de linguagens inclusivas estaria “correto”.

Apesar de ideologias sobre linguagem e sobre tradução deslegitimar o uso de linguagem inclusiva na tradução, a falta de preocupação demonstrada por algumas dessas pessoas com a manutenção da não-binariedade de gênero de les personagens na tradução configura uma contradição em suas argumentações que

apontam para esse uso não como uma defesa do que consideram uma boa tradução, mas, sim, para uma rejeição à inserção de políticas identitárias nos mangás.

Por fim, a presente pesquisa teve como um de seus objetivos averiguar quais normas tradutórias estão em jogo nas traduções analisadas e como elas influenciam a forma como foram traduzidas e recebidas. Conforme discutimos ao longo do capítulo 5, na presente pesquisa propusemos que a matriz cis-heteronormativa pode ser considerada uma norma tradutória, uma vez que atua de modo a limitar o que é permitido fazer ao traduzir textos nos quais estão presentes elementos LGBTQIAPN+. Com isso, queremos dizer que há certas consequências na forma de sanções para quem traduz ou para editoras que produzem ou publicam traduções que, de alguma forma, desestabilizam a matriz cis-heteronormativa e, conseqüentemente, na tentativa de evitar tais consequências, estratégias tradutórias mais conservadoras podem ser favorecidas.

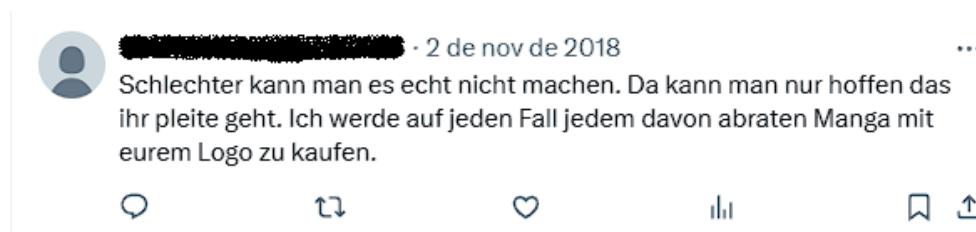
Observa-se a matriz cis-heteronormativa atuando como uma norma tradutória em alguns discursos analisados na presente pesquisa.

Bem, acho que a equipe de tradução realmente não pensou muito sobre suas escolhas aqui.

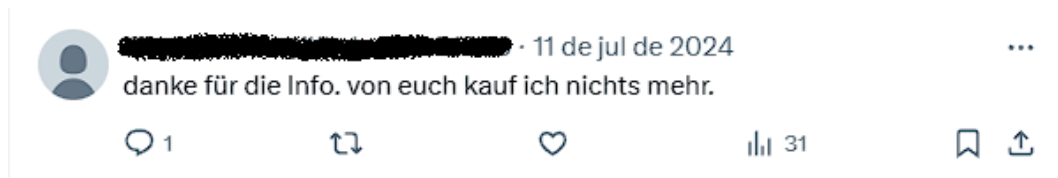
As tradutoras pensaram que o público ocidental não seria capaz de entender isso?

No trecho acima, retirado da resenha analisada na seção X., a capacidade das tradutoras estadunidenses é questionada por conta de suas escolhas tradutórias em relação ao gênero de les personagens.

As sanções também podem ser observadas sendo direcionadas às editoras. Os comentários abaixo demonstram a insatisfação de algumas pessoas em relação ao uso de linguagens inclusivas para lidar com o gênero de les personagens.



Você realmente não poderia fazer pior. Só podemos torcer para que você vá à falência. Eu definitivamente desaconselho a todos que comprem mangás com o seu logotipo.



Obrigado pela informação. Não comprarei mais nada com você

Todas as pessoas que eu conheço, que queriam de verdade comprar esse mangá, desistiram por causa disso. É realmente uma pena que isso desencoraje compradores em potencial. [Nino Singer [ON 15. AUGUST 2019 AT 19:51](#)]

Então, eu também vou evitar a edição em língua alemã do mangá, que de outra maneira é bem atraente para mim, e recorrer às versões estrangeiras se ninguém decidir revisar a tradução em uma nova edição. [Toki [ON 15. AUGUST 2019 AT 22:22](#)]

Neles, podemos observar que essas pessoas preferem optar por não consumir as traduções publicadas por essas editoras, além de sugerirem um boicote como forma de demonstrar sua insatisfação com as estratégias tradutórias empregadas. Logo, são compreensíveis alguns dos posicionamentos adotados pelas editoras mencionados anteriormente.

Se entendemos que, ao falarmos, estamos agindo no mundo e que nossos enunciados produzem efeitos que podem estender-se para muito além do momento da enunciação (ver seção 5), e se, como discutido na seção 5.1, entendemos a tradução como um ato performativo, então podemos facilmente reconhecer o potencial da tradução como instrumento de mudança social. nenhum dos discursos analisados na presente pesquisa teria sido produzido caso Houseki no kuni não tivesse sido traduzido para essas línguas, de modo que podem ser interpretados como efeitos perlocucionários dessas traduções. Assim, ao se utilizarem de estratégias tradutórias que visibilizam identidades não-binárias, essas traduções contribuem para trazer à tona temas que precisam ser debatidos em ampla escala. Além desse efeito, a escolha da linguagem inclusiva como estratégia tradutória pode contribuir para apresentá-la a um novo público que não esteja familiarizado com ela, promovendo uma maior aceitação e, possivelmente, contribuindo para que faça parte da língua com o passar do tempo.

## Referências bibliográficas

ALENCAR, Claudiana Nogueira de. Pragmática cultural: uma proposta de pesquisa-intervenção nos estudos críticos da linguagem. Em: RODRIGUES, Marília Giselda et. al. (orgs). **Discurso sentidos e ação**. Franca, SP: Universidade da Franca, 2015, p. 141-162. (Coleção Mestrado em Linguística).

ASIMAKOULAS, Dimitris. Dude (Looks Like a Lady): Hijacking Transsexual Identity in the Subtitled Version of ‘Strella’ by Panos Koutras. **The Translator** 18.1: 42-75. 2012.

ARROJO, Rosemary. “A pesquisa em teoria da tradução ou o que há de novo no fronte”. Em: ARROJO, Rosemary (Org.). O signo desconstruído: Implicações para a tradução, leitura e o ensino, 2a edição, São Paulo: Pontes, 2003, p. 107-112.

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**. Traduzido por Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAER, Brian James. Translating Queer Texts in Soviet Russia: A Case Study in Productive Censorship. **Translation Studies** 4.1: 21-40. 2011.

BAER, Brian James; KAINDL Klaus (eds.). **Queering Translation, Translating the Queer: Theory, Practice, Activism**. New York/London: Routledge, 2018.

BAER, Brian James. **Queer Theory and Translation Studies: Language, Politics, Desire**. New York/London: Routledge, 2021.

BARBOZA, Beatriz Regina Guimarães (be rgb, beatriz rgb). Nós, estranhos: estudos feministas da tradução e/m queer~cu-ir. (Tese). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2023.

BASTOS, Julia Dias. Sherlock/Watson: *Slash fiction* como tradução queer. 2016. 98p. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Departamento de Letras.

BAUER, Heike. **Sexology and Translation: Cultural and Scientific Encounters across the Modern World**. Philadelphia: Temple University Press, 2015.

BERLINA, Aleksandra. Homosexuality in the Russian Translation of *The Hours*. **Sexuality and Culture: An Interdisciplinary Quarterly** 16:4, 449-466. 2012.

BOLÍVAR, A. Una introducción al análisis crítico del ‘lenguaje inclusivo’. **Literatura y Lingüística**, nº40, 2019, p.355-375.

BORBA, Rodrigo. Linguística *Queer*: Uma perspectiva pós-identitária para os estudos da linguagem. **Revista Entrelinhas**, v. 9, n. 1, p. 91-107, jan/jun 2015.

BORBA, Rodrigo; LOPES, Adriana Carvalho. Escrituras de gênero e políticas de *différance*: imundície verbal e letramentos de intervenção no cotidiano escolar. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.21, n. esp., |VIII SENALE| p. 241-285, 2018.

BORBA, Rodrigo; LEWIS, Elizabeth Sara. Dez obras para conhecer a Linguística *Queer/cuir*. **Guia Bibliográfico do Instituto de Letras da UFBA – GuiaLET**. Salvador: EDUFBA, 2023, p. 267-291.

BORGES, Guilherme Pereira Rodrigues. Tradução de literatura queer brasileira: uma análise da antologia Cuier (2021). *Revista de Literatura, História e Memória*. Cascavel. v. 20, n. 35, p. 1-23, ago/2024.

BOURDIEU, Pierre. The Forms of Capital. In: RICHARDSON, J.E. (Ed.) **Handbook of Theory of Research for the Sociology of Education**. Tradução para o inglês de Richard Nice. Westport, CT: Greenwood Press, 1986. p. 241-258.

BOURDIEU, Pierre. [1982] 2008. A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer. 2ª ed, 1ª reimpr. Trad. S. Miceli. São Paulo: EDUSP.

BRENNER, Robin E. *Understanding manga*, Westport: Libraries Unlimited, 2007.

BUCHOLTZ, Mary; HALL, Kira. "Language and Identity". In: A. DURANTI (org.), **A Companion to Linguistic Anthropology**. Oxford: Basil Blackwell, 2003. p. 268-294.

\_\_\_\_\_. "Theorizing identity in language and sexuality research". **Language in Society**. Vol. 33, p. 469-515, 2004.

\_\_\_\_\_. "Identity and Interaction: A Sociocultural Linguistic Approach". **Discourse Studies**, Vol. 7, No. 4-5, p. 585-614, 2005.

BUSSOLETTI, Arianna. Pursuing a Gender Non-conforming "Hellscape:": Investigating Nonbinary User Fan Practices on Tumblr. **Mediascapes journal**, Vol. 18, 2021, p. 43-53.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 12ª ed. Traduzido por Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BUTLER, Judith P. *Discurso de ódio: uma política do performativo*. Traduzido por Roberta Fabbri Viscardi. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

CABRAL, José Caio Dantas. "Shantay you stay!" a representação do universo drag nas legendas de Rupaul's Drag Race: uma análise de estratégias de tradução. 2017. 69p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) - Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, Brasil, 2017.

CAMERON, D. (1992). Review of Tannen, D. "You just don't understand: Women and Men in Conversation." *Feminism & Psychology*, 2 (3), 465-489.

CAMERON, D. (2006a). Non-sexist Language: Lost in Translation?. In: Cameron, D. *On language and sexual politics*. London: Routledge.

CAMERON, D. (2006b). Verbal Hygiene for women: Linguistics misapplied?. In: Cameron, D. *On language and sexual politics*. London: Routledge.

CLOSE, Samantha. "Moon Prism Power!": Censorship as Adaptation in the Case of *Sailor Moon*. **Participations Journal of Audience and Reception Studies**, vol 14, n. 1, p. 264-281, Maio, 2017.

COBURN, Katelyn O.; VENNUM, Amber; MCGEORGE, Christi R.; MARKHAM, Melinda Stafford; SPENCER Chelsea M. "It's like a happy little affirmation circle": a grounded theory study of nonbinary peoples' internal process for navigating binary gender norms. **International journal of transgender health**, Vol. 25, No. 4, p. 751-769, 2024.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, **Rebecca**. **Gênero: uma perspectiva global**. Traduzido por Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2015.

DE LAURETIS, Teresa. *Technologies of Gender: Essays on Theory, Film, and Fiction*. Bloomington e Indianápolis: Indiana University Press, 1987.

DE LAURETIS, Teresa. *Queer Theory: Lesbian and Gay sexualities*. **Differences: a journal of Feminist Cultural Studies**, v. 3, n. 2, p. iii-xviii, 1991.

DELISLE, J.; WOODSWORTH, J. "Os tradutores e a disseminação do conhecimento". In: DELISLE, J.; WOODSWORTH, J. (orgs). São Paulo: Ática, 1995, p. 113-139.

DÉPÊCHE, Marie-France. A tradução feminista: Teorias e Práticas subversivas Nísia Floresta e a Escola de Tradução Canadense. **TEXTOS DE HISTÓRIA**, vol.08, nº 1/2, 2000.

DERRIDA, Jacques. [1972] 1991. "Assinatura, Acontecimento, Contexto". Em: DERRIDA, Jacques. [1972] 1991. *Limited Inc*. Trad. de C. M. Cesar. Campinas: Papirus, p. 11-37.

EPSTEIN, B. J. editorial. **In Other Words**, Inverno, n. 36, 2010, p.1-2.

EPSTEIN, B. J.; GILLET, Robert (eds.). **Queer in Translation**. New York/London: Routledge, 2017.

ESTEVES, Lenita Maria Rimoli. *Atos de tradução: éticas, intervenções, mediações*. São Paulo: Humanitas, 2014.

EVEN-ZOHAR, Itamar. "The Position of Translated Literature Within the Literary Polysystem". Em: HOLMES, James S., LAMBERT, José; BROECK, Raymond van den (eds.) **Literature and Translation**. Leuven: Acco, 1978, p. 117-127.

FLANAGAN, Damian. *Edging Toward Japan: Just how gender neutral is Japanese?*. The Mainichi, Tokyo, 02 out. 2021. Disponível em: <<https://mainichi.jp/english/articles/20211002/p2a/00m/0op/002000c>>. Acesso em: 11 ago. 2025

FLOTOW, Louise Von. *Feminist Translation: Contexts, Practices and Theories*. **TTR: Traduction, Terminologie, Rédaction**, v.4, n.2, 1991. p.69-84.

FLOTOW, Louise Von. Translating Women: from recent histories and re-translations to “Queerying” translation, and metramorphosis. **Quaderns. Revista de Traducción** 19: 127-139. 2012.

FLOTOW, Louise Von. Tracing the Context of Translation: The Example of Gender. In: SANTAEMILIA, José (Ed.). **Gender, sex and translation: the manipulation of identities**. Oxfordshire, New York: Routledge, 2014, p. 39-52.

GÉRANDIN-LAVERGE, Mona. Translated by Lucy Garnier, «Queering language, de-naturalizing gender», *Cahiers du Genre* 2020/2 (No 69) , p. 31-58

GORJANC, Vojko. Encoding Heteronormativity in the Target Culture: Slovenian Translations of *The Merchant of Venice*. In: **Meta** 57:1, p. 145-158. 2012.

GRAMLING, David; DUTTA, Aniruddha. **Translating Transgender**. *Transgender Studies Quarterly*, Durham: Duke University Press, Vol. 03, No 3-4, 2016.

HALBERSTAM, Judith. **In a queer time and place: transgender bodies, subcultural lives**. Nova Iorque e Londres: New York University Press, 2005.

HARVEY, Keith. Translating Camp Talk. *Gay Identities and Cultural Transfer. The Translator*, 4.2: 295-320, 1998.

HARVEY, Keith. Gay community, Gay Identity and the Translated Text. *TTR: Traduction, Terminologie, Rédaction*. V.13, n.1, 2000, p. 137-165.

HENDERSON, Alex. Genderless Gemstones: The pros and cons of Land of the Lustrous as non-binary representation. 28 mai. 2021. Disponível em: <https://www.animefeminist.com/genderless-gemstones-the-pros-and-cons-of-land-of-the-lustrous-as-non-binary-representation/>. Acesso em: 25/06/2022.

HERGENHAN, Jutta. Translated by Lucy Garnier, «Non-sexist language and anti-feminism in Germany», *Cahiers du Genre* 2020/2 (No 69) , p. 85-107.

HERMANS, Theo. Translation Norms and Correct Translations. Em: LEUVEN-ZWART, Kitty M. van; NAAIJKENS, Ton (eds.). **Translation Studies: The State of the Art**. Proceedings of the First James S. Holmes Symposium on Translation Studies. Amsterdam e Atlanta, GA: Rodopi, 1991, p. 155-169.

HORD, Levi C. R. Bucking the Linguistic Binary: Gender Neutral Language in English, Swedish, French and German. **Western Papers in Linguistics/Cahiers linguistiques de western**, Vol. 3, Iss. 1, artigo 4. 2016.

ICHIKAWA, H. La Tierra de las Gemas. Traduzido por Yasuko Tojo. Barcelona: ECC ediciones, 2019.

IRVINE, Judith; GAL, Susan. **Signs of Difference: Language and Ideology in Social Life**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

KAISER, Vrai. [Feature] Land of the Lustrous, singular “they”, and the politics of subtitles. **Anime Feminist**. 15 dez. 2017a. Disponível em:

<https://www.animefeminist.com/feature-land-lustrous-singular-politics-subtitles/>.

Acesso em: 25/06/2022.

\_\_\_\_\_, Land of the Lustrous is much more than “anime Steven Universe”.  
**The Mary Sue**. 13 nov. 2017b. Disponível em:  
<https://www.themarysue.com/land-of-the-lustrous/>. Acesso em 25/06/2022.

KEENAGHAN, Eric. ‘Jack Spicer’s Pricks and Cock Suckers: Translating homosexuality into visibility’. **The Translator**. V.4, n.2, 1998, p. 273-294.

LAKOFF, Robin. (1973/2010). Linguagem e lugar da mulher In: Ostermann, A. C. & Fontana, B (orgs) Linguagem, Gênero, Sexualidade. São Paulo: Parábola.

LAMBERT, José; VAN GORP, Hendrik. Sobre a descrição de traduções. Tradução de Marie Hélène Catherine Torres e Lincoln Fernandes. Em: GUERINI, Andrea et al. (Orgs), **Literatura e Tradução**. Textos selecionados de José Lambert. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011, p. 197-220.

LARDELLI, Manuel; GROMANN, Dagmar. Translating non-binary coming-out reports: Gender-fair language strategies and use in news articles. **The Journal of Specialised Translation**. No. 40, 2023, p. 213-240.

LARKOSH, Christopher. The Translator’s Closet: Editing Sexualities in Argentine Literary Culture. *TTR*, 20(2), (2007), p. 63–88.

LARKOSH, Christopher. Introduction. In: **Re-Engendering Translation: Transcultural Practice, Gender/Sexuality and the Politics of Alterity**. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2014, p. 1-9.

LARKOSH, Christopher. James S. Holmes, Estudos da Tradução e a ética queer da primeira pessoa. Traduzido por André Luís Leite de Menezes Berndt. **Cadernos De Tradução**, 42(1), 1–28.

LEUNG, Matthew Wing-Kwong. The Ideological Turn in Translation Studies. In: DUARTE, João Ferreira et al. **Translation Studies at the Interface of Disciplines**. Amsterdam: John Benjamins, 2006. p. 129-144.

LEWIS, Elizabeth Sara. “This is My Girlfriend Linda” Translating Queer Relationships in Film: A Case Study of Subtitles for *Gia* and a Proposal for Developing the Field of Queer Translation Studies”. In **Other Words**, Inverno, No. 36, 2010.

LEWIS, Elizabeth Sara; BASTOS, Liliana Cabral (orientadora). “Não é uma fase”: construções identitárias em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais. Rio de Janeiro, 2012. 267p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

LEWIS, Elizabeth Sara. “**Acho que isso foi bastante macho pra ela**”: reforço e subversão de ideologias heteronormativas em performances narrativas digitais de praticantes de pegging. 2016. 333p. Tese (Doutorado em Letras/Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras.



LEWIS, Elizabeth Sara. Teoria(s) *Queer* e performatividade: mudança social na matriz heteronormativa. In: MACEDO, Elizabeth Fernandes de; RANNIERY, Thiago Moreira de Oliveira (orgs). **Sexualidade e Educação: pensando a ação docente**. Petrópolis, RJ: Editora DP et alii, 2017, p. 157-186.

LEWIS, Elizabeth Sara. Do “léxico gay” à Linguística *Queer*: desestabilizando a norma homossexual oculta nas Teorias *Queer*. **Revista Estudos Linguísticos**, v. 47, n. 3, p. 675-690, 2018.

LINDER, Daniel. Getting Away with Murder: The Maltese Falcon's Specialized Homosexual Slang Gunned Down in Translation. **Target** 26:3, p. 337–36, 2014.

MASER, Verena. “Juwelensprache”, 2019. Disponível em: <https://www.tralalit.de/2019/08/14/haruko-ichikawa-das-land-der-juwelen-in-der-uebersetzung/>. Acesso em: 23/07/2023.

MATOS, Henrique Augusto Barbosa de. Uma crítica de tradução à luz da desconstrução/ estudos Queer : O Corydon, de André Gide. (Dissertação) Mestrado em Estudos da Tradução, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

MATSUNO, Emmie; BUDGE. Stephanie L. Non-binary/Genderqueer Identities: a Critical Review of the Literature. **Current Sexual Health Reports**, 13/07, p. 116-120, 2017.

MATT. Genderqueerness Beyond Representation in Land of the Lustrous. 30 ago. 2020. Disponível em: <https://whatthehellisaschrodingr.wordpress.com/2020/08/30/genderqueerness-beyond-representation-in-land-of-the-lustrous/>. Acesso em: 25/06/2022.

MELO, Glenda Cristina Valim de; ROCHA, Luciana Lins. Linguagem como performance: discursos que também ferem. Em: RODRIGUES, Marília Giselda et. al. (orgs). **Discurso sentidos e ação**. Franca, SP: Universidade da Franca, 2015, p. 97-115. (Coleção Mestrado em Linguística).

MOITA LOPES, Luis Paulo. Introdução: Linguística aplicada indisciplinar com base em uma ideologia linguística responsiva às teorizações queer. In: MOITA LOPES, Luis Paulo da et al. (Eds.). **Estudos queer em linguística aplicada indisciplinar: gênero, sexualidade, raça e classe**. São Paulo: Parábola Editorial, 2022, p. 15-50.

MUÑOZ, Antonio Lérica. “Las chicas más allá del cable: tabú y traducción de personajes femeninos queer en literatura y series juveniles”. Em: PLEGUEZUELOS, Antonio Martinez; CANO, Moisés Fernádes; AARÓN PÉREZ BERNABEU, Aaró Pérez; IBÁÑEZ, Miguel Sanches; DE PABLO, Sergio Fernández (EDS.) **MariCorners: Estudios interdisciplinarios LGTBIQ+**, 2020, p. 204-219.

MONRO, Surya. Non-binary and genderqueer: **An overview of the field**. **International Journal of Transgenderism**, 21/01, p. 126-131, 2019.

NIKLISON, L. M. Lo que la RAE no nombra no existe: una mirada glotopolítica sobre las respuestas de la RAE al lenguaje inclusivo/no sexista. **Cuadernos de la ALFAL**, nº12 (1), maio, 2020, p. 13-32.

OSTERMANN, A. (2003). Communities of practice at work: gender, facework and the power of habitus at an all-female police station and a feminist crisis intervention center in Brazil. **Discourse & Society**, 14 (4), 473-505.

PADILHA, Vitória Braga; PALMA, Yáskara Arrial. Vivências não-binárias na contemporaneidade: um rompimento com o binarismo de gênero. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO O GÊNERO 11 & 13th WOMEN'S WORLD CONGRESS. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: 2017. p. 1-10.

PAGÁN, Maria Begoña Martínez. “El lenguaje inclusivo, parte de la ética profesional de la traducción: el papel liberador de la lengua en la creación de un mundo más justo”. Em: PLEGUEZUELOS, Antonio Martinez; CANO, Moisés Fernández; AARÓN PÉREZ BERNABEU, Aaró Pérez; IBÁÑEZ, Miguel Sánchez; DE PABLO, Sergio Fernández (EDS.) **MariCorners: Estudios interdisciplinares LGTBIQ+**, 2020, p. 17-35.

PAZ, Diego; PELÚCIO, Larissa; BORBA, Rodrigo. The gender of the nation and ‘the [cru]x of the matter’. Traduzido por Lucy Garnier. **Cahiers du Genre**, 2020/2 (No 69) , p. 177-203.

PINHEIRO, Felipe Duarte. Apagamento de identidades não binárias em traduções de mangás: um estudo comparativo. CONGRESSO NACIONAL EM ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA LINGUAGEM, 1, 2020, Campina Grande. Anais [...] Realize Editora, 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/72029>. Acesso em: 22/11/2022.

PINHEIRO, Felipe Duarte. “**Porque elas aparentam ser meninas ou agem como meninas**” : apagamento de identidades não binárias em traduções do mangá *Houseki no Kuni*. 2021a. 102p. Dissertação (Mestrado em Letras/Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras.

PINHEIRO, Felipe Duarte. Tradução *queer*: visibilidade como forma de resistência. **Revista Fórum Identidades**, Vol 34, No 01, p. 207-221, 2021.

PIRES, Gustavo Matheus. A representação de identidades dissidentes na série de TV Pose: o socioleto queer nas legendas para o português. 2022. 72 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Tradução) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual**. Traduzido por Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

RANGER, Holly. “Reader, I married him/her”: Ali Smith, Ovid, and queer translation. **Classical Receptions Journal**, Vol 11, Iss. 3, 2019.

RANZATO, Irene. Gayspeak and Gay Subjects in Audiovisual Translation Strategies in Italian Dubbing”. In **Meta** 57: 2, p. 369-384, 2012.

ROBINSON, Douglas. Performative Linguistics: Speaking and translating as doing things with words. Nova Iorque e Londres: Routledge, 2003.

RODRIGUES JÚNIOR, Adail Sebastião. A representação de personagens gays na coletânea de contos Stud e em sua tradução As Aventuras de um Garoto de Programa. (Tese). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

SALAZAR, S. G. Repercusión mediática del informe de la RAE sobre el lenguaje inclusivo en la Constitución española. **Círculo de Lingüística Aplicada a la Comunicación**, 89, 2022, p. 1-17.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Tradução e notas Guacira Lopes Louro. – 1ª ed.; 2 reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SANTAEMILIA, José. The Translaton of Sex-Related Language: The Danger(s) of Self-Censorship(s). **TRR: Tradución Terminologie Rédaction**, v. XXI, n.2, p. 221-251, 2008.

SANTOS, Tatiana Nascimento dos. Letramento e tradução no espelho de Oxum: teoria lésbica negra em auto/re/conhecimentos. (Tese). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2014.

SANTOS, Camila Cristina dos; AMORIM, Pablo, Simpson Kilzer. Queers e tradução: como traduzir? Visibilidade por meio da tradução. **Caleidoscópio: literatura e tradução**, v. 4, n. 2 [jun. dez. 2020] p. 103-116.

SAUNTSOON, Helen. The Contributions of Queer Theory to Gender and Language Research. In: HARRINGTON, Kate; LITOSSELITI, Lia; SAUNTSOON, Helen; SUNDERLAND, Jane (orgs). **Gender and Language Research Methodologies**. Hampshire e Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2008, p. 271-282.

SCHÄFFER, Ana Maria de Moura. Representações de tradução de gênero no dizer de tradutoras brasileiras. (Tese). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2010.

SEDGEWICK, Eve Kosofsky. **Between Men**: English Literature and Male Homosocial Desire. Nova Iorque: Columbia University Press, 1985.

SEDGEWICK, Eve Kosofsky. **Epistemology of the Closet**. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1990.

SEMENUKS, Arturs; PHILLIPS, Webb; DALCA, Ioana; KIM, Cora; BORODITSKY, Lera. Effects of Grammatical Gender on Object Description. **Proceedings of the Annual Meeting of the Cognitive Science Society**, 39, 2017, p. 1060-1065.

SHEROUSE, Perry. Re-engendering translation: transcultural practice, gender/sexuality and the politics of alterity, *Perspectives: Studies in Translatology*, 2014, p. 1-3.

SILVA-REIS, Dennys; COSWOSK, Jânderson Albino. Inqueering Translation Studies from the Global South. **Revista Ártemis**, Vol. XXXIX, No. 1, jan-jun, 2025, p. 13-22.

SILVERSTEIN, Michael. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. *Language and communication*, Vol. 23, 2003, p. 193-229.

SLEMP, Katie. Attitudes towards varied inclusive language use in Spanish on Twitter. *Working papers in Applied Linguistics and Linguistics at York*. Vol. 1, 2021, p. 60-74.

ŠPORČIČ, Anamarija. The (Ir)Relevance of Science Fiction to Non-binary and Genderqueer Readers, **ELOPE: English Language Overseas Perspectives and Enquiries**, Vol. 15(1), p. 51-67, 2018.

SPURLING, William J (Ed.). Special Issue: The Gender and Queer Politics of Translation: Literary, Historical, and Cultural Approaches. *Comparative Literature Studies*, Penn State University Press, Vol. 51, No. 2, 2014.

TANNEN, Deborah. **You Just Don't Understand: Women and Men in Conversation**. Londres: Virago Press, 1991.

TOURY, Gideon. **In Search of a Theory of Translation**. Tel-Aviv: Porter Institut. 1990.

TOURY, Gideon. **Descriptive Translation Studies and Beyond**. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

TOURY, Gideon. A Handful of Paragraphs on Translation and 'Norms'. **Current Issues in Language & Society**, Vol. 5, No. 1&2, 1998, p. 10-32.

TYULENEV, Sergey. Strategies of Translating Sexualities as Part of the Secularization of Eighteenth- and Early Nineteenth-century Russia. **Comparative Literature Studies** 51.2 (2014): p. 253-276, 2014.

VALDÉON, Roberto A. Schemata, scripts and the gay issue in contemporary dubbed sitcoms. **Target**, 22:1, p. 71–93, 2010.

VENUTI, Lawrence. **The Translator's Invisibility: A History of Translation**. London/New York: Routledge, 2008 (1a. edição em 1995).

\_\_\_\_\_. **Escândalos da Tradução: por uma ética da diferença**. Traduzido por Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda, Valéria Biondo; revisão técnica Stella Tagnin. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

VILLANUEVA, Michelle. The audacious queerness of Land of the Lustrous. **Syfywire**. 2018. Disponível em:

<https://www.syfy.com/syfywire/the-audacious-queerness-of-land-of-the-lustrous>.  
Acesso em: 25/06/2022.

WALDENDORF, Anica. Words of change: The Increase of gender-inclusive language in German media. *European Sociological Review*. Vol. 40, 2023, p. 357-374.

WEST, Candace; ZIMMERMANN, Don H. "Pequenos insultos: estudo sobre interrupções entre pessoas desconhecidas e de diferentes sexos" In: Ostermann, A. C. & Fontana, B. *Linguagem, Gênero, Sexualidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

ZOBERMAN, Pierre. "Homme" Peut-il Vouloir Dire "Femme"? Gender and Translation in Seventeenth-century French Moral Literature. **Comparative Literature Studies** 51.2 (2014): p. 231-252, 2014.